



A VOZ DO LIBERDADE



INSTITUTO FRONTEIRAS

A VOZ DO LIBERDADE

A VOZ DO LIBERDADE

Instituto Fronteiras



**Comunidades da Reserva Extrativista Riozinho da Liberdade: Periquito,
Morro da Pedra, Forquilha, Cavanhaque e Guarani**

Instituto Fronteiras

Grupo de Pesquisa Fronteiras Regenerativas na Amazônia – UFAC-Floresta/ CNPq

Instituto Chico Mendes de Biodiversidade – ICMBio/Acre

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

A Voz do Liberdade / [organização Francisco Albecir Brito da Silva...[et al.] ; coordenação Karla Sessin Dilascio] . -- Cruzeiro do Sul, AC : Instituto Fronteiras, 2021.

Vários autores.

Outros organizadores: Karla Sessin-Dilascio, Tatiane Silva Sousa, Valcirlene Martins Miranda
ISBN 978-65-993929-0-0

1. Relatos pessoais 2. Reserva Extrativista Riozinho da Liberdade (Tarauacá, AC)
3. Seringueiros - Memórias 4. Seringueiros - Condições sociais - Tarauacá - Acre 5. Seringueiros - Tarauacá - Acre I. Silva, Francisco Albecir Brito da. II. Dilascio, Karla Sessin. III. Sousa, Tatiane Silva. IV. Miranda Valcirlene Martins.

21-57730

CDD-981.12

Índices para catálogo sistemático:

1. Seringueiros : Reserva Extrativista Riozinho da Liberdade : Memórias : História social 981.12

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Este livro é resultado de um processo de três anos envolvendo as comunidades da RESEX Riozinho Liberdade e o Instituto Fronteiras, numa produção independente e com dedicação de muitas horas de trabalho voluntário e recursos financeiros oriundos de indivíduos e de instituições. Abrangeu ainda a articulação com atividades de pesquisa e de extensão realizadas no âmbito da Universidade Federal do Acre - Campus Floresta (Ufac/Floresta) e contou com o apoio do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio).

Autores

Alcirema Maciel Cordeiro,
Alteline Alves da Silva, Erivaldo
da Costa Conceição, Francisca Érica
Pinheiro Conceição, Francisco
Albecir Brito da Silva, Francisco
Alves de Souza, Francisco José
Silva Nascimento, Francisco
Marques, Hélio Chagas de Souza,
Iana Ferreira, José Juvan Santana da
Costa, Júlio Monteiro de Andrade,
Maria Francisca Conceição de
Souza, Maria Geciane Conceição de
Souza, Maria das Graças da
Conceição, Maria José Conceição
de Souza, Maria de Nazaré Santana
da Costa, Maria Tati Costa Vieira,
Manoel Soares de Souza, Marlo
Silva Vieira, Raimundo Nonato
Costa, Reinaldo Barreto de Lima,
Sebastião Alves de Souza e Tereza
de Jesus Alves da Silva.

Coordenação

Karla Sessin Dilascio

Organização

Francisco Albecir Brito da Silva,
Karla Sessin-Dilascio, Tatiane Silva
Sousa,
Valcirlene Martins Miranda

Pesquisa

Francisco Albecir Brito da Silva,
Iana Ferreira, Karla Sessin Dilascio,
Maria Tati Costa Vieira, Tatiane
Silva Sousa, Valcirlene Martins
Miranda

Transcrição e tradução

Tatiane Silva Sousa e Valcirlene
Martins Miranda

Revisão Português

Fernanda Mendes S. Barreiros

Captação de recursos e assessoria jurídica

Charles Borges Rossi

Fotos

Tatiane Silva Sousa e arquivo
pessoal dos(as) autores(as)

Projeto gráfico e diagramação

Raissa Cristina de Oliveira Greco

Ilustração

Raissa Cristina de Oliveira Greco
e Yzaahu Paiva dos Santos Silva

Realização

Instituto Fronteiras

Apoio

ICMBio e UFAC-Campus Floresta

DEDICATÓRIA

O livro “A VOZ DO LIBERDADE” é dedicado a todos os seringueiros e seringueiras do Rio Liberdade que, mesmo isolados do ponto de vista geográfico, nos mais longínquos rincões do rio supracitado, deram uma contribuição de valor inestimável para o desenvolvimento do nosso país.

Essa obra explicita a heterogeneidade de pensamento de um povo que por décadas foi protagonista na cultura da produção da borracha, sem temer os obstáculos advindos da floresta; ao invés de temê-los, encarou-os com coragem, determinação e eloquência. Ao contrário do que diz Aristóteles sobre o trabalho manual e pesado embrutecer o homem, nós entendemos que o trabalho encoraja e dá dignidade ao homem no seu modo de viver e ser feliz.

Por Francisco Albecir Brito da Silva

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus por ter nos abençoado e feito deste sonho realidade. A toda comunidade de seringueiros(as), agricultores(as), professores(as) e pesquisadores(as) que não mediram esforços para a realização deste livro!

Ao Alan de Souza Lima e ao Rafael Poveron Ferreira por apoiar este projeto, ao Lucas Alexandre da Cruz pela colaboração nas transcrições, à Flávia Barboza D'avila e ao Luiz Carlos Sousa e Souza pelo apoio editorial. A todos aqueles e aquelas que nos apoiaram financeiramente através de doações pelo Catarse.

À Francisca, ao Gonzaga, ao Zé Maria e ao Louro do Igarapé Forquilha, ao Ramalho da Foz do Forquilha e ao Expedito do Igarapé Mio-lo nosso agradecimento por terem compartilhado suas trajetórias de vida conosco, mas que, infelizmente, por motivos técnicos não puderam estar neste livro.



Branca trabalhando no cadastramento das famílias da RESEX que receberão cestas básicas.

Agradecemos especialmente à Maria Renilde Santana (Branca), liderança e subprefeita da RESEX Riozinho da Liberdade. Dona Branca é mãe, avó, agricultora; uma mulher batalhadora que não mediu esforços para colaborar com o projeto e, de modo remoto ou presencial, apoiou este projeto desde o início, sendo responsável pela conexão entre o Instituto Fronteiras e o ICMBio e pela inserção da comunidade neste livro.

Em memória de
Francisco Alves de Souza (Chico)

APRESENTAÇÃO DO LIVRO

Sobre as margens do Rio Liberdade, na comunidade Periquito e antigo seringal São Pedro, localizados no interior da Amazônia Acreana, nasce a ideia de um sonho antigo, idealizado e internalizado pelo ex-seringueiro, educador e escritor Francisco Albecir, sonho este que mais tarde teria por nome “A Voz do Liberdade”. Nome sugestivo e apropriado, cuja primordialidade é documentar histórias, estórias, saberes, experiências vividas, presenciadas e ouvidas dos moradores da Reserva Extrativista (RESEX) Riozinho da Liberdade. Cabe ressaltar que são eles mesmos os protagonistas e os autores das histórias aqui documentadas.

Uma das preocupações do educador Albecir com a juventude que ali reside é o afastamento e a perda de interesse desses jovens pela história e cultura do próprio povo. Isso ocorre principalmente devido ao movimento globalizante e alienador que a sociedade, de um modo geral, vive e que resulta, muitas vezes, na desvalorização dos saberes tradicionais.

A formação da parceria inicial entre a comunidade do Periquito, o Instituto Fronteiras, o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e a Universidade Federal do Acre – Campus Floresta (UFAC), a mobilização para a captação de recursos através de financiamento coletivo via internet, a extensão da parceria para as comunidades Morro da Pedra, Forquilha e Cavanhaque, o envolvimento especial dos jovens – que se entusiasmaram a participar destes registros – e os diálogos com o sonhador Albecir – norteador nas tomadas de decisões do corpo e alma do livro e quase sempre ligeiro, preciso e objetivo em suas escolhas – constituem as muitas vozes e mãos voluntárias que se esforçaram continuamente na construção deste sonho.

Foram das idas e vindas a campo, das noites frias, do café quente, das subidas nos barrancos e descidas do rio, das reuniões comunitárias na escola, das conversas na varanda ou nos trapiches das casas que nasceram os planejamentos das atividades.

Sob as sombras das árvores, na beira do rio ou tomando assento na proa de uma canoa surgiram essas narrativas, sendo a luz oriunda dos raios de sol, da lâmpada ou da vela a grande testemunha das muitas memórias exploradas, aleatórias, fragmentadas ou esquecidas. “Bibliotecas vivas”, esses autores são possuidores de um acervo histórico-social secular que o tempo vem moldando de maneira física e psicológica. Seus tesouros são os desenhos do imaginário, os poemas, os cordéis e as músicas, todos criados por jovens e adultos que se expressam e apresentam seu mundo através da oralidade.

Entrevistar. Gravar. Ouvir. Transcrever. Voltar. Ouvir mais uma, duas vezes. Compreender. Ser fiel à fala do autor. Um ponto aqui, uma vírgula ali. Ser fiel. Mas até onde a escrita permite a fluidez da oralidade? Novas reuniões comunitárias. Novos temas e descobertas. Mais áudios e desafios para os pesquisadores que cedo se descobriram leigos dentro de histórias tão ricas para serem exploradas apenas pela escrita. O erro. Um aprendizado e o fortalecimento preciso. Mentes coletivas que trabalharam para não serem esquecidas no tempo e no espaço.

Neste livro nos deparamos com registros da vida – ou o modo de viver – de pessoas simples, batalhadoras e guerreiras. Experiências que vão além de um passado e um presente, mas que alcançam o futuro e marcam gerações. A busca pelo fortalecimento da autonomia e da identidade própria; a Liberdade. Ser visto e ouvido. Enriquecer um acervo, quase ou totalmente esquecido, de obras e informações sobre a RESEX e seus habitantes. São esses os propósitos aqui pretendidos e, talvez, alcançados.

Nestas páginas serão encontrados os testemunhos do seringueiro

que ainda menino virou homem, que na infância carregava em seus dentes uma tigela cheinha de látex que ele mesmo colheu, e na cabeça uma poronga que iluminava a escuridão da floresta, porque ele “não era desses cabra mole de hoje em dia, não”. Relatos do agricultor de mãos e pés calejados, que cedinho se levanta e encara a lama fria dos barrancos rumo ao rio para buscar o peixe e fazer o rancho do dia, ou vai para o roçado arrancar a roça para fazer a farinha e, assim, garantir o sustento da família. Narrativas do jovem, filho desse mesmo seringueiro e agricultor, que compartilha o cabo do terçado, a enxada e a caneta na mesma mão, dividido entre ser o protagonista ou o telespectador de sua própria história de vida. E, assim, moídas pelo moinho de um sistema que quase sempre tira o sono e aliena, temos aqui gerações que sobrevivem dia após dia, na esperança de serem mais vistas e ouvidas, notadas por seu fazer, por seu cantar, por seu narrar. Se você, leitor, quiser ser tocado pela experiência que nós todos tivemos durante o processo de criação deste livro, sugerimos ler a “Introdução” por último, e abrir-se, assim, para o desconhecido.

Por Valcirlene Martins Miranda

PREFÁCIO

Engendrando a própria história

“Aí o que eu acho importante do livro é porque os meus netos, os meus bisnetos eles vão ter lembrança, eles não vão ter, não tinha como saber do nosso passado de criança e através do livro eles vão saber né?! A importância que eu acho é essa.”

(Tereza de Jesus Alves da Silva – moradora da RESEX Riozinho do Liberdade)

Lançar mão da experiência com a finalidade de urdir uma narrativa da memória. Este é o exercício feito por uma comunidade fictícia no envolvente filme “Narradores de Javé” (2004), de Eliane Caffé. Nele, os habitantes do Vale de Javé convivem com a ameaça de expulsão de seu lugar de origem em razão da construção de uma barragem que inundará todo o vale. A saída, que foi sugerida pelos próprios construtores da barragem, é a elaboração de um dossiê com as histórias do Vale do Javé. Esse é o empreendimento a que se dedicam os personagens do filme diante da ameaça iminente.

Na esteira desse motivo gerador da narrativa no Vale do Javé, os moradores da RESEX Riozinho do Liberdade perfazem um movimento semelhante. Eles também convivem com uma ameaça iminente – a desmembrança, o esquecimento, o desconhecimento. Essa ameaça se evidencia na fala de dona Tereza, expressa na epígrafe, e na preocupação de todos os participantes do projeto concretizado neste volume.

O livro “A Voz do Liberdade” faz o movimento da experiência,

ao olhar dos praticantes da ciência¹, e repousa outra vez na experiência. Através dela, temos acesso ao mundo da RESEX Riozinho da Liberdade pelo ponto de vista de seus próprios moradores. Esta publicação é uma expressão multifacetada em que a comunidade segue colando fragmentos de vida e fragmentos de experiência que oferecem condições plenas ao leitor de elaborar uma visão dos modos de viver, de pensar, de sentir e de agir próprios de um local incrustado no interior da grande Amazônia.

É, desse modo, a concretização de uma resposta ao anseio dos moradores da reserva que se traduz no incômodo: como nossos meninos e meninas saberão quem nós fomos/somos? De que maneira eles terão acesso àquilo que nos forma enquanto comunidade habitante da reserva? Esse incômodo, aos poucos, por meio da insistente tarefa de narrar/conversar/contar, foi suscitando outros e daí se constituiu um caminho de conhecer a si mesmo e o seu entorno. É assim que cada morador entrevistado – ancião ou jovem – munuiu-se de um saber e compreendeu-se em condições de contribuir para a feitura do livro.

Pensado para um leitor interno, o livro é estruturado com o objetivo primeiro de subsidiar as práticas pedagógicas das escolas locais. Assim, é escrito para o leitor da própria reserva, visando o conhecimento ou o reconhecimento do lugar pelos próprios habitantes. É pensado, conseqüentemente, levando em conta o jeito de conhecer, de ler, de se apropriar típico da gente do Liberdade. Configurando, desse modo, um movimento epistemológico próprio em que o desejo da comunidade é que faz brotar toda a dinâmica de pesquisa e de feitura do livro. Foi esse desejo comunitário que definiu, por exemplo, o tipo de ajuda necessária para levar o empreendimento a cabo.

O balanço entre o hoje (tempo da produção da farinha) e o anti-

¹ Termo utilizado por Willian Balée em resenha a respeito do livro “Enciclopédia da Floresta” (BALÉE, 2004). O termo se refere aos intelectuais, sectários de uma epistemologia orientada academicamente.

gamente (tempo da produção da seringa) é o fio condutor do volume. Por ele, os moradores vão, paulatinamente, desenhando “a história de um certo véi antigo”² até chegar aos nossos dias. Esse trajeto está embebido de um substrato cultural único no qual as práticas são tão diversas quanto os modos de dizê-las. Assim, o leitor pode conviver de perto com a cultura da caça; com todo o processo de produção da farinha; com vivência da cultura seringueira e com o processo de produção da borracha; com o processo de produção agrícola de maneira geral; com as formas de viagem no rio Liberdade – o varejão; com as crenças; com os causos; com a sabedoria dos remédios da mata e das parteiras; com as festas ao som do violão e do berimbau; com a feitura das casas de palha e paxiúba; com a criação dos filhos; com a arte de fazer tarrafa com linha de tucum.

Os modos de dizer são igualmente diversos. A proposta considera que são legítimas todas as formas de dizer³. Assim, nela se reúnem a entrevista, a autobiografia, o poema, a letra de canção, o cordel e o glossário, todos gêneros forjados a partir da fala característica do povo do Liberdade que, por vontade dos moradores, foi mantida o mais próximo possível do original. Essa dinâmica de compilação coloca o leitor diante da voz ancestral de Alcirema; da voz lúcida e política de Albecir, um articulador, sonhador de espírito comunitário cativante; da memória linguística pujante e detalhista de seu Preto, no seu ziguezaguear entre a época “em que eu me entendi” e o “hoje”; da voz verde, porém consciente, de Francisca Érica⁴ quando avalia a dificuldade de conciliar o trabalho na roça com o estudo; dentre tantas outras vozes enlaçadas no tecido configurado no livro.

A rede de colaboradores que se formou em torno do esforço de

2 Expressão utilizada para falar da importância do livro em uma das crônicas multifônicas que compõem a última seção do livro.

3 Bakhtin, no conhecido texto “Estética da criação verbal” (BAKHTIN, 1997), define os gêneros do discurso como as diversas formas de dizer. O gênero discursivo, conforme sua reflexão, deve ser visto como fenômeno histórico, profundamente vinculado à vida social e cultural.

4 Autobiografia de Francisca Érica.

composição do livro se constituiu por distintas origens formativas, por diferentes vinculações institucionais/comunitárias e enfoques pessoais vários. A condução dos trabalhos do grupo de colaboradores ficou a cargo da comunidade que, aos poucos, formulou as metodologias a serem utilizadas para chegar aos resultados pretendidos. Essa configuração tornou clara, durante o processo, a definição de autoria presente no “A Voz do Liberdade”. Os autores do livro são os moradores da reserva. A recepção do livro deixa entender que eles são os criadores desse saber, os responsáveis por essa ação. São eles quem criam, rememoram, revisitam, dão origem às diversas versões/fragmentos de vida do/no Liberdade. Ainda que a organização esteja a cargo de colaboradores acadêmicos junto com Albecir, a autoria é, sem dúvida alguma, dos habitantes da localidade.

A partir dessa constituição de autoria, a composição das vozes é heterogênea: estão presentes a fala dos organizadores, a fala dos entrevistados, a fala dos entrevistadores e os textos escritos. A organização dessa compilação de experiências está descrita em “Introdução”, parte na qual os organizadores explicam o processo de composição do livro; na seção “As comunidades” estão elencadas as entrevistas com os moradores das comunidades Periquito, Morro da Pedra e Cavanhaque que conseguiram contribuir com suas narrativas; em “Textos selecionados” está a compilação dos textos escritos colhidos; em “Crônicas multifônicas” encontramos a organização das mesmas narrativas por temas; e, por último, está o “Glossário”.

Minha leitura do volume é banhada com as águas imaginárias do Liberdade. Senti-me numa roda de conversa em um dos terreiros das colocações amazônicas às margens desse rio. A tarefa de compreensão imposta pelas narrativas presentes no livro efetuou-se, como diriam os próprios narradores, “remando”, “varejando”, “curiando” esse rio de dizeres e percepções. Fui pega pelas inúmeras reticências e pela continuidade narrativa que elas sugerem. Os moradores da RESEX Riozinho do Liberdade conse-

guiram o feito ímpar de – por meio de suas próprias vozes – compreender o mundo e, sobretudo, compreender o seu mundo e dizê-lo e, ao fazerem isso, iniciaram um processo de engendramento de suas histórias.

*Por Maria José da Silva Moraes Costa
Professora Doutora do curso de Letras da UFAC
Grupo de Investigação, Leitura e Vida -GIL/UFAC/CNPq*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	24
A coleta de informações para o livro	26
<i>Entre ideias e a consolidação da rede - o início do livro</i>	26
<i>A coleta de dados na comunidade Periquito</i>	29
<i>A ampliação para outras comunidades</i>	30
<i>O processo de transcrição</i>	31
<i>A primeira revisão</i>	33
<i>A organização final do livro</i>	34
<i>A validação e revisão final do livro</i>	38
Reflexões finais	39
AS COMUNIDADES	43
A VOZ DA COMUNIDADE PERIQUITO	51
Alcirema Maciel Cordeiro	52
Francisco Albecir Brito da Silva	59
Francisco Albecir Brito da Silva, Maria Geciane Conceição Souza, Maria das Graças da Conceição e Tereza de Jesus Alves de Souza	65
Francisco Alves de Souza (Chico)	75
Francisco José Silva Nascimento (Preto)	78

Francisco Marques (Chico Marques)	100
Maria das Graças da Conceição (Graça)	122
Hélio Chagas de Souza (Branco)	126
Júlio Monteiro de Andrade	155
Manoel Soares de Souza (Nem Soares)	168
Sebastião Alves de Souza	179
Tereza de Jesus Alves da Silva	184

A VOZ DA COMUNIDADE MORRO DA PEDRA 189

José Juvan Santana da Costa (Bamba)	190
Maria de Nazaré Santana da Costa (Maricota)	194
Raimundo Nonato Costa	198

TEXTOS SELECIONADOS 204

História do Liberdade	206
Liberdade sem liberdade	210
O seringueiro	213
Autobiografia de Érica Pinheiro Conceição	216
Autobiografia de Iana Ferreira	219
Música de Iana Ferreira	222
Desmatamento Florestal não dá rima com legal	224
Escola da vida	228
A garota do Liberdade	230
Poema	233

CRÔNICAS MULTIFÔNICAS 234

APRESENTAÇÃO	235
O QUE VOCÊ ACHA DO LIVRO?	236
O TEMPO DA SERINGA	238
Os soldados da borracha	238
<i>Relato 1</i>	238
<i>Relato 2</i>	239
<i>Relato 3</i>	239
<i>Relato 4</i>	240
<i>Relato 5</i>	240
<i>Relato 6</i>	242
Apetrechos para a produção de borracha	243
<i>O balde</i>	243
<i>A tigela</i>	246
<i>O mutá</i>	247
<i>A faca do seringueiro</i>	248
<i>A poronga</i>	249
<i>O sarugo, principero ou príncipe</i>	250
<i>O sernambi</i>	252
O processo de produção da borracha	253
<i>A venda da borracha</i>	254

A vida do seringueiro	258
O patrão e a seringa	261
A farinha no tempo da seringa	262
A CRIAÇÃO DA RESEX	266
A criação das comunidades	271
A criação da comunidade Periquito	272
O surgimento das escolas	274
A chegada da BR-364	276
ENTRE O TEMPO DA SERINGA E A FARINHA	279
A produção de farinha	281
O QUE MUDOU DA VIDA DE ANTIGAMENTE?	286
As festas	290
<i>Relato coletivo 1</i>	290
<i>Relato 2</i>	291
<i>Relato 3</i>	291
<i>Relato 4</i>	292
O futebol	293
O namoro	294
O avião	295

As igrejas	297
A alimentação	298
<i>A caça</i>	298
<i>Divagações sobre a caça</i>	300
<i>A pesca</i>	304
<i>O coção</i>	303
<i>A água</i>	305
A vizinhança	306
A economia da Resex	307
O “ANTIGAMENTE” E O “HOJE EM DIA” NO TRATAMENTO DAS DOENÇAS	311
O mal do ar	315
Malária	315
O dôtor e o causo do ferrão da arraia	316
As rezas	317
O vento caído	318
O quebrante	319
Vermea	319
Cobreiro	320
Engasgo	320
O causo da dor de dente	321
GLOSSÁRIO	325
BIBLIOGRAFIA	332

INTRODUÇÃO

Por Karla Sessin Dilascio

“Não haveria cultura nem história sem inovação, sem criatividade, sem curiosidade, sem liberdade sendo exercida ou sem liberdade pela qual, sendo negada, se luta. Não haveria cultura nem história sem risco, assumido ou não, quer dizer, risco de que o sujeito que o corre se acha mais ou menos consciente. Posso não saber, agora, que riscos corro, mas sei que, como presença no mundo, corro risco. É que o risco é um ingrediente necessário à mobilidade sem a qual não há cultura nem história.”
(FREIRE, 2013, p. 15)

Este livro nasce de uma vontade coletiva. Por um lado, Albecir, poeta, ex-seringueiro, professor e diretor da Escola Joaquim Nogueira, pesquisador comunitário do Periquito, apresentou suas poesias à Tatiane, na época voluntária na ASAREAL⁵, antropóloga de coração e pesquisadora com ânsia de compreender o lugar de onde veio e a história de quem vive nas curvas do rio Liberdade. Na cidade, Tatiane apresenta para Karla, do Instituto Fronteiras, que procurava compreender as vidas deste território desconhecido na busca de construções coletivas que partem de dentro, dos saberes, do território, das fronteiras do Acre profundo, os textos de Albecir. Desta triangulação surge a ideia de publicação de um livro que seria, inicialmente, de poesia, mas, em seguida, passou a compreender as histó-

⁵ Associação Agroextrativista da Reserva Extrativista do Rio Liberdade.

rias sobre o rio Liberdade e, posteriormente, também narrativas e temas de seu entorno. É neste processo que entra Valcirlene, filha do seringal, que guiada pela curiosidade de si e dos outros busca, na tradução oral-escrita, reconhecer o percurso da sua própria história nas destes “outros”.

O processo começou a partir destes encontros e foi se definindo nas conversas. Tínhamos um objetivo em comum: escrever um livro sobre a história do Liberdade que partisse da experiência marcada na memória de seus moradores, e no qual eles próprios se reconhecessem como “escritores da própria história”. Nossa pretensão era definir as fronteiras de um processo de autonomia radical, em que o historiador e o pesquisador, que são “outros” olhando de fora, não fossem os sujeitos responsáveis pelos recortes do que entra e do que sai desta história. Este papel de curadoria das narrativas ficaria a cargo dos próprios moradores.

Com o tempo fomos percebendo que esta autonomia radical não seria facilmente atingida, pois, eventualmente, nos prendemos a conceitos e técnicas que já estão imbricadas em nosso inconsciente e que, portanto, fogem a nossa percepção. As fronteiras do mundo moderno, colonial e patrimonialista estão intrincadas na maneira de pensar, de tomar decisões, de coletar informações. A pergunta que nos guiou durante todo o processo de coleta até a edição final deste livro foi: como nos desfazer desses modelos inconscientes de ação para que os autores deste livro sintam profundamente que estão construindo sua própria história?

Não existe hoje uma resposta objetiva para esta pergunta, digamos, retórica. No entanto, podemos afirmar que ela nos guiou em um caminho cheio de provocações e reflexões. Nas páginas seguintes desta introdução, apresentamos o passo a passo da construção do processo de feitura deste livro a partir de um trabalho de rememoração, reflexão e reconstrução. Este percurso metodológico tem por objetivo auxiliar você, leitor, a entender alguns dos porquês dos textos que você encontrará no caminho deste livro.

A coleta de informações para o livro

“[...] conhecer é reconhecer, é progredir no sentido de elevar o outro da condição de objeto à condição de sujeito”
(DE SOUSA SANTOS, 2007, p. 30)

Entre as ideias e a consolidação da rede - o início do livro

A ideia do livro surge na comunidade Periquito. Albecir, diretor da Escola Joaquim Nogueira, liderança e pesquisador comunitário, busca apoio para elaborar seu livro de poesias. Conversa, então, com Tatiane, voluntária da ASAREAL, que se encanta com a ideia e se engaja em ajudá-lo. Na cidade, Tatiane inicia as discussões com Karla, do Instituto Fronteiras, que amplia a ideia para a criação de um livro de histórias orais do rio Liberdade. A partir destes encontros são consolidadas as relações entre o Fronteiras e as comunidades do Liberdade, mediadas por Tatiane.

Após estabelecido o coletivo, o grupo definiu estratégias para o financiamento deste processo. Foi criado um projeto de financiamento coletivo⁶ via internet que possibilitou o início do trabalho, contribuindo com o subsídio de algumas viagens de campo. O órgão gestor da RESEX, o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), também contribuiu com gasolina para auxiliar nos custos do trabalho *in loco*. Mas foi o Instituto Fronteiras, como coordenador e facilitador do projeto, que destinou a maior parte dos recursos para trabalhos de campo, edição e execução do projeto, organizando os voluntários responsáveis pela tradução e apoio nas comunidades envolvidas. É importante ressaltar que houve inúmeras horas de trabalho voluntário, especialmente dos organizadores do livro que foram responsáveis pela definição de todo o processo, dos pesquisadores e dos tradutores. Foram eles que, em conjunto, tornaram possível a finalização deste livro.

⁶ Vide: < <https://www.catarse.me/asvozesdoliberalde> >. Acesso em: 10 de fev. 2021.

A primeira atividade do livro começa em um encontro na comunidade de Periquito, no início de 2019. Após a articulação de Albecir e Tatiane, reuniram-se, na Escola, pessoas interessadas em contar suas histórias. Esta reunião estabeleceu as primeiras bases para a feitura do livro e foram discutidos elementos sobre seu processo de composição: “O que contar?”, “Como contar?” e “Quem vai contar?”. Estas perguntas desenrolaram os temas de interesse a serem narrados pelos autores, oriundos das muitas memórias ali presentes, e estabeleceram as formas em que essas histórias seriam transmitidas – através de narrativas, poemas, textos escritos e fotografias. Por fim, foi decidido “quem vai contar?”. Neste ponto, a comunidade idealizou a linha temporal que guiaria a construção do livro, os tempos do antes, do presente e do futuro, entremeando em seu fazer os conhecimentos ancestrais de seus velhos com as histórias dos adolescentes que vislumbravam o futuro da comunidade. Albecir, como diretor da escola, definiu que o livro também seria incorporado como material didático, aproximando o conteúdo das histórias orais da realidade presente nas matérias trabalhadas pelos professores. A esta reunião se seguiu a definição do roteiro das entrevistas, feito por Albecir, e elaborado em formato de questionário semiestruturado.

Neste ensejo, o Fronteiras definiu os parâmetros legais e técnicos para a coleta das informações. Foram criados critérios com base nas diretrizes dos comitês de ética e pesquisa com seres humanos da Universidade Federal do Acre e da Universidade de São Paulo. Definiu-se termos de autorização de uso da imagem e som, coletados em cada entrevista, uma vez que o grupo gravou as entrevistas em áudio e em vídeo sempre quando possível. O Fronteiras, em diálogo com o ICMBio, identificou os procedimentos legais para a realização deste projeto, o que resultou na inserção do projeto no sistema SISBio (Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade).

Como muitos dos velhos da comunidade interessados em contribuir

com o livro não sabiam ler ou escrever, o grupo organizou a coleta das memórias em torno de técnicas de história oral (THOMPSON, 2017) mediadas pelas práticas de se fazer pesquisa comunitária, processo este conduzido por Albecir e Tatiane. Além dos poemas e textos narrativos, as memórias orais comporiam o corpo do livro.

Definimos o papel de cada integrante da equipe de acordo com o desejo, a habilidade e a posição no território. Estes papéis se mostraram fluídos em todo o processo e foram redefinidos diversas vezes, levando em conta a necessidade do projeto e a realidade externa imposta. A equipe responsável pela transcrição das narrativas foi composta por estudantes de graduação da UFAC, e todos trabalharam de forma voluntária. O foco inicial da construção do livro era a comunidade do Periquito, no entanto, em algumas reuniões no ICMBio, aventou-se a possibilidade de ampliar territorialmente o esforço de coleta de histórias e textos. Estimulados pela liderança de Maria Renilda Santana da Costa, conhecida como Branca, e Albecir, ampliou-se o trabalho para as comunidades Morro da Pedra, Forquilha, Guarani e Cavanhaque.

As entrevistas começaram no mês de junho de 2019, com foco na comunidade Periquito, sendo a Tatiane e o Albecir os pesquisadores comunitários responsáveis por coletar as histórias orais, textos e poemas escritos. As entrevistas terminaram em março de 2020. Os áudios coletados foram enviados para a cidade e transcritos pelos voluntários Valcirlene, Lucas Alexandre e Tatiane, equipe responsável por este processo. O passo da transcrição foi importante e, guiados por nossa pergunta retórica, definimos que a transcrição seria fiel à maneira de falar dos autores. As seções a seguir apresentam os próximos passos do processo.

A coleta de dados na comunidade Periquito

A coleta de dados na comunidade Periquito foi conduzida por Albecir, pesquisador comunitário, e por Tatiane, no período em que era professora da Escola Joaquim Nogueira. Após a reunião comunitária e a elaboração do roteiro e questionário semiestruturado, a equipe da cidade produziu os questionários impressos e termos de autorização. Com os questionários e termos impressos, gravador, máquina fotográfica e caderno de campo, os pesquisadores dirigiram-se para a casa das pessoas que haviam solicitado participar do livro. As entrevistas foram conduzidas por Tatiane e Albecir, com o apoio do questionário semiestruturado. Em apenas duas ocasiões a entrevista foi realizada sem o apoio do questionário.

Identificamos que muitas histórias interessantes surgem de forma espontânea, no dia a dia, na hora do jantar, do café ou nos encontros entre os parentes, contadas com muita naturalidade e prendendo a atenção dos presentes. Embora maravilhosas, são difíceis de serem capturadas, muito porque os aspectos “formais” necessários ao registro (gravador/celular/câmera fotográfica) naturalmente inibem o narrador a prosseguir com a história. O questionário semiestruturado se tornou um instrumento importante para a coleta de narrativas orais, pois servia de apoio tanto para os pesquisadores quanto para os autores, que podiam pensar as suas histórias de maneira mais sistematizada. Ao se sentirem mais confortáveis com o questionário e com a situação da entrevista, os pesquisadores comunitários se aprofundavam nas perguntas e abriam espaços para considerações não previstas no questionário – o que enriqueceu ainda mais as histórias.

Em alguns momentos, os pesquisadores se depararam com dificuldades de comunicação por não compreenderem expressões idiomáticas e termos locais, expressões e termos estes que estão também retratados no decorrer das histórias deste livro. É possível notar que as histórias retratadas são apresentadas como um diálogo, uma conversa entre os pesquisadores comunitários e os autores.

A ampliação para outras comunidades

Neste processo, outras comunidades se interessaram pelo livro e nos chamaram para apresentar a ideia. Seguiram-se diversas conversas com lideranças comunitárias por telefone, em encontros na cidade e nas próprias comunidades, sendo a Tatiane nossa principal mediadora, e atuando agora como professora da comunidade Morro da Pedra. No mês de setembro de 2019, fizemos a primeira reunião com a comunidade Morro da Pedra. Este momento marca um ponto importante para as discussões que estavam ocorrendo com lideranças dessas comunidades há alguns meses antes. Além de que, através da atuação das lideranças outras pessoas passam a contribuir com o processo, como Manoel Soares de Souza (Nem Soares) da comunidade Forquilha, Reinaldo Barreto de Lima da Cavanhaque e Hélio Chagas de Souza (Branco) da Guarani.

Nesta reunião deixamos claro nossa premissa de que para que o projeto aconteça seria necessário o envolvimento ativo da comunidade. Para incluir estas comunidades no livro, era preciso a definição de quais pesquisadores comunitários se responsabilizariam pelo desenvolvimento coletivo do projeto. Foram apresentadas a base elaborada pela comunidade do Periquito, os questionários semiestruturados, temas e método de coleta das histórias orais (gravação de áudio e vídeo que seriam transcritos na cidade). Diante deste passo a passo, os pesquisadores comunitários poderiam desenvolver, com liberdade, os métodos e temas que achavam mais adequados à sua realidade. Deixamos definidas apenas as datas para a entrega das histórias/áudios/vídeos, tendo em vista os acordos já feitos com a comunidade do Periquito, com a plataforma de financiamento coletivo e com o ICMBio.

No Morro da Pedra, o processo foi guiado por duas jovens estudantes do ensino médio, Iana Ferreira e a Maria Tati Costa Vieira, que elaboraram sua metodologia com base naquela desenvolvida na comunidade

Periquito. Ao invés de reuniões para definir “temas” e lista de entrevistados, as pesquisadoras comunitárias em questão decidiram entrevistar os anciãos e adultos que orbitavam ou faziam parte do seu grupo familiar. Usando como inspiração os temas levantados pela comunidade Periquito e os questionários, as jovens seguiram o seguinte processo: (1) entrevistaram seus familiares, seguindo sua curiosidade, usando também um celular como gravador; (2) escreveram textos e fizeram uma música sobre suas percepções e histórias de vida no rio Liberdade; (3) enviaram os áudios para a transcrição no Instituto Fronteiras.

O processo de transcrição

Este foi um processo longo e reflexivo. Muitas vezes, a qualidade do áudio e os inúmeros ruídos e barulhos causados pela gravação em celular em áreas abertas não ajudaram no processo de transcrição ou tradução, como sugerido por Walter Benjamin (BRANCO, 2008). Ao longo das transcrições surgiram várias inquietações que envolvem tanto o meio linguístico quanto o literário, sendo que estamos trabalhando com comunicação oral e esta requer certa complexidade teórica. No desenrolar do processo de transcrição, os tradutores se deparam com algumas questões centrais: A) qual a pontuação adequada? B) em que momento a pontuação deve ser inserida (onde cabe uma vírgula, um ponto de exclamação, um ponto final)? C) como escrever certa palavra ou expressão idiomática, especialmente aquelas que não fazem parte do vocabulário do tradutor? D) como lidar com a intervenção de terceiros durante as entrevistas? E) como traduzir as risadas, os momentos de descontração e o que não estava previsto no roteiro? F) qual o limite necessário para se manter a fidedignidade do texto em relação à oralidade dos autores?

A aproximação com a linguagem ribeirinha foi realizada, na maioria dos textos, por Valcirlene, filha de ribeirinho, nascida e criada na comunidade ribeirinha do rio Valparaíso e estudante de letras na UFAC-Campus

Floresta. Sendo a responsável por transcrever a maioria dos textos, Valcirlene se fez as seguintes perguntas: como ser fiel às falas dos autores durante as transcrições? Como realizar a tarefa de “tradutor”? Embora filha de ribeirinhos, muitos dos termos não eram inteligíveis, e o diálogo direto com Tatiane, que morou meses nas comunidades do Periquito e Morro da Pedra, trabalhando como professora do programa Asas da Florestania, foi fundamental para que esta aproximação fosse possível. Assim como foi fundamental também o diálogo com Albecir, nos momentos de revisão, sobre as discussões na comunidade.

No processo de reflexão subjacente à análise e organização das transcrições, mediado por Karla, concluiu-se que as transcrições, áudios e vídeos não editados seriam organizados em um banco de dados, mantendo o material base para consultas futuras. A partir da primeira revisão comunitária, houve a necessidade de criar indicadores para sistematizar as decisões de inclusão e exclusão de trechos, termos e glossário. Estes pontos foram organizados no documento “Decisões sobre edição” e posteriormente compartilhados com os pesquisadores comunitários e instituições parceiras. A transparência no processo de edição foi extremamente importante para o grupo e consolidou relações de confiança entre a comunidade, os pesquisadores comunitários e as instituições parceiras, além de contribuir para a manutenção da coerência entre os processos coletivos de edição. O curso da edição das transcrições não seguiu uma trajetória linear. Foram várias idas e vindas, revisões e alterações no texto que compuseram o processo reflexivo dos organizadores. O resultado deste processo está expresso nas narrativas apresentadas no livro.

Mantivemos o caráter dialógico das narrativas. A rememoração dos episódios vividos pelos autores foi possível através do envolvimento entre autor, pesquisador e tradutor. As dificuldades na comunicação e o esforço de aproximação de mundos e tradições diferentes guiaram a tradução das histórias orais para o texto escrito. Algumas falhas na tra-

dução derivam da tentativa de se traduzir em palavras a tradição oral, de se estabelecer uma estrutura definida que orienta o processo de conversa. O desafio do diálogo entre o oral, a palavra escrita e o espírito da rememoração estão expressos nos textos. Buscou-se manter a voz dos próprios moradores e os diálogos entre pesquisador, autor e outros que intervieram na fala. Esta composição do encontro entre tempo e espaço da rememoração traz ao leitor a mística desta tarefa, o envolvimento coletivo desta construção. Ao mesmo tempo, esta estrutura permite que os autores reconheçam sua fala, sua imagem e biografia, associadas ao momento da redescoberta do seu passado.

A partir das transcrições compusemos a primeira versão do livro. Nesta versão não havia introdução, glossários e nem mesmo uma definição em relação a organização das histórias por páginas. Tentamos fazer este processo de maneira coletiva e com o apoio de Albecir, mas a dificuldade de se estabelecer conversas mais estruturadas sem as rodas de discussão presenciais e o tempo necessário para a reflexão impediram um processo de edição mais coletivo. Por fim, a equipe de edição e organização do livro ficou mais concisa, e grande parte do trabalho foi realizado na cidade.

A primeira revisão

Em fevereiro de 2020, uma semana antes de se definir as restrições da pandemia do novo coronavírus, voltamos à comunidade do Periquito para apresentar a primeira versão da organização do livro. A volta à comunidade Morro da Pedra aconteceria uma semana depois, e não ocorreu por causa das restrições da pandemia.

No último encontro na comunidade Periquito, foi possível ler as transcrições de algumas narrativas para seus narradores e apresentar, em reunião comunitária, o resultado deste ano de trabalho. Foi também o momento de equacionar se o processo que estávamos desenvolvendo na

cidade estava de acordo com o que a comunidade havia nos confiado. Foi o momento de definir novos passos para a versão final.

Levantamos a necessidade de abrir espaço para novas contribuições da comunidade sobre alguns temas específicos que tinham sido pouco aprofundados no momento da entrevista. Conseguimos trabalhar de forma coletiva através de uma “oficina” desenvolvida para aprofundar estes temas que, posteriormente, foram incorporados ao livro. Ainda neste embalo, abriu-se espaço para a contribuição dos jovens, que não estavam representados no livro até aquele momento. Fizemos então uma oficina apenas com os jovens, por entender que existia a necessidade de criar um espaço seguro, sem adultos ou velhos, para que conseguissem se expressar mais abertamente. Deste encontro resultou um texto coletivo dos jovens, também inserido no livro.

Nos diálogos com Albecir, surgiu a necessidade de dividir as entrevistas por temas para facilitar o uso do conteúdo na escola. Foi reforçada a importância de se manter a transcrição o mais fiel possível à oralidade dos narradores e de construir esta introdução, para apresentar ao leitor os caminhos e os conceitos que nos guiaram na construção deste livro. Voltando à cidade, iniciamos a reorganização do livro seguindo o que foi acordado na comunidade.

A organização final do livro

Consideramos que o processo de organização do livro começou quando já havíamos coletado e transcrito a maioria das narrativas, digitalizado e revisado os textos e poemas que foram escritos à mão, coletado os termos de autorização de uso de imagens e tirado todas as fotos dos autores. O coletivo organizador do processo já estava familiarizado com as histórias e textos, e já sabia quais as dúvidas que deveriam ser sanadas no momento do reencontro com os autores.

O momento de volta à cidade e reorganização do material para produzir a versão consolidada do livro, conduziu-nos a uma reflexão sobre todo o processo, período este que coincidiu com a reclusão forçada ocasionada pela pandemia de Covid-19. A responsabilidade sobre a construção coletiva deste livro atingiu nossa equipe. Mesmo respeitando as decisões tomadas em conjunto, a pergunta retórica voltava: como nos desfazer desses modelos inconscientes de ação para que os atores deste livro sintam profundamente que estão construindo sua própria história? Fomos acompanhados por outras questões que também nos inquietavam, questões sobre o processo de transcrição, a organização dos textos, a edição e editoração, a revisão pela comunidade.

Em relação à transcrição, como aproximar a linguagem do livro e todas as histórias da comunidade sem tornar os textos herméticos para os autores e os leitores? Como criar indicadores que nos auxiliem a melhor organizar os textos e transcrições? A equipe responsável pela organização do livro criou um documento consolidando alguns indicadores para definir e justificar o porquê manter certas expressões ou subtrair fragmentos de textos. No sentido de garantir a inteligibilidade dos textos, organizou-se o glossário que esclarece as expressões idiomáticas e regionalismos, além de notas de rodapé de contextualização de frases e expressões. A presença forte dos regionalismos e de termos ligados às características sociolinguísticas e culturais das comunidades nos permitiu optar por inserir notas de rodapé explicativas do contexto em que se fala para auxiliar o leitor na compreensão da história contada ou do contexto. O glossário foi criado para descrever conceitos e termos trazidos pelos ribeirinhos e que são muito utilizados na região, uma oportunidade de apresentar ao leitor parte do universo ribeirinho do Acre. Espera-se que estes elementos acessórios ajudem o leitor a melhor compreender os textos sem prejudicar a oralidade dos autores e toda a riqueza apresentada nos textos.

Mantivemos todas as versões da mesma história para que o leitor pos-

sa ter contato com os diversos olhares sobre a narrativa, sem um agente que faça o recorte e os aliene dos conflitos presentes na construção das narrativas históricas, e dos meandros e oposições que compõem a história real frente a história oficial ou a história inventada. Tentamos manter o mais original possível os textos orais traduzidos, considerando o dialeto do ribeirinho, a construção das frases, as interferências do cenário e do mundo real que eventualmente aconteceram durante o processo de diálogo, os espaços de pausa tão necessários para a reconstrução da memória e as repetições, tanto do narrador quanto do “entrevistador”, especialmente nos momentos de falha no processo de comunicação, momentos estes em que a linguagem parece não ser o suficiente e evidencia a fronteira do encontro entre culturas, histórias e tempos distintos. Por isso, mantivemos o modelo pergunta/resposta, separadas apenas por diferentes fontes, mas sem indicar com palavras quando isso acontece para que a fluidez do texto possa levar ao leitor a sensação de estar lá, como observador desta conversa. Os textos orais traduzidos contêm a foto do narrador e uma pequena biografia, além do nome do entrevistador e do tradutor. Essa descrição traz ao leitor a liberdade de escolher como prefere ler este livro: seja na forma de uma única história, ou seja, como textos ou crônicas independentes entre si, o leitor sempre estará apoiado pelas informações básicas da composição daquele texto.

No processo de sistematização dos textos e histórias orais, surgiu a necessidade de organizar um conteúdo que reunisse – por temas – todas as histórias orais coletadas, com o intuito de auxiliar os professores no uso didático do livro e para que outros leitores conseguissem ter contato com a cultura ribeirinha por meio da consolidação das vozes dos autores. Considerando, concomitantemente, a necessidade de tornar o conteúdo fidedigno à construção da narrativa histórica pelas comunidades, criamos as crônicas multifônicas. Concebemos uma metodologia de justaposição das histórias, por meio da composição multifônica dos fragmentos das diver-

sas histórias orais, com auxílio do programa Nvivo, voltado para a análise de trabalhos qualitativos. As crônicas multifônicas se tornaram uma versão temática das entrevistas, nas quais preservamos a linguagem oral com apenas alguns poucos arranjos para se atingir a coesão textual.

Organizou-se as fotos dos autores junto a uma pequena biografia, relatada ou escrita pelo autor, que foram incorporadas no início dos textos. Terminado a revisão e organização das histórias, a primeira versão do livro estava pronta. A equipe organizadora tomou a decisão de não submeter o livro para a análise de uma editora. O grupo se utilizou de certa liberdade formal para a construção das histórias orais, do texto, da tradução, da organização, da edição e da diagramação, além do acesso irrestrito a todas e todos que se interessarem pelas histórias do Liberdade e pelas aprendizagens deste processo coletivo. Em 2021, o projeto do livro “A Voz do Liberdade” foi contemplado pelo edital da Lei Aldir Blanc, viabilizando os processos de edição, diagramação e impressão deste livro.

Os últimos passos para a finalização da primeira versão do livro contaram com a elaboração da apresentação, o convite ao grupo Grupo de Investigação Leitura e Vida (GIL) do curso de graduação em Letras da UFAC, em especial à Professora Dra. Maria José da Silva Morais Costa (Zeza), para a elaboração do Prefácio, a criação desta introdução, que foi aprimorada após a revisão da comunidade, além dos elementos que compuseram a capa do livro (orelha, resumo da contra capa). Todos estes elementos foram reunidos para a impressão e enviados às duas principais lideranças das comunidades que trabalhamos, à Branca, da comunidade Morro da Pedra, e ao Albecir, da comunidade do Periquito. Estas lideranças foram os guardiões dos processos de revisão e validação das versões do livro.

A validação e revisão final do livro

Após a organização final do conteúdo, fizemos a primeira impressão do livro completo. As impressões foram entregues aos guardiões das duas

principais comunidades que contribuíram com a sua feitura: Branca, da comunidade Morro da Pedra, e Albecir, da comunidade Periquito. As lideranças tiveram um mês e meio para ler e revisar o material, levantar questionamentos, propor modificações e novas inserções.

Na comunidade Morro da Pedra, Branca repassou o livro para as duas jovens pesquisadoras comunitárias que contribuíram para a coleta das histórias nesta comunidade, Iana Ferreira e Maria Tati Costa Vieira. As jovens leram o livro em separado e em conjunto com Branca. Todas apontaram pequenas modificações e adequações que foram retificadas pela equipe organizadora.

Na comunidade Periquito, Albecir realizou reuniões com os autores e interessados para apresentar o resultado do livro, lendo algumas de suas histórias. Individualmente, Albecir solicitou algumas modificações e redigiu a dedicatória do livro.

A equipe da cidade acatou as modificações e iniciou o trabalho de readequação do texto e reescrita desta introdução. O trabalho seguiria posteriormente para a revisão ortográfica dos textos não elaborados pela comunidade e edição final dos textos derivados das transcrições das histórias orais. A diagramação e a impressão seriam os últimos passos da produção deste livro.

Reflexões finais

“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.”
(FREIRE, 1996, p.78)

Este livro é um manifesto da emergência de se estabelecer processos

decoloniais de rememoração, tradução oral-escrita e registro dos conhecimentos sobre a floresta e as relações tradicionais multiespécies que se estabelecem no Vale do Juruá. O livro importa como processo de aprendizagem, diríamos, para a autonomia transformativa das comunidades ribeirinhas que vivem e moldam este território a partir da sua cosmopolítica. É uma tentativa de apartar os colonialismos mentais que permeiam as relações cognitivas de poder a qual estas comunidades são submetidas. Ao rememorem suas histórias, ressurgem à consciência práticas e conhecimentos enraizados nas relações familiares, nas tradições e resistências. Aos ouvidos do ribeirinho chegam relatos de identidade rememorada e com ela a valoração simbólica do que se é, de onde se veio, e do que se quer tornar.

O livro também faz parte da emergência de se reconstruir relações entre conhecimentos tradicionais e acadêmicos, trilhando novas trajetórias dialógicas sobre a floresta a partir da experiência social concreta entre pesquisadores e autores, por meio de processos experimentais de reminiscência mediada. A apresentação das memórias mediada pela relação entre pesquisador e comunitário permeia incompreensões comunicacionais nas linguagens que muitas vezes se desencontram. Ao pesquisador e ao ribeirinho é necessário o esforço cognitivo da alteridade, dar espaço ao silêncio da incompreensão do que se fala, posição esta própria dos processos de tentativa prática de aproximação entre mundos.

Foi necessário nos lançarmos ao rio, sem destino nem apoio, para testar limites e encontrar novas trajetórias. Foi necessário ainda abrir-nos para o processo mediador, sem amarras, evitando se apropriar de conceitos definidos previamente que, muito provavelmente, estariam descolados da realidade empírica a qual esta publicação recorreu. Embora desamarrados do barco, flutuando pelo rio Liberdade, a correnteza de alguns autores-entidades⁷

7 Paulo Freire, Viveiros de Castro, Bruce Albert e Davi Kopenawa, Ailton Krenak, Boaventura de Souza Santos, Bruno Latour, Ricouer são os principais.

dirigiu nosso percurso. No lugar de amarras, as “entidades” que nos guiavam traziam o conforto do apoio, sustentavam o nosso corpo na coluna d’água. Sentíamos que alguns dos nossos pressupostos já faziam parte deste fluido. A organicidade deste processo, mediado por entidades fluidas, conduziu pesquisadores e ribeirinhos no caminho da reminiscência, ou seja, na suspensão da teoria em favor do encontro.

A tradução das histórias orais permitiu a flutuação das memórias submersas de grupos sociais cujo reconhecimento tem sido recorrentemente ignorado pela historiografia tradicional. Emerge, então, a compreensão de que mais do que aparato de memória, esses sujeitos são pessoas que falam. Em um acordo evolucionário, instituimos a retomada da agência dos ribeirinhos sobre sua própria história, mediados pelas relações que estabelecem entre seus familiares, a floresta, os animais, as plantas e as roças. Sua memória e história pertencem a si. O pesquisador aqui é apenas um mediador entre o mundo do ribeirinho e o mundo da letra escrita que pretende facilitar e mediar o conhecimento ribeirinho para o mundo.

Este movimento decolonial radical coloca a escrita em favor da organização do conhecimento ribeirinho, com o propósito de documentar o resultado de um processo geracional de construção de memórias que há muito se encontravam aterradas. Surge, neste contexto, o nosso conceito decolonial de autoria como obra da vida, o qual considera a produção ativa do sujeito no processo de resgate de lembranças durante o processo de rememoração. Os mediadores são norteados pelo princípio da menor interferência possível no processo de definição dos temas, da composição dos autores, da coleta das histórias e no processo de transcrição e edição do livro.

Diante dos aparatos de mediação do pesquisador, o autor rememora, seleciona e apresenta ao pesquisador uma leitura do seu passado, apenas aquilo que lhe é interessante apresentar. Há o processo de releitura e recriação do autor sobre o que é, ou sobre o que deve ser

dito. Embora o pesquisador auxilie e reaja a esta informação, e desta interação resulte as memórias coletadas, compreendemos que este ínfimo momento em que há uma influência dos aparatos de mediação do pesquisador sobre o conteúdo não é suficiente para alijar a autoria dos donos da memória. A opção de transcrição o mais próximo possível da literalidade, buscando evitar distorções no processo de transcrição da linguagem oral para a escrita, e a menor interferência possível do pesquisador na organização das falas, da linguagem e do texto, é resultado do esforço no reconhecimento da autoria dos ribeirinhos sobre a sua história. O princípio da menor interferência possível permeou todo o processo de compilação das histórias neste livro. O mesmo esforço foi dedicado às crônicas multifônicas. A partir da agregação das memórias e da sobreposição de vozes emergiram temas como: o tempo da seringa, a criação da RESEX, o tempo da Farinha, dentre outros.

Portanto, este livro não pretende seguir os passos da historiografia clássica, da literatura regional ou das referências conceituais sobre memória oral. É a diversidade de saberes que povoa a Floresta, os rios e as interações multiespécies da bacia do Juruá que o livro está interessado em descobrir. Seu compromisso é com o tempo e o espaço da rememoração, da reconstrução do tempo vivido e do espaço habitado do ribeirinho, cuja vida permitiu a criação da memória e o posterior processo de rememoração. Pretende-se reforçar a importância da reconstrução das memórias coletivas, locais, da vida comunitária e dos modos de viver como propósito social da rememoração. Esta publicação perfaz um movimento de composição das memórias orais, dos textos e das narrativas comunitárias que, coletivamente, buscam trazer o espírito do passado, reavivar mitos e conhecimentos comunitários. A consciência da permanência dessas histórias no futuro, através do livro, direciona a comunidade de autores e leitores a ponderar e reavaliar o presente e o futuro como sonho coletivo. Abre-se espaço para a aprendizagem transformativa. Como apontamos na

epígrafe desta sessão: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1996, p.78).

AS COMUNIDADES

Autora

Tatiane Silva Sousa

UMA PEQUENA INTRODUÇÃO ÀS COMUNIDADES

A RESEX Riozinho da Liberdade foi criada através do decreto federal nº 10.449 de 17 de fevereiro de 2005 com o objetivo de “proteger os meios de vida e garantir a utilização e a conservação dos recursos naturais renováveis tradicionalmente utilizados pela população extrativista residente na área de sua abrangência” (BRASIL, 2005). Está localizada no Estado do Acre, nos municípios de Tarauacá, Cruzeiro do Sul, Porto Walter e Marechal Thaumaturgo. Segundo dados de 2020, possui 21 comunidades⁸, 17 núcleos de base⁹, 503 famílias e aproximadamente 1.900 moradores¹⁰. A principal via de acesso à RESEX é a BR-364, na qual está

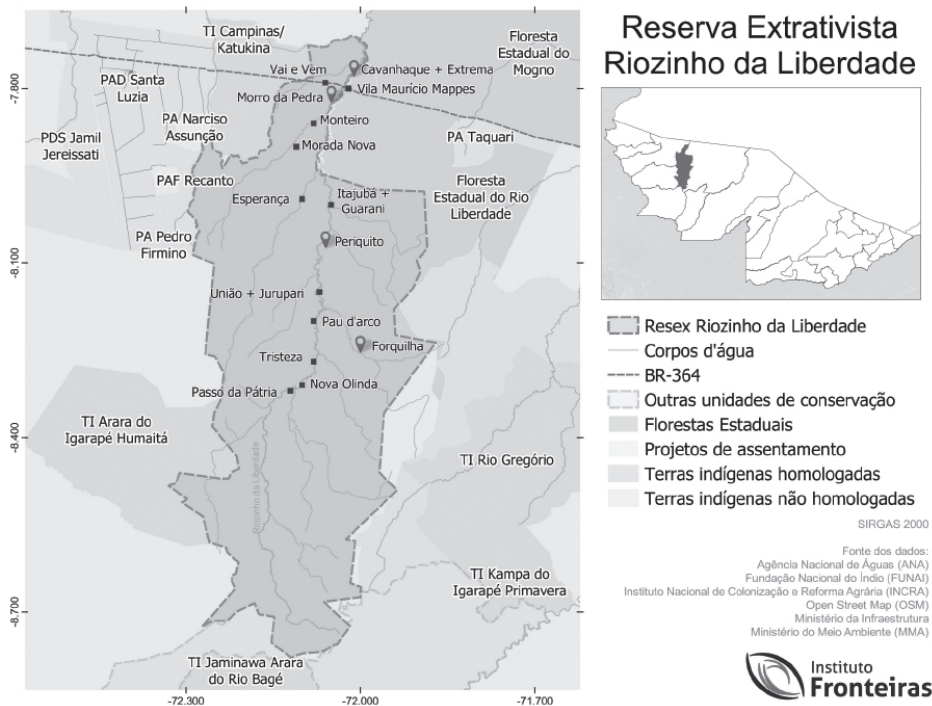
8 A lista das comunidades repassada pelo ICMBio são: Passo da Pátria, Nova Olinda, Tristeza, Pau Dárco, Forquilha, Força da União, Jurupari, Periquito, Itajuba, Guarani, Morada Nova, Monteiro, Vai e Vem, Vila Mauricio, Mappes, Esperança, Morro Da Pedra, Alegria, Boa Hora, Três Vez, Bom Futuro, Cavanhaque (Fonte: Dados empíricos não publicado, adquiridos a partir de conversar informais com técnicos do ICMBio em 2021).

9 O núcleo de base é formado por uma mulher, um jovem e um homem que são responsáveis pelo fluxo de informações entre a comunidade, a Associação Agroextrativista da Reserva Extrativista do Rio Liberdade – ASAREAL e Instituto Chico Mendes de Biodiversidade - ICMBio, além de auxiliar nas atividades institucionais desenvolvidas na comunidade.

10 Fonte: Dados empíricos não publicado, adquiridos a partir de conversar informais com técnicos do ICMBio em 2021.

localizada a Vila Maurício Mappes e a ponte sobre o rio Liberdade, que dista aproximadamente 80 quilômetros da cidade de Cruzeiro do Sul.

A região foi produtora de borracha - látex extraído da seringueira (*Hevea brasiliensis*) - até a década de 90. O fim da atividade extrativa como principal fonte renda marcou um período de mudanças com êxodo rural, saída dos patrões dos seringais, migrações das *colocações* dos *centros* no interior da floresta para as *margens* do rio Liberdade. Foi quando começaram a se formar novas aglomerações de residências que passaram a ser chamadas de comunidades, e período em que a agricultura se consolidou como a principal fonte de renda, especialmente com a produção de farinha. Nesta transição, iniciam-se a construção de escolas públicas e a articulação de seringueiros e lideranças locais do Vale do Juruá para a criação da RESEX.



Mapa da RESEX Riozinho Da Liberdade e suas comunidade. Fonte: Elaborado pelo Instituto Fronteiras com nos dados do ICMBio, 2021.

A comunidade Periquito dista em média 4 horas de canoa a motor da Vila Maurício Mappes. Ainda hoje é conhecida como Seringal São Pedro, que possuía 26 colocações e foi dividido nas comunidades Periquito, União e Jurupari na década de 1990. Na comunidade, no ano de 2020, residiam aproximadamente 165 pessoas em 30 residências habitadas nas margens do rio Liberdade. A maior aglomeração de residências está nas proximidades da escola estadual, no *estirão*, onde estão localizados também um posto de saúde municipal, um microscopista que realiza exames de malária, um galpão com espaço para as reuniões da Associação Agroextrativista da Reserva Extrativista do Rio Liberdade – ASAREAL, uma oficina para conserto de motores e espingardas, duas igrejas evangélicas, dois campos de futebol e um orelhão telefônico.



Vista do estirão na comunidade Periquito: casas, portos e posto de saúde.



Estirão de casas na comunidade Periquito.

O Seringal Bom Futuro possuía 8 colocações e hoje é conhecido como comunidade Morro da Pedra. Tem aproximadamente 48 residências que estão localizadas nas margens do rio Liberdade e ao longo do Ramal da Branca. Dista cerca de 20 minutos de canoa a motor e 15 minutos de automóvel a partir da Vila Maurício Mappes. Possui uma escola estadual de ensino fundamental, outra de ensino fundamental e médio, energia elétrica,

internet, orelhão telefônico, campo de futebol, assim como acesso ao posto de saúde municipal, ao galpão com espaço para reuniões da ASAREAL e a Unidade de Gestão Integrada do Rio Liberdade – UGAI, localizados em comunidades adjacentes.



Aglomerado de casas da Comunidade Morro da Pedra.



Ramal da Comunidade Morro da Pedra.



Porto da Comunidade Morro da Pedra durante o verão amazônico.

As comunidades são formadas por grupos familiares extensos, ligados por laços de parentesco consanguíneo, afinidade e compadrio (simbólico). O seu dia a dia está intrinsecamente relacionado à agricultura familiar e ao extrativismo, sendo que a principal fonte de renda advém da produção de farinha de mandioca (*Manihot esculenta*). Os moradores plantam nas *praias* que se formam nas margens do rio durante o verão amazônico, período de baixa pluviosidade, e também nos *roçados* em áreas de *terra firme*. Além da *roça* (mandioca), plantam roçados de feijão, banana, melancia, jerimum, arroz, milho, inhame e batata, todos de diversas variedades e que são chamadas de *qualidades*¹¹. Muitas delas são adaptadas exclusivamente ao clima e território da região do Vale do Juruá. Nos *terreiros* ao redor das casas é comum encontrar plantas frutíferas, medicinais e hortaliças em canteiros suspensos. Possuem pequenas criações de animais como porcos, galinhas, patos e bois. Extraem frutos, madeiras, cipós, óleos e *vinhos* da

floresta como o de açáí, patoá, bacaba, bacabão e buriti. A caça e a pesca complementam a alimentação, que é distribuída através da prática da *vizinhança* entre familiares, compadres e amigos conforme a quantidade de carne disponível e necessidade de cada grupo doméstico.

A VOZ DA COMUNIDADE PERIQUITO

Pesquisadores

Francisco Albecir Brito da Silva

Tatiane Silva Sousa

Valcirlene Martins Miranda

Karla Sessin Dilascio

Autores

Alcirema Maciel Cordeiro

Francisco Albecir Brito da Silva

Francisco Alves de Souza (Chico)

Francisco José Silva Nascimento (Preto)

Francisco Marques (Chico Marques)

Maria das Graças da Conceição (Graça)

Hélio Chagas de Souza (Branco)

Júlio Monteiro de Andrade

Manoel Soares de Souza (Nem Soares)

Sebastião Alves de Souza

Tereza de Jesus Alves da Silva



Alcirema em sua janela.

Alcirema Maciel Cordeiro

Descendente de nordestinos, nasceu no Seringal Guarani e se criou no rio Liberdade, onde fez família e reside até hoje. É uma senhora muito simpática, amorosa, crente em Deus e ainda guarda consigo a arte de tecer paneiros com cipó da mata. Aposentada, não trabalha mais com a agricultura por conta da idade (elaborado por Tatiane Silva Sousa).

Eu tenho algumas perguntas pra senhora, porque a senhora conhece muita coisa, a senhora sabe de muita coisa... A senhora sempre morou aqui no Liberdade, dona Alcirema?

Foi mermo.

A senhora nasceu aqui?

Em Guarani véi.

Em Guarani véi, que é abaixo do Guarani?

Isso.

E seus pais?

Lá também. Moremo lá.

Eles nasceram aqui ou em outro canto?

Foi.

Em quais seringais que a senhora morou?

O derradeiro que eu morei foi o Tristeza.

O último foi o Tristeza?

Foi.

A senhora chegou a cortar seringa?

Não.

Seu marido cortava?

Muita.

E seus filhos?

Só um, era o mais velho que morreu, cortava mais ele.

E a senhora lembra desse tempo?

Lembro.

Como que era a sua vida nesse tempo?

Meu marido ia cortar e eu ficava em casa... de madrugada. É pá ser assim, que era assim mermo, né. Aí quando era de manhã, aí ele chega... cortava a estrada, aí chegava, aí meu menino ia mar ele cuiê, aí eu ficava também... Dó. Aí ele quando chegava fazia o fogo da fornaia. Aí fazia o fogo na fornaia, comia e ia difumar.

Colocava o leite dento da bacia, aí ia colocar uma coité espirrando em cima da borracha, que era pá... aí corrava assim, de um pau po oto, um pau era cumprido e a borracha era assim... aí colocava assim em cima, colocava o leite em cima da borrachinha e colocava assim na boca da fornaia pa pegar aquela fumaça, aí o leite cualhava... aí colocava de novo pa bacia, despejava o leite, aí ia de novo, era todo tempo assim, até ela ficar grandona. Aí ele já tirava... aí ele tinha um sarugo deste tamanho assim, primeiramente era um sarugo deste tamanho assim, que era pá ficar o jeito dele cortar. Quando ele difumava ele cortava assim, tirava aquela bandinha da borracha, do leite cualhado, aí enrolava nôto pau, sabe, aí fazia aquele princípí assim, dessa grussura. Quando acabava chegava a coiteira^t de leite e ia só despejando...

Segunda Parte¹²

Na seringa, como que era quando seu marido cortava seringa? A senhora lembra como era quando seu marido cortava seringa?

Me lembro... Um pouco mas ainda me lembro...

Faz muito tempo?

Faz mermo...

Conta um pouco pra gente!

Conta um pouco pra gente! Como era, a senhora lembra? O que ele fazia? Como era o dia a dia, assim?

Ele cortava... Já ia de madrugada...

A senhora ia com ele ou não?

Ficava em casa...

E ele voltava que horas?

Ele chegava de tarde já... Ai ele fazia o fogo na fornalha... Fazia fumaça o leite na fornalha... Colocava o leite na bacia... E fazia aquelas borracha... Era nos sarugo... Ai colocava o leite e passava... Na fornalha, na fumaça... Ai ele tirava e colocava em cima da tauba e ai tirava e quando acabar ia enrolar no pau, ai pra difumar de novo quando tava bem, bem grande... Que era pra difumar, pra fazer a borracha.

12 Aqui apresentamos a fala de Dona Alcirema no momento da oficina realizada no mês de Março/2020, antes da pandemia do Covid-19, na comunidade Periquito, na RESEX Riozinho da Liberdade. O leitor pode notar a existência de vários “entrevistadores” sobre a história da Dona Alcirema. O espaço coletivo da oficina foi realizado para apresentar as histórias que haviam sido narradas num momento anterior, além de se apresentar como uma possibilidade para o surgimento ou complementação de outras histórias.

Ei Dona Alcirema!

Hum!?

A senhora teria como explicar para a gente o que significa esse sarugo?

É, eu já ia perguntar...

Um coisa desse tamanho de pau, aí era comprido assim dessa grossura, aí era furado uns buraco assim, pra sair do outro lado, aí quando acabar tinha um pau que enfiava ali dentro, aí que era pra colocar... A ponta dele era pra colocar assim, por exemplo como que aqui... assim! E aqui! Aí ele colocava a ponta lá e a outra cá, e aí o leite caia em cima da bacia, aí ele tirava o... A fornalha ficava assim né, aí ele tirava o leite que tinha dentro da bacia e despejava em cima. Aí já levava pra rodar lá nos dois pau que tinha... Assim... Que era duas (02) ponta, dois coisa... Aí rodava ele e já pegava em cima da fornalha. Aí a fornalha... O fogo fazia a fumaça né... Aí ele ia virando, virando todo tempo assim, aí quando dava fê já tava coalhada. Até que ele terminava...

E esse sarugo que a senhora se refere...

Aí quando acabar eles riscavam, aí eles tiravam aquelas bandinha, eles cortava uma banda, aí enrolava num pau, quando acabar tava bem grande assim, aí é que eles iam difumar pra colocar o leite em cima, no mermo canto que tô dizendo: daqui pra cá. Aí já levava o leite já em cima daquela coisa que tava enrolada, aquele leite coalhado naquele pau, aí já levava pra fornalha... Aí todo dia ele fazia isso, todo dia! Aí ele ia, pegava, até ficar grandão, ficava grande as borrachona!

É difícil de imaginar pra gente que nunca viu! Eu fico pensando como é!...

Ei Dona Alcirema! Esse sarugo que a senhora tá falando é o mesmo que chavama principero, né?

É.

E quantos dias demorava para ficar pronto?

A borracha?

Sim.

A estrada tando boa aí era... Era logo ficava grande a borracha...

Hunrum... E a senhora? Como era a vida da senhora? A senhora ajudava seu marido?

Era... Era difícil eu ir pro roçado... Ele plantava roça só pra nós comer. A gente vivia da seringa...

Nessa época, a senhora morava lá no Luiz Nunes, no seringal Jurupari, isso?

Hunrum...

E o que a senhora plantava na roça?

Hum?

O quê que tinha na roça?

Tinha...

Isso, o quê que tinha na roça? O que a senhora plantava lá pra comer, na roça? O quê que tinha no quintal pra comer?

Mandioca...

Mandioca?

Hunrum... Pegava aqueles bolotim de mandioca, de roça! Plantava no chão... Cavava... Acabar plantava aquele bolotim de mandioca...

Plantava só roça...

Aí quando tava bom de fazer farinha fazia... Quando ela tava grande...

Era só pra comer mesmo? Era pra vender?

É só pra nós comer mesmo! Nesse tempo num existia motor... Nada, nada... Nós vevia assim mermo... Antigamente... Hoje em dia é tanto motor no rio, minha fia, que tem vez que num para: é uns baixando e outro subindo... Antigamente não tinha essas coisa... No remo... Quando num era, era varejando... No verão era varejando e no inverno era remando.



Na varanda de sua casa estão: Francisco Albecir, a esposa Maria Antonia, a filha Alteline e João, gato de estimação da família.

Francisco Albecir Brito da Silva

Tenho 57 anos e sou natural de Tarauacá-Acre. Sou do Liberdade de coração, mas estive fora daqui por 12 anos, período de conclusão dos estudos. Cursei licenciatura em matemática pela Universidade Federal do Acre – UFAC e hoje sou professor da rede estadual. Sou casado com Maria Antônia Alves da Silva, temos duas filhas e me orgulho do lugar onde vivo. Amo, respiro e aspiro Liberdade (autobiografia).

Seu Albecir, da onde surgiu a ideia de se publicar um livro que conte a história do Liberdade?

Veja bem, Tatiane, nós vivemos em um lugar isolado do ponto de vista geográfico e com vários problemas sociais. A partir daí, a gente na condição de educador, eu comecei a fazer alguns rabiscos, alguns poemas, é... Tentando retratar um pouco do que era esses problemas sociais. Fazem-

do isso me veio a ideia de registrar algo, deixar algo escrito pra que as gerações vindouras pudessem ter acesso a essa história que nós vivemos atualmente. Porque quando nós olhamos, fazemos uma avaliação mais minuciosa ou trabalhamos alguns projetos na escola, é... Fica bem notório que eles realmente não têm afinidade e também não conhecem a história do que foi um seringueiro, você sabe que foi uma vida árdua, um trabalho quase que de escravidão e essa história tá se perdendo. Então, daí a importância da gente ter alguma coisa registrada que pudesse eternizar a história dessas pessoas que viveram nesse período.

E fale um pouco sobre o que o senhor já escreveu, o que o senhor rabiscou...

Eu rabisquei inicialmente um poema falando da vida do seringueiro, especificamente como se dava o processo da vida dele na relação seringueiro-patrão, patrão-seringueiro, é... Mas voltada pra relação econômica mesmo, tá, retratando o que era essa relação econômica e retratando também uma relação social que muitas vezes se tornava uma situação hostil. Ou seja, o seringueiro era hostilizado quando ele não conseguia fazer uma produção que agradasse, que atendesse os interesses do seu patrão. Ele era hostilizado pelo patrão com palavras hostis mesmo e, às vezes, até pelos seus colegas de trabalho, pessoas que viviam na mesma situação.

E... eu comecei a redigir isso com o objetivo de contar realmente essa história pra que outras pessoas que não conhecem nosso lugar, que não fizeram parte desse processo de produção de borracha, da vida do seringueiro, pudesse realmente conhecer um pouco o que foi isso. Isso se deu mais na minha infância, na época não tinha escola aqui dentro. Apenas uma escola, Escola Professor Sidinei Vilela Sid e eu estudava na referida escola e também fiz parte desse processo no início da minha juventude.

Então, o senhor cortou seringa a partir de quantos anos mesmo?

A partir dos oito (08) anos de idade.

E parou de cortar com quantos?

Com dezessete (17). Mas nesse período deu pra mim perceber o seguinte: que na época a relação era tão cruel, a relação de seringueiro-patrão, patrão-seringueiro era tão cruel, que os filhos do patrão saíam daqui pra estudar em Cruzeiro do Sul, em Manaus, muitas vezes em Fortaleza na capital do Ceará, enquanto isso o filho do seringueiro ele era recrutado a começar a cortar seringa a partir de seis (06), sete (07) anos de idade e não se falava em escola. Ou seja, a gente já nascia numa família pobre, numa situação condenada a uma vida difícil e o patrão nada facilitava. Ou seja, não se preocupava em acionar o poder público pra trazer uma escola para o filho do seringueiro, mas sim, educar o filho do seringueiro pra cortar seringa desde os sete (07), oito (08) anos de idade.

Então, seu Albecir, quero que o senhor conte um pouco da história da sua família mesmo, de onde seus pais vieram...

Então, eu sou descendente de uma família de Nordestinos. Meus avós migraram do Nordeste aqui pra região Amazônica, mais especificamente Acre, aqui no Rio Liberdade. Aqui chegando, eles entraram nesse regime patronal. Era a produção da borracha que era a fonte de renda atual aqui da região e eles entraram nesse regime de cortar seringa para o patrão e com isso tentar sua sobrevivência e... Por tratar-se de uma família pobre... Então eu nasci nessa família e também aos sete (07), oito (08) anos de idade eu já fui educado pra fazer isso, pra cortar seringa. Só que eu tive uma felicidade de na minha infância também ir à escola, e acho que a escola começou a mudar o horizonte e me libertar.

Uma coisa que foi colocado lá na reunião, né, que era de falar de como se formou a comunidade. Eu percebo que essa noção de comunidade é bem forte aqui, as pessoas gostam daqui. Quem mora aqui gosta daqui e não quer sair daqui, pelos menos as pessoas com quem eu já conversei. Então o senhor podia...

Falar de como se deu o processo...

A formação...

A formação da comunidade e realmente qual é o sentimento de pertencimento e em que que realmente é... Faz com que as pessoas gostem.

Isso, porque eu lembro que o senhor falou que começou a ser discutido até como que seria formada as casas e tal, esse sentimento de pertencimento...

Então, quando... Na minha juventude, depois que cursei aqui o ensino primário, eu tive que ir pra Cruzeiro atrás de estudo. Depois voltei já mais maduro, tinha estudado um pouco e chegando aqui nessa comunidade a gente trazia a incumbência de fundar uma escola, criar uma escola.

Daí a gente começou a trabalhar um processo educacional, mas dentro desse processo também fazer um trabalho de articulação, é... No sentido de trazer as pessoas, aproximar as pessoas e criar uma comunidade. Fazer um aglomerado de casas pra que facilitasse o trabalho educacional e outros trabalhos que porventura viessem acontecer. E dentro desse trabalho de articulação a gente se reunia rotineiramente pra avaliar o que seria melhor para a comunidade. Até a formação, é... Colocação dos lugares das casas na comunidade não foi feita aleatoriamente, foi feita de maneira planejada: todas as casas de frente pro rio formando uma espécie de rua, e não era uma questão aleatória de qualquer um chegar e construir onde quisesse, da maneira que quisesse.

E com isso a gente conseguiu também a facilidade de reunir, periodicamente, no momento que a gente quisesse e fortalecer o trabalho educacional. Que eu acho que esse é o ponto principal hoje da comunidade, é a base do diálogo, de construir um ponto de equilíbrio através do entendimento na conversa com as pessoas. E a escola hoje aqui no

Periquito é tida como uma referência aqui no rio Liberdade, em função da gente realmente trabalhar com esse pensamento, esse pensamento de democracia na escola, nas decisões tanto escolar quanto nas decisões comunitárias. Não são decisões tomadas isoladamente, apenas por uma cabeça pensante, mas pelo conjunto das cabeças pensantes residentes aqui no Periquito.

(...)

Seu Albecir, o senhor que nasceu e se criou no Liberdade, vive há muitos anos aqui no Periquito, teve envolvido nesse processo de formação da comunidade, é liderança aqui dentro, as pessoas lhe respeitam muito... Conduz o processo educacional também, né?! É diretor na escola, é diretor das escolas de cima do rio e com toda essa sua vivência aqui no Liberdade, o quê que o senhor espera a partir dessas experiências, do que o senhor conhece, do que o senhor sabe, do que o senhor sente? O que o senhor espera pro futuro, o que o senhor quer pro futuro?

Na realidade, Tatiane, eu sou uma pessoa comum... Um sonhador! Eu sempre acredito nas pessoas, acredito em algo melhor. Eu acho... Eu entendo que o processo educacional é um processo transformador e a partir da transformação desse processo de educação as pessoas podem compreender e enxergar essas possibilidades que existem aqui na região.

Hoje, nós estamos numa reserva extrativista e eu vejo esse projeto como algo espetacular para o ribeirão que aqui reside. Um exemplo disso é que nós temos liberdade de pensar, de executar, de construir um plano de acordo com o nosso entendimento, mas infelizmente nós ainda estamos muito distante. Mas eu espero que em um futuro não tão longe a gente possa realmente crescer nesse sentido de conscientização das pessoas e chegar a um ponto que todos nós possamos viver bem, viver melhor; até eliminar se possível, essa questão do analfabetismo no lugar.

Ou seja, eu aposto muito no poder da educação na região! Pra

que as pessoas realmente possam sair das amarras da sombra e chegar à luz do entendimento, poder realmente debater os seus problemas, discutir e encaminhar em relação ao poder público e poder melhorar as questões de educação, as questões de saúde, as questões de moradia... Enfim, em ter uma relação socioambiental, a relação mais bem sucedida possível.



Reunião da comunidade. Da esquerda para a direita, seguindo a direção das cadeiras estão: Karla, Alcirema, Maria das Graças, Hiana, Maria Geciane, Alteline, Francisco Albecir, Tereza e Valcirlene.

Francisco Albecir Brito da Silva, Maria Geciane Conceição Souza, Maria das Graças da Conceição e Tereza de Jesus Alves de Souza¹³

Acho que... Faltou vocês dois e as meninas falar um pouco da sua história né... Sua história de vida... Faltou vocês duas... A Line não quis falar... Quer falar Geci?

Fala aí Geci do que é que vocês gostam mais...

Não, é sério! Do que é que vocês brincam?

De bola...

De bola, né... Vocês ainda vão tomar banho no rio, né? Nas cachoeira? É, porque tá cheio agora né?

E o quê que vocês mais gostam, aqui no Periquito?

Jogar mesmo...

E o quê que você sente falta?

Tanta coisa boa né, Geci?

Sente falta da escola?

E o que vocês acham que poderia melhorar? Como poderia melhorar aqui? A escola ou mesmo na comunidade? Acha que tá bom do jeito que tá?

Deixa eu só fazer uma perguntinha, Geci tu vai pro roçado às vezes né? Como é que é essa tua rotina? De manhã no roçado e à tarde na escola?

Ah é boa, porque eu ajudo, né, no roçado e na escola eu aprendo também...

Tu vai pra raspar?

E acha bom, né, Geci?

Hunrum...

Mas tu num acha cansativo? Que prejudica o teu aprendizado, ou tu consegue se adaptar?

Consigo me adaptar! Acho bom...

Guerreira essa daí, oh!

E tem bastante jovens aqui na comunidade? Tem?

Hunrum...

Vocês têm amigos então aqui ou de outras comunidades também? Vocês já fizeram encontro?

Tem os torneio, né, que o pessoal gostam de...

Torneio de futebol?

Deixa eu fazer uma pergunta pra vocês... Como é que vocês veem essa questão de reuniões aqui da comunidade? Reuniões pra tratar desses assuntos que a gente tá tratando hoje? Como é que vocês ver essas reuniões? Elas são importantes? Não tem muita importância?

Ou é chato?

Ou é chato? Como é que vocês veem elas?

Importante? Senhor não pode perguntar isso! Senão elas vão falar que é importante! (RISADAS).

Mas por que é importante? Por que vocês acham assim?

Deixa eu complementar a minha pergunta... Por que vocês acham que é importante? A gente costumeiramente ver nas reuniões, raramente tem um jovem.

É importante porque a gente vai poder aprender, né. A gente vai também poder expor a opinião da gente.

Sim, mas essa segunda pergunta: porque os jovens estão sempre ausentes, raramente eles vão numa reunião?

Porque eles acham que é chato.

É isso aí!

É importante ser sincera, né!

Você falou verdade!

A gente tem que fazer ser legal! Fazer ser legal!

Então, estudar também é chato? É importante, mas também é chato?

Às vez é chato né, Geci?

Eu não acho não...

Posso fazer uma sugestão? Isso para os jovens. Olhando aqui a lógica do ser humano, vocês vão ficar mais tempo aqui do que eu, né verdade? Ou seja, meu tempo tá mais próximo de se acabar, o de vocês tão só começando. Certo? E os adultos fazem as reuniões, que pode vocês ver algumas coisas que a gente faz nas reunião, se tornarem chatos pra vocês. Mas isso é reunião que trata do mundo dos adultos e a perspectiva do mundo dos jovens e eu não acho nem justo que os adultos tratam as perspectivas dos jovens sem tá se passando por essa juventude. Então seria até interessante que os jovens fizessem essa mesclagem, que trouxesse esse seu mundo tentando gerar perspectivas no mundo dos adultos, porque se conseguir fazer isso talvez a juventude e as pessoas adultas consigam traçar um caminho que atenda os vários interesses.

Por quê que eu tô colocando isso? Porque se a juventude continuar se eximindo dessa participação, será que um dia nós vamos acertar naquilo que vocês querem, naquilo que vocês gostam, naquilo que vocês almejam? A nossa chance de errar é muito maior, não uma questão de má-fé, mas uma questão de não entrar na cabeça de vocês. E quando vocês resolvem entrar pra ativa evidentemente que a gente entende um pouco do que vocês querem, qual o rumo que vocês almejam. E você ver hoje uma juventude nesse processo, por exemplo, existe, mundo afora, ativistas com quinze (15) anos, quatorze (14) anos, treze (13) anos... Então são pessoas que resolveram dizer: “Não! Eu quero um mundo assim! O meu mundo eu quero assim!”. Eu acho que a sugestão seria essa, né, que vocês fizessem isso, expondo o mundo de vocês! Pra que o adulto tivesse o entendimento, a consciência de que há essa diferença, mas que a vida adulta precisa

respeitar o pensamento da juventude.

Até porque todas as reuniões têm sempre muito o que oferecer, né? É importante porque a reunião é com os adultos, mas visando o futuro não só pros adulto, mas pros jovens, as crianças também...

Exatamente! Eu acho que é importante essa questão que você levantou, porque assim, ó: eu acho que é importante que se quebre esse tabu... Comece, a partir de agora, quebrar esse tabu, exemplo: eu já faço isso lá na minha casa desde muito tempo, uma reunião familiar, todo mundo sabe disso, aonde ela, a Alcleia e a Maria tem a oportunidade de expor as suas insatisfações, aquilo que não tá correto e tal e tal, escutando o ponto de vista de cada um, então a gente faz uma reunião, um debate democrático em família pra conduzir o norte da família. Eu acho que é possível que se faça isso dentro da comunidade, ou seja, se quebre realmente esse tabu de porque a Geciane tá na frente da Graça, na frente do Chico, não vão poder questionar o que eles estão falando, questiona sim de maneira respeitosa e talvez até em determinados momentos o que a Geciane tá fazendo possa fazer a Graça refletir, possa fazer o Chico refletir...

A Line vai poder questionar o que eu falei sem problema nenhum, porque por mais que eu entenda que o questionamento dela não tá certo, mas isso vai gerar um aprendizado pra família, novos conceitos de família, então acho que é importante, a partir de agora, passar a quebrar esses tabu, que o jovem ele possa fazer seus questionamentos não só nas reuniões com os adultos, mas que ele também tenha um espaço para fazer os seus questionamentos em família, desde que haja esse respeito, o respeito de: “Não, eu vou questionar minha mãe, beleza! Mas tenho que questionar com respeito porque ela é minha mãe!”.

Mas tem um ponto aí, seu Albecir, que é um trabalho que não é para os jovens, é um trabalho só para os adultos!

Isso! (...) Porque é importantíssimo desenvolver essa mentalidade que

o jovem já tem tanto porque... Se não daqui a pouco nós vamos fazer como fiz ontem, né, a gente tá ficando velhinho, quem tá debatendo somos nós e o mundo tá acontecendo lá na cabeça dos jovens e a gente não faz isso. Então acho que nós precisamos, se somos família, se somos comunidade, precisamos estar juntos, debater as coisas juntos. E se tudo que nós discutimos envolve a vida juventude, como a Val falou, eu não acho nem justo a gente só enquanto pai, tá debatendo a vida da juventude, sem essa juventude tá dando o seu pitaco.

Eu acho que é realmente necessário que a gente quebre esse paradigma que existe aí, esse tabu que existe aí dentro das famílias, que os jovens possam expressar os seus pensamentos, como é feito nas salas de aulas. Sala de aula qualquer um pode expressar seus pensamentos, professor necessariamente precisa ouvir e fazer esse trabalho de mediação. Então, acho que em família isso é necessário acontecer também. Fazer com que as famílias reduzam essa ação mão de ferro: meu pai falou, minha mãe falou tem que ser assim.

É um retrocesso, né?

É um retrocesso...

Eu acho muito bom que eles participassem, sempre digo pros meus filhos, porque se eles participasse, ia ver o que eles tavam mais precisando, né. Eles iam falar alguma coisa sobre o que eles queriam, que eles preciso, e é mais fácil, por acaso, o meu filho conseguir uma coisa com o Albecir, um trabalho assim pra ele, do que eu pedir pra ele trabalhar, pro Albecir arrumar pra ele! Porque o Albecir pode dizer assim: “Será que o menino vai querer mesmo, porque ele num vei atrás!” Né? Porque a pessoa quando ela tem uma boa vontade, ela mesmo vai lá atrás, né? E se eles participasse dessas reunião, eles colocavam o que eles mais preferem, né? E o pessoal lá fora ia ouvir! Mas não tem nem como nós pedir pra eles que as pessoas lá fora vão dizer: “Sei lá o que esses jovens quer que eles não

vão pra reunião, não se manifestam!”

E eu acho que agilizaria esse processo de maturidade, porque qualquer um de nós já fomos jovens e sabemos que a cabeça do jovem é vulnerável, o mundo é muito diferente do da gente, tá? É, não querendo aqui desqualificar o mundo do jovem, mas até hoje é tema de debate a questão da adolescência, do pensar adolescente, esse adolescente tudo o que ele almeja é sempre liberdade, liberdade, liberdade pra tudo, tá? E, muitas vezes, querem exercer essa liberdade em algo que já, com personalidade formada, considera que é ruim, tranquilo! Mas eu acho que a participação do jovem nesses debates com os adultos é tão importante pra esse processo de maturidade, ou seja, muitas vezes quando eu atinjo esse processo de maturidade, eu olho pra trás: “Poxa, mas naquela época como eu era vulnerável”. Eu mesmo vou me ver na minha juventude: “Como eu pensava!? Eu pensava assim?”. Às vezes eu mesmo estava vendo aquele momento! Mas quando eu estava vivendo aquele momento, quem é que ia me conscientizar? Quem que ia ter o poder de dizer que estava errado e eu ia aceitar? Essa é a parte mais difícil.

Então acho que a inserção da mentalidade dos jovens, nesse processo de reunião, de debate, de discussão, sobre tudo o que nos envolve, tudo o que envolve a vida da população ribeirinha: seja o trabalho, seja o cotidiano mesmo, eu acho que é tão importante pra eles, pra melhorar o seu entendimento de mundo, de conhecimento e, conseqüentemente, até amadurecer mais rápido, chamar pra si as responsabilidades que precisa chamar. A gente percebe que não existe uma faixa etária x que diga que os jovens tá pronto pra isso e pra aquilo, a gente pensa em alguma coisa, mas na realidade não existe, cientificamente não existe nada comprovado que faça isso. Então, eu acho que o que vai fazer realmente é a participação, é você chegar e se expor, ser respeitado. Eu acho assim que esse tabu ele precisa ser quebrado na nossa comunidade. Que os pais tenham um momento de ouvir os seus filhos, ouvir o clamor da juventude pra que a gente

possa, realmente, acessar uma convivência, um plano de vida juntos.

Porque toda reunião que for fazer aqui é importante, mas pra eles ainda é mais importante e não participo, eu não posso levar tudo eu não posso, mas eu não tenho como levar tudo daqui da reunião pra quando chegar lá passar pra eles!...

Só um pouquinho, Dona Teresa... Isso é mais importante, isso no seu ponto de vista, de acordo com a sua mentalidade...

Com certeza!

Agora, qual a mentalidade deles em relação a isso? Então, a gente precisa trazer essa mentalidade deles pra isso, pra eles entender isso aqui.

Porque todas as reuniões aqui são importantes, pra nós são importante que já é de idade, mas pra eles são mais e eles não participa.

E por quê que é importante as reuniões?

Pra nós ou pra eles?

Pra vocês.

Ah, porque vocês traz muita coisa que a gente não tá sabendo, o que é que tá acontecendo e o que é que vai acontecer, aí nós vem pra reunião, aí nós escuta o que passou e o que vai passar. Eles não tão sabendo de nada, nem do que passou-se do bom, de coisa boa. Porque das coisa ruim a gente sabe sem ser preciso a gente vir pra reunião.

Eu acho que tinha como até eles aprender a se liderarem...

Pois é...

É... Eu venho sentindo falta a inserção da juventude nas nossas reuniões e tem algumas reuniões que eu fico de queixo caído, fico babando: "Por que o jovem não tá aqui?". Eu até questionei uns jovens na nossa

reunião que tava aqui Karla, tava o teu esposo, o professor...

C.

O professor C... É... Ai eu colocando essa situação. A minha juventude é aquela juventude sem espaço pra se divertir, sem espaço pra brincar, foi uma juventude mais... Tanto é que amadureci cedo, graças a Deus! Meu período de vulnerabilidade ele foi um pouco curto, meu período de adolescência. Eu acho que logo começou a aparecer a maturidade. Mas era tão curioso, eu colocando pra eles, era tão curioso que quando chegava alguém na casa do meu pai, alguém mais instruído que começava a conversar, eu me aproximava numa distância que não fosse intervir na conversa deles e ficava ali curiando, tentando observar as coisas, porque queria aprender as coisas, eu queria entender o mundo dos adultos. E naquela reunião que me referi agora há pouco, quer dizer, é uma reunião extremamente importante pra juventude, porque se você juntar o tanto de conhecimento que tinha naquela reunião que podia ajudar, envolvendo várias situações, era muito grande, era muito grande! Quantas palavras poderiam ser proferidas naquele momento que ia servir de norte pra algum jovem e eles não participaram... Tinha dois jovens só. E eu tive conversando com alguns: “Olha, eu acho que vocês tão perdendo, de conhecer um pouco da ideia deles, o que estão expondo a vocês”. Então, eu acho assim que pra que nada vá contra o pensamento deles, da juventude, da filosofia de vida que eles querem levar, tranquilo! Agora, precisam avançar! Esse é o entendimento que eu tenho, ou seja, ser mais curioso (...).

Porque por exemplo, hoje você vê, dentro da própria comunidade, questões culturais muito bacanas, vejo, além dessas crianças que tão passando por um processo de sociabilidade nas igrejas, nas escolas e tal, chegar a cumprimentar as pessoas que tão chegando, que tão vindo, é muito legal essas crianças fazer isso e naturalmente essa criança está sendo instruída para isso. O processo de sociabilidade da escola, da igreja, da

própria comunidade, tá direcionando essa criança pra isso, um processo de formação. E a gente vê isso, mas ainda vê uma questão cultural, de pessoas, de famílias aqui da comunidade que as crianças de seis (06), sete (07), oito (08), nove (09) anos que ainda toma a benção, comigo fazem muito: “Benção Albecir!”, “Benção professor!”, tudo isso é uma cultura da família, tranquilo! É um ato de respeito, isso mesmo! Mas eu acho que trazer, não acabar com isso, mas trazer essa criança, esse jovem e mesclar com esses tipo de reunião, aquele que tá vivendo a sociabilidade da igreja, da comunidade, da própria escola, possa vir também dar opinião sobre o nosso mundo, sobre as nossas ideias.



Chico com o neto Rômulo. Acervo pessoal da família.

Francisco Alves de Souza (Chico)¹⁴

Era conhecido como Chico-véi. Descendente de nordestinos, cortou seringa durante a adolescência e tornou-se agricultor. Casou-se aos 20 anos com Maria das Graças, com quem teve 4 filhas. O casal já tem um neto. Chico faleceu no dia 06 de abril de 2020, aos 48 anos. A família reside no Periquito. Gostava de pescar, jogar bola, era um bom amigo, pai e avô. Deixará saudades entre seus amigos e familiares (elaborado por Maria Francisca Conceição de Souza e Tatiane Silva Sousa).

Desde criança vocês fazem farinha, trabalham na roça?

Eu cortei seringa ainda.

Cortou seringa?

Cortei mesmo. Cortei seringa bem uns quatro (04) anos ou mais ainda.

Quantos anos o senhor tinha quando cortou seringa?

Quando eu comecei a cortar? Tinha na base de uns treze (13) ou quatorze (14) anos eu acho.

Vocês (Francisco e Graça), na época, não eram casados ainda?

Não.

Não. Nós morava aqui na beira, nós tinha casa aqui na beira e nós morava no cento, aí nos ia para lá e final de semana nós vinha para cá. Quando acabou a seringa, nós abandonemos o cento lá e viemos para cá.

Aí aqui não cortou mais seringa?

Não.

O que o senhor começou a fazer aqui?

Aqui eu comecei a plantar roça.

Mas a roça sempre foi de farinha?

A roça? Foi.

Já saiu de lá pensando em fazer a roça de farinha aqui ou pensou quando chegou?

Pensei quando cheguei aqui.

Quando vocês cortavam seringa ainda, tinha alguém que produzia farinha ou produzia só para subsistência?

Não, assim, muita não, mas tinha gente que às vezes produzia, tinha gente que comprava do patrão.

Na realidade todo patrão tinha uma (01) ou duas (02) famílias, três

(03) famílias, já produziam farinha para vender para o patrão, para os patrão vender para os demais fregueses, ou seja, o patrão comprava do produtor, botava lá no seu depósito, para nas quinzenas vender para os fregueses que não plantavam. E outros faziam para subsistência. Eles colocavam a roda para puxar a sua farinha onde ele morava, ele produzia lá mesmo, mas era só para subsistência, nada de venda.

Mas por que se decidiu que a farinha seria o principal ponto de trabalho, quando você veio para cá?

Sei responder não.

Tinha mais gente plantando farinha aqui?

Tinha. Tinha gente já.

A seringa era o pico na época, daí quando acabou a seringa, acabou entre aspas né, aí encontraram a solução na farinha, né?

Porque já haviam alguns produtores de farinha, né. Mesmo no período da seringa, como já falei, já haviam produtores de farinha, e aí pois se alguém tá sobrevivendo de farinha, foi a fonte que os demais conseguiram focar né.

Mas tinha gente que plantava mais tabaco, arroz e feijão, e plantava pouca roça que nem nós.



Francisco José (Preto) no roçado arrancando mandioca.

Francisco José Silva Nascimento (Preto)

É conhecido como Preto e tem 38 anos. Casou-se com Maria Leilde (Paizinha) e juntos tiveram 8 filhos. Cortou seringa durante a infância e juventude. É agricultor, gosta de plantar, caçar e, além de conhecedor das histórias do povo do rio Liberdade, também aprecia a arte de contá-las. Sempre residiu nas proximidades do Seringal São Pedro, atual comunidade Periquito, mudando poucas vezes de colocação (elaborado por Tatiane Silva Sousa).

Seu Preto, me fale um pouco da sua infância.

Aaah, no tempo da minha infância eu... Eu fui assim um pouco sofri-

do, né. Porque... Naquela época, da minha infância num tinha assim a lei que ampara que nem hoje, né? Que hoje um menino de menor, se for pro trabalho e se tiver uma denúncia, o pai é punido, qualquer pessoa que colocar a pessoa pra trabalhar. Mas naquela época num tinha isso não. O pai levava o filho pro trabalho, dependendo o tamã que ele quisesse levar num tinha esse negócio de ter punição que nem tem hoje, né? Até tinha, mas pra cá num existia. Mas assim mermo eu me sinto feliz, grato. Porque se o meu pai num tivesse me ensinado o que ele aprendeu, eu talvez hoje num subesse nem trabalhar assim no pesado, né? Porque eu num tive oportunidade de estudar.

Com quantos anos que o senhor começou a cortar seringa?

A cortar mermo eu comecei eu acho que, com uns doze (12) ano, a cortar. Porque na época que eu comecei a andar mais ele, eu era... Eu tinha mais o meno uns nove (09) ano, só que eu andava, eu ia mermo só pra ir mais ele, mas eu num cortava não.

O senhor ia colher, ajudar...?

Não, eu ajudava assim: eu pegava a tigela de leite e... Pegava e ia tirando lá que, chamavo nessa época, imbutida, era imbutida na madêra, quer dizer, colocada assim, enfiada o beicho da tigela, enfiado na madêra. E vinha do traço, vinha fazia um risco descendo, aí o leite, a gente enfiava ela ali na casca da seringa que aí ficava aparando o leite. Aí quando era na hora de colher era só pegando, disimbutindo e entregando pra ele e ele culhendo o leite; porque nessa época eu num colhia e nem cortava ainda, mas eu já ajudava ele nessa parte ainda.

Rapaz, o senhor já me falou tanta coisa. Mas o senhor falou, por exemplo, que... Da passagem do padre mesmo, como que o senhor me contou ainda agora, eu tava anotando aqui...

Na passagem do padre é que nem eu falei. Na época a gente contava

até trinta (30), quarenta (40)... Acho que até uns cinquenta (50), sessenta (60) por aí, é... Baliêra, né, que os marreteiro r vinho de barco aí. Eles vinho porque eles sabio que naquela época era uma data boa pra eles assim; porque eles vendio muito, né!? E na época o dinheiro era seringamermo, era a borracha. E aí nessa época aí, o pessoal tava, como que se diz o ditado: “Tavo tudo forrado!”, né, tudo montado no dinheiro. Ia lá, o patrão, os que divio descontava a conta e o patrão passava o resto do dinheiro, as vez até adiantava mais, como hoje.

Hoje se a gente for, num é diferente, se a gente for um bom freguês, eu pelo menos aqui na ponte do Liberdade. Eu chego ali, eu pego dinheiro adiantado, o meu patrão me adianta dinheiro, por causa que eu vendo farinha pra ele, né. Num é diferente, só que é a merma coisa, hoje tem aquele, agora no período que nós tamo vivendo da farinha, que hoje o negócio é farinha! Aí tem aqueles que vão falar dinheiro e eles num adianta, porque desconfia, né, que a pessoa as vez quer passar a perna neles e aí desconfio. Aí num é diferente, também na época do patrão, na época da seringa, tinha aquelas pessoas que o patrão num adiantava dinheiro porque tinha preguiça de cortar. As vez cortava a borracha e aí disviava, vendia pra ota pessoa fora do patrão, aí é a merma coisa de hoje.

Mas na época do padre era assim, chamava “desaubriga”, porque eu acho assim, o nome que eles dava “desaubriga” é porque desaubrigava o pessoal mermo. O pessoal se deslocava, né, lá da onde vivio, que nesse garapé aqui, o Periquito, o Miolo, que nem nós chama aqui embaixo, era uns garapé tudo lotado de gente! Aí cortava seringa, porque na época a seringa que dava muito leite era dento dos garapé, no cento mermo. E aí vinha muita gente, aí nessa época os marreteiro r vinho porque era uma época de muito dinheiro que eles...

O senhor falou que ele adiantava dinheiro, o patrão adiantava dinheiro?

Adiantavo! Adiantavo pros freguês bom, pro seringuêro bom eles adiantavo.

Para os outros era só mercadoria?

Às vez, e até poca, né, porque tinha aqueles que eles consideravo preguiçoso que, hoje em dia num é diferente, tem aqueles que gosto de trabalhar na roça e tem uns que vão lá mas num é frequentemente, né, que nem... Tem pessoa que é toda semana, toda semana. As vez passa o final de semana em casa, mas quando é na segunda-feira já tá de retorno de novo, de volta pro roçado. Nós aqui costuma fazer um intervalo assim, quando a gente pode, do roçado a gente faz um intervalo assim quando a gente... Chega a época do roçado novo, a gente planta, aí dá a primeira limpa, aí a gente tem um intervalozin assim de limpa, mas aí já vem o de roça madura que a gente vai fazer que nem agora. Nós tamo desmanchando um roçado que tá a roça madura e já tem roça nova esperando limpar uma parte, ota esperando daqui uns dia a gente já começar a fazer. É assim a rotina do trabalhador, do agricultor, é desse jeito!

E aí vai revezando entre plantar, limpar, fazer a farinha do roçado velho, né?

É, isso. É desse jeito! A gente tudo é a pausa, né. A gente tem sempre, nem toda vez a gente planta a roça tudo duma época. Sempre a gente costuma plantar o arrancador^c, né. O arrancador^c já é ota etapa mais... Que as vez chega primeiro que o roçado novo, aí é desse jeito.

[Maria Leilde: *Não sabe nem o que é arrancador^c, né, professora?*]

Arrancador^c é o cara que arranca mandioca?

[Maria Leilde: *Não!*]

É não?! É o que?

É não, arrancador^c é assim, ó... Quer dizer, eu plantei a primêra vez...

Eu plantei a primêra vez, aí a terra, vamo supor, eu broquei um roçado na mata virgem, aí eu plantei na primêra vez, aí a segunda vez que eu tirar aquela roça de lá e colocar ôta, aí já é no arrancador^c. Quer dizer, o arrancador^c porque eu já arranquei uma vez lá, entendeu?

Aaah, entendi.

No terreno.

Agora eu entendi, pra mim que arrancador^c era que nem a gente tava falando naquele dia que eu tava no roçado, né, arrancando a mandioca.

É não, é não. Não, mas pode usar essa palavra arrancador^c porque o cara que tá arrancando³ ele também pode passar por essa palavra: arrancador^c. Num tá arrancando^c, né? Só que assim, a palavra que nós usa de arrancador^c é assim: porque nós tira a roça da primêra vez aí planta de novo! Aí já é no arrancador^c, aí ôta vez que plantar, arrancador^c de novo. Tá entendendo, né? Tirando a roça e plantando no mermo lugar logo. Agora se nós deixar, vamos supor, broquei o roçado na mata virgem, aí plantei, tirei a roça e deixei a capoêra crescer, aí já num é arrancador^c, que eu num tirei a roça e plantei de novo, entendeu? Aí é a capoêra. Aí eu broquei uma capoêra e plantei, aí e desse jeito a palavra.

Então só é arrancador^c quando você já tem a roça ali plantada, aí arranca ela e já planta de novo...

Já planta de novo!

Se eu deixar a capoêra crescer já não é mais arrancador^c?

Já é capoêra. Eu broquei a capoêra e plantei, mas só que eu considero, a palavra continua capoêra. Eu plantei uma copoêra, eu tenho uma capoêra cheia de roça, é desse jeito. Aí a pessoa pode pensar, “mas rapaz a roça dele tá na capoêra, na mata”, vamo sipor, né, a palavra, mas num é, é porque eu plantei era capoêra já, eu broquei e plantei.

Entendi. Quando o senhor cortava seringa ainda, no tempo do seu pai, vocês também plantavam?

Plantavo.

O quê que vocês plantavam nessa época?

A roça!

A roça...

A roça, porque nós plantava pra num comprar farinha, né? Porque assim, na época, a maioria, a maioria dos seringuêro, e tinha uns que querio produzir muita borracha, aí eles comprava a farinha daquelas pessoa que produzia farinha na época, que tinha as pessoas que vendia farinha, mas assim, era poca, né, num era farinha que nem hoje que nem a gente faz os estoque aí, de tonelada de farinha, não. Naquela época já tinha umas pessoa que só trabalhava na farinha pra vender pos oto, pos cara que cortava seringa direto, e principalmente as pessoa mais idoso, que as pessoa quando chegava numa certa idade, cinquenta (50) ano pra cima, ele já num era pessoa pa tá... Passar o dia na pernada na mata, na estrada de seringa, aí o que é que ele fazia? Ele ia plantar roça, fazer farinha pra vender pros seriguêro novo, pros seriguêro num se impaiar.

Até no caso do meu avó, por parte de pai. O meu avô ele num aguento mais cortar seringa, assim no cento, ele saiu pra beira do rio, aí ele foi ficô plantando roça e cortando umas estradinha de seringa bem poquinha madêra, seringa, só fazer a borrachinha dele, né? Pra fazer o saco dele de carregar leite, pra fazer o sapato de seringa, ele fazia isso, e plantar roça pra mandar farinha pros filho lá no cento pra eles num se impaiar com ota coisa. Aí eles cortavo seringa e mantinha o véi comendo carne de caça na beira do rio, né, porque aí quando eles matavo uma caça lá já vinho deixar pro véi, direto.

Aí depois eles começaro, pissuiro família, aí começaro eles mermo

eles cortar seringa e plantar o roçadim de roça. Só que, na época, nessa época se uma pessoa que plantasse cinco mil (5.000) pau, que nós chama, rebolo de maniva... meu Deus! Se estragava mais da metade da roça, porque só fazia pra comer. Você vê aqui ó, eu faço uma saca de farinha, aqui em casa nós somo dez (10) pessoa, oito (08) filho e com eu mais a mulher dez (10), somos dez (10), dá dez (10) e eu encho esse tambor de farinha e nós passa quase dois (02) mês. Aí, imagine a pessoa plantar um tanto de roça desse e fosse fazer só pra comer, né, pro consumo, se estragava sempre a metade. A base era quatro (04), três (03), dois mil (2.000) pau de maniva que plantava, as vez tinha vez que plantava só mil (1.000) pau e ainda se estragava era roça daquelas das pessoa da familia mais pequena.

É... Seu Preto, o senhor nasceu aqui no seringal mesmo, aqui no São Pedro?

Não, eu nasci aqui no... Abaixo da boca do Periquito, numa terra firme que tem, quer dizer, a terra firme que nós chama é aquelas ladêra alta, né, que é conhecida como ladêra. Meu pai morava, a casa dele, só que a ladêra era alta pra subir, só que aonde era a casa era plano. Aí eu nasci lá, aí fui, só subi um poquin, fumo morar lá no... Dento desse garapé aqui, o Periquito que nós chama, de lá voltei quase pro mermo canto e hoje eu tô aqui, com trinta e nove (39) ano de idade! Num tem mêm hora de distância da onde eu nasci, pra onde eu tô hoje, a distância que eu morei mais longe de onde eu nasci foi lá no alto Periquito, que lá moremo, daqui pra lá na época que nós ia de pés, andando devagar, dava duas de viagem pra lá, na pernada.

Chamava de colocação?

Colocação é... Era Remanso que chamava lá.

E como que fazia pra trazer a borracha de lá pro barracão? Onde que ficava o barracão?

Na época que eu me entendi, que eu comecei a ajudar o meu pai, num tinha mais barracão assim, lugar certo não. Na época que eu comecei a ajudar o meu pai, o meu pai vendia já, sempre ele vendia assim pros marreteiro^r, mas ele ainda tinha o patrão, só que ficava lá na ponte aqui do Liberdade. Ele levava pra lá, mas ele só levava pra lá em final de ano, uma quantia grande. Quando ele precisava das coisa, ele fazia uma... Hoje nós chama fêra, né, fazia a fêra, naquela época chamava-se aviação. Ia lá, fazia aquela aviação, comprava um monte de mercadoria! Aí vinha, mercadoria pra passar o ano! Aí quando ele precisava de alguma coisinha que faltava, ele vendia uma borrachinha, escapava um (01) quilinho de borracha pra qui oto pra colá, pa ir mantendo até chegar a época dele ir lá de novo com aquela quantia de borracha pra fazer ota aviação, que hoje em dia nós chama fêra, né, num é diferente! Hoje nós num vamo pra cidade e nós num faz nossa fêra? Eu sempre gosto de fazer em grosso assim, trazer de tudo bem muito, aí quando falta fica comprando aqui no marreteiro, até chegar o dia de eu ir de novo.

Como que era o nome do patrão lá da ponte?

Era J. M... O meu pai trabalhô com o J. M., E. B., que ele foi até deputado aí em Cruzeiro já, deputado estadual, e C. L., que era o primêro patrão dele mermo.

Como que era o nome?

C. L..

Hoje eu tava conversando, hoje e ontem eu tava conversando ali com o pessoal, com o Seu Chico Marques, com o Seu Jusa, aí eu percebi que tem o kit seringueiro, né? Que é a faquinha, o balde, a tigela, o mutá^s também. Aí eu queria que o senhor me explicasse como que era esses utensílios, como que as pessoas usavam. Da forma como o senhor tava me explicando antes, antes de eu ligar o gravador, o senhor lembra?

Lembro! Ah, isso aí é fácil! O balde é que nem eu tava colocando, né; era um negoço feito, uma parte de baixo igual, pra cima assim já com uma diferença que ficava a boquinha pequena em cima pra colher o leite.

[Maria Leilde: *Era, ficava tipo uma boquinha assim, ó, aí pegava o leite e raspava assim na boquinha do balde, pegava a tigelinha...*]

Então era um balde mais grosso embaixo, ele afinava pra cima...

Isso...

E a boca dele ficava do tamanho da boca desse copo?¹⁵

Mais ou menos isso mermo.

Olha aqui ó... Olha, só que o caneco tá aqui um poco mais fino, né, mas o baldo pra baxo ele era mais o meno, ele era igual desse mermo jeito aqui.

Ele era de lata assim? De alumínio?

Isso! Podia ser de alumín, mas na época num existia de alumín não, acho que se existia num era nem toda pessoa que usava não. Mas era tipo assim, ó, só que aqui é porque tá mais fino, mas se fosse uma coisa que combinasse aqui...

Que ele fosse mais grossinho aqui, né...

Sim, se ele fosse grosso, se ele batesse igual aqui... Ó aqui ó... Se por acaso esse vaso aqui combinasse a grossura aqui de cima, não tinha diferença, porque ele era feito essa parte aqui desse mermo jeito, ó, aí aqui era... Tá aqui, ó!

Aaah, eu vou fazer um desenho disso. Mas era aqui desse jeitinho essa diferença ou ele... Peraí, eu vou fazer um desenho aqui pra vê se... Não vai ficar muito bonito porque eu não sei muito bem desenhar, né, mas era tipo assim? Aí aqui seria o balde, aqui a boquinha do balde.... Como é que o

¹⁵ O casal, Paizinha e Preto, fez uma pequena demonstração de como seria o balde.

senhor falou? Como é o nome daqui? Como seria aqui?

O frizo!

O frizo, né?

Isso.

E aqui é a alcinha, que o senhor disse que poderia ser de envira^o.

Exatamente! A gente pode fazer de qualquer coisa que quisesse, podia ser duma riata¹⁶ de sacola, se tivesse, né, mas o pessoal fazia... De cipó! O pessoal fazia de cipó.

Cipó titica?

Sim. Cipó titica que é o cipó mais forte que tem, né? E aguentava muito! Meu pai fazia uns mermo que passava um monte de tempo usando!

Se fosse de envira^o seria de qual tipo?

Qualquer um tipo assim, porque eles conhecia as envira^o mais resistente, mais forte. Ai eles procuravo aquelas sempre mais forte que eles tinha medo de colocar uma faca e quebrar e derramar o leite de dentro do balde. Porque assim, o leite, se o balde chegasse a cair ou se a gente chegasse a cair, eles num derramava o leite todo por conta dele ter a boquinha pequena, né, boca mais o meno desse tamanho aqui mermo, ó.

Tendi ...

Só que eles derramava uma grande parte, se a pessoa não fosse bem rápido assim pra pegar e levantar ele derramava muito, né, era desse jeito. Era mais o meno isso aqui. Agora aqui, ó, que nem esse aqui, aí ficava tipo a emaietaçãoⁿ que eles chamavo, emaietar, né, aí ficava uma berinha assim que eles amarrava a primêra envira^o aqui, que era exatamente, eles num dexava subir...

¹⁶ Nome que se dá à alça (ex. riata da mochila, riata do caçurá, riata do sacotelo).

Então tinha uma envira^o ao redor, né? E tinha uma que servia de alça. Uma ao redor do balde e uma que servia pra alça.

Pois, é. Porque a que vinha pra cá, ele tinha um beicho que eles dobravo assim no balde mermo, aí a envira^o que era amarrada bem acochada aí que era pra num deixar sacar pra cima, né. Aí daqui que eles puxava já a envira^o daqui, as vez pra um lado e pro oto.

Tendi. Aí tinha a tigelinha. Ele levava... Eu fiquei com uma dúvida. O seringueiro levava várias tigelinhas e colocava uma em cada madeira?

O meu pai fazia... Ele pegava.... Na época o óleo de cozinha só vinha em lata, o litro, era litro, mas era lata flande^q, entendeu?

Era uma latinha...

Flande^q, isso. Hoje em dia o leite em pó já vem em lata também de flande^q, né, ainda vem ainda; tá vindo muito empacotado, mas ainda vem muito ainda em lata. Aí eles pegavo lata de conserva nessa época, eles pegavo lata de conserva e eles usavo pra embutir lá na seringa pra aparar leite. Aí eles fazio, pegava o litro de óleo e fazia uma quantidade de... A minha mãe ia secando as lata de leite, que nessa época quem comia leite mais era as criança, papai comprava mais pras crianças. A lata de leite, o litro de óleo num jogava nenhum fora, aí meu pai, quando tinha uma quantia boa aí meu pai pegava e cortava com uma tesôra véa e fazia as tigela. Ele marretava, dava o nome de marretar, ele usava uma marreta assim, um negoço assim, aí batia pra achatar o fundo pra ficar o fundo normal. Ah, ele fez muito... esses caneco de leite, leite moça que hoje em dia também ainda vem, né? Usava tudo isso pra colher o leite da seringa.

E como que fazia pra embutir? Pra ficar fixo na madeira e não cair?

Pegava... Eles pegava, ele cortava, tirava o traço, como a gente chama, descia o risco, abaixo do risco eles cortava um golpezin assim...

Pera aí. Aqui é o traço... Vou fazer o desenho aqui pra... Isso é como se fosse o traço?

Isso.

Ele tirava o traço, fazia o risco...

O risco, só que aqui assim, ó: o risco aqui, o risco aqui no caso... Vamos dizer que isso aqui é a seringa, né? Aí o risco vinha só daqui do traço, eles puxava só um riscozin, aí aqui embaixo eles fazio isso aqui, ó. Vamo dizer que aqui é a ponta do risco, né, aí eles fazio tipo assim, ó... Aí aqui eles embutia a tigela.

Ah, eles faziam tipo um...

Tipo um golpezim razin.

Um machucadinho na madeira pra poder engatar a tigela.

Isso, razinho mermo, que aí, aí o que fosse a lata ou que fosse a tigela, como a gente chamava, aí eles pegava assim achatava um poquim assim que ficava tipo um bicozim pra dá certin aí. Aí eles pegava aqui e molgava¹⁷ um poquim assim até ela entrar na seringa e segurava, na casca.

Fazia o bicozinho aqui? Ou aqui?

Em cima, no beicho.

Aí engatava assim?

Isso, tinha que ser no beicho! Aí ela ficava lá; ali ela ficava. Porque fazia aquela forcinha pra entrar na casca da seringa, né, aquele golpezim que fazia, aí ela ficava ali o tempo todo. Aí dali só tirava na hora de colher o leite.

Vamos supor: aqui é a base da seringa, né...

17 Movimentava.

Isso...

Quando ia acabando... Quando esses traços aqui mais de baixo da seringa paravam de dar leite, como ele fazia pra tirar leite de cima da seringa, quando era mais alto?

Não, aqui é assim, aqui é assim, ó, vamo sipor: eles começavo, vamos dizer aqui, uma certa altura, mais o meno, eles gostavo de começar um metro e mêi de altura mais o meno, assim que desse a altura deles na... Vamos sipor; na cabeça deles, até acima um pouco. Aí eles começava de lá e cortando, cortando, até chegar no trocozin perto do barro, da terra, aí dali pra cima eles colocava o chamado, que nós chama mutá^s, chamavo, que era pra poder alcançar mais em cima. Aí dali eles io cortando, cortando e quando num alcançava mais o mutá^s que aquele tava pequeno, tava curto, eles tiravo um pau maior e fazio oto com mais dregau, que eles chamavo, né, pra alcançar mais em cima. Tinha deles que... O meu pai fazia com doze (12) golpezin desse daí, dente que eles chamavo, né...

Não era degrau, era dente?

Era, nesse tempo eles chamavo dente. Eles fazio com doze (12) golpe desse daí, pra alcançar lá na parte de cima mermo, até onde eles querio. Quando a seringa era boa de leite... Quando a seringa era boa de leite eles io buscar até quando eles vio que dava pra suspender uma haste de madêra pra colocar lá em cima, aí quando eles num conseguio mais, aí eles começavo já do ôto lado, da onde num tinha sido cortado. Quando terminava aquela parte do ôto lado, aonde eles tinha sido cortado a primêra vez já tava bom de cortar; dá ôtos traços já por cima do ôto, já tava tudo sarado.

Como é que fazia o mutá^s? Como é que faz um mutá^s desse dai?

No terçado, usavo o facão, o terçado grande.

Qualquer árvore dá pra fazer?

Depende, né... Que seja numa grussura que a pessoa consiga atrepar, né, suspender pra colocar lá na haste da seringa. Porque conto... Aí o meu pai, as vez era de três (03), quato (04) homi pra colocar um mutá^s.

Três (03), quatro (04) homens?! Minha...

Pra suspender! Furava um buraquin assim no chão pra colocar o toco da árvore lá que ia suspender, pra aguentar, pra num escapolir, pra num deslizar, né? Aí fazia força, três (03), quato (04) lutava até colocar lá em cima... Pra subir, pra ir cortar lá em cima. Buscar o leite... E eu, na época que eu comecei a ajudar o meu pai, eu ia buscar as tigela de leite lá em cima pra ele, aí discia, subia, pegava a lá e discia, ficava com duas (02) na mão, as vez quando era três (03). Tinha delas, seringa grossa, que eles cortavo três (03) lá em cima. Aí eu ia, passava da cabeça dum pau pro ôto agarrado na seringa, aí discia quais três (03) tigela: botava, pegava duas (02) butava assim, ó, prendia assim, com o dedo assim, pegava uma, butava no dente e discia.

Descia com uma numa mão, outra na outra e outra no dente.

Era, e quando eu chegava assim naquelas altura assim que meu pai alcançava do chão, aí eu ficava só lá no dente do mutá^s lá, que nem eles chamavo, né, aí ficava esperando que ele recebesse, aí ele recebia uma e colhia aquele leite, aí recebia a ôta, colhia, aí eu discia com a derradeira e ficava esperando embaixo. Ele pegava, colhia e seguia a viagem pra ota seringa, todo tempo.

O senhor já foi colher com seu pai, com seu tio... Me conte aquela parte que o senhor disse que davam um (01) litro, dois (02) litro pro senhor...

Pois sim... Não, falando assim de colher, num é diferente de hoje. A gente num planta? A gente planta roça e a gente chama colher, né? A gente planta o arroz, o feijão, vamos colher, né, quando tá bom. A merma coisa era na época da seringa, só que era a seringa, né, a borracha, ninguém

comia, só servia pro tecido, que hoje em dia ainda existe, né... De borracha, pro calçado, pra esse tipo de coisa aí. Sim, e muita gente se alumia-va, até o meu pai ainda, quando faltava o querosene que chamavo nessa época, eles usavo o sernambi pra se alumiar, a borracha que chamavo sernambi, só que tinha o sernambi mermo, que...

O quê que era o sernambi?

Era da borracha, só que eles chamavo sernambi porque eles fazio... Eles butavo pra coalhar assim, as vez arrancava seringa que derramava, ficava derramando leite as vez. Eles tiravo a tigela e num tinha escorrido, que a gente chamava escorrer, né, leite todo, aí ele caía no chão ali e depois eles arrancava e butava num canto pra secar e fazia fogo com ele. Fazio o... Chamava facho, lascavo uma varinha verde assim, uma arvorezinha, aí botava um bolão de sernambi, aí saía pra andar na estrada mermo, na própria estrada de seringa de noite, se alumiano com a tocha de sernambi acessa.

E dava de fazer tipo a lamparina também? Me falaram que fazia, acho que em coité.

Isso! Fazia! Pegava uma coité, enchia de barro, a minha mãe ainda fez isso... Enchia de barro, quando acabar acendia um pedaço de sernambi, que era a borracha, né, que chamavo sernambi na época, essa parte aí que eles juntavo pra fazer fogo; aí acendia e enfiava na areia, no barro, aí ali ia queimando os pouco. Quando tava entrando no barro eles pegavo um negocinho assim e dava um suspendidazinha, aí queimava até o derredôro, quando chegava no finalzim ficava queimando ali, queimando ali até se acabar mermo no barro.

Como uma vela mesmo?

Isso, num dava explosão, num dava nada, normal. Aqui em casa agora na época, antes de nós ter energia, eu tinha uma energia solar que eu

comprei, queimou a placa, aí nós usava vela, quando faltava vela corria prum canto, corria pro oto, num tinha onde comprar; aí eu pegava, a Paizinha pegava aqui, coloca o óleo de cozinha, molha um cordão aí dentro, no fundo de uma lata, aí a gente janta tranquilo, pode acender duas candeazinha de fogo aí. Nós ainda fizemo isso aqui em casa, e num faz muito tempo não. Diz que só num tem jeito pra morte e quando Deus quer tem, né? Que tem gente que se quebra todinho, só falta se acabar e num morre, porque Deus num quis ainda que morresse. Qual era a ôta parte?

Faltou a faca. O senhor falou da tigela, falou da balde, falou do mutá^s, faltou a faca! Como que é a faca do seringueiro?

Ah, a faca era um negócio assim, a pessoa fazia uns ferro, aí a faca é um pedaço de ferro dobrado que fica tipo uma voltazinha assim que é pra poder dá aquele risco que chamo.

Então não é como uma faca de cozinha não?

É não. Ah, é muito diferente. É um ferro fino assim, uma lâmina. Aí o meu pai... Eles chamavo toco de faca. Toco, dava o nome toco de faca. Ele... E ali quando... Uns chamavo faca mermo, otos chamavo lâmina, quer dizer, a lâmina era só a peçazinha mermo que dava o risco, né, só que ali naquele cabo que eles colocavo, era um ferros e eles colocavo uns cabo pra pegar; aí dali, quando a lâmina... Tinha vez que a lâmina quebrava, dependendo da seringa, a seringa da casca dura.

A lâmina é isso que a Paizinha me mostrou curvadinha ou é a outra ponta?

É a curvadinha, que ela é feita uma voltazinha assim que é pra poder dar o risco, tipo que nem tá meu dedo aqui, ó. Agora desse lado aqui que é aonde corta, ela é bem amoladinha, tipo uma lâmina de gilete, só que ela é mais grossa, tem que ser de ferro, né? Ferro, não grossa demais, mas um ferro... O pessoal fazia muito era de serrote de cortar madêra! Eles fazio

muito disso aí, ó, eles pegavo... Tinha cara profissional pra fazer, fazia pra vender aqui mermo dentro do Liberdade. Eles pegavo o serrote, cortavo as ripa, um dedo, um dedo assim de largura, dessa largura aqui mais o meno desse quadrozim. Aí daí eles pegavo, colocavo no fogo pro ferro ficar mole, que era pra poder fazer a dobra, a volta que a gente chamava, aí dai eles temperavo de novo! Dava um ponto lá que ela ficava dura, resistente. Aí tinha cara que fazia pra eles mermo usar e ainda vendia. Eu conheci o pai da M., a M. ali do V. ali, ele fazia pra ele e vendia quando os cara precisava, seu A.C...

Então era o mutá^s, o balde, a tigela, a faquinha... tinha mais alguma coisa? A poronga! Como que era a poronga?

Ah, a poronga era... Era feita... Eles fazio de lata também. Eles rola-vo um litro de óleo, tirava uma rolinha assim do tamanho desse caneco, mais baixo um pouco, desse canequin aí... Sim, e eles fazio a merma coisa. Butava uma... marretava lá, como que dava o nome, fazia um buraco e aí fazia um negoçozim de flande^q também. Enrolava, ficava finim assim, que era pra botar um pano; chamavo pavio, aí colocavo o querosene dentro, aí dali ia puxando, subindo e acendia em cima e... Até secar, enchia o canecozinho lá, enquanto num secava tava acesso. Quando secava, é como quando a gente vai andando o motor, ele para de seco que faltou a gasolina, é a merma coisa, aí é só colocava aquela quantia de novo e tocava pra frente.

[Maria Leilde: *Aí tiravo o espelhin da poronga. Rolava uma lata véa de óleo e fazio o espelhim assim, ó...*]

Se eu num me engano, os menino ainda fizeram...

Dependurava na cabeça também?

Botava. Fazio um negoço assim que dava certin na cabeça! Tipo um... Um negoço imitando assim tipo uma coroa que a pessoa veste, né? Uma

peruca, um negoço. Só que num lugar que segurasse a poronga aqui em cima, que ela ficava...

Ah, era aqui em cima então?

Ficava em cima da cabeça a poronga, que era pra ele quando tivesse cortano aqui ficasse dano o claro igual com a... Ôtos usava um cabo assim, amarrava um cabo de... Lascava um pau, botava dessa forma que eu tô fazendo aqui, que ela tinha um aro desse mermo jeito do caneco. Aí aqui amarava bem amarrado, pau comprido assim, que era pra quando tiver cortano prendia, colocava aqui no dente, aí ficava aqui agarrado no dente aqui e ela ficava clariando aqui do lado e ele cortando a seringa de noite.

Então a seringa ela tinha uma espécie de alça, e tinha gente que colocava, amarrava um pau compridinho assim na alça e segurava a poronga no dente?

Era, uma varinha assim que desse de suportar bem, né. Ah! Era muitos mêi que fazio antigamente, era muita coisa que eles fazio pra sobreviver. Porque Deus dexô um jeito pra tudo, né, na época num era que nem hoje, aí o pessoal tinha que fazer o que sabio, pra sobreviver.

Me falaram também que era diferente, né, faziam farinha, mas pra cevar a mandioca era na roda, pra prensar a mandioca era tipo um chiqueirinho, né, o senhor chegou a ver?

O saco que nós usava... Que hoje a gente usa o saco. A gente, a gente tirava palha de açai! Aí do tamanho que era o chiquerinho aí cortava aqueles pauzinho, era um chiquerinho quadrado, aí aqui a gente cortava um monte de pedaço de palha de açai, aí amarrava com as envira^o assim que desse de tampar mermo, pra massa num varar. Aí colocava aqui, chamavo pano, chamava os pano, eles pegavo aqui e colocavo um daqui, ôto daqui dento daquele quadrado, ôto aqui e ôto aqui.

E no fundo?

Aí aqueles pano eles já forravo o fundo, colocava as ponta e dobrava. Daí eles tinha uma medida: colocavo massa, colocavo massa, aí colocava uma ponta de palha aqui por cima, pra poder colocar mais massa em cima e no ôto dia, quando io tirar lá da prensa, eles io puxando naquelas palha e aquela massa ia soltando e eles io tirano no vaso e levando pra peneira e depois pro forno.

Então o chiqueirinho é tipo quadradinho assim? Como o formato de um chiqueirinho desses mesmo, né? Aí a palha ela ia forrando assim dos lados e já forava o fundo...

Isso!

Aí colocava massa, aí colocava uma outra palha que parece aqueles abanos? Tudo tecido...

Não, não, era as ponta, sempre eles aproveitavo as ponta da palha, eles colocavo assim mermo, só que eles dexavo uma certa parte assim pra fora, que era pra quando fosse tirar pegasse na ponta assim, pra massa ir soltano, né, pra afroxar a massa, que ela ficava toda pilada ali dento daquela prensa. Aí... Quando num era usava uma palheta, um pedaço de tauba pra fazer, que eles mexio, chamava palheta de mexer a massa, pra escaldar, aí fofava ali, cutucava ali até soltar a massa pra poder tirar pra levar pra peneira. Nessa época ninguém usava... Cavar em motor não; passar a massa na bola pra ficar soltinha, né, no ponto de jogar no forno. Tinha que ir pra peneira e da peneira pro forno! E isso era... Na minha época, num era todo mundo que torava no forno não, tinha gente que morava no cento, que torava era numa bacia, fazia farinha era numa bacia, pra comer.

Como que era essa história da bacia?

Pra torar, pra fazer a farinha que nem nós faz no forno, só que era numa bacia!

Numa bacia de alumínio?

Isso. Ia fazendo os poquinho, né, que num dava pra colocar muito, mas fazia.

Como que era o forno na época? Peraí: O senhor falou da prensa, né, pra cevar era na roda, né?

Era.

E a peneira era de que?

A peneira era feita de cipó.

De cipó titica?

É, podia ser desse ôto também, desse timbó que chamo, né, também desse.... Antigamente o pessoal num usavo não, fazia desse... Fazia desse.... Tinha um negócio aí na mata que é tipo um cipó também, só que chamo de canela de jacamim^s, que faz também peneira. Lá na minha casa de farinha, o meu ti fez foi de canela de jacamim^s; é boa também, aguenta muito. Mas era só assim o material que... O pessoal fazio só de coisa da mata mermo, extraído da mata, que num tinha onde comprar nada. Hoje a gente compra tela, compra tanta coisa.

Ai... O forno era como, quando não era na bacia?

Era assim, ferro mermo, só que nessa época só a chapa de ferro que nem usa, nós usa a chapa hoje e nós coloca as madêra, né, dos lado e na época ele era todo de ferro mermo, tinha uns que era redondo, tipo uma bacia, só que era grandão, redondo, todo de ferro.

Era grande?

Era.

É porque, eu já... O seu Sebastião me contou que tinha aquelas latas,

acho que de... querosene?

Isso!

De combustol.... Umas latas grandes assim que rolava no meio, partia e fazia ali o forno também.

Não, mas fazia. Que nem eu acabei de contar, o que num torava numa bacia, que num tinha, num era todo mundo que pissuia uma bacia não, nessa época, mas quem tinha bacia torava na bacia, quem num tinha fazia aí que nem ele contô. Partia as lata e fazia os forno pra torrar a farinha. Só que essa parte aí de torar assim, fazer o forno assim, eu tenho uma lembrança muito pouca, só que eu ainda vi ainda, até um ti meu fazendo.

É... Que importância que o senhor ver em deixar essa história registrada? Qual a importância de deixar a história registrada?

Não, pra mim é importante, porque até se eu, uma história da gente, que no caso o que eu tô contando aqui vai ficar pro resto da vida, eu vou, eu vou... Um dia eu vou morrer, mas aí vai ficar pros meus filho, pros meus netos e pra mais alguém que vier no futuro. E... Eu achava bom mermo, que nem eu acabei de falar, né, naquela hora, que tivesse assim uma câmara pra gente registrar, pra mostrar assim a realidade como era que acontecia tudo, mas já é um grande passo, né? A gente registrar alguma coisa assim que a gente viu, ou que a gente ouviu os pai da gente, os avô, os ti mais vêi contar, né.

Que eu... Eu aprendi muita coisa também que já passou, que aconteceu nos antepassado, que foi o meu pai que contova, meus avô, que eu guardei na memória assim e hoje eu conto pros meus filho. Aí, quem sabe daqui uns dias os meus filho pode contar pros filho dele, pros meus neto, daqui mais no futuro, mas vai ter negoço aí de registrado no livro que vai mostrar o que passou, né, o que aconteceu no passado, essa é uma importância. O que eu acho muito importância é isso: ficar uma história das

pessoa mais antiga, né.

E, a seringa na nossa época foi uma coisa que, até muita gente chamava a mãe do seriguêro, né, a nossa mãe! Dizia “A nossa mãe!”, porque dali era que o pai de família tirava o sustento da... Tirava a munição que nós chama hoje, a pólvora, tudo, tudo! Pra matar a caça pro filho comer, comprava leite pra criar o filho, comprava roupa, o calçado, tudo tirado ali da seringa! E tanto que muita gente usava essa palavra, “Nossa mãe”, chamava “Nossa mãe”, a seringa.

A seringueira era a mãe?

Hoje passou já de... Quem era que ao menos sonhou alguma vez, que eu num sei, pode até ter sonhado, da gente receber, hoje da gente receber, que nem nós; nós num tem um direito de aposentadoria que até nós num tem idade, hoje quem num tem uma aposentadoria ou uma pensão por... Um auxílio doença, mas tem a bolsa família que ajuda bastante, né. Eu já vi gente dizer: “Ah, que num dá nada, o bolsa família num dá nada!”, num dá se a pessoa querer, é... Quiser sobreviver só da bolsa família, que a bolsa família é pra ajudar, num é pra pessoa se manter, é pra ajudar. Mas se a pessoa trabalha já com a bolsa família, já é uma força muito grande, uma ajuda muito grande, eu, pelo menos, todo dia agradeça a Deus por ter esse beneficozinho que a gente recebe.



*Francisca Marques (Chiquinha) e Francisco Marques (Chico Marques)
na varanda de sua casa.*

Francisco Marques (Chico Marques)

Conhecido também como Chico Marques. Nasceu na colocação Massa do Reino, no Igarapé Besta, afluente do rio Liberdade. É descendente de indígenas da região do rio Môa e de nordestinos do Ceará e Piauí. Tem 68 anos, é casado com Francisca Marques e juntos tiveram 7 filhos. É um dos *veteranos* da comunidade Periquito, cortou seringa da infância à vida adulta, é agricultor, rezador e grande conhecedor dos remédios da mata. Apesar de ser aposentado, não deixou de trabalhar na agricultura. É bonito ver o amor que ele tem pelos seus netos (elaborado por Tatiane Silva Sousa).

O senhor acha que tem algo que é importante contar?

Rapaz, tem, porque... Agora mermo tudo tá mais melhor do que antigamente né, porque tudo a gente tá se vendo, pelo menos só a escola... Da educação que num tinha de primeiro e hoje tem direto né... Médico também agora num falta no rii, que aqui dentro do seringal mermo num existia de primeiro, de primeiro num existia negócio de médico, né?! Num tinha de jeito nenhum. Se fosse preciso o cabra morria de precisão, por quê como era que ia pra cidade, né?

Tinha BR?

Num tinha BR não, ia de rodo.

O quê que é “de rodo”?

Ia pelo Juruá, descia aqui no Riozinho e subia no Juruá, ia chegar lá com uns quatro (04) dia de viagem. O camarada ia doente, chegava lá quase morto, já tinha era morrido, né?

Ia de varejão^{2d}, de motor...?

De motor, viajando dia e noite. Saía lá na boca do rio aqui, aí chegava no Juruá subia dia e noite sem barrar, três (03) dias com três (03) noite. Quem ia doente como é que chegava lá? Chegava morto. Se fosse pra morrer mermo morria em viagem, porque BR num tinha e de varejão^{2d} também num podia ir...

Não tinha nem como, né?

Tinha como não.

Mas quando é que começou a surgir o motor aqui no Liberdade? Que as pessoas começaram a ter motor?

Motor começô... Já depois que a seringa terminô, foi que chegou a motozada. De primeiro num tinha motor não, só quem tinha motor era

os patrão, motor pra ele fazer as viagem de carregar... Andar fazendo as viagem dele. Num tinha motor não, era só de varejão^{2d}. Pra fazer uma farinha era no roda. Sabe o que é roda?

Não, sei não. Me explica.

Roda é uma assim... Uma roda assim ó!¹⁸ Uma roda mermo! Feito uma roda assim, furado no mêi um buraco, aí botava um varão no buraco.

E aí ia rodando?

Aí dois, um do lado e outro do outro ó.

Pra quê isso?

Pra puxar mandioca.

“Pra puxar” é pra cevar?

Cevar pra fazer farinha, porque se num tivesse era no ralo... Ó aqui ó! Furava uma lata de óleo e fazia um ralo como fosse pra relar milho, aí fazia. Nós fizemo muito eu mais a mulher; fizemo muito farinha desse jeito ó... Porque num tinha motor, aí ajeitemo uma roda véa de pau, uma sacupemba^{2b}, fizemo um mêi e aí fazia.

E da onde que surgiu a ideia de fazer farinha?

Por causa dos pra trás, que ia fazendo.

Como assim? Não entendi.

Dos véio. É porque os véio que tinha o negócio da roda e essas coisa assim, aí os ôto tinha que fazer a rodinha também pra puxar a farinha, fazer farinha pra comer, porque num tinha o recurso não, ou então colocava de môio... Dentro do garapé, dentro do vaso, aí torrava e fazia só peneirar, nem... Num tinha roda pra puxar, não tinha nada... Fazia farinha

¹⁸ Gesticula com as mãos demonstrando como seria a roda.

d'água, farinha puba.

Farinha puba? Nunca tinha ouvido falar não.

Não? Ah, pro baxo Amazonas é o que tem mais é farinha puba, pra lá o pessoal só usa farinha puba.

Talvez eu tenha até comido e não saiba, né?

Puba, farinha puba que chama, farinha d'água.

Farinha d'água eu já ouvi.

[Chiquinha: *Pois é, porque a mandioca fica puba.*]

Porque você coloca a mandioca de môi e ela fica bem molinha aí...

[Chiquinha: *Aí puxa...*]

Agora como tem motor, tem bola, tem tudo aí coloca lá no cevador, ceva, imprensa e faz a farinha d'água.

Aí depois que ela tá mole e puba faz o quê?

Faz bolo, faz farinha d'água, faz mingau, tudo no mundo... Ah, eu fazia muita farinha d'água assim de primeiro! Mas é porque num tinha com que puxar, motor num ixtia, aí depois que a seringa acabô aí o pessoal começou a comprar o motor, melhorou mais num foi?

Aí o pessoal começou a fazer farinha....

Farinha, comprava motor, né? Repara que motor aí hoje em dia faz é mal, tem casa de ter três (3), quatro (4) motor.

Mas depois que acabou a seringa o patrão continuou aqui dentro, ou não?

Não, depois que acabô-se o negócio da seringa acabô-se patrão.

Eles só foram embora?

Uns foram embora, outros morreram, outros matarram e aí acabô-se.

O senhor teve quantos patrões?

Eu tive... Dois (02) somente.

Como que era a relação com eles, era boa?

Era, era boa.

O senhor produziu muita borracha?

Não, nunca produzi muita borracha não. Não gosto de me exhibir não, a minha borracha que eu fazia era de seiscentos (600) quilo pra baxo.

Mas eles eram tranquilos com o senhor?

Era.

O senhor lembra mais de alguma coisa que o senhor acha importante contar?

Não, de saber muita coisa... Negócio que eu me esqueço né, eu não lembro de tanta coisa assim. Porque desde o tempo que eu comecei a cortar, eu comecei cortar com 10 ano de idade, eu comecei a cortar seringa com 10 ano de idade e eu vim parar de cortar, foi... Eu já era casado.

O senhor tinha quantos anos?

Eu casei com vinte e cinco (25) ano, aí quando a seringa acabô-se eu já tinha família.

O senhor tem quantos anos hoje?

Tenho sessenta e oito (68), sessenta e nove (69) já...

Já fez aniversário?

Não, pra que esse aniversário?

Quando é seu aniversário? Que dia é o aniversário dele?

[Chiquinha: *Dia primeiro de janeiro, no ano novo*]

Aí botaro a minha idade, butaro o dia errado. Era dia primeiro de janeiro, aí colocaro foi no dia... Num sei se foi de junho...

Primeiro de junho? Mas é comum acontecer isso, o pessoal registrar o nome errado da pessoa, data errada do aniversário, né.

Mas, eu nasci no dia primeiro de janeiro.

[Chiquinha: *Ele nem tava com a identidade dele errada*]

Aí foi no tempo daquele negócio de política, aí tinha uma mulher lá que era a dona dessas terras aqui, dona desse seringal. Aí foi se candidatô-se, aí começou a tirar o registro do pessoal, tudo adoidado mermo, aí o pessoal que dava a idade mermo assim dos oito e nem sabia, queria saber fazia... Tirava o registro do pessoal. Sei que fez o registro de muita gente, uns ficava certo, mas otos ficava errado, eu sei que tirou o registro de todo mundo.

Isso foi quando?

Ah, num sei mais nem que época foi isso.

O senhor nasceu aqui no Liberdade?

Foi. Eu nasci no Esperança.

No igarapé Esperança?

Aquele Besta ali em baixo, conhece?

Hunrum...

Dentro do garapé, lá pra dentro do garapé, numa colocação.

O senhor lembra o nome?

Se lembro. O nome da colocação é Massa do Reino... Nasci lá dentro, lá dentro do garapé.

O senhor cortou seringa então dos dez (10) até um pouco depois dos vinte e cinco (25) anos, e agora tá com sessenta e nove (69) ...

Acho que eu cortei seringa uns vinte (20) ano mais ou meno. Eu cortei, eu acho que eu cortei... Porque desde o tempo de menino, negócio de um dez (10) ano mais ou menos já comecei a cortar, rasgar seringa, num cortava bem não, mas eu rasgava mais meu pai, eu num ficava mermo...

O senhor começou indo com seu pai?

Foi.

Mas com dez (10) anos o senhor já cortava sozinho?

Não, andava mais ele, cortava, mas mais ele, que eu num ficava... Toda vida fui assim danado, eu num ficava de jeito nenhum, se ele fosse pra mata, pra todo canto que ele ia eu ia atrás dele, num ficava de jeito nenhum.

Que nem os meninos, que eu vejo os meninos novinho indo pra mata, né?

Hunrum. Nunca fui desses menino véi mole que ficava... Não, nunca fui assim não, toda vida eu fui danado. Pois é... Ai...

O senhor acha que tá melhor hoje em dia ou no tempo da seringa?

Rapaz, hoje em dia tá mais melhor que no tempo da seringa, muitas coisa tá mais melhor. Porque em primeiro lugar a educação, que no tempo de seringa num tinha educação pra ninguém, muitas coisas até melhorô, porque com essas outras coisas tá até mais fácil né, de primeiro num existia essa coisas não, da cidade não. Quem é que via negócio de

fogão assim a gás? Ninguém nem sabia o que era isso, uma freezer, uma geladeira, ninguém sabia o que era isso aí não, até avião num tinha esse tempo.

Avião?

Não, passava avião por aqui não, num tinha! Aí depois... Tu ouviu falar do Irmão José que andou no mundo um tempo?

Sim, já ouvi falar do Irmão José.

Pois sim, ele disse que ia aparecer... Ia debaixo do sol, ia correr uma cinta preta. Debaixo do sol... Que é a BR que foi aberta aí, é debaixo do sol mermo né?! Repara que é a cinta preta debaixo aí do sol direto! Ia aparecer... Ia voar nos ares um gafanhoto, um gafanhoto com gente dentro. Ia correr no chão... Como é meu Deus? Ia correr nessa cinta preta ia correr um... Como é, meu Deus? Nera carro não... Negócio que eu me esqueço do nome! Ia aparecer tudin correndo no seco assim, que é o carro né, que apareceu, aí começô aparecer avião, num existia avião não. E quando eu era menino ainda, apareceu avião quase eu morria na mata.

O senhor tinha medo?

Demais! Deus me livre!

O senhor se escondia na mata...

Até no tempo deu rapaz ó, se eu ouvisse o ronco do avião eu alar-mava mermo na mata, eu arrojava mermo que... Eu tinha medo mermo, num existia...

É, nunca tinha visto, eu também se nunca tivesse visto um troço daquele voando eu também ficaria com medo, né?

Eu tinha medo, eu tinha mermo que... Tá mermo que o causo do menino ali em cima, um causo do cara ali em cima. Apareceu um avião,

o avô da A. Ele morava no Alto Furquia, aqui pra dentro! Lá num andava ninguém, só eles mermo. Ficavam lá dentro jogado mermo, não andava ninguém lá não. Aí... Sair pra ir pra cidade, eles nunca tinha andado! O véi nunca andou na cidade, nunca! Foi criado tudo lá pra dentro mermo. Aí passô... Eu não sei como que foi descoberto, eu sei que saiu... Eu sei que veio um avião, um helicopi, veio o helicópi aí desceu lá. Acho que foi gente que indicô!

Desceu lá?

Desceu lá na casa dele. Levou de tudo, lá deixou de tudo, o rancho¹⁹, deixou de tudo pra ele lá. Quando eles viram esse helicópi que vinha descendo lá, disse que esse véio papocô-se na parede da casa, que derrubô tudo e ganhou a mata! Aí correrô tudo, num ficô ninguém em casa não. Foi verdade mermo, papocaro na mata... “O cão que vem descendo aqui!”, aí desabaram e correrô na mata. Aí o pessoal descero e deram um bucado de coisa pra eles lá, comida, deixaro muita coisa boa.

Aí suspendeu, viero embora. Aí depois que suspendeu foi que sumiu a zoada, aí foro chegando devagarzin, devargarzin... Chegaro, tava um bocado de coisa que eles deixaro, comida, diz que muita coisa que deixaro lá pra eles... Aí diz que o véio nem comer num queria comer, porque tinha sido o cão que tinha deixado lá. Vai saber se não ia matar ele, né? Envenenado. Eu sei que a véia por lá ajeitou e comeram, mas diz que isso foi um arregaço mermo, foi um arregaço mermo! Diz que ele apartou-se na parede assim e desabô pro rumo da mata! Foi tudo, aí desabaram tudo lá pra dentro mermo! Ai de lá pra cá aí começo a viajar, saía... Devagarzin, devargarzin, até que aposentaro ele, aí começô ir pra cidade ó.

E ele tá onde hoje em dia?

De baixo do chão.

¹⁹ Sinônimo de alimento.

Faleceu né, mas ele foi morar na cidade ou continuou morando aqui mesmo?

Morreu morando aqui mermo. Pois sim, mas ele tirava lá do Furquia, da onde ele morava pra balsa no varejão^{2d}, ele baixava e subia no varejão^{2d}, motor eles num tinha também e num faz muito tempo ainda não, num tá com muitos ano não. Ele descia aí mais a mulher e as vez um neto, e tinha um fia que era até muda a menina, eles io pra cidade e no varejão^{2d} direto. Chegava e gostava de dormir na casa da Alcirema que mora aí do ôto lado, ele morreu até aí, não foi?

[Chiquinha: Foi.]

A mão dele chega era inchada de varejar. E hoje em dia quem é que vareja? Até pra atravessar um rio pro ôto lado se num tiver um motor ninguém num vai, né?! Por quê é que as coisas num melhorou mais depois que a seringa acabô, né? Daqui pra atravessar o rio se não for no motor não tem quem atravesse o rii não. Não tem quem vá acolá em baixo no varejão^{2d}, não querem ir de jeito nenhum se num for no motor ninguém num vai não... Depois que a seringa acabô-se melhorou muita coisa, muita coisa melhorou, muito, muito mermo!

E a sua família, seu Caboco, veio da onde?

Daqui mermo.

Seus pais?

É daqui mermo.

Seus avós?

Agora meus avós era do Piauí, era do Ceará, meus avô né.

E suas avós?

Minha avó era daqui mermo uma, a ôta também era.

Então as suas duas avós eram daqui?

Era, só os avós que não era.

Eram do Nordeste?

Era, um do Ceará, ôto do Piauí. Da parte da minha mãe era do Piauí, agora da parte do meu pai era Ceará.

E as suas avós?

A minha bisavó era da mata, que era caboca.

As duas?

Não, só uma. Ela morava na mata que era índia, nera.

Ela foi pega aonde?

Foi pegada com os cachorro.

Mas o senhor sabe em que rio?

Não, num sei não... foi pra banda aí do Môa, aí pra dentro. Só sei que foi aí pra riba do alto... Eu sei que era pra banda do Môa, aí pra dentro, sei que é aí pra cima... O papai falava que era pra banda dali, pra banda do Môa... Mas eu num sei explicar aonde era, só sei que era pra lá, era pra banda de lá.

É sua avó por parte de pai?

Pois sim, era essa mermo. Mas a que foi pega por dente de cachorro era minha bisavó, a mãe da minha vó... A vó do meu pai. Foi pegada por dente de cachorro na mata, na maloca, na mata não, na maloca! Fize-ro fogo, mataro tudin e pegaro as bichinha nova.

E o seu bisavô?

Agora o meu bisavô...

Se juntou com ela?

Não, aí eu num sei não. Meu pai é que contava que depois que pegaro ela, que criaro ela, né, aí lá no barracão, na casa do patrão dele... Eu sei que ela saiu barriguda por lá ninguém sabe quem foi o pai, aí teve minha vó né, num sei da onde foi que vêi não.

Aí sua avó casou com seu avó que veio...

Foi, casou com meu avô que veio do Ceará. Casou com ele. Agora a minha avó por parte da mamãe era daqui mermo.

Do Liberdade?

Sim, aqui do... Da banda de cá mermo. Agora o vêi não, o vêi era do Piauí, era um véiã... Era um véiã daqueles do cabelinho enroladinho.

Era claro?

Era não, era bem moreno. Era do Piauí... Num sei nem pra onde que é o Piauí.

E na sua família tinha algum curandeiro, algum rezador?

E muito! Quais tudo!

E era? O senhor também?

As vez eu ainda bato com os beijo, mas num é muita coisa não.

E o senhor aprendeu a rezar com quem?

Com meu pai.

E o senhor reza pra quê?

Na pras besteira por aí, mas eu tô quietando.

Não, sério, me conte...

É... Tipo um quebrante, um vento caído, uma vermêa...

É mais pras crianças mesmo?

É, mais essas coisinha mais assim mermo.

O quê que é vento caído?

Vento caído é medo que faz à criança. Aí dá um susto numa criança, aí o bichin começa a provocar, fica molezin, cai o vento, fica só dormindo. Criança como essa bichinha aí²⁰, você faz um medo a ela, um susto medonho, a bichinha aí fica logo com o buchín fofo, aí dá logo a disenteria, aí fica ruim, só dormindo, dormindo, aí é vento caído. Você pode ver que a criança tem um calonguin assim, ô²¹, um vergãozin e tendo vento caído num tem não, fica liso, liso, liso.

Quando tá com vento caído fica sem?

É, fica. Chama de vento caído, pra nós aqui.

E aí o quebrante é o que?

O quebrante é você achar uma criança muito bonita, se admirar demais aí...

Quebrou a criança? (RISADAS)

Aí que é o quebrante, escangota!

[Chiquinha: *Aí mata!*]

Como que é?

Escangota a criança. A bichinha fica toda mole, provocando mermo, fica toda um mingau, aí é o quebrante... Aí tem o quebrante pra gordura, tem quebrante da boniteza, da feiura que é perigoso!

20 Faz menção à bisneta de poucos meses de idade.

21 Indica uma região entre a barriga e o peito.

Me explique, que eu não entendi.

Você achar a criança muito feia, você bota um quebrante pra feiura, aí que é o pior.

Entendi.

Você ver uma criança gordinha, gordinha, a bichinha toda gordinha, bonitinha né, aí você se admira muito ali, tem vez que você sai, dá as costas a bichinha vai desmaiando.

Mas a pessoa que se admirou faz por mal?

Não.

Não faz por mal não?

Não, não é porque o camarada queira. Se você tiver com muita vontade de comer, corpo quente, ali pode botar um quebrante em qualquer uma criança.

Como que é?

Se você tiver com muita vontade de comer, as vez tá com o corpo quente, você pega a brincar com uma criança assim, você bota um quebrante sem querer, né. Num é porque o camarada bota um quebrante na criança num é porque queira não.

Corpo quente é o que tá...

É, tá agitado.

[A neta explica: – *Tipo que nem quando a gente joga bola.*]

Mas num é porque o cara queira não, esse negócio de quebrante, essas coisa assim num é não... Porque as vez num dar certo mermo.

Então o senhor reza pra quebrante...

Quebrante, vento caído, vermea.

O quê que é “vermea”?

Vermea você pega um golpe ou uma furada, aí dá aquele vermeão assim em cima, latejando que só no canto, fica vermei, fica quente, fica vermeão assim latejando direto, você num pode derribar nem o pé que fica latejando. É vermea. Você começa a rezar ou então amarra uma fôia assim e vai acabando, as vez quando é muito forte descasca. Eu já peguei uma vermea mermo aqui ó, sem nada, do jeito que eu tô aqui.

Eu cortava seringa, do jeito que eu tô aqui, nada, nada... Aí quando eu sai, vim da estrada, começô a doer mermo assim! Doendo e doendo, doendo, eu já cheguei em casa mermo doendo aqui e aquela roda vermeia aqui ó. Era uma vermea preta, fazia assim. Era uma vermea ... “Muié , o jeito que tem é tu rezar aqui...”

[Chiquinha: *Rezar como, minha irmã, que eu num sabia.*]

É o que?

[Chiquinha: *Ele mandô eu rezar, mas como que eu num sabia. Ele disse, “reza que eu digo”, eu digo, então é tu que tá rezano.*]

Aí ela começô a rezar, com três (03) vez acabô-se. Do jeito que era ficou aquela rodona vermea aqui, a pele arrancou todinha, descasca tudo.

Cai a pele?

Cai.

[O neto diz: – *Quer dizer que era o senhor dizendo e ela rezando?!*]

Eu num aprendi nada muito não, meu pai sabia fazer... Rezar muito, muita coisa, mas eu num aprendia não que o camarada quando é novo assim num quer saber dessas coisa.

E seu pai aprendeu com quem?

Ah, com meu avô, o meu avô sabia.

Com sua avó também?

Não, com meu avô. Ah, meu avô sabia! Ela também sabia, mas meu vô sabia.

[Chiquinha: *Ele sabia... Fazia até o pessoal cair os dente.*]

Como assim?

Foi assim, vou te dizer como era... Foi um tempo, quem contava era meu pai, ele disse que foi ver se era verdade que ele num gostava de mentira não, gostava não, ele num mentia. Ele era curador, aí nessas coisas assim tem muita gente que é assim mêi gaiato, né...

O nome dele era Antônio Marques, o nome do meu avô. Aí diz que: “Eu vou ver se o seu Antôin sabe rezar pra dor de dente mermo”, que ele tinha um gabo que ele era chamado assim, o pessoal com dor de dente mandava chamar e ele curava mermo e dizia que ele arrancava o dente.

Ele mesmo arrancava?

[Chiquinha: *Com reza, ele arrancava.*]

Escuta lá! Aí um dia, diz que o véi tava em casa né, o papai disse que ele tava em casa, aí vinha esse cara se fazendo que tava com dor de dente, as mão no queixo, as mão no queixo, gemendo, cuspia... O camarada quando tá com dor de dente ele é conhecido, você vai cuspir e é só aquela baba assim, ele cuspiu só aquela babinha assim... “Tchuco”. Aí o véi já era mêi experiente né... Aí disse: “Seu Antôin eu vi aqui porque diz que o senhor reza muito bem pra dor de dente, arranca, eu queria arrancar que eu tô com num sei quantos dia que eu não durmo”. E ele: “Rapaz eu num sei rezar não”. “Não, o senhor sabe que eu vejo dizer que o senhor

reza bem, arranca mermo quando o dente que tá doendo”. Ele disse: “É, como você quer que eu reze, então eu vou rezar”.

Diz que ele tinha um punhal desse tamanho! Que esses véi antigo sempre tinha uns punhalzão assim de cabo de metal, aí disse: “Menino, vai ali dentro e peque meu punhal”. Aí quando falou em punhal o cabra já ficou mêi cismado né, aí o menino trouxe o punhal do véi, enferrujado... Aí nesses tempo as casa num era de tauba, tudo de paxiúba^x, de ripa de paxiúba^x ou então a paxiúba^x batida... Aí ele disse: “Sente aí”. Aí ele sentou. Do jeito que tá essas brecha aqui, ele disse: “Sente aqui”. Ele sentou aqui e diz que esse véi pegou o punhal assim e deu mermo na brecha, no meio da brecha assim que encostou no cabo assim, mas na paxiúba^x né, na brecha. Diz que quando esse punhal bateu ainda voou nos braço do véi assim, ó²²! Diz que aí doeu, diz que aí doeu mermo.

[Chiquinha: E ele num tava com dor de dente? Pra não fazer pôco do véi!]

Aí o véi butô... Nos ôto ele colocava assim, ó! Em cima do dente, ele butava o dedo aqui e disse: “Bote em cima do dente que tá doendo”. Aí o camarada pegava o dedo botava em cima do dente, né. Aí ele disse que ele foi e pegou assim, o papai disse que ele pegou mermo assim ó, no cara, pegou e foi rezando, rezando e diz que foi puxando aquele punhal da brecha, rezando, rezando, rezando, rezando, rezando, até que arrancou. Aí quando ele arrancou ele disse assim: “Agora cuspa aqui na minha mão”. Que ele abriu a boca aqui ficou pelado, pelado ó! Diz que caiu tudin, tudin, tudin, aonde o dedo dele pegou assim diz que ficou só a gengiva.

Será que doeu no homem? Ele não chorou não quando viu?

Eu num sei... Aí ele foi e disse assim: “Seu Antôin, eu mandei o senhor arrancar só um o senhor arrancou foi tudin ó”. Aí diz que o véi caiu

22 O homem “com dor de dente” se joga nos braços do avô de Chico Marques.

em cima dele, aí deu uma esculhambação nele bonitinho mermo, ó! Disse: “Você num tava com dor de dente não, rapaz! Você tava me experimentando, você vêi só pra me experimentar se eu sabia rezar mermo pra arrancar o dente, num acontece mais ôta dessa não!”. Diz que ele só foi pegar o camizin e foi-se! Ele arrancava enquanto encostasse, se fizesse pouco dele mermo ele arrancava... Papai disse que ele encheu a mão, quando abriu a boca assim encheu a mão, caiu tudin. Donde o dedo dele pegou assim caiu tudo os dente dele, diz que isso foi verdade mermo.

Minha nossa...

Meu vô rezava! Ele sabia de coisa!

E o senhor reza pra dor de dente também?

Não, eu rezo assim mais num sei fazer nada não... É, as vez tá com uma vermea assim no dente, no queixo, eu rezo... mas o meu avô rezava...

Era o seu avô ou era o seu pai?

Não, o meu avô.

E o senhor aprendeu...?

Meu pai. Com uma rezinha assim, que ele ensinava pra nós. O meu avô sabia de coisa. Pra engasgo, o papai dizia que pra engasgo, só bastava... O camarada tivesse engasgado lá no Bastião Rola, lá! Se ele tivesse aqui, podia gritar.

Pra engasgo?

Com osso na guela, uma espinha, se engolisse e engasgasse, ficasse e aí num saía de jeito nenhum, só bastava chamar pelo nome dele. Bastava chamar pelo nome dele, ó... Já saía tudo. Ele era ruim... Ele era ruim o meu avô. Ele amarrava tudo no mundo!

É o quê?

Ele amarrava tudo no mundo! Se ele quisesse que tu passasse o dia todinho lá no porto acolá, tu passava o dia todinho lá no porto e num saía de lá.

Mas como?

Porque num saía.

Eu num saía?

Saía não! Qualquer pessoa! Qualquer um! Um bicho da mata, uma pessoa, se ele quisesse que passasse o dia lá no porto ele num saía, nem travessa pro lado de lá, nem ficava pro lado de cá, se levantava do canto, rodava mas ficava no mermo canto...

[Chiquinha: *Foi ele Chico que o homem ...*]

Foi meu tii. Diz que ele sabia! O meu pai disse que uma vez eles foro pra uma festa, diz ele que tudo solteiro... Aí foro pra uma festa, aí nesse tempo os véio era dos paletó, era uns palitozão, aí tinha um cara chamado C., parece que era C... Diz que valente que era uma cobra!

Aí num sei o que foi que fizeram, umas horas ele tava lá com uma faca na mão, tava chamando o véi pra brigar com ele, né. “Vai te aquietar!”, parece que era C.. “Vai te aquietar C.! Se eu descer aí em baixo eu te pego.” Como é? “Eu te pego”... Parece que “Eu te pego pelo meio!”, uma coisa assim que o véi disse com ele, né. Aí arrastou a faca que era isso, aí o véi disse: “Rapaz, tu fura um homi mermo?”. Aí disse: “Pode vir!”. Aí disse que ele desceu, aí quando desceu botou o paletó assim e disse que desceu e disse: “Tá aí, pode furar!”. Diz ele que fez só assim, deu um estalo assim, como se fosse uma junta estalada assim, diz ele que ficou com a mão mermo assim²³...

Travou?

23 C. ficou com a mão paralisada para cima.

Travou, disse que os grito, os grito, os grito! Falando tudo no mundo, falando de Deus, de todo pessoal que tava lá que ajudasse que ia quebrar o braço dele. Aí o véi se esfregava nele dizia: “Fura, fura, tu disse que furava um homi, num sei mais o que...”. Aí o véi subiu, diz que o véi gostava de festa, de dançar. Aí o véi foi dançar, dançô, por lá uma parte terminô e ele lá os grito no mêi do terreiro.

Isso no seringal?

Sim, no seringal, aqui pra banda do Môa mermo, aí pra frente, num sei pra onde é não, sei que é pra aí. Aí diz que ele terminô de dançar, aí foi desceu, chegou lá onde ele tava e ele os grito se valendo dele já, ó. Ele chegou lá foi e bateu assim: “Abaixa esse braço, bicho besta, nem brigar tu num sabe brigar!”. Diz que abaixou o braço e caiu no chão, diz que foi. O papai disse que ele fazia qualquer um... Se o camarada fizesse uma coisa com ele mermo, podia aguentar! Ele fazia tudo no mundo ó! Mas eu num sei não ó, eu num vi ele não, quando eu nasci ele já tinha morrido. Agora o papai contava muita coisa dele, muita coisa dele ele contava. Ele fazia muita coisa...

Mas se a sua família era lá da banda do Môa, como é que veio parar aqui?

Porque vem de lá pra cá, vem...

Mas foram seus pais que vieram pra cá, ou seus pais nasceram...?

Não, porque aí eles viero se mudando de um canto pro ôto, de uma colocação pro ôta né, aí muda de rio...

Isso seus pais?

Sim, eles. Aí foi o tempo que meu avô morreu, aí ficô só eles, aí eles começaram...

A se mudar de um lugar pro outro...

Sim, eu sei que esse garapé do Besta aí, meus ti tudim morava aí, os irmão dele, tudin, tudin.

Pra fechar, se o senhor tivesse que mudar alguma coisa, o que o senhor mudaria aqui no Liberdade? O senhor acha que tem alguma coisa que poderia mudar?

Poderia mudar...? Rapaz, eu num sei nem dizer.

O senhor acha que tá bom do jeito que tá?

Eu acho que sim.

A vida tá boa, então?

Tá, tá boa, num tá ruim não... Que de tudo tem, né? De tudo tem um poquin, né, ou pode melhorar, mas melhora alguma coisinha mais pra frente, alguma coisa que já tenha e as vez vai melhorando mais...

O senhor sente saudade de alguma coisa?

Rapaizi, eu sinto....

De que?

A saudade que eu sinto é se eu fosse mais novo, o negócio era mais melhor, né, porque eu num aguento mais mermo.... Ah, se eu voltasse a minha idade nova, eu tenho saudade mermo...

Vocês iam pras festa no seringal?

Pra festa? Ah! Ia e achava era bom mermo.

Vocês dois?²⁴ Vocês dançavam?

E muito!

Dançavam o quê?

²⁴ Tatiane pergunta referindo-se ao casal.

Ah, era tudo no mundo que tocasse...

Era, qual que era as dança? Era valsa, xote...

Era valsa, era xote, era samba, era marcha...

Samba também?

Sim! Ah! E muito... Sabe pisar no chão mermo! Tá véia aí desse jeito mas pega no braço dela pra tu ver! Brinca!

Tá bom então, seu Caboco, obrigada pelas suas informações.



Maria das Graças.

Maria das Graças da Conceição (Graça)

Tem 45 anos e nasceu em Ipixuna, no Amazonas. Após o falecimento da mãe, mudou-se para o Seringal São Pedro, onde conheceu seu primeiro e falecido esposo, Francisco Alves de Souza. Colheu seringa com o pai na infância e hoje em dia é agricultora. Gosta de *mariscar de linha* e com *pirão*. É uma mãe atenciosa e divertida (elaborado por Maria Francisca Conceição de Souza e Tatiane Silva Sousa).

Ô Graça, como era quando você era criança? A senhora lembra?

Lembro não...

Não lembra? A senhora vivia aqui mesmo ou não?

Não.

Vivia em outra comunidade?

Sim.

Como chamava essa outra comunidade?

São Luiz.

Seu pai cortava seringa, Dona Graça?

Cortava... Meu pai cortava seringa...

Você ajudava ele?

Às vez eu ia mais ele pra se atrepar pra tirar as tigela... Colocava uns pau né!? Fazia uns degrauzin.. Eu ia mais ele só pra me atrepar pra tirar as tigela.

A senhora era a mais velha?

Não...

E eu os seus irmãos também ia, quando a senhora não podia ir?

Ia... Nós gostava de ir mais ele, né.

Então, ele não tinha o barracão dele lá, né? O tapiri, que chama né, chamava?

Não.

Ele ia e volta no mesmo dia pra casa né, então?

Cortava e vinha pra casa esperar que escorresse o leite né, pra voltar pra colher!

Você ajudava ele né? Em quê mais você ajudava? Ajudava também sua mãe em casa?

Quando minha mãe morreu eu ainda era pequena...

Ainda era pequena?

Hunrum...

Então, quem cuidava de casa?

Quem cuidava de casa? Meus irmão que era mais véi...

Ela que cuidou de vocês?

Assim... Quando minha mãe morreu nós passemos a morar mais o L., aí quem cuidava de nós era a mulher do L.

Hum...

Nós era tudo pequeno...

Eram quantos?

Nós era três (03) mulher e três (03) homi.

E seu pai não casou de novo? Não teve outra mulher depois que ela faleceu?

Não... Casou mais não.

A senhora morava do Liberdade pra baixo?

Quando minha mãe morreu nós já tava morando aqui... Nã época que chegemo aqui minha mãe morreu... Só que era ainda mais em baixo... Aí passou, passou e meu pai trabalhou pra esse L., né, aí meu pai também morreu depois que chegemo aqui.

O L. era um patrão? Ou ele era só um colega do seu pai de seringa?

Ele vendia as coisas né? E meu pai trabalhava com ele.

E vocês comiam o quê? O que tinha na roça ou vocês compravam as coisas? O que vocês compravam do L.?

Nós comprava assim os alimento mermo, né! Ele vendia muita coisa!

O quê que era na época que vocês comiam?

Lembro o que vendia tanto não!

E quem procurava o rancho¹⁶ pra vocês, Dona Graça? Seu pai tirava um dia era, pra procurar comida?

Era, meu pai também procurava comida.

Às vez quando ia já trazia logo o rancho, nera?

Era...

Ia com a espingardinha, via o veado, aí...

Era... às vez nós já grandinha, né, aí ia mariscar... Ajudava ele a procurar o rancho...

E na mata também pegava então? Caçava e matava?

Matava...

E mudou muito daquela época pra agora?

Mudou mermo... Hoje tudo é mais fácil, né?

Por quê? O quê que é mais fácil?

As coisas é mais fácil, né...

Por que que é mais fácil?

A gente tem mais acesso lá no rio, né, pra pegar o peixe, os que caça vai na mata e mata... A gente quiser trazer da cidade também a gente traz, né, o rancho... Nós tá cansado de trazer rancho da cidade esse mês...

A senhora foi pra cidade com quantos anos, Dona Graça?

A primeira vez...

Quando fui pra cidade já tava mais ele!



Hélio Chagas (Branco) no posto de saúde, onde trabalha atualmente.

Hélio Chagas de Souza (Branco)

Conhecido também como Branco, nasceu abaixo do município de Ipixuna, no Amazonas. Na infância, devido ao falecimento do pai e a convite do tio, foi morar com a mãe na comunidade São José no rio Liberdade. É casado com Cleide Silva de Sousa, com quem tem 5 filhos. Hoje em dia reside na comunidade Guarani. Já cortou seringa, é agricultor e carpinteiro, confecciona móveis para os moradores do Liberdade, além de trabalhar no posto de saúde (elaborado por Tatiane Silva Sousa).

Dentro da história do Liberdade, o que o senhor acha importante contar?

Eu acho uma grande vantagem, porque a história do Liberdade ela foi... Ela era muito... Muito complicada, porque o modo de vida das

peessoas, de trabalho né, que... Eu tenho pouco conhecimento, mas da minha época que eu comecei a me entender já foi trabalho na siringa, os siringuêro... E quando... E aí tinha um pouco de roça e era muito dificultoso, principalmente pra negócio da saúde da gente.

Quando a pessoa adoecia aqui, pra ir buscar uma alternativa pra um... Um tratamento era muito difícil, muito difícil mermo, por isso morria muitas pessoa, muita gente assim quase que amigo, né, porque não existia recurso, não existia socorro pra gente, né. E... Pra data que nós tamo hoje eu sei que nós conseguimos uma grande conquista aqui. Lembro que foi construída essa BR aí, né, e ela passou muito tempo ainda muito complicada pra gente sair daqui pra ir por ela pra cidade. Você levava uma pessoa doente, por exemplo, de hepatite, segundo os médicos chegava lá quase não tinha mais jeito, por causa da demora e o sofrimento da pessoa em casa.

Levava pra onde?

Pra Cruzeiro do Sul.

Daqui do Liberdade. Já existia BR?

Na época quando começou a melhorar, né. Porque na época era o sétimo BEC (Batalhão de Engenharia de Construção) que trabalhava, aí eles fazio aquela limpeza no verão. De inverno ninguém conseguia ir por ela, a num ser de barco pelo rio, mas demorava muito, de quatro (04) a cinco (05) dia pra você chegar na cidade. E por a estrada, quando no inverno não tinha tráfego, então é... Aí foi vindo, o BEC passou muito tempo trabalhando nessa BR. Aí então começou. Foi o governo, ele beneficiou muita gente... E aí ele pegou, foi governo do estado, aí ele começou a botar asfalto nessa estrada. A população vivia aqui isolada, sofrendo, quase que morrendo a mingua porque era muito difícil.

Mas aí ele ainda chegou bem perto do Liberdade. Aí a coisa mu-

dou cem por cento... Só que foi muito devagar. Hoje, hoje nós tamo, pode se dizer que nós tamo no centro de Cruzeiro do Sul. Como a senhora tá vendo, a gente sai daqui, chega lá na hora do almoço. Sai de lá, toma o café lá, vem almoçar em casa, né, mermo essa distância grande, mas com essa BR aí e uma ajuda que o Governo Federal deu, depois foi criada a reserva, aí melhorou outro tanto, né. E aí, a vista do que nós vivia antes nós tamo... É uma bença que Deus mandou pra gente.

E aí, quando a gente trabalhô na siringa tinha uma dificuldade muito grande porque dificilmente o seringueiro pagava a conta, porque na época que foi aberto a siringa pra cá o... Tinha um pessoal em Manaus que foi quem arrendô^d essa parte, esse... Esse Juruá, né, Liberdade... Aí daqui os siringuêro fazia sua borracha e o patrão tinha consciência de levar pra Manaus, lá pra liquidar, a gente recebia as conta corrente de lá, que eles... O que você fizesse aqui, você recibia. Aí foi... Uma melhora assim, porque se você ia pagando o que devia.

Então, depois, aí traduzindo... Os objeto era vendido através do quilo de borracha. Uma (01) lata de leite você chegava é... Fabricar quais dez (10) quilo de borracha pra pagar uma (01) lata de leite, num era como antigamente. Aí foi dificultando, dificultando a vida do siringuêro, ninguém pagava conta, então ia sobrevivendo da onde? De acordo com a situação da gente mermo, e... Então, e aí era um sacrifício muito grande, porque quando o cara liquidava a borracha lá, mas ele trazia o seu saldo, ele trazia o valor que você ficava devendo. Por exemplo, se você tirava saldo, a gente recibia porque eles trazia contadin, conta corrente, tudo que você... Aí quando foi na época de trocar o objeto pelo quilo de borracha aí foi diferente, você não sabia o quê que fazia, você não sabia em que trabalhar.

Quando foi que aconteceu isso?

Minha fia, eu tenho pouco conhecimento mas foi... Peraí, deixa

eu ver... Foi de oitenta (80) pra cá. Em oitenta e dois (82) eu cheguei no Guarani e era dessa forma. Bom, aí a situação era essa, a gente vivia aqui isoladamente, muitas pessoa aqui fôru conhecer Cruzeiro do Sul já agora, depois do asfalto nessa BR. Nascia aqui, se casava, se batizava aqui mermo por causa da dificuldade, né. Aí depois que criaro a BR que asfaltaram, aí não, mudou completamente.

E aí a gente vivia aqui, nós num tinha é... Trabalho em propriedade particular, que nos seringal os dono né, eles... Num tinha como a gente receber benefício do governo, qualquer governo, seja de presidente da república, seja do estado, municipal. Municipal era aquela ajudinha de assim mermo uma vez... Uma viagem aqui pra atender uma saúde. Era o básico, e aí o pessoal optaro pra criar uma unidade de conservação, justamente era a reserva extrativista, né. E a sorte que nós tivemos que a reserva extrativista ela... A gente produz e extrai, né. Aí então melhorou, só que aí então a gente fica à mercê de... Povo lá, né. Dependendo muito de recurso pra vir, porque aqui num pode... Aqui, aí depois que caiu a borracha, aí vamos à farinha, né. A farinha cum... A senhora sabe, num sei se a senhora já tinha visto alguém por aí, é... Dá pa gente ir levando, mas não que dê pra algum... Muita coisa.

Quando criô essa unidade, aí... Criô o crédito habitação, né, através do INCRA. Aí binificiou muita gente aqui com uma casa, uma moradia. Aí foi, cada vez foi melhorando mais um pôco; aí criaro as associação, que é uma coisa que tem que procura recurso pros morador, né. E é isso o que eu tenho contado, a história do Liberdade é essa. Que a vista do que nós vivia lá pa trás, hoje é uma bença que Deus deu pa gente. A gente viver em uma unidade de conservação e sendo assistida, né, não por uma maioria, mas eu acredito que, é... Principalmente na educação. A educação que era... Num existia educação. Hoje você tem um... Nasce um filho com cinco (05), seis (06) ano ele já na sala de aula, né, e... Vai estudando. Enquanto eu, no meu caso eu nasci e num tive a oportunidade de estudar;

por isso que eu... O pessoal me considera analfabeto por isso, que eu não tenho uma escolaridade, que eu num tive oportunidade de alcançar esse tempo, né. Existia mais era muito difícil, você sair daqui pra ir pra cidade estudar era muito difícil, muito difícil e ninguém ia, né, ninguém podia ir, por causa do custo de vida lá. E é isso, dona... eu tenho minha cabeça muito assim embaraçada.

Seu Branco, como foi sua juventude?

A minha juventude foi muito complicada porque eu... Eu fiquei sem pai. Eu tinha... Eu acho que uns cinco (05) ou seis (06) ano de idade, e aí nós morava no Juruá, aí meu tii foi buscar minha mãe pra... Buscar nós né, pra morar perto dele, e aí a gente passô muita dificuldade. Era, eu morava lá no rio Juruá. Aí meu tii morava aqui dentro, aqui no Liberdade, no São José e foi... soube, né, aí foi buscar minha mãe, nós pra perto dele.

São José é aí abaixo da ponte?²⁵ Abaixo do Cavanhaque²⁶ ainda?

Passa do São João, passa o Cavanhaque, o Extrema ... Santa Rita, passa São João aí...

O senhor morava em Ipixuna?²⁷

Não, eu passei uns dia lá, eu nasci abaixo de Ipixuna. Aí eu via a minha mãe trabalhando pa sustentar nós, né, e a gente piqueno, só tinha um irmão, meu irmão mais velho que era maiorzinho. A gente ia pa estrada mais meu tii, daí tirasse a tijela da madeira pa dá pra ele pa... E aí quando a gente chegava, aí é... Minha mãe já tava na roça, capinano, brocano um mato pra prantar mandioca pa sustentar nós.

25 Ponte sobre o rio Liberdade na BR-364, localizada na Vila Maurício Mappes. Dista pouco mais de 80 quilômetros da cidade de Cruzeiro do Sul, Acre.

26 Comunidade que dista, a jusante, cerca de 15 minutos de canoa com motor de popa da Vila Maurício Mappes.

27 A foz do rio Liberdade está localizada no município de Ipixuna, no Estado do Amazonas.

E aí foi uma dificuldade muito grande e é aquilo, a gente... Quando eu cheguei, acho, dez (10) ano de idade eu já tive que ganhar a mata cortando seringa pra sustentar, né, ajudar a minha mãe. E aí lá vem o problema de doença em mim, eu num sei por quê eu escapei, graças a Deus! Eu fui muito doente, e aí é aquele negócio que eu tava falando, num tinha recurso aqui pra você. Era aquilo, o patrão quando vinha trazia uma pilula, a pessoa comprava uma coisa e ôta, mas a dificuldade era muito grande, eu passei muita... Nós passemos muita dificuldade na vida.

Então o senhor nasceu abaixo de Ipixuna e veio pra cá com quantos anos? Seu tio morava no São José, né, que o senhor falou, e chamou sua mãe porque seu pai tinha falecido.

Foi, porque meu pai faleceu, aí ele chamou nós, ela pra vir pra ir que era... Eles... Só existia ela, ele e ela, não... Era três (03) irmão, aí a ôta morava pro alto Juruá, mas quando nós chegemos aqui eles vieram também morar perto de nós.

A sua mãe era daqui mesmo?

Não era de lá também, a minha mãe.

De onde?

Lá do Juruá.

E seus avós eram de onde?

A minha vó era do Ceará, cearense. A minha vó eu ainda conheci ela, o meu avô eu num cheguei ver não.

Então a sua avó era cearense. E veio pra cá, por quê?

É... Naquela época, eu acho que... Eu acredito que foi na guerra de quarenta e dois (42), né, que veio muitos cearense pra cá, que chamavam “arigó”^b, né, pra seringa, pra cortar seringa, que era pra manter o país,

era... Levar recurso pra fomentar o país lá na tal guerra, né. Ainda bem, parece que aí a guerra parô, num... Foi muita gente daqui, mas eles viero do Ceará justamente pra isso... Muito, vários, hoje tem pôco. Esse Nem Soares é um que veio de lá na época pra cortar seringa; então eu acho que meu avô veio nessa época também mais a minha vó.

Aí eles foram pro Alto Juruá e de lá...

Eles ficaro aqui nessa parte do Amazonas, né, que esse pessoal... Os patrão io buscar esse pessoal lá pra trazer pa cortar seringa, aí eles io dexano nos igarapé, nos rio, né, lá pro baxo. De Manaus pra cá eles io espalhando esse pessoal, era muita gente. Entrou uns pro Alto Juruá, ôtos aqui pro Liberdade, entrou muitos aqui pro Liberdade. Hoje aqui, me parece que dessa época, se eu num tô enganado, só existe o Nem Soares.

E como que as pessoas se organizavam aqui nas comunidades...? Aqui no Liberdade?

É... A organização é... Era assim, familiar mermo, vizinho mermo, num existia essas organização que existe hoje através de associação, de sindicato, essas coisa, né.

Tinham essas comunidades grandes na beira do rio ou não?

Não. Isso virô comunidade depois que acabô a seringa e foi criado as associação, as unidade de conservação e antes era seringal. Cada seringal tinha aquela quantidade de morador, né. No caso que aqui, eu num intendo como é que é aqui, se é São Pedro, porque São Pedro é ali em cima e pega o nome de Piriquito. Por exemplo: São Pedro, aí morava um bucado de siringuêro; lá no Forquia, ôto; Guarani, oto; Esperança, e assim por diante...

Tudo isso que o senhor tá falando são os seringais, né?

São os seringais.

Aqui, pelo o que o seu Albecir me disse, o São Pedro é União, Jurupari²⁸ e o Periquito, que acabou se originando três comunidades.

Isso.

As moradias então... O pessoal estava organizado... Como que era as moradias das pessoas?

A moradia era aquelas casinha cuberta de paia mermo, madêra roliça lá da mata, paxiúba^x... E assim, uns cobrio até com paia de carnaubinha²⁹ e a maioria era com jací. Jaci e paxiúba^x, tauba num existia. Num tinha como tirar uma tauba pa... Aí alguns que já tinha muito tempo... Os patrão, né, eles fazio os barração e mandava serrar na serra manual e construía a casinha de madêra, que nem a gente tem hoje, né, madêra serrada. Mas os siriguêro era casinha de paxiúba²⁹, as vez até aberta, não tinha como fechar, né, só assoalhava e assim vivio.

E essas pessoas viviam da seringa, né?

Da seringa...

Como que era a produção da seringa?

A produção da seringa, a gente, é... Rendava várias estrada, os seringueiro rendava o aparelho de estrada, limpava, roçava e chamava roçava, rapava aquele pedacin assim que justamente era pa trabalhar o mês. Chegava no oto mês já ia rapar de novo que era pa... Aí a pessoa ia cortar, aí saía de manhã, as vez de madrugada. Eu cortei muito de madrugada, arriscar a vida, né, pa poder sobreviver cum a família. Aí... Saía cortano, chegava num fecho, demorava um poquin, aí já ia colhendo o leite, aí trazia, butava num balde, butava num saco, trazia pra casa, chegava e ia difumar aquela borracha.

28 Igarapé que deságua no rio Liberdade, localizado acima da comunidade Periquit

29 Jaci (*Attalea maripa*) e Paxiúba (*Dictyocaryum ptarianum*) são palmeiras que foram muito utilizadas para construção de casas.

As vez fazia uma borracha de quarenta (40) quilo, cinquenta (50) quilo, e assim aquela borracha já era pa pagar o que tinha comprado cum o patrão e no final... Uns que morava na bêra do rii fazia quinzena, levava, entregava po patrão, aí comprava mais alguma coisa po ôto mês e quem morava no centro só tirava no final do ano. E quando dava água aí eles trazio e tirava a borracha e entregava po patrão no barracão e aqui mermo o patrão liquidava, nessa época que eu alcancei. Nessa época que eles levava pra Manaus era... Hoje eu conto porque foi história assim, né, que eu ouvi contar. Aí na minha época era assim, entregava pro patrão liquidava lá mermo e...

O Senhor começou a cortar com dez (10) anos, né. O senhor tá com quantos anos agora?

Dez (10) ano de idade. Tô com sessenta e oito (68).

Arrendar era como se fosse alugar a estrada, né, tinha que pagar?

Isso, a gente pagava uma renda po patrão. No caso era sessenta e seis (66) quilo de borracha, porque cada aparelho de estrada... Cada estrada eles cobrava trinta e três (33) quilo de renda pra eles, a gente tinha que dá pra eles. A gente cortava pa sustentar eles, aguentar eles na coisa e ainda tinha que pagar porque, no caso, hoje que a gente pensa essas estrada que a gente pagava renda era da gente, mas na conduta deles não. A estrada era deles, eles arrendava pra nós e nós ainda tinha que pagar essa renda pra eles, dá de graça né, pra eles.

E tinha diferença de borracha, ou era tudo só uma qualidade?

No começo da minha... Quando eu comecei num tinha diferença de borracha. É diferente assim, tinha a borracha difumada e tinha o sernambi cualhado e tinha o sernambi que a gente ajuntava do toco da madêra. Quando a gente tirava a tigela ficava escorrendo, né, e quando dava fê um dia criava uma sapata, que a gente chamava sapata, debaixo

da tigela, né, quando você tirava a tigela ficava pingando.

E aí a gente ia, quando ia rapar culhia todo aquele sernambi, bu-tava de môi e cuns dia batia ele todin, tirava toda aquela impureza aí fazia o sernambi, justamente era o sernambi, uns fazia de... Coisava numa lata e enfeitava cum leite cualhado, um leitin pa grudar, né, e otos enrolava na capa da bacia aqueles bolãozin^f assim e aí a gente vendia po patrão, mas cum sernambi. Tinha a borracha difumada, o leite cualhado e o sernambi.

Qual que era o leite coalhado?

Leite cualhado era aquele que a gente cualhava no... Por exem-plo, a gente trazia no balde ou no saco e chegava aquele leite com uma parte cualhada e ôtos...

Que endureceu, né?

Endurecia aquele leite, muitos... Aí no começo ninguém pegava na borracha, na minha época, né, e já foi do mêi po fim aí eles pegavo na borracha, mas aí quando... Porque quando os patrão levava lá pra fora que trazia eles, trazio certo, a borracha fina e o sernambi. O sernambi cualhado, agora o ôto sernambi que era da sapata já era sernambi mer-mo, aí tinha aquela diferença.

E aí eles pagavam mais pela borracha?

Pela borracha, pelo sernambi era meno.

O senhor acha assim, que no contexto geral, era bom ou era ruim na época da borracha?

Eu... Eu acredito, eu pra mim não era bom, porque depois que... Porque ninguém pissuia nada, tudo que a gente fazia era só pa alimen-tação, pra convivência de vida, né. A gente... Dificilmente o siringuêro, era preciso ele ser muito bom e o patrão ser muito honesto com você... Pra pessoa ter um motorzinho em casa, ou um motor pa puxar mandioca,

mas era muito difícil, só quem tinha esse tipo de coisa era os patrão e era motor pequeno. E hoje a gente... Hoje todo mundo, eu acho, que pra mim a gente veve bem de vida, porque a gente sobrevive numa média mais ou meno, a vista do que nós vivia antes, eu acho que a melhora foi quase o dobro.

E nessa época existiam escolas no Liberdade?

Não, é... Por exemplo, as vez tinha aquelas pessoa que sabia, né, as vez alguns patrão pegava aquela pessoa e as vez até que contratava e a gente pagava um ordenadozin pa ensinar pa meninada, né...

Pra ensinar as crianças?

As criança, mas não em escola, era assim numa casa, uma coisa assim. Na minha época quando eu comecei a... Quando vêi escola pra cá eu já era quase velho já.

O senhor lembra quando começou a surgir escolas aqui no Liberdade?

Minha fia, eu que construí a primeira escola que vêi do Estado aqui pa esse Liberdade, foi eu que construí.

Foi onde?

Lá no Esperança, vêi duas escola, aí vêi pelo município, pela prefeitura. Aí nós fizemo um projeto aí, o P., meu cunhado, um projeto e conseguiu essa escola pelo município. Aí quando eu terminei de fazer que entreguei pra ele aí começô a funcionar, aí o município passô po estado, aí vêi duas escola, a ôta que vêi num foi feita, por causa de... A pessoa que as vez recebe as coisas né, porque naquela época o patrão era o representante da comunidade e conseguia aquilo e as vez num tinha uma boa...

Então na época ainda tinha a produção da borracha aqui dentro?

Tinha a produção da borracha e o patrão.

O senhor lembra qual foi a época assim, oitenta (80), setenta (70)...?

Foi... Me parece que foi no final de setenta (70) por aí assim, foi no final de setenta (70), foi quando fizeram essa escola. Aí nós tinha um rapaz que trabalhava com nós, chamava Z. B., e ele tinha estudado cuns padre, um cara sabido que era uma coisa medonha! Aí vêi pra ir pro sirin-gal trabalhar cum nós, aí o P. vai e contrata ele, eu sei que ele ficou por aí, quando deu fé ele arranhou um contrato lá pela cidade.

E a saúde? Existia médico, posto de saúde?

Num existia médico, só lá na cidade, era muito difícil. Quando nós trabalhava ali na Besta, justamente com essa escola, aí meu cunhado era patrão lá da Besta. Ele tinha uma propriedade lá, um seringalzin, né. Aí o que é que ele fazia? Ele ia lá na cidade, contratava médico, o dotor C. e os irmão dele e ôtos médico e chamava. Avisava a friguísia dele e muita gente aqui do rii: “Tal dia o médico tá lá na Esperança consultano”.

Foi esse o começo da história. O cumpade... Nós fizemo um abaixo assinado porque cuns oto num vinha médico, porque também eles num procuravo, né. Aí o cumpade pediu pra mim fazer um abaixo assinado, aí eu fui e fiz um abaixo assinado até mais o próprio Z. B. Aí mandou uma equipe lá po Limão, era o sirin-gal que eles usava. Aí foi muito remédio, era cesta básica, era leite, tudo eles trouxeram pa distribuir pa população que era muito carente, né.

Tinha médico não, minha irmã. Na época da seringa o médico era os patrão, né, falando assim, né, porque sempre os patrão eles tinha... Aqueles que tinha cuidado com seus friguísia, né, tinha deles que tinha, mas tinha deles que tinha sempre um cuidado de cuidar também dos sirin-guero deles, da friguísia, né. Eles compravo medicamento lá e

hoje, segundo o Ministério da Saúde, num é muito viável a pessoa ter medicamento assim, num sei porquê, porque a gente na época da siringa como eu tô falano, nós tinha um... Tinha duas farmácia lá em Cruzeiro que abastecia nós no seringal aí com medicamento, a gente comprava, trazia e ali saía curano.

A gente... Tinha umas pessoa experiente né, com medicamento conhecido, a pessoa conhecia pra que servia e lá na cidade, eles além de vender o medicamento, eles orientavo muito a pessoa, como é que servia, pra que servia o medicamento, né. E aquilo ali a gente se baseava em cima daquilo e médico só na cidade mermo, pra cá pro seringal num existia médico, num existia enfermêro, num existia agente de saúde, que hoje tem, né, esse pessoal aí trabalhando, antigamente num tinha.

Aí os patrão se encarregava de cuidar da friguísia assim... E por exemplo, se fosse um caso de doença que fosse preciso ir pra cidade, muitos patrão levava o freguês pa tratar lá na cidade com o médico, chegava até pagar as vez hospital. Ali naquela maternidade antigamente tinha a área de atender a população, e tinha ôtos que era pago, uns apartamento pago, só por uma visita po médico ir lá, cada vez que o médico ia pagava, né. Eu mermo me hospitalizei lá, passei três (03) dia mas era pagando. Esse era o tratamento, era mais... E aí... Como os patrão tinha deles que precisava de ter os seu siringuero bom que era pa trabalhar na borracha e aí fazia esses tipo de coisa.

E ele cobrava, ele pagava...?

O patrão?

É.

Não. Quer dizer, lá onde nós trabalhava a gente pagava assim o remédio, né, agora o que a gente fazia não, não pagava.

Não, eu falo assim... Se pagava, porque ele levou pra cidade, né,

pagou hospitalização, pagou o médico. Esse dinheiro o seringueiro tinha que pagar pra ele depois?

Tinha que pagar.

Ia pra conta?

Ia pa conta, né, todo tratamento que fazia lá; quando era pago né, tinha deles que num precisava pagar. Mas... E aí cum isso a gente ia levano, no meu caso eu tenho aprendido fazer muita coisa assim na prática sobre, por exemplo, negócio de costurar golpe e sarjar tumor, porque... Aí quando foi melhorando a coisa, depois da saída dessa BR aí, como eu falei pra senhora. Comecei... Que eu ainda deixei umas coisa lá pa trás, mas eu acho que os ôto fala.

Aí, ali no nosso seringal sempre, sempre, as vez de dois (02) em dois (02) mês, as vez até de mês a gente trazia médico pra li, porque tinha muito remédio, aí o médico vinha consultar as pessoa, só que aí o patrão era... O remédio era vendido né, só que num era muito... Aí tinha toda qualidade de remédio e o tratamento era feito ali, quando num precisava ir pa cidade né. E aí, daí pra cá, aí começou os governo, o pessoal que... Aí fôro vendo esse lado do interior também, tinha uma família de político aí que ele trabalha muito na zona rural né, aí foi abrino caminho assim, condições pra que um médico uma vez... Criô um programa que chama uma... Equipe fluvial que é saúde, aí entrava aqui dento desse rii, de dois (02) em dois (02) mês, as vez passava mais...

Isso quando? Quando foi criado esse programa?

Isso... rapaz, eu num decoro bem, mas começô em dois mil e dez (2010) pra cá.

Ah, depois que já era reserva né?

Depois que já era reserva. Aí, eu acho que em dois mil e dez

(2010) *por aí assim, aí tem hoje esse programa aí, tanto pro Juruá como pra cá né... Aí criô essas duas unidade de saúde, uma ali na ponte e essa aqui. Por isso que eu digo, hoje tem uma facilidade muito grande sobre esse ponto, porque existe, uma hora ou não você tá vindo um médico aqui dentro. Tem esses agente de saúde, só que eles num passo remédio nem nada, é só pa fazer o acompanhamento das família na cidade, na unidade; mas é um serviço, uma coisa muito importante, porque o agente de saúde na cidade é muito... Ele cuida mermo, aqui não, aqui é mais sério; uma hora a gente leva um relatório de uma família pra lá com um problema e é mais fácil.*

E aí agora começô esse... Começô duns dois (02) ano pra cá pa diante, uns três (03) ano, começô da sequência ao trabalho de saúde aqui dentro; então, tem esse médico, tem a fluvial e agora tá vindo dôtor, agora já é pa terceira vez que ela vem fazendo atendimento de quinze (15) em (15) dia nesse posto de saúde aqui né, e a fluvial faz nas comunidade e ela faz nesse posto de quinze (15) em (15) dia. Segundo a programação, ninguém sabe se vai ter alguma decadência, que as vez pode faltar remédio ou transferir ela pa ôta área, também num sei; mas a vista do que no vivemos aqui dentro com esse posto de saúde tá mais ou meno.

Antigamente o senhor disse que não tinha médico; tinha muito remédio natural, curandeiro, essas coisas?

Isso, aí tinha aquele pessoal curandeiro como asenhora chama né, que rezava, rezador; e as vez ajudava, pelo meno essa parte de criança, aí você as vez levava um corte e num tinha um... Aí dava uma tal vermea que o pessoal chama né, eu num sei o nome científico, as vez aquilo ficava e inchava, ficava bem vermeio e a pessoa sofria, as vez tinha febre e era aquele negócio. “Ah, é vermea, vamos...”, aí o benzedor ia lá e até que dava certo né, aí era nessa situação que a gente conduzia as coisas.

E tinha remédio natural, muito chá?

A gente usava muito chá, usava compressa, era essas coisa assim. A pessoa tava com uma dor no... A minha mãe chamava dor de cólica, aí butava uma compressa morna dependendo assim...

Compressa morna é de que?

A gente usava mermo um pano quente quando não tinha aquelas bolsa de compressa que era de borracha, né. Existia, só que as vez tinha gente que num tinha, aquilo mais quem tinha era os curador, as vez tinha deles que tinha, aí botava aquela água morna ali em cima e aí resolvia, era no caso da parteira também, a parteira usava muito essas coisa natural assim pa trabalhar.

Tinha muita parteira aqui no rio?

Minha irmã tinha, só não era assim legalmente documentada né, mas muitas pessoas que pegava neném.

Ainda tem?

Agora tem, mas só que é difícil, que trabalho desde o começo da gravidez até a hora de ganhar, tudo é pa cidade né, que tem aqueles procedimento, justamente pra esses beneficio né, social, no caso bolsa família, essas coisa tem que ter todo aquele acompanhamento da saúde, ministério da saúde, se não a pessoa num entra no regulamento pa ganhar os benefícios, mas se trocar de sorte ainda tem algumas por aí, só que mais difícil.

Aqui no Periquito eu conheço só uma, a Dona G., né.

A G., isso. Ali também tinha uma, agora foi embora, a D. A D. ainda teve um processo de treinamento, só que de capacitação, só que aí não dão continuidade aí pronto, mas ela também pega neném muito bem, conhece né, porque tem a pessoa que conhece.

E a igreja, como que ela esteve presente no Liberdade durante

esses anos desde que o senhor veio pra cá?

A igreja, falando em igreja tem... Hoje o pessoal tão usando mais a igreja evangélica, a igreja católica que eu fui nascido e crescido convivendo com a igreja católica, esse negócio de igreja evangélica que o pessoal chamo crente né, era mais muito difícil. Aí foi vindo uns padre lá de fora, vinha padre da Alemanha, vinha padre num sei da onde, aí...

E falava português?

Falavo, tinha deles que a gente intendia bem mermo, tinha uns que falavo mêi ruim, mas porque pra eles ir eles tinha que estudar, chegava aqui tinha deles que falava mêi embaraçado, mas a gente intendia bem. Aí foi surgino o... Que na queda da borracha aí fracassou muita, muita coisa. Porque aí o padre ele vinha fazer o serviço dele, só que segundo eles, eles precisava de ganhar um poquin pra poder manter o... É no caso dos batizado, o casamento, era pago; a gente pagava, com aquilo segundo eles, era que eles fazia a manutenção da viagem, comprava combustível, aquelas coisas...

E aí na queda da borracha, aí a coisa foi fracassando e os padre ficaro mais acomodado. Aí hoje você nem vê mais padre aqui dentro, porque quando era na época da borracha, que subia, que era época de padre, esse rii aqui ficava lotado de regatão^{2a}, as vez de trinta (30) regatão saía acompanhando o padre aqui nesse rii, só que nesse tempo tinha água, hoje num tem mais, tá só a pausada e a pedra, né.

Então teve uma mudança no curso do rio também ao longo desse tempo?

Muito grande, muito grande, agora como a senhora tá veno ascanoinha que... De primêro até nessa época³⁰ ainda andava canoa gran-

30 A entrevista foi realizada durante o período de verão Amazônico, compreendido entre maio e setembro. Época da seca, em que o índice de chuvas cai e, conseqüentemente, o nível dos rios.

de que nem essas que baxa aí com farinha, só que era muito mais fácil, tinha muito mais água, hoje tá muito mais difícil porque o cara baxa daqui pa ponte e é quase o dia todo, e é em cima do pau, é da pedra, da arêa e a água acabou quase completamente, assim pra viagem, né.

Então na época que os padres vinham pra cá, nessa época que tá seco, regatão^{2a} vinha em balieira?

Vinha em baliêra grande, só que era no inverno, num era essa época que nós tamo. Era a partir de novembro, dezembro por aí assim que vinha, aí tem água no rii, né, mas hoje até nessa época pra baliêra grande vir é difícil, porque tem época que a água baxa de uma vez, mas vinha todo esse pessoal e todos ele fazia alguma coisa com seu dinheiro, comprava a sua borracha, e eu sei que... Aí bom... Aí o padre foi fracassando, aí foi criando essas igreja evangélica que chamo, tem uma aí, tem ôta aqui.

Ainda vão inaugurar outra, né?

Vão inaugurar ôta... Aí os padre fôro afastando né, porque eles chegavo nas comunidade que nem era previsto e nem eles era acostumado fazer, aí ia bem pôquinha gente e eles acharo que não tava dando muito... Aí fôro... Aí acabô-se, hoje num existe mais padre aqui dentro, aí o trabalho é só essas igreja mesmo evangélica que chamo, a igreja dos crente, né. Eu num sei qual é a diferença de igreja, porque parece que varia de religião, eu num me entendo bem, porque na minha ideia existe só um salvador que olha por nós, mas aí tem muitas diferença aí e eu num entendo muito bem a coisa.

Como que se deu esse processo de transição da borracha pra farinha? Pra parar de vender borracha e começar a vender farinha?

Minha irmã , é porque quando era a borracha, a solução era a borracha, a farinha era só pa alimentação, num existia venda de farinha. Algum patrão que as vez colocava alguns siringuêro, aí precisava de uma

farinha as vez tinha algum siringuêro ali que tinha uma quantidade de roça maior aí fazia um... E aí num existia essa... O recurso aqui dentro era completamente da borracha, algum que vendia uma saca de arroz, uma saca de milho; muito difícil, e aí a borracha foi fracassando e fracassando até que acabô de vez por toda, porque quando essa borracha dexô de ser beneficiada lá em Manaus aí muitos patrão financiava o banco, pegava o dinheiro no banco pa comprar mercadoria, justamente pra pagar com essa borracha.

Só que aí veio uma fábrica de borracha aí pa Cruzeiro do Sul, aí a borracha era toda beneficiada daí, era usada pa mandar já... A empresa que comprava, né. O pobre do siringuêro vendia pro patrão, o regatão^{2ª}; o regatão ganhava pra lá, ganhava mais um pôco e os siringuêro sempre ganhavo menos né, que nem hoje a farinha. Aí uma época, a usina começo a falir porque aí o que é que fazia os patrão e os siringuêro? Pegavo e butavo muita impureza na borracha e chegava lá, quando era pra ir, uma parte muitos comprava e embarcava lá, uma empresa lá em Manaus que limpava, porque aí se tivesse por lá era delas.

E quando era aqui não, aí separavam, tinha gente que enrolava rolo de patoá^v, tirava, furava um buraco e já fazia uma borracha e difumava em cima... Era interessante. Olho de paiera^t, ôtos era cipó ambê^j, tinha todo um processo. E o patrão: “Faz borracha, faz borracha que é pra...”. Butavo barro, pegava aquelas sapata que nem eu falei daquele dia lá da mata, nem lavavo, chegavo, melavo no leite, pregavo em cima da borracha, quando chegava lá que ia rola a borracha aparecia muito pôco borracha, o resto tudo era impureza. E aí com isso a borracha foi perdendo o valor, perdendo o valor até que acabô, acabô completamente.

Hoje, quando foi criada a reserva cadastraram umas pessoa por aí, uns siringuêro, só que eles tavo, coitado, nós os antigo que acreditavo e foi nascido da borracha, vamo se dizer, aí já num aguentavo mais né,

no meu caso e ôtos... Porque se aguentasse eu ia cortar seringa, mas se tivesse estrada boa né... Aí essa geração nova aí num tinha experiência, num tem nem ideia como que era o negócio, aí acabou...

Aí vamo pra mandioca, porque quando a mandioca foi... A farinha foi... Porque a borracha acabô completamente, aqui num tem uma pessoa mais que corte um pé de seringa, mais nada, só na farinha. Porque aí eles tem uma visão muito pôca, porque se fizesse um poquinho de farinha, um pôco de arroz, um pôco de feijão... Tem o açúcar gramixó que é uma coisa que... Eu já lutei com meu menino mas ele num... Porque o gramixó hoje, à vista da farinha, meu Deus do céu, é um ouro, um garimpo! Só que nem tem deles aqui, pouca gente que faz gramixó aqui, é o N. ali no garapé, um rapaz ali abaixo da ponte e parece que só, lá prá baixo tem algum que faz.

Mas que nem eu tô dizendo, se misturasse de cada um um poquin aí dava... Porque tem uns que é mais valorizado, no caso do açúcar gramixó, né. O açúcar é além da farinha, só que aí não produzem; aí você faz uma saca de farinha, pra uma farinha chegar dentro da saca, aqueles cinquenta (50) quilo... Até pra você vender pra comprar um mantimento ou alimentação, ali é um processo grande porque você começa a brocar um matin baxo, um mato piqueno, depois vai lá pega... Hoje já é motor serra, antes era no machado: “Pá, pá...”. Era uma eternidade pa brocar um roçado, hoje os roçado não são tão grande porque existe uma regra aí que... mas tem deles que ainda faz um roçadim, tomba de repente com o motor serra. E aí, você tomba aquele... Espera que seque, toca fogo, vai encoivarar; tem deles que num encoivara não, mas é um processo danado, é aquele que quer aproveitar aquilo, mais é uma vez.

O que é encoivarar?

Encoivarar... Quando a senhora queima o roçado aí... Se não queimar não encoivara nada, nem planta nada, porque é um processo

monstro, aí num dá pra fazer, porque se você for encoivarar um hectare de terra brocada sem queimar, não tem como...

Nasce os matos tudo de novo?

Com um tempo nasce, só que não tem como a senhora encoivarar pa tirar toda aquela pausada de dentro; e o fogo, por isso que a gente usa o fogo aqui. Eu, até quando eu participava de encontro por aí quando começou a reserva já tinha esses negócio das questão ambiental, negócio do fogo, desmate, eu concordo. Só que nós não podia usar a terra pa tirar a subsistência se num usasse o fogo e tombar a mata, né. Então, aí na hora que a senhora queima, aí queima aquele foiara³¹, aquela garrancheira³² dura, queima quase tudo, aí o que fica o que a senhora vê que atrapalha pa limpar aí a senhora vai, corta tudin e joga no aceiro, ou então faz aquelas coivara¹, aqueles monte e toca fogo, é o encoivaramento que a gente chama.

Bom, aí termina dali aí a senhora vai plantar, plantar todinho. Depois, a mata cresce dentro do legume aí você tem que limpar duas (02), três (03) vez pra poder colher e tudo isso aí vai levando tempo, aí quando a roça tá madura, aí vamo fazer a farinha. Vai fazer a farinha, vai arrancar, vai lá po roçado rapar, vai e traz, puxa; hoje, graças a Deus tem motor, a gente pode comprar um (01) litro de gasolina, tá muito cara, mas... Num tá dando mais nem da gente comprar, eu acho que daqui uns dia tem que voltar pa roda... Aí, daí você vai secar aquela farinha, aquela massa, quando termina, ôto dia vai e ensaca pa poder tá no ponto da senhora vender. Aí, quanto a senhora já num gastô pa dar aquele cinquenta (50) quilo de farinha pronto pa poder ser vendido pra comprar a sua alimentação?

O senhor faz farinha?

31 Refere-se ao amontoado de folhas e paus.

32 Vários pedaços de paus pequenos que normalmente se quebram dos galhos maiores das árvores formando os garranchos, a garrancheira.

Eu?

É... A sua família?

Faço.

Quantos dias leva pra fazer um (01) saco de farinha?

É... Que é o seguinte, as vez vai... Dois (02) arranca vamo dizer, bom, dois (02) dia; tem mais duas (02) ou três (03) raspadêra pa raspar, né, naquele dia que você arranca aí você faz isso, vamos dizer, quatro (04) pessoa já dá quatro (04) dia; porque raspar já num vai o dia todin, pros arrancador^c vai, porque aí depois que traz a mandioca pra casa de farinha, que ceva, ainda tem a lenha, aquele negócio, aí sai já bem de tardezinha; as raspadêra não, terminou meio dia, duas (02) hora aí já tá liberada. Então, aí sendo uma roça boa de se arrancar... Em roçado novo num tem como você arrancar muito rápido não, em capoêra você arranca porque não tem tanta raiz, você arranca bastante; você arrancando pra oito (08) saca de mandioca rapada dá quatro (04) saca de farinha, lá na nossa roça é assim: oito (08) saca de mandioca pra dá quatro (04) de farinha.

Aí vamos dizer que lá foi... Aí no ôto dia vamo torrar, dois (02) torrador vamos dizer, lá vai mais dois (02) dias, lá vai quatro (04), né, só dos homi; as mulher já não, àquela hora pra torrar as mulher só se for pa penerar, uma coisa assim; mas aí pra oito (08) saca de farinha, vamo dizer que... Incluindo as duas (02) raspadêra, vamos dizer que coloca um (01) dia delas, aí quatro (04) dos homi, já são cinco (05) dia pra fazer, vamo dizer assim num ambiente bem legal, oito (08) saca de farinha. Farinha mais o meno né, que aqui o pessoal diz que num faz farinha boa, que eu vejo... Os menino fizeram uma farinha lá em casa que faz até pena a gente comer que o cara diz... A farinha é de primeira, muito boa a farinha. Vamos dizer, cinco (05) dia pra fazer quatro (04) saca de farinha, sendo assim: dois (02) arrancador^c e duas (02) raspadêras; se botar mais lá vai

mais o recurso, né.

Como é que foi esse processo de criação da reserva?

Minha fia, porque antes o siringuêro, ele era sobre terras dos patrão nesse caso, você... Porque esse seringal aqui foi explorado por gente que vieram de lá pra cá... Nosso pessoal aqui, aqui dento desse rii tudo é arigó^b, que vieram de lá pra cá.

Arigó^b?

Arigó^b, que a gente chama arigó^b, né, que vinha cearense, vinha aquele pessoal da banda da culá, né. Aí vinha subindo de lá pra cá e vinha trazendo gente. Aí o siringuêro não tinha... Arrendava aparelho de estrada, brocava, aí ia rapar e metia a faca e cortava. Então, era só... E ainda tinha que pagar uma renda, então em... Foi bem em oitenta (80) já, oitenta (80) e tal... Antes chegou, porque na época dos patrão chegou, criaram o sindicato, Sindicato do Trabalhador Rural que chamo.

Mas nessa época ele teve alguma atuação?

Aí o sindicato começou a arengar^a com os patrão, arengar^a com os patrão... Aí a maioria dos siringuêro, aqueles que tinha os patrão bom que nem o dono daqui M. M. e ele cuidava bem...

Era o irmão do M. M.?

Não, o M. M. que era o dono daqui, irmão do J. M. e fi do véi M... E faziam aquelas reunião do sindicato e foro brigando com o patrão pra tomar o seringal do patrão po siringuêro, né, que era o dono, segundo eles diziam, que era os dono da terra¹³ e da seringa.

Quem que era os donos que eles diziam?

Os siringuêro, o sindicato queria assim, né. “M. num tem seringal, é dos siringuêro que trabalha lá”. Só que aí ele... A turma dele resol-

via bem, ele brigava com o sindicato e...

Tinha algum sindicato aqui no rio?

Tinha, aí foro tirano uns, que nem esse L. que tá aí, ele vai lhe contar bem que ele...

Ele entende bem o que aconteceu, né?

Bem, e começô por ele... Sim, ele foi delegado do sindicato só que ele... Nós ainda brigamos eu mais ele, por causa de borracha...

Brigou por quê?

Porque na época justamente nós arrendemo^d o Limão, arrendemo^d o Bom Futuro, nós tava lá no Esperança, aí eu fui gerenciar o São Sebastião justamente... Aí arredemo o São Sebastião e o Limão, aí eu fui trabalhar no Limão. Aí, essa borracha já era financiada pelo banco desses seringal; aí o que era pra ser feito? Eu tinha que botar meu nome lá na minha parte que me pertencia pra diferenciar a borracha do próprio P. B., que era meu cunhado, com a minha, porque lá tinha freguês meu e tinha freguês do P., pra num haver mistura de borracha, sabe?!

Aí eles brigavo com a gente porque a gente tava marcando o borracha dos siringuêro, mas os siringuêro tinha feito aquela borracha com a mercadoria que tinha comprado da gente. E aí tinha que fazer a quinzena, que justamente era pa levar, todo mês fazia a relação do produto que tinha, justamente pa levar po banco, que era pra... Os patrão ia trabalhando assim né; levava aquela quantidade, já tem uma boa parte da conta ou já pagou tudo, mais dinheiro pos patrão e justamente era isso que a gente fazia...

Bom, aí eu fui lá, fiz a quinzena e marquei a borracha; aí eu tô almoçando, lá quando deu fé o cara vinha com a borracha nas costa e essa borracha já tava na relação justamente, aí ia passando e aí eu tomei

a borracha dele. “Não, essa borracha...”, “Não é porque...”, “Não, você fez, mas foi com mercadoria daqui”. Não pode se comprar uma mercadoria com uma pessoa aí pegar a borracha e vender pra ôta, e a tua conta, né? Aí ele era o delegado, hoje graças a Deus nós somos muito amigo, graças a Deus.

Aí lá vem ele tudo armado, aquele negócio, porque eles andava... Tudo armado aquele negócio, lá e... Rapaz, eu digo: “Não, a borracha num é dele não, foi ele que fez mas a mercadoria era minha. E essa mercadoria eu comprei do... E eu tenho que devolver”. Eu sei que foi uma confusão danada e ele foi pra Cruzeiro do Sul buscar o sindicato dele, eu mandei ele tirar a borracha todinha lá do depósito, se quiser levar leva lá do depósito, tá até mais fácil... Aí ele num foi mais não, por lá o P. C. que na época era o presidente, deu uma esculhambação nele danada e aí pronto.

Pois, aí... Era pra tirar o poder do patrão pros seringueiro. Aí foi e num foi, no final o M. que era o dono daqui, de maior parte daqui, morre; aí ficô na mão dos herdêro, fico na mão do irmão dele, da mulher dele e aí foi se acabando aos pôco, aí passaram pra mão do genro e aí acabou com tudo logo, que aí justamente vêi o problema da queda da borracha.

Aí, bom... Aí rapaz eles lá ficaro olhando, vendo que... Pensando na unidade de conservação, justamente a reserva, que justamente a gente tinha... Era uma coisa quase que era como se fosse da gente e a gente tinha direito de receber benefício do Governo Federal, do Governo do Estado, que justamente isso aqui foi criado pelo Governo Federal, né, que é a reserva extrativista, e aí justamente...

Aí foro brigar por essa reserva e foi uma coisa que até deu certo, porque hoje ninguém se tem... Hoje o Liberdade, depois que foi criado a reserva, o Liberdade mudou completamente, se tiver um cidadão que disser... O Liberdade de um modo geral, a população do Liberdade. Parece

que eu falei pra senhora que antigamente aqui todo mundo era no remo, no varejão^{2d}, ia pa ponte... Teve deles que foi daqui pa Cruzeiro do Sul no remo e escapou! Saía daí da ponte, que hoje em dia atravessa aí a BR, era ponte, pras cabeceira desse rii de remo, de varejão^{2d} porque num existia motor, hoje todo mundo tem motor, que nem a senhora vê aí, o cabra pra atravessar o rii...

Então, ah, sim, bem. Aí vamo criar a reserva. Esse L., se não fosse por esse L., inda hoje aqui num era criada a reserva, eu lhe digo com certeza, porque nenhum outro desses que ta aí, que já passaro por aí tem esse... Porque na época ele andava fazendo, ele fez, como foi citado aí nos dez anos de criação de reserva, foi dito aí que se num fosse por ele aqui num existia uma reserva. Só que ele era misturado com esse povo aí, foi veno uma... Num sei se foi dos Estados Unidos, se era Noruega, por aqueles mêi...

O seu L.?

Foi, o L., Ele é mais virado do que cigarro em boca de bebo! E ele mudou muito e foi um cara muito notado... Mas num tem um cidadão aqui que tenha conseguido beneficio aqui pra esse Liberdade, nem um quarto que o L. já conseguiu, basta dizer que essa reserva foi criada através do L. e foi dito isso aí e tem prova; ele tem um livro, eu vou pedir ele no dia que a senhora tiver, pra ele lhe mostrar, ele é muito virado, aí...

Pois sim, e o L. vendo esse lado que nós num tinha, nós era preso, aí justamente foi que saiu esse negócio da criação da reserva, aí eu lhe digo com certeza pra senhora, se tiver um cara que lhe diga que a reserva... Ele tá doido!

Ele fazia reunião? Ele vinha com quem?

Fazia, vinha com o pessoal do sindicato mermo.

O senhor lembra algum nome de alguém?

O próprio C. G. trabalhô nessa época... C. G., (...) F... tudo começo dessa época.

F.?

F., ele ainda hoje trabalha acho no ICMBIO. A primeira pessoa que ele cadastrô aqui dentro da reserva foi eu, ele me chamava lá pro pessoal... Pois sim, fazia reunião, porque tinha a ata, né, fazia a reunião reunindo presença da população; eu sei que aí ele criou esse coisa e mandou pra lá... Pro destino, porque quando recebemo o decreto da reserva, eu tenho até lá em casa.

Até uma cobrança que eu fiz assim mermo sem ninguém, eu fiz, porque fazia muito tempo que isso tava encravado lá; quando eu chego lá com o F., o C... E tinha um ôto rapaz que trabalhava lá na época, era o IBAMA, né, na época era o IBAMA num era o ICMBio, aí que ligaram pro cara lá e ele disse: “Rapaz, tá pronto aqui”, e num passô quinze (15) minuto lá e mandaram, negócio de um fax, e tá aí, eu truxe até uma cópia lá pra casa.

O decreto da reserva?

Da reserva. Aí que o C. foi autorizado a trabalhar, e saiu o primêro registro e quem registrô foi o F., só que o F. ele não apresentou-se aqui dentro, porque aí tinha o estudo dele; ele vai passa po C. e o C. deu continuidade. E aí, justamente aquele L., que quando ele começou o cadastro na época... Aí era escondido por causa dos proprietário, o C.G. pegou processo parece... Sim, quando começou a fazer o cadastramento dos moradores, justamente pra criar essa ata, esse pedido dessa unidade, dessa reserva, era assim abafada, o L. vinha com o pessoal, mas era assim mêi... Ainda foi citado aí no dia da reunião, por causa dos proprietário, dos patrão, né, que justamente era os M....

Ah, então na época ainda tinha... Foi meio que nas escondida por

conta do receio com o dono das terra?

Donos das terra... O como é, né? Tá entendo? Era com os dono das terra. Só que aí ele fez assim mermo, ôto num teve essa coragi de fazer, tinha um fulano de tal M. que trabalhava... A. M. que trabalhava com os índio, aí tinha um fulano de tal T., que era o chefe de lá... Eu sei que aí terminaro aí, o L. ainda andou mêi brigando lá com as dona, a mulher, nessa época o M. já tinha morrido, o dono mesmo legitimo, mais ele conseguiu, mandou pra lá e lá vem a notícia. Só que passou... Passou uns tempo né, porque o governo tem que fazer toda aquela avaliação através do decreto pra poder criar a unidade e assinar, né?

Foi em dois mil e cinco (2005) que saiu o decreto, né?

Não, ela foi criada em dois mil e cinco (2005), só que quando chegou aqui pra nós foi no dia desse sete (17)... Eu esqueci. Aí foi através desse pedido que chegou mais rápido aqui, bom... Aí quando criou essa reserva melhorou completamente a situação do Liberdade, da população do Liberdade... Aí que ele criou a reserva ainda existia isso, aí ele vai... Esses morador eles preciso de ter apoio, aí vai criaro o crédito habitação, né; que justamente muito dessas casa, só não a do Seu Albecir, essas igreja que num é do crédito moradia, pelo INCRA, Governo Federal, né; que justamente nessa época não existia associação, ainda não tinham criado e foi bom por isso porque... Aí criou dois grupo, eu o Albecir, o seu R., o E. Que era o presidente aqui da parte de cima e eu mais o menino lá em baixo, eram seis (06) pessoa, três (03) lá e três (03) aqui.

Isso a associação?

Criemo essa associação...

Qual foi o ano, o senhor lembra?

Minha fia de Deus... dois mil e seis (2006)... Se eu num tô enganado, dois mil e seis (2006), porque justamente quando nos fumo pra

Brasília mais o seu Albecir... Aí quando nos fumo lá, o grupo que nós tava, eu mais o Albecir, mas aí tava dependente do INCRA, justamente a questão lá, além de conseguir o crédito³³. Pois sim, nós conseguimos trazer o crédito, que tinha muita gente que precisava mermo, os menino lá do Alto Juruá, tinha três (03) lá do Alto Juruá, três (03) presidente lá também, mas não conseguiro, só que nós tava com o superintende do INCRA lá em Brasília mermo, o chefe lá do coisa, aí nós conseguimos trazer pra cá.



Júlio e ao fundo seu roçado.

Júlio Monteiro de Andrade

É descendente de nordestinos, já cortou seringa e hoje é agricultor. Casado com Moisa de Farias Oliveira, com quem tem 9 filhos. Já residiu no Igarapé Jurupari e é um dos “*veteranos*” da comunidade Periquito (elaborado por Tatiane Silva Sousa).

Os seus pais vieram de onde, seu Júlio?

Meu pai vêi...do Soldado da Borracha, desse tempo do Soldado da Borracha, da guerra, né?!

Ele veio do Nordeste então?

Do Nordeste, da guerra. Aí ele fugiu, né, nesse tempo que a guerra começou, naquele tempo tudo era soldado, aí a guerra começou ele foi e fugiu.

Fugiu, como assim?

Ele saiu fugido, aí vêi simbora pra cá... aí daqui ele já casô-se com a mãe.

E a sua mãe era de onde?

A mãe era daqui também.

Tinha nascido aqui?

Já nasceu aqui. A mãe nasceu no Gregório.

E o senhor chegou a conhecer seus avós por parte de mãe que era daqui?

Conheci não. Ah, do meu pai eu conheci. Conheci a mãe dele, mas da mãe eu não conheci, nem o pai, nem a mãe.

A mãe do seu pai era do Nordeste também?

Era, do Nordeste.

Veio com ele?

Vêi com ele.

Então veio a sua avó e seu pai?

Foi.

Seu vô não veio não?

Vêi não. Vêi fugido, que ele era Soldado da Borracha.

Mas o senhor sabe se seus avós eram daqui ou se eles vieram de

fora, por parte de mãe?

Por parte de mãe era de fora também.

Era de fora. Também do Nordeste?

Eles eram de fora, aí depois que eles vieram de fora foi que aí teve a família aqui, né, meu pai era de fora.

Aí seu pai conheceu sua mãe aonde, o senhor sabe?

Sei não.

Eles moravam onde? O senhor lembra sua infância, da sua juventude...?

A primeira vez quando eu conheci o pai, que nós morava, quando eu vim saber que era meu pai, era lá onde eu tava dizendo que nasci, no Arranca Botão.

Ah, lá em cima! No Passo da Pátria³⁴, né?

Certo, pois bem. Quando eu fui conhecer, né. Quando eu fui reconhecer que tinha pai, né, nesse tempo que eu morava lá. Ele vêi de fora, né, aí foi no tempo que casô com a mãe e começou a ter nós.

Como foi a sua infância, o senhor lembra?

Eu lembro não.

O senhor lembra a partir de que idade?

Me alembro não. Eu alembro quando foi simhora pra Manaus. É, eu lembro quando foi no tempo que nós fumo simhora pra Manaus que viemo, voltemo de novo. Desse tempo ainda me alembro, mas pra trás num me alembro mais não.

Aí passou um ano pra fora e voltaram e ficaram aonde? Passaram

34 Comunidade localizada no Alto Liberdade.

a morar onde?

Aí quando nós saimo de lá, quando viemo simbora de Manaus, fumo pro mermo canto lá de novo, aí nós fumo pra lá. Aí quando ele adoeceu pra morrer nós morava dentro do Jurupari, né, ali em cima. E ele adoeceu, adoeceu, adoeceu, aí só vivia pra Cruzeiro no tratamento e num teve jeito, diz que era negócio de feitiço, de feitiço, de feitiço... nós fumo pro Alto Riozinho, que tinha um cara que trabalhava negócio de espirito, essas coisa.

Que trabalhava com o quê?

Negócio de espirito, né. Aí nos fumo lá pro Alto, lá prum cara.

Depois de Extrema, lá pro Alto?

Sim, pro Alto. Aí lá tem uma cachoeira que passa só água, pra lá não sobe mais né... pra lá chama o Poção, abaixo do Poção nós fumo pra lá, que tinha um cara que diz que trabalha com negócio de tirar coisa de feitiço, né, nós fumo pra lá. Lá ele morreu, aí nós mandemo um recado que minha mãe fosse buscar eu e a minha irmã, só nós dois.

Aí foi eu, ele e uma irmã minha, lá ele morreu e lá tinha uma irmã de criação dele aí tomou de conta de nós lá. Aí lá mandou sepultar ele, sim, mademo dizer pra mãe, a mãe morava aqui aí foi buscar nós lá.

E como é que curava as doenças nessa época, tinha médico aqui?

Tinha não, aqui não tinha médico não, a coisa mais difícil que tinha era que não tinha como ir pra cidade, aqui não tinha não. Agora tá fácil, tá fácil que quase todos os mês tem um médico aqui, um enfermeiro, né?!

E pra curar as doenças fazia como?

Diz o pessoal que era rezando, rezava e curava negócio de feitiço.

Eu passei seis (06) mês arrastando a bunda no chão que não tinha como eu ir pra cidade, hoje em dia eu ainda vivo doente aqui dessa perna, repara....

O senhor foi picado por uma cobra?

Uma cobra. Ainda tá aqui ó, ainda tem um buraco aqui ó. Aqui é duro, duro, duro, caiu isso daqui tudin, tudin, tudin...

Que cobra era?

Uma surucucu.

E como é que foi que curou?

Foi curado assim mermo.

O senhor tomou algum remédio, alguma coisa?

Tomei o remédio que fizeram pra mim...

E era de que esse remédio? Feito de que?

Não sei... Sei que o remédio véi... Que tinha um cara que curava, né, mordida de cobra. Passei seis (06) mês arrastando a bunda pro chão, enrolava o pano aqui, se eu tivesse lá na sala, ou tivesse aqui na cozinha quem tava lá na sala não aguentava o pichezão que eu tinha, eu entrava pra dentro dum quarto, pôdi... Fiquei o tempo todin, todin, tomano remédio, um remediozin até ficar bom, aguentar... Vinha coisa da mata, vinha lá da cidade que o cara comprava as vez um remédio.

Comprava com quem esse remédio?

Nesse tempo cortava seringa, né, o patrão trazia. Eu passei seis (06) mês andando com a bunda arrastando no chão... Se eu tivesse lá na cozinha, aqui na sala ninguém suportava o pichê de pôdi. Foi do mesmo jeitin da arraia aqui ó!

Isso daí é de uma arraia, é?

Foi uma arraia que me esporou, caiu esse pedaço aqui todin, os dedo ficô todo seco, ó aí! Aqui é dormente. Esse aqui sinto não, esse dedo aqui é esquecido.

É esquecido porque o senhor não sente, né?

Sinto assim... Porque rolou o nervo aí fui lá, que apodreceu, a senhora me acredita que era desse tamanho assim, pôdi, pôdi, pôdi escorrendo só aquela salmoura, eu ia pro porto aí com a tesoura, puxava e ia cortando assim, os pedaço assim.

E não doía não?

Doía. Aí tava preto, preto, preto, aí os menino “Rapaizi...”... De noite aquele pichezão, pra mim dormir precisava a Moisa botar um pano, eu botava a perna assim escorrendo aquela salmoura, pôdi, pôdi, se eu tivesse lá na cozinha quem tava na sala não suportava, até que vai pra cidade. Fumo lá pra cidade isso aqui meu já tava tudo... O buraco era deste tamanho assim!

Isso daí tem tempo que aconteceu?

Faz.

Mas era no tempo do patrão?

Era não.

Já era no tempo da farinha?

Da farinha. Aí foi lá, cheguei lá no hospital aí o dôtor tava achando que ia cortar meu pé, porque tava ficando preto demais, eu digo: “Ah não, se for pra cortar meu pé eu não consinto, vou já me embora!”, ficar alejado... A minha menina também tava lá e disse: “Não, se for pra cortar o pé do pai eu num consinto não.” Ele disse: “Tá muito feio demais, tá

preto, preto, tá dando é o mal". Eu passei três (03) dias ou foi quatro (04) dia lá no hospital aí vim me embora. Graças a Deus que sarô!

Aí cortou o nervo, né, por isso que o senhor não sente...

Foi, cortou.

[Moisa: Aí cortaro o nervo com a tesôra]

La tirando as coisa que tava aprodrecendo...

[O filho conta: - Quando começô, professora, isso aí, aí o marido da tia N., ex marido, pra acochar a prensa (...) o pai foi pra lá, saiu aquelas gia deste tamanho nesse pé aí, ele deu um chute na bichinha que caiu lá...]

Eu só ando mariscano...

Como que foi isso de trocar da seringa pra farinha? Como que aconteceu isso, da onde que surgiu a ideia de fazer farinha?

Professora, sabe que o negócio da seringa que se acabô-se.... Porque o pessoal queria fazer mais borracha que os ôto e o patrão queria crescer os zói também, aí mandou botar tudo no mundo: cipó, barro, areia na seringa. Tinha gente que tinha profissão somente de tombar paiera^l e fazer o buraco pra cobrir o principe ^y né, com borracha, pra dizer que fazia muita borracha. Aí desse tempo a borracha deu baixa e se acabô-se, foi por causa disso... Foi, foi por isso que se acabô-se. Mas num fosse isso, só difumadinha como nós fazia... difumadinha ou se não feita a pranchinha ^w, que nós fazia né?! Não tinha se acabado não, se acabô-se por causa disso. Toda a imundície, couro de porco, couro de veado, tudo o pessoal botava, cipó!

Pra dar peso?

Sim, pra dar peso, pra sair mais.... Aí se acabô-se por causa disso,

deu baixa e acabô-se.

O senhor teve quantos patrões?

Eu tive só dois (02), só dois (02) patrão..., que era o finado C. e o finado L., somente.

E eles eram ruim?

Rapaz, tinha um (01) patrão que todo dia ... eles era bom, eles era bom. O finado L. era bom, o finado C. também era um patrão bom, Os dois (02) era bom, tinha vez que ele subia e deixava mercadoria no porto, no porto dos freguês, aqueles freguês bom, né, contava certin...

Não enganava ninguém não?

Enganava não. Que nós só cortava de noite, né, deixava aquele óleo, aquele combustol, querosene né, nesse tempo era querosene pra cortar de noite.

E aí o senhor cortava seringa, mas tinha a roça também?

Tinha a roça pra comer, pra vender num tinha não, num tinha tempo. Nesse tempo que nós cortava seringa num tinha tempo de fazer farinha pra vender assim... Que era todo dia, todo dia, todo dia cortava seringa.

O senhor saía que horas de casa?

Eu saía dez (10) hora da noite.

E voltava?

Chegava... três (03) hora da tarde.

Minha nossa, tudo isso!

Aqui mermo na beira do rio, aqui eu cansei de sair dez (10) hora e chegar as vez três (03) hora, duas (02) hora da tarde.

Nesse tempo o senhor tava morando com seus pais ainda?

Não, nesse tempo eu era solteiro... nesse tempo eu era casado já, eu era casado da primeira esposa. Aí quando eu era solteiro eu não cortei de noite, que lá onde eu morava na cabeceira lá da Besta³⁵, as estrada de lá tudo era virgem, né, num tinha precisão de eu cortar de noite. Lá era muito bom de rancho³⁶ também, eu num cortava de noite, só cortava de dia.

Que aí dava bastante?

Era, que dava bastante. Aí depois que eu vim pra cá que eu me casei, as estrada era grande e era ruim aqui, aí eu me obrigava a cortar de noite pra sobreviver, né, mas pra fazer mais um bocadin pra gente, porque eu tinha que cortar três (03) estrada. Era seis (06) dia por semana que eu cortava, só tinha folga só de domingo pra carregar, pra ir atrás dos cocos pra difumar.

Do cocão^j?

Do cocão ^jpra botar na fornaia pra difumar.

O senhor usava a casca do cocão^j de carvão?

Era, pra fazer de carvão.

E o coco, fazia o quê?

Era pra tirar óleo pra comer.

Como que era a alimentação de vocês? O que vocês comiam nessa época?

Caça da mata, nesse tempo tinha mais caça dentro da mata mermo.

35 Igarapé que deságua no rio Liberdade. Está localizado abaixo da comunidade Periquito, e a jusante fica do lado esquerdo do rio Liberdade.

36 Sinônimo de alimento.

Tinha mais caça, nesse tempo tinha mais caça. Agora num tem não, porque o negócio do cachorro que acabou, mas nesse tempo que nós morava aqui tinha muita caça.

Então o senhor acha que a caça acabou porque o pessoal começou a caçar com cachorro?

Com cachorro, foi...

O cachorro faz o que com a caça?

Ah, ele corria atrás até acuar pra botar no rio, né, o veado já vem direto no rio. Aí os cabra ia matava, pegava, acuava no seco e atirava... e o porco acuava no buraco³⁷. Aí o cachorro chamava acuado no buraco, aí o cara fazia a cercazinha assim, aí os pauzin tudin assim na boca do buraco, aí pegava uma tauba e metia. Aí o porco vinha de lá pra cá e o cara vinha e atirava.

O porco da mata?

Sim, o porco da mata.

Como que é esse esquema? Eu não entendi.

Aí o cara tirava um bocado de pau, né, o cachorro tava no buraco latindo com o porco, aí o cara tirava um bocado de pau e fazia a cerca, né, mermo na boca do buraco, assim ó... Aí fazia a cerca assim, aí tirava uma tala e aí empurrava pra dentro, aí o porquinho de lá pra cá e batia nos pau, aí o cara metia a tala e o porco vinha de lá pra cá vivo, aí eu chegava e atirava com a espingarda.

[Assim, ó, deixa eu explicar mais bem. O cachorro acuava o porco dentro do buraco, né, aí ele fazia, colocava os pau lá dentro e aí metia uma tala. Quando o porco vinha batia no pau pra ficar na boca do buraco, aí ele atirava e matava.]

³⁷ Buracos feitos no solo da floresta por animais como o tatu canastra.

Assim, um buraco natural mesmo, não era o buraco que o senhor fez não?

Não! Era natural mesmo.

[*Um tatuzão faz, bem grandão assim.*]

Sim, esse aí eu já vi. Aí o cachorro acua...

Lá dentro!

Aí o porco se esconde lá, aí põe os pau que aí...

[*Aí mete a tala, aí o porco vem.*]

É, o cara tinha de fazer a cerca se não quando metesse a tala ele espirrava de uma vez e ia embora.

[*Aí quando vinha tacava no pau que tava, e o cara “pou!”*]

[*Diz o pai que tinha cara que era esperto, metia tala de cocão^j (...) ficava só o sangue.*]

As casas nesse tempo ainda eram de paxiúba^x?

Nesse tempo num tinha uma casa por aqui, não tinha uma casa que fosse de madêra serrada.

Isso daí mudou mais depois que acabou a seringa?

Ah, isso mudou depois que acabou a seringa.

Depois que acabou a seringa, o quê que mudou?

Mudou muito, muito depois que acabou a seringa. Todo mundo tem suas casinha feita de madêra serrada, coberta de alumínio e quando nós cortava seringa num tinha uma casa coberta de alumínio e brasilit, era tudo na paia.

Paxiúba^x e palha de jaci?

Era, paxiúba^x e paia de jaci. Aí depois que a seringa se acabô-se aí todo mundo, num tem uma casa que a senhora já andou por aqui que seja coberta de paia.

Verdade. Só um chiqueirinho³⁸ mesmo.

É, só um chiquerin as vez pras galinha ou se não uma privada, né, um banheiro, mas todo mundo tem suas casa... Como eu tava dizendo pra senhora, não tinha um motor aqui dentro, era a coisa mais difícil que tinha um motor, o cara que tivesse um motor no tempo da seringa. Só o patrão que tinha motor pra carregar mercadoria dele pra vender pros freguês. Depois que a seringa se acabô-se, com a agricultura todo mundo tem de três (03) motor. Eu foi um que nunca pissuiu um motor depois que eu passei pra cortar seringa, só aqui parece que eu já tô com oito (08) motor que compro... só aqui dentro de casa aqui tem quatro (04), cinco (05) com o gerador.

Tem gerador também, né...

Tem o gerador. Pois bem, aí quando eu cortava seringa eu nunca pissui, nunca pissui... motor, nunca pissui um aparelho, nunca pissui nada, uma televisão, nesse tempo não tinha nada né aqui, nada...

E melhorou a educação também?

O estudo nesse tempo que também não tinha, não tinha estudo, não tinha professor, não tinha nada também.

Tinha escola?

Tinha não. O professor que entrou aqui dentro foi o finado S., que nesse tempo eu acho que a senhora ainda sabe até desse finado S. que morou... foi quem deu aula pra esse Albecir, foi quem deu aula...Ele vêi de fora, era Soldado da Borracha, no tempo da guerra. Vêi simbora que era professor aqui. Ele era policial ainda mais, né.

³⁸ Um pequeno curral de madeira.

Então ele era Soldado da Borracha e veio cortar seringa?

Não.

Ele era do Nordeste?

Era do Nordeste, aí vêi fugido pra cá, era sabido aí começou dar aula pro pessoal, aí foi o primeiro que deu aula aqui dentro foi ele. S., foi quem deu aula pra esse Albecir. O Albecir aprendeu com ele, esse Albecir aí, estudou com ele, aí hoje o Albecir fez a faculdade e tudin, mas aprendeu um pouco com ele, o S..

Mas esse S. recebia?

Recebia.

O patrão pagava?

Não, recebia de fora mermo, né.

Então a escola aqui surgiu depois que o patrão foi-se embora?

Foi. Nesse tempo que tinha patrão aqui quem deu aula aqui foi o finado S., deu no Jurupari³⁹ aqui. Aonde tinha uma escola, somente aqui no Jurupari com o finado S., mais em canto nenhum aqui. Nesse tempo...

Nem pra baixo, nem pra cima?

Nem pra baixo, nem pra cima. Aí depois que o patrão se acabô-se, aí tem escola pra todo canto. Aí foi tempo que o Albecir deu aula lá no Tristeza, aí vêi pra aí, passou num sei quantos ano lá dando aula lá no Tristeza, aí vêi simbora pra cá. Depois que o Albecir formô-se aí começou a dar aula. Eu nesse tempo num estudei, não sei nem fazer meu nome, não sei assinar meu nome, num tinha professor, não tinha nada... aí depois de papagai vêi num vai aprender nada! (RISADAS).



Nem Soares mariscando nas margens do Igarapé Forquilha.

Manoel Soares de Souza (Nem Soares)

É *arigó* vindo da cidade de Riacho do Sangue, no Ceará, em 1946. Veio para cortar seringa no rio Gregório, acabou por conhecer o igarapé Forquilha no Rio Liberdade, mudou-se e lá reside até hoje. É agricultor, conhecido no rio por ser um exímio rezador, sendo um grande conhecedor dos remédios da mata, com os quais se cura até hoje, nos seus já 90 anos (elaborado por Tatiane Silva Sousa).

Bom dia, Seu Nem.

Bom dia.

O quê que o senhor acha de contar dessa história? O senhor acha importante fazer esse registro?

É importante sim, porque fica a história aí pra todo mundo saber.

Exatamente.

A seringa acabou-se, fica a história no mundo aí pro pessoal que não conhece a história da seringa, né.

Exatamente.

Quem foi o seringueiro, quem num é o seringueiro, né.

O que o senhor acha importante contar?

Eu acho importante contar uma pequena história, que eu tenho pra contar. Porque eu sai em mil novecentos e quarenta e seis (1946), no final da Guerra Mundial, pra vir cortar seringa, né, porque o meu projeto era esse; ou eu ia pra fronteira ou então eu vinha contar seringa. Aí eu achei melhor eu vir pra essa fronteira enfrentar outras coisa mais perigosa do que uma bala lá na fronteira.

Exatamente...

Mas aí a gente veio, peguemos o navio... Aí embarquemos lá na Ponta Pelada, porque nesse tempo não tinha o Mucuri, porque hoje em dia é um grande cais de embarcar a gente. E lá no Ponta Pelada o pessoal embarcava a gente e era pegado assim, pegava, jogava, o marinheiro pegava e botava lá dentro do navi, né. Aí nós viemos, mil e duzentos (1200) arigós^b pra cortar seringa, aí viemos e chegemos... Viemos pra capital, aí chegados da capital peguemos um navi chamado Apuanã, aí viemos pra Belém, chegemos em Belém fumo pro quartel dos Naval.

Aí nós viemos pro quartel dos Naval, em mil novecentos e quarenta e seis (1946), né. Lá pro fim de mil novecentos e quarenta e seis (1946) pra entrar em mil novecentos e quarenta e sete (1947), por aí assim... Pelo mês de dezembro! Nós chegemos aqui em março, chegemos nos Kaxinawá. Aí nós viemos pro quartel dos Naval, em Tapanã, entre Icoaraci e Belém, lá era onde era o pouso, né, era um trapicho^{2c} de madeira e nós

ia lá pro quartel. Aí tinha o alojamento dos pessoal que vinha chegando e nós ficuemo lá, ficuemo lá mais ou menos um mês. Aí veio o Ari Parreira, um navi veio do Rio de Janeiro pegar nós pra trazer pra Manaus, aí de Manaus nós fumo pra um quartel chamado sessenta e quatro (64), nessa época a polícia nem existe né, quartel sessenta e quatro (64) em Manaus.

Nós ficuemo lá, aí passemos um mês aí veio uma chamada pra nós ir... Vir pra cá... Pra Boa Vista, Roraima já! Aí as cachoeira tava tudo seca e ninguém subiu nas cachoeira, aí chegou uns patrão, né, uns patrão aqui do Acre. Aí o chefe dos pessoal disse: “Rapaz, vocês vão cortar seringa em qualquer canto, tanto faz, vocês vão pro Acre com esses patrão”. Aí começou passar pros patrão o chefe e nós via acompanhando o pessoal. Aí nós viemo (...), com o povo do P. C., nós viemo cortar seringa no Kaxinawá, aí entremo dentro do Gregório em batelão^e, né...

Qual o nome do lugar que o senhor nasceu?

Nasci no Riacho do Sangue, estado do Ceará, aí fui identificado em São Gonçalo do Amarante.

O quê que motivou o senhor vim pra cá pro Acre?

Foi só a vontade de ganhar dinheiro.

Vontade de ganhar dinheiro... Ou seja, a borracha era tido como uma coisa que...

Ah, era o ouro preto!

Exatamente.

Era o ouro preto! A borracha rolava lá como ouro preto, era dinheiro. O cara vinha aqui buscar dois (02) sacos de dinheiro era de repente, você ganhava o quê naquela época? Cinco (05) tostões num dia de serviço, cinco (05) tostões que hoje em dia esse dinheiro não existe, né, era cinco (05) tostões por um dia de serviço que você enfrentava.

O senhor veio pra cá sozinho ou veio com a família?

Eu vim só. Aí, rapaz, a gente enfrentou um bocado de barreira...

Como foi sua a chegada aqui no Rio Liberdade?

Rapaz, foi muito boa, a chegada aqui no Liberdade foi boa. Eu trabalhava lá no Kaxinawá, eu vim diretamente pro Kaxinawá trabalhar com o P. C.

Aí do Kaxinawá veio pra cá?

Isso, isso, isso, vim pra cá. Comecei a andar, nós cerquemo o Igarapé Grande... Aí as festinha e tal e tal, aí os colega e tal, aí eu vim... Vim uma festa aqui, aí voltei lá fiz só buscar minhas coisas pra cá pra esse garapé e nunca mais sai dele!

Tá certo... Seu Nem, como era o seu dia a dia no tempo do trabalho da seringa? O senhor como seringueiro, como era seu dia a dia?

Rapaz, o meu dia a dia... Quer dizer assim se eu cortava muito?

Não, como era a sua rotina diária? Como o senhor levantava de manhã, o quê que o senhor fazia e tal...

Ah, sim, sim, sim, tá bem. Ah rapaz, isso aí é uma coisa... eu não tinha horário. Eu trabalhei dois (02) ano sozinho, eu num tinha horário, eu trabalhava sozinho em uma colocação, quando dava vontade de cortar na boca da noite eu acendia a poronga e ia me embora, que nesse tempo era a poronga, nem lanterna não existia pra ninguém.

Ainda vivi esse período.

Ainda viveu ainda? Num tinha lanterna, era poronga. Me mandava na mata, cortava, as vez fechava o corte de noite, aí comia alguma coisa, entrava, difumava, quando era... As vez no dia que eu num tava com essa disposição eu saía de manhã. De manhã eu levantava, metia os pés

fora da rede, eu num bebia café não, nesse tempo eu num bebia café não; eu ia, me levantava, fazia um mexido dum leite lá, sabe? Com farinha, com água, aquela jacuba. De manhã... Aí eu tirava, né, quando eu chegava botava fogo na fornaia aí tomava uma jacuba mermo com sal, né, aí ia difumar. Acabava de difumar, aí eu ia cortar a carne que naquela época num faltava mermo! Naquela época era caça, se você não matasse é porque não queria, aí pegava a carne, cortava e botava no fogo...

Isso era o dia a dia de segunda a sábado?

A sábado, domingo e tudo.

Domingo e tudo. E como era a diversão? Tinha tempo pra gente se divertir?

Não, não tinha diversão nenhuma. A diversão era quando você tirava e... “Hoje eu vou ver meu companheiro lá na outra colocação”. Aí você ia lá, chegava lá conversava e tudo. Se bebesse cachaça, já tinha uma garrafa de cachaça lhe esperando. Que já sabia o dia que você ia, né?! Aí tomava uma cachacinha e voltava pra trás de novo, era isso.

Nessa visita ao companheiro que era a principal diversão, nesses “toma um gole aqui, outro ali, outro acolá”, era tranquilo ou tinha confusão, essas coisas?

Não, não, Ave Maria! Deus me livre! Não tinha confusão de nada, confusão hoje tem! De primeiro você andava o mês todin na casa do seu amigo, na casa de outro, você ia pra festa passava a noite bebendo, dançando. Dançava homem com homem, que a dama as vez era duas (02), três (03) dama, dançava homem com homem, outro botava um pano na cabeça e dizia: “Eu vou ser dama também!”. Aí rodava e a cachaça rodava, bebia todo mundo ninguém brigava, ninguém tinha raiva um do outro, nem isso aí, tudo no outro dia tava tudo camarada.

E o senhor acha que isso mudou, e mudou por quê? No seu enten-

dimento, o que foi que fez mudar que hoje tá violento?

Rapaz, eu vou te dizer. A violência não foi mudada pelas nossa amizade não. Eu, no meu ponto de viver, a violência foi mudada pelo desemprego, a falta de dinheiro, né. O meu modo de pensar, né. Eu não sei se eu tô pensando errado ou não.

É o seu ponto de vista, vai ser respeitado o que o senhor colocar, tá?

Pois é.

Tá, tudo bem. Então o senhor acha que a mudança foi essa?

Foi essa. Porque... O cara tá desempregado. Vamo dizer assim, o cara tá desempregado! Se ele tem uma família, aí ele vê a família com fome, sem nada, aí ele fica desesperado! Ele toma, ele briga, ele bate, ele mata, né?! Que a fome tem cara de herege! Eu passei duas seca no Ceará, eu vi muito desses casos, o cara brigar pra tomar um boi, tomar a carne e tudo.

Seu Nem, me diga uma coisa nessa pequena diversão, como era o namoro naquela época? Porque eu vejo tantas pessoas criticar o namoro de hoje, que diz que antigamente era muito diferente. Como era o namoro naquela época? Como o senhor conseguiu namorar, se casar, arranjar sua família?

Rapaz, era assim meio diferente. Negócio do namoro era diferente, era pesado, sabe? Era pesado. Você chegava, por exemplo, dos outros eu não sei mas a minha parada foi assim: eu chegava conversava a menina, né, chegava falava pra ela assim baxin, meio longe dos pai porque não podia ser assim... O negócio era cruel, aí se ela dissesse que queria tudo bem, a gente tinha aquela conversinha “E aí eu posso ir lá?”.

Agora aí já mudava, o negócio se alterava, meu pai... A primeira

noiva minha eu falei pra ela, ela disse “Tá certo”. Passemos a noite numa festa conversando bem, quando ia dançar a gente conversa. Uma hora o véi foi e disse “Olha eu vou passar... Eu não sou o dono da festa não, mas já falei com dono da festa. Vou passar uma lei aqui dentro dessa sala, daqui pro dia amanhecer ninguém conversa! O que for conversar com a sua dama no meio do salão sai fora!”. Quer dizer, eu já peguei pra mim, né?! (RISADAS) Eu disse “Rapaz o negócio tá cruel, isso tudo é por mim.”

Seu Nem, o senhor sabe muito bem que naquela época que o senhor está falando era muito difícil essa questão da saúde, teve muita malária que naquela época era tida como impaludismo, que as pessoas curavam com ervas naturais...

Verdade...

Com remédio caseiro, com reza determinadas doenças que apareciam. O senhor conheceu algum rezador?

Rapaz, eu conheci...

O senhor saberia me falar desse momento de como se dava esse processo do curador?

Eu curei também, ainda hoje curo, né?!

Ainda hoje cura...

Agora só que hoje existe uma coisa... Uma história pelo meio, um... Uma coisa relevada que ninguém acredita mais em reza, né?!

Eu sei...

Ninguém acredita mais em reza, mas até o mês trasado... Foi até o mês trasado eu curei dois (02) menino lá em casa, né?! E se fosse o médico morria! Porque o médico não cura essa coisa, mal do ar, essas coisa assim... E meter no soro ela morre na hora, né, mas hoje a gente parou né,

os curador pelo menos parou; eu conheci um bocado deles que curava, parou também.

Seu Nem, o senhor pode me dizer como essa reza funcionava? Ou seja, quais as doenças típicas que o rezador dizia: “Olha, você tá com a doença tal e eu vou curar”. Como que funcionava?

Rapaizi, funcionava assim, ô Albecir! Vamo dizer, o cara tava cum... O menino tava com um quebrante, você reza pro quebrante. Se tá com vento caído e quebrante, você reza pros dois.

Você reza pros dois... Tem uma reza específica?

Isso! Uma reza especifica tirada dum livro...

Eu sei...

Agora eu não sei quem foi que soltou esse livro no mundo, mas foi tirado dum livro. Eu digo até a reza pra você, eu digo como é: “Nossa Senhora andava passeando em seus belo campo. Senhora com que eu curo?”, isso aqui já é pra...

Quebrante e vento caído?!

Não, né pra quebrante e vento caído não. Isso aqui pra cobreiro, com que é que eu curo o cobreiro... Dá-se o nome de cobreiro, mas a doença não é cobreiro.

Fogo selvagem...

“Zigue-zague, cobreiro e fogo selvagem, com que é que eu curo? Zigue-zague, cobreiro e fogo selvagem”. Que esse cobreiro ele traz isso tudo junto, se você não rezar pra isso tudo junto você não mata ele não. “Com água da fonte, espada do monte”.

Isso é a reza pra cobreiro?

Aí você na hora que é pra dizer “água da fonte e espada do monte” aí você mete o ramo na água e...

Então, na sua opinião seu Nem, essa cultura do curador ela tá se acabando, né?!

Tá, acabou-se.

Praticamente se acabando, muito obrigado Seu Nem. Mas me responda uma outra questão: onde nós vivemos numa reserva extrativista, o senhor sabe. O senhor participou da criação dessa reserva? Do processo de criação?

Não...

Não... É...

Quer dizer, no processo que eu entrei foi assim, no dia que foi pra começar, foi fundado lá todos nós tava lá, né.

Foi só essa participação?

Foi só essa participação que foi assinar todo mundo. Que nem eu disse já pra esse outro que vem tomando de conta, eu digo, o nosso estatuto lá de primeiro tinha isso aqui e o de vocês não tem por quê?

Tiraram, né?

Tiraram.

Seu Nem, o senhor que conhece muito bem o tempo da seringa antes da reserva extrativista, hoje nós estamos com onze (11) anos de reserva extrativista e o quê que o senhor achar melhor? É naquela época da seringa e tal e tal, ou os dias de hoje são melhor?

Ô Albecir eu não posso fazer nem uma comparação justa, né?! Porque no tempo da seringa era bom, especial, mas era mais difícil as

coisa nera...

Concordo.

E hoje é bom também e tem mais facilidade. No tempo da seringa o dinheiro era difícil e hoje o dinheiro é mais fácil, porque tu vê que antigamente um pai de família pra pegar um dinheiro pra dar um passeio na cidade era preciso ele ser muito econômico nera?! Hoje até um menino deste tamanho ele planta uma praia, ao redor ali de roça e tudo e faz três (03), quatro (04), cinco (05) saca de farinha e lá vai o menino com o bolso chei de dinheiro! Antigamente quem é que via dinheiro assim, né?! Via não...

Seu Nem, o senhor acha que é preciso mudar alguma coisa no sistema que nós estamos vivendo hoje e como o senhor acha que precisa mudar? Se o senhor acha que é preciso mudar, é preciso mudar o quê e como?

Rapaizi, eu acho que o que precisa mudar pra nós e o que eu queria era emprego pra todo pai de família que tá desempregado, né?! Um emprego, um sossego, uma paz pra todo mundo, como era quando eu alcancei! Eu alcancei cangaceiro, eu alcancei cangaceiro! Mas tinha os homem de respeito, respeitava todo mundo, né?! Hoje em dia ninguém quer respeitar mais ninguém, né.

Concordo com o senhor, seu Nem. Muitas vezes hoje, olhando sua conversa, o senhor vê uma criança desse tamanho: “vêi Nem!”.

É, isso!

Quer dizer, ele não tem assim uma cultura, ele perdeu aquela cultura do respeito de “Seu Nem” ou “Seu Albecir”. Essa cultura está se perdendo realmente.

É isso aí mermo. É o respeito que nós precisa muito, muito dele, o trabalho pra empregar todo mundo pra trabalhar, todo mundo ter o

bucho chei. Não quer saber se anda com o bolso chei de dinheiro não, que saber se o cara tem saúde, né. Isso aí é que nós precisa, nós precisa aqui, não é só na cidade, é em todo canto! Nós sono humano, rapaz. Todos nós sono humano, todos nós precisa; mas hoje a maioria não tá enxergando a humanidade não, eu não sei nem o que é essa outra parte, eu não sei não, não são humano mais como era não, cara.

Tá certo...

De primeiro se tu Albecir... Se tu adoecia lá no cento, que nem eu alcancei, nós se juntava um bocado de gente, “rapaz bora buscar pro barracão!”. Eu fiz mais muitas vez mais os companheiro! O cara com uma malária medonha sem poder andar, nós jogava ele dentro de uma rede com seis (06) hora de viagem e trazia pro barracão e aí se medicava, né, quando não dava tirava pra Tarauacá que era o mais perto.

Seu nem, é... Eu agradeço pela entrevista que o senhor nos cedeu. Se o senhor tiver alguma coisa a ser acrescentado pode ficar a vontade.

Não, tá bom! Dá tem muita coisa, né Albecir? Se eu for contar a minha história pra você, eu não vou pegar meus peixe pra almoçar! (RISADAS).

Muito obrigado!



Sebastião na janela de sua casa.

Sebastião Alves de Souza

Nasci no Liberdade, na comunidade Jurupari. Casei aos 23 anos e vim morar na comunidade Periquito. Minha esposa se chama Maria Luiza Juvêncio de Souza, temos 11 filhos, sou agricultor e carpinteiro (autobiografia).

O que o senhor acha importante contar? O que o senhor gostaria de deixar registrado da sua história?

Pra mim eu acho importante assim, porque se não ficar registrado muitas coisa antiga, vai se acabar a história porque não fica nada registrado, né?! Aí se acaba a história. Pelo menos assim, que nem esses jove

que tem aí não vai saber do que se passou, porque não vai ficar nada pra contar a história.

Qual o tempo que o senhor acha melhor, no tempo da seringa ou hoje em dia?

Hoje, na agricultura tá melhor do que no tempo seringa. Na época da seringa, que num existia ôta coisa, a gente achava que era bom, mas como apareceu a farinha, hoje tá melhor do que no tempo da seringa.

Como que era a relação de trabalho dos seringueiros com o patrão?

Rapaizi, era... num era muito bom não, porque na época da seringa até assujeitar o freguês o patrão assujeitava. Pelo menos você as vez queria vender a borracha pra ôto, as vez ôta pessoa queria fazer um negócio melhor com o freguês, aí num podia tirar essa borracha porque o patrão não deixava, se tirasse ia dar uma confusão a ponto de perder até o aparelho de estrada⁴⁰, que tinha causo disso aí... e era assim.

E como era seu dia a dia quando isso ainda era chamado de seringal? A sua rotina? O senhor chegou a cortar seringa, né?

Foi, eu cheguei a cortar seringa. Antes era só meu pai que cortava seringa, aí quando eu comecei a aguentar também eu já ia mais o meu pai, aí depois eu já comecei a cortar também, aí pronto.

O senhor começou a cortar seringa com quantos anos?

Uns dez (10) ano eu já comecei.

E cortou até quantos anos?

Eu cortei até os vinte (20) anos, num cortei muito tempo não. Não, eu cortei até uns vinte e cinco (25) ano, foi...

40 Sebastião tinha um aparelho de estrada, composto por duas estradas de seringa. Para cortar seringa era necessário pagar *renda* ao patrão, 30 ou 33 quilos de borracha por estrada ao ano.

E o senhor tem quantos anos agora?

Sessenta e três (63) ano.

Quando o senhor cortava seringa, como era seu dia a dia? O que o senhor fazia todos os dias?

Ah, quando eu ia dormir eu já ia dormir pensando de me acordar cedo pra ir pra estrada. Aí quando dava cinco (05) hora, muitas vez eu me levantava quato (04) hora e de noite eu num gostava de ir não, as vez ia de madrugada mas já era quato hora da madrugada, as vez dia claro, era assim. Aí cedo eu ia dormir pensando naquela hora, aí quando o dia vinha clareando já tinha que levantar, eu arrumava as coisinha aí se mandava, pegava a faca da seringa e a espingarda aí ia cortar. Muitas vez tinha estrada que fechava em casa, otas fechava na mata e quando fechava na mata já levava o rancho⁴¹ e lá mermo quando fechava o corte, comia e lá mermo já pegava o balde e ia colher; e quando era em casa você comia em casa e quando fazia aquelas hora você fazia a merma coisa. Era assim. E quando chegava com o leite fazia o fogo da fornaia e ia difumar.

E o seu dia a dia hoje?

Hoje tá mais melhor, porque você, na época da seringa, as vez você não podia perder horário. As vez se você... vamos dizer, cê tinha costume de sair cinco hora (05) da manhã, aí se você fosse sair seis (06) horas você já achava que tava tarde e hoje não. Com o roçado não tem horário, você pode ir qualquer hora, só que mais cedo é mais melhor, mas também se perder, vamo dizer que não pode ir seis (06) hora ... Comparação: você sai sete (07) hora pro roçado, que é o comum de você sair na agricultura, mas se por acaso não for sete hora (07) e for oito (08) hora ainda dá também, a merma coisa... Aí eu tô achando que na agricultura tá melhor do que na época da seringa. Até assim no dia a dia da gente de se acordar mais tarde e tal, a preocupação ficou mais pouco um pouco.

⁴¹ Sinônimo de alimento.

Em relação ao trabalho, o senhor acha que tinha mais liberdade com o patrão ou tem mais liberdade hoje em dia?

Rapaizi, hoje eu acho que tem mais liberdade na agricultura.

E como é que o senhor pretende viver de hoje pra frente? O quê que o senhor espera do futuro?

É, do jeito que tá fica até difícil lhe falar essa proposta, porque eu só ouço o pessoal falando que a farinha vai findar se acabando e a gente já fica pensado assim... Eu não, hoje pelo menos eu tenho meu salário, já sou aposentado mas coitado e quem ainda não é? E se a farinha se acabar? Aí isso aí ninguém sabe o que vai acontecer pra gente sobreviver só disso aí. Tem o bolsa família hoje, quem não é aposentado mas ganha o Bolsa Família, mas tem deles que ganha pouco e também não dá pra sobreviver, aí isso aí ninguém tem essa ideia de como vai ser pra frente, porque se a farinha chegar a se acabar, porque o povo fala: “vai findar se acabando, vai findar se acabando”... ninguém sabe. Aí outra ideia assim por hora ninguém tem não.

Tem alguma coisa que o senhor pensa que não tá... gostaria de falar mais?

Não, acho que não.

O seu trabalho em relação a farinha, o senhor acha que é pesado? O senhor acha que é bom ou ruim? Não comparando com o passado que o senhor falou agora.

É... Tati, a farinha bom mermo não é não, a gente trabalha porque não tem outro meio mais maneiro, o jeito que tem é trabalhar, só que pesado é. A luta da farinha não é fácil não, é tanto porque assim se você fosse analisar desde que você começa o roçado pro preço dela, você nem prantava, porque não dá nada. A gente faz porque não vai pensar isso aí, mas bom mermo não é não, é uma luta doida e principalmente assim só no

peso. Porque hoje eu acho que o pessoal tão mais esculhambado assim da coluna é de tanto peso; porque joga uma saca de mandioca nas costa, uma saca de farinha, que nem hoje tem pessoas novo que é tudo se queixando da coluna, eu acho que só pode ser devido isso.

Então tem essa questão da... prejudica a saúde.

A saúde. Porque no tempo da seringa ninguém se queixava assim não, porque não carregava esses peso assim, tudo era mais maneiro. Aí hoje a farinha é que nem eu tava falando, né? O ganho é mais melhor do que na época da seringa, só que por esse lado tem esse problema de prejudicar a saúde também.

Mas o senhor acha que a qualidade de vida da sua família melhorou?

Melhorou, depois da farinha melhorou.

É... Tem algum caso, alguma história que seus pais, seus avós contavam que o senhor lembra?

Não, no momento eu não lembro dessas história assim não. Eu sou ruim de história. O caboco ele é bom de história!



Tereza na janela de sua casa, no final da tarde.

Tereza de Jesus Alves da Silva

Nasceu numa colocação no Igarapé Jurupari, já residiu no Igarapé Forquilha e há muitos anos é moradora da comunidade Periquito. Tem 11 filhos, é descendente de nordestinos, gosta de plantar, mariscar de linha e raspar mandioca. É crente em Deus e conhecedora das plantas medicinais (elaborado por Tatiane Silva Sousa e Maria Francisca Conceição).

O que a senhora acha importante contar? O quê que a senhora gostaria de deixar registrado e que as futuras gerações não esqueçam?

Não sei dizer.

Como era seu dia a dia na época da seringa? A senhora chegou a cortar seringa ou o seu esposo?

Não, ele.... Ah, ele chegou a cortar! Só que eu cheguei a colher ainda duas (02) vezes, mais o meu filho mais velho; da seringa foi só o que eu fiz.

A senhora ia colher?

Isso.

E seus pais eram de onde?

Meus pais eram daqui mesmo, dali do Jurupari⁴².

E seus avós?

Também que eu conheço eles eram de lá.

Será que eram de fora, do Nordeste?

Eu não sei te dizer não, só se for minha bisavó que era.

Sua bisavó que era do Nordeste?

Sim, eu acho que era, que nem se chama, amazonense, nera.

Será que não era cearense?

Cearense, amazonense não sei como é...

A senhora acha que era melhor antigamente ou hoje em dia?

Eu acho que antigamente era até melhor porque as pessoas eram mais inocente, né?!

42 Igarapé que deságua no rio Liberdade. Localizado acima da comunidade Periquito, a montante fica do lado direito do rio Liberdade.

Em que sentido?

No sentido assim de muitas coisa que acontece hoje em dia, o pessoal sabe de muita coisa e se dedica a fazer as coisa que não devia. Antigamente o pessoal era muito inocente, as criança tudo inocente, tinha até as pessoas que se casava e ainda era inocente.

E hoje em dia a senhora vê que é diferente?

É muito diferente.

O que será que ocasionou essa mudança?

Ah, muitas coisa, né?! Através da televisão, através do celular, as internet, essas coisa assim, através de rádio. Do meu tempo de criança não existia essas coisa, nem rádio existia.

A senhora nasceu em que colocação?

Não sei dizer direito, se foi no Jurupari que meus pais morava... Eu acho que era. Porque eu lembro que quando eu comecei a me lembrar nós morava dentro do Forquilha, mas eles antes de ir pra lá eles moravam ali no Jurupari.

Aí seu pai cortava seringa, sua mãe ajudava a colher, ou cortava?

Minha mãe ajudava colher... Minha mãe era que era mais o home da casa do que meu pai, que meu pai era doente né, minha mãe era quem tomava de conta mais das coisa do trabalho.

Ela chegou a cortar seringa também?

Não lembro não.

A senhora acha que as pessoas são mais livres em relação ao trabalho hoje em dia ou antigamente?

Ah, hoje em dia!

Por que a senhora acha?

Porque antigamente o trabalho era pouco, né?! Até na zona rural era pouco de trabalho.

Trabalho que a senhora diz assim com agricultura?

Sim, só com a agricultura e com a seringa; hoje em dia tem vários tipos de trabalho, né?!

A senhora acha que tem mais diferença do tempo da seringa pra hoje em dia? Tem outras coisa que mudaram?

Tem, tem muitas coisa que mudaram, muitas mesmo! Porque no tempo da seringa o pessoal era pobre, né?! Hoje em dia não tem mais quase ninguém pobre, porque os pobre de hoje em dia são bem remediado, ainda tem muito, pra muito longe de onde a gente não conhece tem muita gente pobrezinha, mas assim, os mais perto das cidade, o pobre são remediado. Ai o que eu acho importante do livro é porque os meus netos, os meu bisneto eles não vão ter lembrança, eles não vão ter, não tinha como saber do nosso passado de criança e através do livro eles vão saber, né?! A importância que eu acho é essa.

Os seus netos ficarem sabendo da sua história.

É, os bisneto...

Pra história não ser esquecida.

Sim.

A senhora acha que era uma vida sofrida que o seringueiro tinha?

Como era...

E assim... De hoje assim pra frente, o que a senhora espera do futuro? Como a senhora pretende viver de hoje em diante?

Pelos um ponto assim eu penso até as pessoas viver melhor, mas tem outro ponto que tá muito difícil, né.

A VOZ DA COMUNIDADE MORRO DA PEDRA

Pesquisadoras

Iana Ferreira

Maria Tati Costa Vieira

Tatiane Silva Sousa

Valcirlene Martins Miranda

Autores

José Juvan Santana da Costa (Bamba)

Maria de Nazaré Santana da Costa (Maricota)

Raimundo Nonato Costa



Juvan colocando manga, rede de pesca, no igarapé.

José Juvan Santana da Costa (Bamba)

Moro na comunidade Morro da Pedra no rio Liberdade, sou descendente de indígenas e adoro minha comunidade. Vivemos todos em família e é muito gratificante viver aqui (autobiografia).

O José Juvan Santana da Costa, mora aqui no Rio Liberdade, na comunidade Morro da Pedra, ele tem trinta e sete (37) anos e ele vai fazer o esclarecimento de algumas perguntas relacionado aqui, a região do Li-

berdade. O senhor nasceu e foi criado aqui, no rio Liberdade?

Sim.

E como é o processo da serragem da madeira utilizada para fazer as casas aqui?

É, a gente utiliza pra fazer as casa, né, serrada, como tem profissional, serrador, e serra, a gente faria essas casa, o tanto que a gente quiser.

Aqui no Rio Liberdade, a diária que o serrador é... Ele recebe pra fazer serragem das casas, quanto que é a quantidade desse dinheiro que ele recebe? É maior antigamente ou agora é menor?

É, no meu caso, eu acho que é maior, porque antes não existia serrador, né, e agora existe. Tem muitas vezes que algum serrador usa a serrage mais do que o ôto; uns pede, cobra o preço da diária: cento e vinte (120), ôtos pede cento e trinta (130), ôtos cento e quarenta (140). Então, não é definido só um preço, de alguns serrador, né.

Você costuma caçar com frequência, com relação a antigamente, no rio Liberdade?

Sim. A gente caça muito, aqui também, acho que em muitos lugar várias pessoa aqui do Liberdade também caça muito, e... Só que a caça, a gente mata um poco da caça, mas antes era melhor do que agora. As pessoa utiliza a caça pro consumo só da sobrevivência dele e da família, né, e enfim, porque pra vender também eles também num vende, só pra consumo do dia a dia.

O senhor costuma caçar na mata?

Muito!

E é mais fácil ou mais difícil, encontrar animais na mata? E porque

ocorre isso?

É... Depende da situação. Quando o cara vai com sorte de ver, a gente encontra muito animal, os animal da mata, tipo: porco, viado... E enfim...

Do seu ponto de vista, quais foram as mudanças que ocorreram aqui no Rio Liberdade?

É, as mudança que ocorreu aqui, hoje, hoje em relação ao passado lá atrás, algumas coisa mudaro completamente. É assim tipo como da melhoria, né, que antes as pessoa ralavo muito pra chegar o ponto de fazer uma saca de farinha, era muito difícil. O cara puxava naquela roda que existia, que o meu vô puxava muito mais meu tio, e ôtos. E em relação sobre a roda que a gente tava falando, que era sobre o movimento que puxava a macaxêra pra fazer a farinha, pra gente comer. E hoje, a melhoria melhorou muito, por causa dos motor que a gente ia comprano, alguns ia ganhano de alguns projeto que io fazendo e enfim, isso aí melhorou muito, mas ôtas coisa também não melhoraro tanto, né.

Qual a grande diferença do meio de transporte de antigamente pro atual?

É, sobre antigamente dos barco pra agora, teve uma mudança muito, muito legal. Porque no passado, as pessoas quando querio fazer uma viagem, tinha que ir o de... Embarcação daqueles patrão, de primêro, que eu via meu vô falar muito, eu não cheguei a ver, mas via meu vô falar muito. E hoje, em relação... O presente, muitas pessoa tem seu barco pra andar, tem algumas moto pra sair... Porque de primêro só era pela uma trilha, se não fosse embarcação do patrão, né, o cara ia utilizar aquela embarcação pra sair pra algum lugar. E hoje todo mundo tem sua canoinha, tem seu barco mais maior, ôtos tem suas canoazinha e sai, e enfim.

Sobre o passado e agora o presente: a abertura dos ramais, ener-

gia em sua casas, as coisa tudo mudaro agora no presente. É... As pessoas vem, pega o carro, vai pra cidade, volta, chega no mermo dia, cada um pega a sua moto, vem na sua casa e enfim, as coisas ficaro cada vez mais fácil, né, sobre agora o presente.

Seu José, o senhor já chegou a cortar seringa?

Eu não cheguei a cortar, mais meus pai, meus tio tudo, meu avôs, tudo cortaro. Eu num cheguei a chegar a cortar que eu num... Eles utilizava uns materiais que... Eu vi os materiais, mas... O meu vô contava que se acordavo quato (04) hora da madrugada, num tinha hora pra eles ir pra estrada cortar, que era um negoço lá que e eles saio, chegava tarde já. E era muito dificultoso no passado que era muito dificil, que não tinha... Tipo assim, no transporte, quando eles fazio a borracha, não tinha como eles tira essa borracha, aí eles saia, ralava o tempo todo lá, dificilmente... Quando chegava em casa ainda ia fazer aquela borracha lá e... Assim, ele contava que era muito dificil.

Foi bom pro senhor ir vendo as mudanças acontecendo assim no seu dia a dia? É muito emocionante ver o lugar que você nasceu e se criou ir se transformando da melhor maneira possível. Explica pra gente.

Hunrum, foi bom. Nem só eu, mais como ôta pessoa qualquer, comum, quer dizer, é... Foi muito legal as coisa aconteceno assim no canto que agente nasceu e criô, até hoje a gente ver as coisa acontecer, como abertura de ramal e ôtas coisa, né, as mudança chegano, aconteceno ali é muito, muito bom! A energia... é importante isso aí pra várias pessoa, pra todas pessoa que mora no liberdade, nem só pra cá, mas pra ôtros lugares, né.



Maricota em sua casa.

Maria de Nazaré Santana da Costa (Maricota)

Tenho 3 filhos, 4 netos e 1 bisneto. Sou descendente de indígenas. Moro na comunidade Morro da Pedra, sou agricultora e amo a minha casa (autobiografia).

Estou aqui com a dona... Como é seu nome?

Maria de Nazaré Santana da Costa.

Com a dona Maria de Nazaré Santana da Costa da comunidade Morro da Pedra, que se localiza no Rio Liberdade. E ela vai me responder algumas perguntas dos seus antepassados né, como que elas viviam antigamente naqueles anos de dificuldades aqui no Liberdade. Dona Maricota, o que a senhora acharia importante deixar registrado no livro Voz do Liberdade?

O que eu acho importante é a voz ficar, né?! Por causa que de primeiro era muito difícil pra nós. Por causo que era na seringa, era no roçado dos outros das seis (06) às seis (06). Eu tenho três (03) fi que criei no roçado dos outros, cortando seringa e passando por uns momentos difícil. Aí a gente pegava, roçava a estrada, rapava a madeira, cortava e embutia a tigela. Aí fazia aquelas pranchinhas^w e vendia pra gente sobreviver.

E assim... Os seus pais são descendentes de outros povos como indígenas, cearenses? Ou eles nasceram aqui no Liberdade mesmo?

Eu acho que sim, eu não sei dizer bem dito por causo que eu quando eu nasci eles não me falaram onde foi que nasceu, né?! Eu sei que eu mermo sou do Liberdade!

E fala como que era a vida no tempo da seringa... Como era o dia a dia das pessoas? Quais as suas dificuldades encontravam no dia?

Ah todo dia a gente ia, menos dia de domingo. Inté sábado a gente cortava! Trabalhava no roçado e fazia tudo. De primeiro ninguém num tinha um motor pra puxar mandioca, ninguém num tinha bola, relava no ralo, espremia na mão. Aí depoizi inventaram a prensa, a gente imprensa-va, relava no ralo, imprensa na prensa. Emendava aquelas duas latas de querosene pra fazer o forno pra torrar a massa, pra fazer só para comer, não tinha venda de farinha, só tinha da borracha. Aí assim a coisa era mais difícil, ainda chego nós comer massa de cocão^j.

Hum?

Unhum. A gente relava o cocão^j, descascava o cocão^j... Aí relava, aí botava a massa de molho, aí derramava nove (09) água. Quando derramava as nove (09) água, a gente espremia que nem espremia a massa na mão, aí peneirava numa peneirinha de cipó. Aí tirava o bago do coco, aí tirava o leite para botar naquele pão do cocão^j, da massa do cocão^j,

pra gente comer com carne que não existia farinha de primeiro. Aí depois foi fazendo farinha e té que hoje em dia tamo vendendo farinha.

Qual foi a diferença daquele tempo? Quais as mudanças que ocorreram naquele tempo pra cá?

Bem as mudanças... Por causa assim, de primeiro era muito difícil fazer farinha pra comer; era muito difícil pra gente comprar uma coisa pra colocar dentro de casa e agora os negócio tão mais fácil.

E assim... As doenças naquela época, como elas eram curadas? Vocês tinham acesso a um hospital ou vocês curavam essas doenças em casa mesmo, com remédios...?

Com remédio da mata! Fazia chá, xaropada e bebia. Misturava casca com casca e deixava ferver, bem fervido. Raiz de pau a gente arrancava, cortava assim e botava no fogo, misturava com aquela casca, com aquelas folha, aí bebia. Deus consentia que a gente ficava boa. Agora, depois que apareceu hospital pra gente se curar, apareceu doutor que de primeiro não existia...

Primeiro era os rezador, né?!

Aí rezador também! Rezava e ficava bom.

Vocês tinham fé nesses rezador? Vocês tinha aquela fé...

Eu também tinha, eu tinha porque eu ficava boa, né. Aí agora ninguém existe mais reza, se num for lá no Hospital do Juruá ninguém fica bom. Vive pelos posto de saúde e os médicos, ninguém fica boa! Porque não acreditam mais em reza, não acreditam mais em xaropada assim de chá da mata, remédio da mata, não tão acreditando mais. E tem deles que bebe aqueles remédios da farmácia, mas não fica bom, finda morrendo sempre. Aí quando a gente tomava o remédio da mata nós custava morrer mais um pouco, custava a morrer porque Deus olhava porque não tinha de

onde tirasse, pra ir pra canto nenhum. Nem BR tinha, nem carro não tinha pra correr, e muitas vez como foi aberto a BR a gente andava no pé. Agora não, facilitou mais, mas de primeiro a gente era sofrido.

E uma coisa que eu acho bem interessante é que naquela época as mulheres costumavam dar à luz a seus filhos em sua própria casa! Isso é verdade?

É, era verdade que os meu foi tudo em casa, os meu foi tudo em casa. Não tive nenhum no hospital, nenhum, tudo foi em casa.

A senhora não tinha medo de correr nenhum riscos assim... Com o processo lá da... Que a senhora tava dando a luz ao seu filho?

Mas o negócio era que a parteira era boa, mandada por Deus. Ela sabia como era que cuidava. Aí Deus ajudava e não corria um perigo!

Naquela época, como é que vocês faziam pra festejar uma festa, vocês utilizavam que meio de... Naquela época, quais eram os equipamentos que vocês utilizavam pra realizar uma festa? Se já existia aparelho de som... essas coisas assim.

Era violão... E um instrumento que chamavam berimbau. Fazia um arco, colocava uma corda, um fio, um negócio assim... Uma cordinha. Aí pegava uma talinha e colocava aqui e saía cantando e batendo assim, ó! Dançava a noite todinha!

Vocês eram bem alegres, né?!

Era mermo! Hoje em dia ninguém não pode nem colocar... Fazer uma festa que não dá. Nós dançava três (03) dias com três (03) noite no toque de violão. Eu tinha um tii que tocava bem, minha mãe tocava bem, nós dançava a noite todinha!



Raimundo

Raimundo Nonato Costa

Moro no rio Liberdade, comunidade Morro da Pedra. Meus pais são descendentes de indígenas e cearenses. Sou agricultor e tenho muito orgulho de morar nessa região tão maravilhosa (autobiografia).

Você acha importante ter um livro contando a história do Liberdade?

Sim, acho sim. É muito importante porque as pessoa vão saber como é que é a história do pessoal do Liberdade e principalmente pras escolas, né. Que vai ser muito importante pros alunos de hoje em dia que não conhece a geração que foi dos antepassado.

Com eram as roupas antigamente?

As roupas antigamente era diferente de hoje, né. Não tinha esse negócio de moda, essas coisas toda. É... as roupa das mulher eram maizi longa, as saia longa, saia rodada, cá maizi em cima, não é hoje que nem certas pessoa se veste.

E as festas de antigamente, como eram?

Eram melhor de que hoje, né. Porque antigamente, é... As festas acontecia mais era as pessoas tocando no violão, acompanhando num pandeiro, um cheque feito de caroço de milho numa lata. Era nesse ritmo a festa e... E na música... E na música clássica era diferente assim de hoje, porque tinha vários ritmos de música, era negócio de xote, forró, valsa e hoje não existe mais, é só negócio do forrozão mesmo.

Quais foram as grandes mudanças que aconteceram no Liberdade? Na sua comunidade?

É... A mudança que ocorreu que eu achei que... Foi sobre... Como é que se diz? Evolução que aconteceu, né, porque antigamente era um pouco difícil. E na comunidade aqui ocorreu esse tipo de evolução porque vários órgãos ajudaram muito digamos, com projetos da associação, trazendo melhorias pra dentro da comunidade. Então, isso foi uma melhoria que teve porque antigamente não existia isso. Ramal, também que saiu foi uma melhoria pra comunidade, pra todos nós. A luz também para todos foi uma melhoria, que antes pra se alumiar era no borrão de cernambi ou na poronga, no querosene.

E as casas? Como eram antigamente em relação a hoje em dia?

Antigamente as casa era... Era simples. Era feita de... Era de paxiúba^x, o assoalho feito de paxiúba^x, as paredes. Era coberta de paia... Era assim as casa e hoje é... É tudo é feito de tauba, quando não é de tauba é de alvenaria, é coberta de brasilit ou que seje de alumínio. Era esse ritmo... O ritmo que é hoje é diferente do ritmo que era as casa de

antigamente.

Como era o modo de vida sem as atuais tecnologias, como motor, a luz, o ramal etc.?

Sim, era difícil né, porque é... Pra gente fazer alguma viagem tinha que ir de varejão^{2d}, é no remo, é um tipo de remo que tinha que a gente chamava voga, era esse o mei de transporte que a gente tinha pra andar no rio. E sobre... Dos motor, também não existia. Era pra gente fazer farinha tinha que puxar na roda... A roda de pau pra puxar e fazer a farinha. Era assim, era muito difícil nessa época. E... A polia da roda era feito de couro de viado: cortava, colocava ele pra curtir, trucia e colocava na roda. Então, era muito difícil.

Em relação a produção da farinha, como era antigamente?

Antigamente, era bastante difícil, porque... É não existia motor pra puxar a mandioca e forno pra torrar também era muito difícil, era raro uma pessoa que tinha. Então se... Aquelas latas que vinha de querosene, a gente partia aquelas lata e fazia um fornozinho daquela lata pra torrar farinha com a paietazinha " pequena. Era como era o... O jeito de fazer a farinha pra sobreviver.

E hoje tá... tecnologia tá avançada, porque a melhoria pra todo mundo, porque todo mundo tem seu motor, tem seu forno, tem sua bola. É... A massa era impressada, quando pra impressar era na palha de carnaubinha, impressava a massa e não era que nem hoje no macaco. Aí o arame que... O arame não, o cabo que a gente fazia pra acochar a prensa era de envira^o, envira^o de malva, aí fazia aquele trocircol da envira^o e impressava aquela massa.

E o futebol, como era jogado antigamente?

Rapaz, o futebol... É... mudou, totalmente mudou. Porque antigamente é... As bola que a gente jogava, que eu vi várias pessoa jogando era

feita de... De seringa, do leite da seringa. Cortava a seringa, tirava aquele leite, aí pegava um vrido, aí difumava aquele vrido com aquele leite, aí quando secava tirava o vidro da... Do leite que tava seco, aí assoprava, aí enchia, aí saía, passava o leite em cima de uma tauba e saía tirando aquelas capa e enrolando na bola, fazendo a bola pra jogar. E outros fazia de palha de bananeira, umas bolinhas que jogavam é... de mão. Então era assim. Hoje não, hoje a bola é bola oficial que vem daí de fora. Hoje a melhoria tá grande.

O senhor já viu algum dos seus antepassados cortarem seringa? Como é que era?

Sim. É... A gente... Tirava a estrada, roçava. Aí colocava os mutás que chamava, que era pra subir pra cortar já as que são mais alta. Eu num cheguei mermo a cortar, maizi eu andei muito mais a minha tia, ela cortava e a gente ajudava ela a colher. É... Cortava com a faca de seringa, aí tinha a raspadeira^z, raspava para poder cortar. Aí embutia a tigela, aí quando terminava de cortar que rodava a estrada todinha, aí vinha pra casa, aí quando via que já tava o leite todo escorrido na tigela, aí voltava pra trás de novo colhendo aquele leite todo.

Aí quando chegava com aquele leite, levava pro difumador, difumadorzinho feito de... Coberto de paia e tinha uma... Uma... Tipo um fornozinho feito de barro, que era o difum... Pra difumar a madeira, a borracha. Aí colocava aquele leite numa... Numa gamela, aí cortava a caxinduba^h e jogava o leite dentro, o caucho, que era pra coalhar rápido, aí quando coalhava a gente ia lá e tirava daquele... daquela forma e impressava numa prensazinha que era para escorrer toda aquela salmoura que tinha de água, essas coisas. Aí só difumava ela e ficava no ponto de vender.

Como era a educação dada pelos pais aos filhos antigamente, em relação a hoje em dia?

Antigamente, era melhor pra criar os filho. Porque os filho eram mais obediente aos pai, se o pai falasse ele não teimava mais porque se teimasse apanhava. Então era melhor a criação dos filhos antigamente, eles obedecia mais os pai. Hoje não, é... Se fala com um filho, muito deles já sai com ignorância, não ouve mais o que o pai diz e teima e isso e aquilo outro. E antigamente não, era totalmente diferente. Se tinha uma pessoa... É umas pessoa conversando, o filho nem passava ali pelo meio porque se passasse pegava peia, então eles obedeciam dessa forma. Se... Não tinha... Não tinha assim o enxerimento que tem hoje de certas crianças porque... As crianças de antigamente eram mais bem educada de que hoje.

Como eram feitas as tarrafas antigamente?

As tarrafa antigamente eram feita de linho de tucum, é tipo uma paiera' que tem na mata. Tombava ela, tirava aquelas... Aquelas paia dela do ôi, aí chegava em casa e tirava o linho dela todinho, colocava pra secar, aí... Urdia ele num fuso que tinha a mão, urdia ele todinho pra fazer a tarrafa e era muito mais forte de que a linha que vem hoje em dia pra tarrafa e manga.

Como é que era pra você estudar e trabalhar ao mesmo tempo?

Era muito difícil, porque hoje em dia pra a gente conseguir o objetivo que a gente quer, a gente tem que lutar, tem que sofrer mesmo, porque é... Estudar e trabalhar ao mesmo tempo não é pra qualquer um não, porque muitos desiste que nem na minha turma quando eu estudava. Teve muitos que desistiu, porque não conseguiu é... Estudar e trabalhar ao mesmo tempo. Porque a gente trabalhava... Ia cedo, trabalhava até dez (10) e meia, onze hora (11), já as carreiras que era pra hora do barqueiro passar uma hora (01), a gente já tava à disposição pra pegar o barco pra ir pra escola, porque trabalhava de manhã e estudava à tarde.

Como é que era a caça antigamente, em relação a hoje?

Antigamente era muito bom, porque a caça era muito mais próxima, porque não era que nem agora, porque é... Era fácil. Muita gente só bastava sair de casa, mal escondia as costas e já escutava os tiros, já chegava com as caças. E hoje tá mais difícil, porque já teve muito invasão de cachorro, essas coisas. Aí então, a caça se afasta e fica mais difícil. Antigamente era fácil, era mais fácil de que hoje.

E a pesca, era mais fácil ou mais difícil de encontrar, antigamente?

Antigamente era mais fácil de encontrar, porque era um rio muito... Muito bom de peixe. Era só pelos portos mermo de casa conseguia pegar janta, almoço, maízi hoje tá totalmente diferente porque... É negócio da poluição, dos lixos, desmatamento na beira do rio, tudo vai afastando o peixe. Então hoje tá muito mais difícil de a gente conseguir pegar um peixe mais fácil.

E os seus antepassados, eles eram da onde? Descendentes da onde?

Eles eram cearenses. O pai do meu avô era cearense.

E eles foram nascido e criado no Liberdade?

Sim. É... A mãe dele, do pai do meu avô sim, foi nascida e criada aqui no Liberdade. Agora o pai do meu avô era cearense. Quando ele chegou aqui no Liberdade foi que ele construiu família. Então sei que começou a... A família a se espalhar por aí.

TEXTOS SELECCIONADOS



Erivaldo

Erivaldo da Costa Conceição

É filho de Josefa da Costa e Antônio Ramalho da Conceição. Nasceu e foi criado no rio Liberdade. Tem três filhas e um filho. Atualmente é microscopista pelo município e mecânico, trabalhando com o conserto de motores e espingardas, ofício este que aprendeu sozinho através da observação e experimentação (elaborado por Tatiane Silva Sousa).

HISTÓRIA DO LIBERDADE

Erivaldo da Costa Conceição

Peço licença meu povo

Para pode lhe falar

Uma história brilhante

Desse devido lugar

As mudanças que ocorreram

De quando nasci pra cá.

Amigo preste atenção

É impossível acreditar

O quanto era difícil

Nesse lugar morar

O isolamento era completo

E não tinha por quem chamar

Lá nos dias da borracha

Coitado do seringueiro

Cortava suas estradas

E quando vinha o quenzeiro

Levava suas borrachas

Sem deixar nenhum dinheiro

O quenzeiro ao sair

Ainda cheio de razão

Olha para o seringueiro

Sem nenhuma compaixão

E ordena ao mesmo

Á aumentar a produção

Esse tipo de produção

Era ruim muitos diziam

Mais para sobreviver

Era o meio que havia

E pra surpresa de muitos

Em poucos dias acabaria

Ao essa produção acabar

Coitado do seringueiro

Ficou desorientado

Feito um doido aventureiro

Pensando o que ia fazer

Pra ganhar o seu dinheiro

Mas Deus que é bondoso

Não deixou nada faltar

Iluminou o homem

Sem deixar a desejar

Lhe deu muitas opções:

[roça, arroz e feijão

Tudo pra ele plantar.

Esse belo assunto

Por aqui quero parar

Para falar de um outro

Mas desse mesmo lugar

Como era a população

Ante de aqui ser

área de conservação

O homem por aqui

Só trabalhava na roça

A sua casa coitado

Parecia uma palhoça

Não tinha um motor

Pra puxar sua roça

Mais logo meu amigo

Veio o primeiro projeto

E dos ribeirinhos

Logo mudou o teto

E ainda pra suas casas

compraram alguns objetos

Cama colchão e antenas

Motor de rabo e gerador

Compraram televisão

Junto a receptor

Para obter boa informação

E uma feira de alimentação

Que o projeto contemplou

Com esse projeto tão bom

Despertou a euforia

De todos os moradores

Pra adquirir uma moradia

Só que muitas foram embora

Se dar a menor valia.

Ainda por esse tempo

Criou-se uma associação

Que pra escola Joaquim Nogueira

Trouxeram duas seções

E a visão dos políticos

Mudou na ocasião.

As seções eleitorais
Trouxe um novo entendimento
Pra o olhar do poder público
Com os seus investimento
Ainda não é o ideal
A política social
Que nos deixe acontento

Por parte do município
Á algum investimento
Canoa, motor, gerador
E um posto de cimento
Onde a construção está indo
A passos muito lento

O governo por sua vez
Sem querer ficar pra trás
Investe na educação
PDC's e muito mais
E apoia a associação
Nos projetos sociais

Mas infelizmente vivemos
Numa sociedade capitalista
Onde quem nada tem, nada vale

Numa visão coronelista
Onde o movimento social
Não se deve valor ideal
Na construção socialista

O movimento social
Nós devemos apoiar
Mas infelizmente nosso povo
Deixa muito a desejar
É por isso que os projetos
Demoram muito chegar

Para morar por aqui
Já melhorou 100%
Á alguns que não percebe
Porque não estão atentos
É porque os dias ruim
Já esqueceu com o tempo

Desses tempos remotos
Ainda tenho saudades
Mesmo a seringa e a agricultura
Sendo uma dura realidade
Hoje podemos sonhar
E cada se dedicar

Pra construir liberdade

Liberdade e usufruir

Do direito de expressão

Sem ter que submeter-se

A uma vida de omissão

Mais construir com liberdade

Com sua dignidade

O direito cidadão

A educação é o processo

Que construímos na verdade

O entendimento mais próximo

Da nossa realidade

Onde sonhamos ser alguém

Com uma visão que vai além

Do que morar no Liberdade

Peço desculpa meu povo

Se deixei algo a falar

Desse povo tão querido

Que vive nesse lugar

Trabalhando com cuidado

Seja em casa ou no roçado

Pra seus filho sustentar

Aqui agradeço a todos

Pela a sua atenção

Eu findo minhas palavras

Com uma dor no coração

Essa história tão bonita

Deu um povo tão querido

Que não tanta atenção

A vocês caros leitores

Falo com educação;

Um forte abraço

E um aperto de mão

Vou guardar todos vocês

No fundo do coração.

LIBERDADE SEM LIBERDADE

Francisco Albecir Brito da Silva

Ó liberdade sem liberdade

De um povo hospitaleiro.

Pessoas de bom coração,

Trabalhadores e ordeiros

Mas, vivem a necessidade

De construir liberdade

E traçar seu roteiro.

Um roteiro social

Que lhes permite viver.

Com toda dignidade

Que o cidadão pode ter.

Reflita, faça uma pausa

Você precisa ter a causa

Não a causa ter você.

As causas aqui são nobres

Requerem nossa atenção.

Pra avaliar com cuidado

E tomar uma posição.

Não que pensando em alguns

Mas que visse o bem comum

Em qualquer situação.

Ó, liberdade sem liberdade

Que tu possas refletir.

Se não unirmos em teia

O que vamos construir?

Aumenta a vulnerabilidade

Própria pra desigualdade

O que virar no povir?

É um colapso social

Com esse toma lá-da-cá

Onde habita o egoísmo

Nada pode prosperar.

É assim que viveremos

Em um caldeirão fervendo

E, liberdade, só o lugar.

Se continuarmos assim

Sem respeito e amizade

Suprimindo a “sabedoria”

Sem haver necessidade.
É criar espaço sem luz
Então não fazemos jus
Ao nome “liberdade”

Todo ser humano
É dotado de saber.
Basta olhar para si mesmo
Que vai se reconhecer.
Como autor de história
De fracasso ou de vitória
Depende do seu querer.

Vivemos em um lugar
Sobre o poder da cultura.
Só depende das pessoas
Pra torna-se mais madura.
Para saber construir
E não ser induzida a abrir
Sua própria sepultura.

Ou então passar a vida
Em uma prisão metal.
Que machuca o ser humano
Mais que cadeia corporal.

Seguindo um modelador
Sem saber ser o senhor
De sua vida social.

Ó, liberdade sem liberdade
Cadê a sua autonomia.
Pra construir um ambiente
Cheio de paz e alegria.
Sem lugar pra o obscuro
Faríamos nosso futuro
Com muita sabedoria.

Pois o sistema atual
Propicia o alinhamento.
De atitudes e ações
Visando um prospero tempo
Tendendo pro mais viável
De maneira sustentável
Que nos deixe a contento.

Não traz felicidade
Uma vida sem amor.
Com desprezo a natureza
Obra do nosso criador.
Pra viver o tradicional

Traçando um futuro mal
 E, consequência de dor.
 Ó, liberdade sem liberdade

Com liberdade quero viver.
 Exercendo autonomia
 Onde posso exercer.
 Ter meus direitos respeitados
 E não ser manipulado
 Como onda de bambolê.

Ó, liberdade sem liberdade
 Sem liberdade pra falar.
 Sem liberdade pra agir
 Com liberdade pra pensar.
 Mas, é tão forte a cultura,
 Essa é a literatura
 Que vivemos no lugar.

Ó, liberdade sem liberdade
 Tens vida em abundância.
 Cheio de fauna e de flora,
 Onde a brisa descansa.
 A felicidade mora aqui
 Eu só preciso discernir
 E, não fiar só na lembrança.

Ó, liberdade sem liberdade
 Cadê teu povo, teu poder?
 Se não temos liberdade
 Fizemos por merecer?
 Ou estamos na era feudal?
 Seja o bem, ou o mal
 Precisamos enaltecer?

Ó, liberdade sem liberdade
 Trajeto turvo, sonho profundo.
 De aspirar liberdade
 Estou ficando corcundo.
 Não sei se é utopia
 Num conceito de valia
 Cada cabeça é um mundo.

Ó, liberdade sem liberdade
 Que tu possas refletir.
 Se quiser dialogar,
 Me procure, estou aqui.
 Sei que foi dado recado
 Por subscrito rimado
 Obrigado por ouvir!

O SERINGUEIRO

Francisco Albecir Brito da Silva

O seringueiro era destemido
De uma coragem estupenda
Ia pra mata de madrugada
Sem temer qualquer contenda
Pra cortar sua seringa
E construir sua renda

Encarava os obstáculos
Da escuridão da floresta
Com a espingarda no ombro
Dizendo o que me resta
É pedir a Deus que não chova
E na quinzena eu faço a festa

Fosse na várzea ou terra firme
Enxuto ou no lamaçal
Subia a seringa por um burro
Usando degrau por degrau
Ficava feliz quando via
A nambu no galho do pau

O cidadão já dizia
Essa vem pro sacotelo

Chegando em casa a noitinha
Eu bebo um caldo amarelo
Depois eu me arrumo pra amanhã
Encarar mais um duelo

No outro dia levantava
Passando a mão pela vista
Observando a atmosfera
Como um meteorologista
Quando não ia chover
Ficava muito otimista

Porém, quebrava o jejum
Pegava a boca da estrada
Ouvia a esturro do jacamim
E o canto da passarada
O ronco do capelão
No final da madrugada

Seringueiro cortava e colhia
Sua borracha defumava
Quando chegava a quinzena
Que o quinzenheiro pesava

Ele ia ao barracão
Para ver o que comprava

Chegando no barracão
Seu patrão indagava

Se a quinzena fosse boa
De tudo ele comprava
Porém, se fosse ruim
Pra casa nada levava.

O seringueiro envergonhado
Vendo a insatisfação
Estampada claramente
No rosto do seu patrão
Com isso as vezes faltava
Desde o sal a munição

Mas, era um trabalho sujeito
Não tinha o que discutir
Pois não tinha alternativas
Ou caminho pra sair
Fosse doente ou com saúde
O jeito era produzir

Já o chama do bom freguês
Produzia muita borracha

Comprava tudo o que queria
As vezes muita cachaça
Sem pensar na produção

Ou no mal cheiro da fumaça

Enquanto o ruim seringueiro
Ficava sem remissão
Era o patrão insatisfeito
A mulher com reclamação
Para ele o único jeito

Era aumentar a produção

Do trabalho da seringa

Ainda existe saudade

Apesar de muito árduo

Alguns veem facilidade

Ou talvez não valorize

Sua real liberdade.

Na floresta eu quero viver

Da seringa eu quero distância

Pegando passado e presente

E botando numa balança

Veremos o atual

Nos dá liberdade total

Para enchermos de esperança.

Aos homens da floresta

Aos seringueiros ou não.

Que desempenharam papel

Na melhoria da nação.

Quero aqui me desculpar

Se faltou algo a relatar

Ou falei sem precisão.

Não quis aqui ofender

Aos nobres companheiros

Mas, só resgatar a cultura

Desses heróis brasileiros.

Eu me incluo na história

Com tristeza ou com glória.



Francisca Érica

AUTOBIOGRAFIA

Francisca Érica Pinheiro Conceição

Eu sou Francisca Érica Pinheiro Conceição, nasci na comunidade Tristeza, no município de Cruzeiro do Sul. Sou filha de Erivaldo da Costa Conceição, servidor público municipal de saúde, e de Maria Zeneide Bernardo Pinheiro, senhora do lar.

A educação é um processo de relação entre as pessoas, é atual na vida de qualquer cidadão. Não é à toa que alguns especialistas do ramo educacional afirmam, categoricamente, que a educação “é o pilar da sociedade”, em outras palavras, isso nos remete ao entendimento de que nenhuma sociedade se desenvolve sem a educação qualificada. Assim, faz-se necessário que tenhamos um processo educacional flexível as nos-

sas particularidades.

Atualmente, eu estudo em uma escola estadual, Joaquim Nogueira, localizada na área rural do município de Cruzeiro do Sul – Acre, em uma distância de aproximadamente 120 quilômetros da sede do município. Uma instituição estruturada de pequeno porte, com três salas de aula, dois banheiros, uma varanda e um pequeno pátio.

O nosso dia a dia, na nossa sala, é semelhante aos demais das outras escolas do Liberdade. Temos uma boa convivência entre os colegas, se existe alguma divergência entre alguns colegas, nenhum deixa ser percebido dentro da sala. É bom estudar, só que a maioria dos alunos da nossa sala trabalha na roça, é uma dificuldade para eles estudar. Pela parte da manhã eles vão ao roçado, à tarde, vão à escola. Não é bom estudar assim!

As escolas públicas, de modo geral, é um estabelecimento de ensino regular, que tem o objetivo de alfabetizar e formar até o ensino médio, além de envolver e tentar preparar aos seus educandos para se darem bem na sociedade.

A nossa escola, atualmente, tem uma gestão organizada e voltada exclusivamente para dar o apoio necessário a cada um que precisar. Nossos professores são muito empenhados, dando o melhor dos seus conhecimentos aos seus educandos. Mas nem tudo é perfeito, na parte da gestão ainda falta componentes em algumas áreas, para dar apoio quando necessário. Não temos energia, o que faz com que não possa ser instalado ventilador e bebedouro. Não temos internet, nem uma biblioteca para fazermos pesquisas.

É muito bom morar em comunidade, principalmente como a nossa, mista de diversas personalidades diferentes: crenças, culturas, saberes,

entre outros. Isso que parece que nos completa e nos dá alegria de viver bem.

Na nossa comunidade tem muitas crianças, mas não tem muita brincadeira, até parece que eles tão ficando adultos precocemente. Em apelo, se tiver alguém que possa ver meu texto, tenha um olhar especial para nossas crianças, e faça alguma coisa para termos um parquinho na nossa comunidade.



Iana Ferreira próximo ao rio Liberdade.

AUTOBIOGRAFIA

Iana Ferreira

Meu nome é Iana Ferreira, moro no rio Liberdade desde criança. Sou filha de agricultor e me sinto privilegiada por fazer parte de uma história incrível feito essa! Quando eu nasci, em 2002, eu fui crescendo e percebendo as principais mudanças em cada comunidade da região. Quando comecei a entender as coisas, percebi que o látex da seringa, ele não era mais utilizado como a principal fonte de renda das famílias. Ou seja, ele foi substituído pela farinha da mandioca. Os agricultores vendiam este produto e

conseguiam uma renda para a sobrevivência da família. Então, essa foi uma das primeiras mudanças que eu vi ocorrer aqui no rio Liberdade. Inclusive, em outras regiões também, até porque a produção da farinha, ela se espalhou em quase toda a região do Brasil.

Outra mudança genial foi a RESEX Riozinho da Liberdade. O ICMBio e outros órgãos decidiram que em cada comunidade ficaria um responsável para o monitoramento e a melhoria das condições dos agricultores e da região. Além disso, muitos projetos foram desenvolvidos, incluindo abertura de ramais. Com muitos anos de luta dos agricultores, eles conseguiram a energia elétrica. Infelizmente, ainda em algumas comunidades não têm acesso a energia, mas com certeza nos anos seguintes, a nossa região ela vai prosseguir. É muito gratificante ver o lugar em que meus familiares nasceram e se criaram entrando em constantes transformações, o lugar onde convivi a maior parte da minha vida... É muito bom isso.

Apesar de todos esses fatos, a vida de um agricultor não é fácil. Falo isso por experiência da minha família, por experiência dos meus pais e de outras famílias também da região. A cada dia eu vejo a luta dos meus pais, querendo dar sempre o melhor pros filhos. E isso mexe muito comigo! Eles não tiveram a oportunidade de estudar assim como muitas e muitas pessoas daqui do rio Liberdade. Atualmente, as pessoas agora têm acesso a escola, a educação... mas antigamente eles não tinham essas oportunidades.

A minha família trabalha com a produção da farinha. É um processo meio complexo... Por exemplo, no verão os agricultores escolhem um pedaço de terra para o plantio da roça. Em seguida, eles desmatam o local. Depois de algumas semanas colocam fogo e queimam todos os vestígios da mata cortada. Aí vem o plantio, aonde eles cavam uma pequena superfície da terra e plantam a roça. Passando alguns meses, se vim alguma

chuva, a roça começa a brotar do solo, criando batatas chamada mandioca. Quando os matos vêm brotando do solo tentando invadir o roçado e a plantação, os agricultores começam a limpar a roça novamente, para ter um crescimento e um bom resultado.

Existem tipos de mandioca com seis meses de plantio, já está pronta pra colheita e a produção da farinha, outras somente com um ano. Então, começa outro processo: colhe, tira a casca da mandioca, leva para a casa de farinha, lava, ceva, em seguida coloca numa prensa e deixa passar a noite inteira. Só pode ser torrada no dia seguinte, aonde ceva novamente. Pra ter uma farinha de qualidade é utilizada uma peneira, que deixa a farinha com um aspecto melhor. Leva ao forno, mexendo a massa vai se transformando em uma farinha meio grolada e ensoada. Retira do forno, leva para a peneira, fazendo ela ficar caroçuda. Em seguida, a farinha peneirada novamente leva ao forno para o toque final, deixando secar até que ela fique com o aspecto de farinha mesmo. Enfim, esse é todo trabalho que o agricultor tem na produção da farinha.

Desde pequena, eu vi os agricultores e os meus familiares tendo todo esse trabalho, inclusive eu já cheguei ajudar meus pais muitas vezes no roçado e não é fácil, mas é um trabalho digno. E é por isso que digo que tenho orgulho dos meus pais e de todos os agricultores do rio Liberdade, não só do rio Liberdade, mas em quase todas as regiões que sobrevivem através da agricultura.

MÚSICA DE IANA FERREIRA

Iana Ferreira

O rio Liberdade é um lugar de muita história
Os meus avós contavam e os meus pais também
Agora eu tô querendo repassar pra mais alguém
Aqui, meu irmão, não era fácil de viver
No meio de tanta coisa, que não dava pra conter
Mas, o povo é muito forte, tinha garra de vencer;
Lutava dia e noite, com esperança de acontecer
Criando expectativa de um dia tudo mudar
E poder dizer: “ô, meu filho, hoje você tem a oportunidade de estudar”
Aí foram acontecendo as oportunidades
Todos os trabalhadores aproveitava com vontade
Hoje eu posso dizer que tudo tá mais fácil
Não é aquela vida que tudo era um fracasso.
A felicidade só existe onde não acaba a esperança
E com orgulho eu posso dizer: cresci vendo parte dessa mudança.



Maria José

Maria José Conceição de Souza

Nasceu na comunidade, é agricultora, estudante do ensino médio e sonha em fazer faculdade de enfermagem. Moça divertida, alegre e sorridente, gosta de estudar, cantar e jogar bola (Por Maria Francisca Conceição de Souza e Tatiane Silva Sousa).

DESMATAMENTO FLORESTAL NÃO DÁ RIMA COM LEGAL

Maria José Conceição de Souza

Desmatamento e queimada	Onde há desmatamento
Apresento em cordel nessa	Resultado é o sofrimento
Bela e linda tarde vim	Pois o povo desse lugar
Armar a minha rima	Vai ficar sem alimento.
Vou dizer todas as causas	
E também as consequências	Também há desmatamento
Do uso sem consciência	Pois derrubam todo dia
De quem vive aqui em cima.	As madeiras da floresta
	Sem ter dó – que covardia!
As queimadas acontecem	As floresta pede paz
Para terra preparar	Mais amor e harmonia.
Pro plantio de arroz, mandioca	
E também pro boi pastar	Desmatamento gera mais calor e
Com incêndios aos demais	[sofrimento
Lançam gases pelo ar.	Tempestades na cidade suas e
	[deslizamento
	Derretimento dos barrancos
Pra começar a contar é simples	Cada vez mais violentos.
Vou gastar só um momento	

Se possível plantas árvores [algo de apavorar
Cuide bem dessa semente Pensando nas consequências que ele
Derrube menos árvores [pode causar
De maneira consciente Extinção de animais e árvores do lugar.
Além de nos ajudar No mundo em que vivemos
Deixa terra mais contente. Também tem que respirar
Cuide bem das florestas É por isso que devemos
Nosso bem primordial Com carinho preservar
Desperdício é loucura Nossa linda floresta
Seja em roçado ou no quintal Não dá mais só pra falar!
E informe a todo mundo
Que mudar é essencial. As queimadas das florestas
Que só causam sofrimentos
Seguem já algumas dicas Trazem más benefícios
Pra floresta preservar Somos mesmo tão ridículos
Menos desmatamentos Poluindo nossos ventos.
Aqui e em outro lugar
Pra lembrar das consequências Pois se fosse bem cumpridas
Que você pode causar. Nossas leis florestais
O mundo poderia não
Andar mais para trás
Mas a lei só no papel

Não pode e nada faz.

Podem vir então da terra

Ou das águas ou dos ventos

Que não causam sofrimentos

A floresta está pedindo

Uma vida sem tormentos.

Meu amigo a coisa é simples

Preste bastante atenção

Do tema que estamos falando

É sobre desmatção

Que vem acontecendo

Na nossa região.

Protejas nossa floresta

Sempre com eficiência

Plantando muitas árvores

Cada vez com mais frequência

Melhorar o ar que respiramos

Que a mudança tem urgência.

As queimadas na floresta

É caso de desmatção

Onde muitos animais

Ficam sem solução

Uns ficam sem abrigos

Outros em extinção.

Outra boa solução

Digo em rima competente

Evitar o desmatamento

Fazer isso inteligente



Maria Francisca à esquerda. Alteline à direita.

Meu nome é **ALTELINE ALVES DA SILVA**, sou filha de Maria Antonia Alves da Silva e Francisco Albecir Brito da Silva, moro no rio Liberdade, Comunidade Periquito. Cursei desde as séries iniciais até o terceiro ano do ensino médio na Escola Joaquim Nogueira, situada na comunidade supracitada (autobiografia).

Me chamo **MARIA FRANCISCA CONCEIÇÃO DE SOUZA**, tenho 23 anos, sou descendente de nordestinos e nasci na comunidade Periquito. Atualmente, moro com minha mãe, Maria das Graças da Conceição, tenho 3 irmãs e sou mãe de Rômulo Nascimento de Souza, que tem 3 anos. Gosto de ler, jogar bola, mariscar de linha com pirão, de viver e morar no Liberdade (autobiografia).

MARIA GECIANE CONCEIÇÃO DE SOUZA nasceu na comunidade Periquito, é estudante do ensino fundamental e agricultora. Gosta de raspar mandioca, jogar bola, ler, estudar, mariscar de linha e ir aos cultos da igreja (elaborado por Maria Francisca Conceição de Souza e Tatiane Silva Sousa).

MARLO SILVA VIEIRA é descendente de nordestinos e filho de Tereza de Jesus Alves da Silva. É estudante do ensino médio e agricultor. Gosta de trabalhar na farinhada, caçar, pescar de linha, jogar bola e se divertir com os amigos (elaborado por Maria Francisca Conceição de Souza e Tatiane Silva Sousa).

ESCOLA DA VIDA*Alteline Alves da Silva**Maria Francisca Conceição de Souza**Maria Geciane Conceição de Souza**Marlo Silva Vieira*

Hoje a escola Joaquim Nogueira
[gera mais saúde e educação

É uma porta pra vida, pras
[futuras gerações

Não importa sua cor, nem a sua
[condição.

A escola é um lugar de regras e
[exigências

Lá você aprende matemática,
[história, geografia e ciências.

A escola é o melhor caminho
[que podemos percorrer

Tendo mais conhecimentos

Fazendo novos amigos

E também obedecer.

Mais é no intervalo que temos mais
[intimidades

Merendar, pular, correr

Fazendo novas amizades.

A amizade é um laço que dura a
[vida inteira

Quem quiser ter sempre uma

É só não fazer bobeira.

Tem também os professores

Que não podemos esquecer

Transmitindo conhecimentos

Para que venhamos aprender

São nossos mestres da vida

Que nos ajudam crescer.

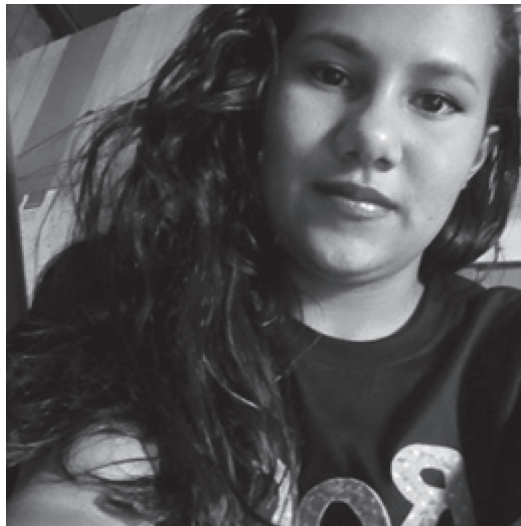
Venha você querido amigo

Que não faz parte dela

Misturando com todos os alunos,
[professores, zelador e merendeira

Caminhando todos juntos

Pra escola Joaquim Nogueira.



Maria Tati

A GAROTA DO LIBERDADE

Maria Tati Costa Vieira

Meu nome é Tati Costa, tenho 18 anos. Bom, falar do Liberdade é muito especial, pois foi onde meus pais e avós foram nascidos e criados. Meus antepassados eram descendentes de indígenas e cearenses. Aqui no Liberdade um dos obstáculos que um jovem tem que enfrentar é conciliar trabalhar na roça e estudo, fazer isso é muito difícil e às vezes esses jovens acabam desistindo de terminar de estudar. Antigamente, as crianças brincavam de muitas brincadeiras legais, como: amarelinha, pula-corda, bandeirinha, pega-pega, viadinho... Hoje, não existem mais essas brincadeiras, agora só querem mexer nos celulares e ver televisão.

Uma das tarefas que passaram de geração em geração na minha família é a produção das tarrafas. Eu adoro fazer e aprendi com a minha mãe e

com a minha tia. Uma das coisas mais divertidas no Liberdade é as festas, onde dançamos muito forró, mas às vezes dá confusão! Os mais velhos dizem que as festas de hoje em dia não prestam, já os jovens acham que é as festas de antigamente que não eram boas e vice-versa.

No Liberdade teve várias mudanças, uma das principais foi a criação do programa Asas da Florestania, esse programa trouxe melhorias na vida escolar de muitos alunos e depois disso os alunos tiveram um ensino de melhor qualidade. Me sinto privilegiada em morar e poder contar um pouco da história do Liberdade, pois foi o lugar onde nasci e fui criada e tenho muito orgulho de dizer que sou filha de agricultor. Meus pais não tiveram a mesma sorte que eu e meus irmãos: eles não completaram seus estudos e hoje eles dão o melhor de si para ver os filhos formados. Me esforço muito para poder alcançar meus objetivos e dar orgulho para os meus pais e também uma forma de agradecer tudo o que eles fazem por mim e meus irmãos. Outra principal mudança que aconteceu foi a chegada do programa Luz para Todos, que trouxe muitas vantagens para o povo do Liberdade: hoje podemos beber uma água gelada... podemos ver televisão a hora que quisermos... Podemos fazer tudo né? É isso. Obrigada!



Reinaldo

Reinaldo Barreto de Lima

Sou agricultor e técnico florestal. Morar no Rio Liberdade é tudo para mim, foi onde eu nasci e vivo até hoje. Tenho uma vida nesse lugar, por isso luto tanto para preservar esse lugar, porque é aqui que está toda a minha história, minhas raízes estão nesse lugar (autobiografia).

POEMA*Reinaldo Barreto de Lima*

Quando o sabiá canta é sinal que o inverno está perto,
Avisando aos seres da floresta que a chuva está vindo,
Trazendo consigo riqueza e fartura.
As árvores se enfeitam com lindas flores e frutos,
Fazendo um mosaico de cores,
Onde os olhos se encantam com tanta beleza.
Os pássaros celebram o presente da mãe natureza
Com lindos voos ao pôr do sol.

CRÔNICAS MULTIFÔNICAS

A história da RESEX Riozinho da Liberdade por temas

Organização

Karla Sessin Dilascio

Revisão

Tatiane Silva Sousa

Valcirlene Martins Miranda

Autores

Alcirema Maciel Cordeiro

Francisco Albecir Brito da Silva

Francisco Alves de Souza

Francisco José Silva Nascimento

Francisco Marques

Hélio Chagas de Souza

José Juvan Santana da Costa

Júlio Monteiro de Andrade

Manoel Soares de Souza

Maria das Graças da Conceição

Maria de Nazaré Santana da Costa

Raimundo Nonato Costa

Sebastião Alves de Souza

Tereza de Jesus Alves da Silva

APRESENTAÇÃO

As narrativas presentes neste livro compõem a memória oral do Vale do Juruá. Trazem novos olhares e impressões que devem compor versões da historiografia da RESEX Riozinho da Liberdade. Estas crônicas multifônicas apresentam a rememoração das histórias de vida dos comunitários da RESEX, daqueles que construíram sua vida na floresta e da floresta.

Pretendeu-se, neste movimento, facilitar ao leitor o acesso aos termos, conceitos, técnicas, histórias e conhecimentos que foram apresentados de maneira diluída nas narrativas anteriores. É o esforço, sugerido pelas comunidades, de evidenciar todo o conhecimento presente nessas narrativas que poderiam passar despercebidos. Estas crônicas multifônicas evidenciam a ecologia de saberes presente nas comunidades da RESEX Riozinho da Liberdade, um saber mediado pelo mundo, pelo dia a dia na floresta, pela vivência cotidiana. Nosso cenário, a floresta, e a interação homem-floresta, permeiam muitas das histórias narradas, e muito do conhecimento acumulado.

Priorizando o processo de cocriação e guiadas pelos princípios de democracia cognitiva, estas “crônicas multifônicas” partem da aceitação de todas as versões da história cuja composição de vozes, por aproximação de temas, resulta em textos coesos e com baixa intervenção das organizadoras. Por isso, esta composição usa apenas os textos traduzidos das histórias orais. Os textos escritos, portanto, não fizeram parte desta composição. A maneira como se fala foi mantida, assim como todos os maneirismos presentes nela. A novidade desta seção é o resultado da composição multifônica das narrativas apresentadas nas seções anteriores, mas agora organizadas por temas.

O QUE VOCÊ ACHA DO LIVRO?

O livro é muito importante porque as pessoas vão saber como é que é a história do pessoal do Liberdade e principalmente pras escolas, né. Que vai ser muito importante pros alunos de hoje em dia que não conhece a geração que foi dos antepassado.

Fazendo isso me veio a ideia de registrar algo, deixar algo escrito pra que as gerações vindouras pudessem ter acesso a essa história que nós vivemos atualmente. Porque quando nós olhamos, fazemos uma avaliação mais minuciosa ou trabalhamos alguns projetos na escola, é... Fica bem notório que eles [os jovens] realmente não tem afinidade e também não conhecem a história do que foi um seringueiro, você sabe que foi uma vida árdua, um trabalho quase que de escravidão e essa história tá se perdendo. Então, daí a importância da gente ter alguma coisa registrada que pudesse eternizar a história dessas pessoas que viveram nesse período. Eu comecei a redigir isso com o objetivo de contar realmente essa história pra que outras pessoas que não conhecem nosso lugar, que não fizeram parte desse processo de produção de borracha, da vida do seringueiro, pudesse realmente conhecer um pouco o que foi isso.

É importante, porque até se eu, uma história da gente, que no caso o

que eu tô contando aqui vai ficar pro resto da vida, eu vou, eu vou... Um dia eu vou morrer, mas aí vai ficar pros meus filho, pros meus netos e pra mais alguém que vier no futuro. E... Eu achava bom mermo, que nem eu acabei de falar, né, naquela hora, que tivesse assim uma câmara pra gente registrar, pra mostrar assim a realidade como era que acontecia tudo, mas já é um grande passo, né? A gente registrar alguma coisa assim que a gente viu, ou que a gente ouviu os pai da gente, os avô, os ti mais véi contar, né. Que eu... Eu aprendi muita coisa também que já passou, que aconteceu nos antepassado, que foi o meu pai que contava, meus avô, que eu guardei na memória assim e hoje eu conto pros meus filho. Aí, quem sabe daqui uns dias os meus filho pode contar pros filho dele, pros meus neto, daqui mais no futuro, mas vai ter negoço aí de registrado no livro que vai mostrar o que passou, né, o que aconteceu no passado, essa é uma importância. O que eu acho muito importância é isso: ficar uma história das pessoa mais antiga, né.

[O livro] vai contar uma história de um cento véi antigo, do que nós fazia, de tudo que acontecia. Eu acho que é importante esse livro. Pra mim eu acho importante assim, porque se não ficar registrado muitas coisa antiga, vai se acabar a história porque não fica nada registrado, né?! Aí se acaba a história. Pelo menos assim, que nem esses jove que tem aí não vai saber do que se passou, porque não vai ficar nada pra contar a história.

O TEMPO DA SERINGA

A seringa na nossa época foi uma coisa que, até muita gente chamava a mãe do seriguêro, né, a nossa mãe! Dizia “A nossa mãe!”, porque dali era que o pai de família tirava o sustento da... Tirava a munição que nós chama hoje, a pólvora, tudo, tudo! Pra matar a caça pro filho comer, comprava leite pra criar o filho, comprava roupa, o calçado, tudo tirado ali da seringa! E tanto que muita gente usava essa palavra, “Nossa mãe”, chamava “Nossa mãe”, a seringa. Era a mãe, porque dali criava, tirava tudo o que precisava, pra si próprio e pros filho, né. Aí é tanto que hoje a seringueira tá uma... É uma punição medonha pro lado da seringa e com razão! Porque aí das pessoa antiga nesse tempo se não fosse a seringa, como era que num io viver, né. Mas quando Deus fez o mundo, acho que ele já fez... Tinha que dar um jeito pras pessoas sobreviver, né.

Os soldados da borracha

Relato 1

“O pai do meu avô era cearense. A mãe do pai do meu avô foi nascida e

criada aqui no Liberdade. Agora o pai do meu avô era cearense. Quando ele chegou aqui no Liberdade foi que ele construiu família. Então sei que começou a... A família a se espalhar por aí.”

Relato 2

Agora meus avós era do Piauí, era do Ceará, meus avô né. Minha avó era daqui mermo uma, a ôta também era. Só os avô que não era. Um do Ceará, ôto do Piauí. Da parte da minha mãe era do Piauí, agora da parte do meu pai era Ceará.

Minha bisavó era da mata, que era caboca. Ela morava na mata que era índia, nera. Foi pegada com os cachorro¹⁶... Foi pra banda aí do Môa, aí pra dentro. Só sei que foi aí pra riba do alto... Eu sei que era pra banda do Môa, aí pra dentro, sei que é aí pra cima... O papai falava que era pra banda dali, pra banda do Môa... Mas eu num sei explicar aonde era, só sei que era pra lá, era pra banda de lá. Ela foi pega por dente de cachorro^p era minha bisavó, a mãe da minha vó... A vó do meu pai. Foi pegada por dente de cachorro na mata, na maloca, na mata não, na maloca! Fizero fogo, mataro tudin e pegaro as bichinha nova. Meu pai é que contava que depois que pegaro ela, que criaro ela, né, aí lá no barracão, na casa do patrão dele... Eu sei que ela saiu barriguda por lá ninguém sabe quem foi o pai, aí teve minha vó né, num sei da onde foi que vêi não... Essa minha avó casou com meu avô que veio do Ceará. Casou com ele. Agora a minha avó por parte da mamãe era daqui mermo... da banda de cá mermo. Agora o véi não, o véi era do Piauí, era um véião... Era um véião daqueles do cabelinho enroladinho.

Relato 3

Meu pai vêi...do Soldado da Borracha, desse tempo do Soldado da Borracha, da guerra, né?! Do Nordeste, da guerra. Aí ele fugiu, né, nesse tempo que a guerra começou, naquele tempo tudo era soldado, aí a guerra come-

çou ele foi e fugiu. Saiu fugido, aí vêi simbora pra cá... aí daqui ele já casô-se com a mãe. A mãe era daqui também. Já nasceu aqui. A mãe nasceu no Gregório. Conheci a mãe [do meu pai], mas da mãe eu não conheci, nem o pai, nem a mãe. Ela era do Nordeste e vêi com [meu pai]. [Meu avô] vêi não. Vêi fugido que ele era Soldado da Borracha. [Meus avós] por parte de mãe era de fora também. Aí depois que eles vieram de fora foi que aí aqui, né, meu pai era de fora.

Relato 4

Então, eu sou descendente de uma família de Nordestinos. Meus avós migraram do Nordeste aqui pra região Amazônica, mais especificamente Acre, aqui no Rio Liberdade. Aqui chegando, eles entraram nesse regime patronal. Era a produção da borracha que era a fonte de renda atual aqui da região e eles entraram nesse regime de cortar seringa para o patrão e com isso tentar sua sobrevivência e... Por tratar-se de uma família pobre... Então eu nasci nessa família e também aos sete (07), oito (08) anos de idade eu já fui educado pra fazer isso, pra cortar seringa. Só que eu tive uma felicidade de na minha infância também ir à escola, e acho que a escola começou a mudar o horizonte e me libertar.

Relato 5

Eu acho importante contar uma pequena história, que eu tenho pra contar. Porque eu sai em mil novecentos e quarenta e seis (1946), no final da Guerra Mundial, pra vir cortar seringa, né, porque o meu projeto era esse; ou eu ia pra fronteira ou então eu vinha contar seringa. Aí eu achei melhor eu vir pra essa fronteira enfrentar outras coisa mais perigosa do que uma bala lá na fronteira. Foi só a vontade de ganhar dinheiro. Era o ouro preto! A borracha rolava lá como ouro preto, era dinheiro. O cara vinha aqui buscar dois (02) sacos de dinheiro era de repente, você ganhava o quê naquela época? Cinco (05) tostões num dia de serviço, cinco (05) tostões que hoje em dia esse dinheiro não existe, né, era cinco (05) tostões por um dia de

serviço que você enfrentava.

Mas aí a gente veio, peguemos o navio... Aí embarcamos lá na Ponta Pelada⁴³, porque nesse tempo não tinha o Mucuri⁴⁴, porque hoje em dia é um grande cais de embarcar a gente. E lá no Ponta Pelada o pessoal embarcava a gente e era pegado assim, pegava, jogava, o marinheiro pegava e botava lá dentro do navi, né. Aí nós viemos, mil e duzentos (1.200) arigós^b pra cortar seringa, aí viemos e chegamos. Viemos pra capital, aí chegamos da capital pegamos um navi chamado Apuanã, aí viemos pra Belém⁴⁵, chegamos em Belém fumo pro quartel dos Naval⁴⁶.

Aí nós viemos pro quartel dos Naval, em mil novecentos e quarenta e seis (1946), né. Lá pro fim de mil novecentos e quarenta e seis (1946) pra entrar em mil novecentos e quarenta e sete (1947), por aí assim... Pelo mês de dezembro! Nós chegamos aqui em março, chegamos nos Kaxinawá⁴⁷. Aí nós viemos pro quartel dos Naval, em Tapanã⁴⁸, entre Icoaraci⁴⁹ e Belém, lá era onde era o pouso, né, era um trapicho^{2c} de madeira e nós ia lá pro quartel. Aí tinha o alojamento dos pessoal que vinha chegando e nós ficamos lá, ficamos lá mais ou menos um mês. Aí veio o Ari Parreira, um navi veio do Rio de Janeiro pegar nós pra trazer pra Manaus, aí de Manaus nós fumo pra um quartel chamado sessenta e quatro (64), nessa época a polícia nem existe né, quartel sessenta e quatro (64) em Manaus.

Nós ficamos lá, aí passamos um mês aí veio uma chamada pra nós ir... vir pra cá... pra Boa Vista, Roraima já! Aí as (...) cachoeira tava tudo seca e ninguém subiu nas cachoeira, aí chegou uns patrão, né, uns patrão aqui do Acre. Aí o chefe dos pessoal disse: “Rapaz, vocês vão cortar seringa em

43 Não foi possível identificar exatamente a referência geográfica deste local.

44 Porto de Mucuripe ou Porto de Fortaleza, localizado em Fortaleza, capital do estado do Ceará.

45 Belém, capital do estado do Pará.

46 Naval, quartel da Marinha do Brasil.

47 Seringal no rio Gregório onde residiam também indígenas Kaxinawa – Huni Kuin.

48 Tapanã, bairro da cidade de Belém.

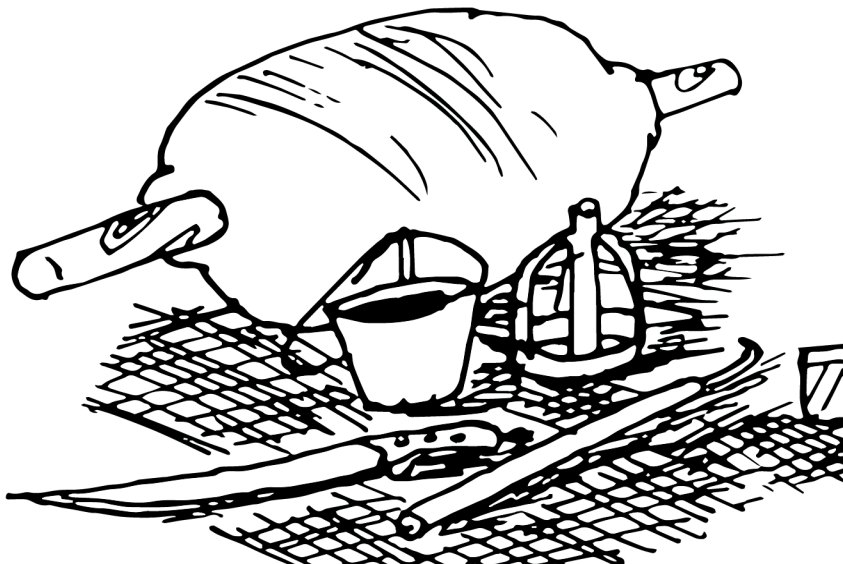
49 Icoaraci, distrito de Belém.

qualquer canto, tanto faz, vocês vão pro Acre com esses patrão”. Aí começou passar pros patrão o chefe e nós via acompanhando o pessoal. Aí nós viemo (...), com o povo do P. C, cortar seringa no Kaxinawá, aí entremo dentro do Gregório⁵⁰ em batelão^e.

Relato 6

A minha vó era do Ceará, cearense. A minha vó eu ainda conheci ela, o meu avô eu num cheguei ver não. Naquela época, eu acho que... Eu acredito que foi na guerra de 42, né, que veio muitos cearense pra cá, que chamavo “arigó”^b, né, pra seringa, pra cortar seringa, que era pra manter o país, era... Levar recurso pra fomentar o país lá na tal guerra⁵¹, né. Ainda bem, parece que aí a guerra parô, num... Foi muita gente daqui, mas ele viero do ceará justamente pra isso... Muito, vários, hoje tem pôco. Esse Nem Soares é um que veio de lá na época pra cortar seringa; então eu acho que meu avô veio nessa época também mais a minha vó.

Eles ficaro aqui nessa parte do Amazonas, né, que esse pessoal... Os patrão io buscar esse pessoal lá pra trazer pa cortar seringa, aí eles io dexano nos igarapé, nos rio, né, lá pro baxo. De Manaus pra cá eles io espalhando esse pessoal, era muita gente. Entrou uns pro Alto Juruá, otos aqui pro Liberdade, entrou muitos aqui pro Liberdade.

Apetrechos para a Produção de Borracha

A pêla de borracha, a poronga, tijela, faca, o terçado e uma caneca.

O balde

O balde é que nem eu tava colocando, né; era um negoço feito, uma parte de baixo igual, pra cima assim já com uma diferença que ficava a boquinha pequena em cima pra colher o leite.



Fotos do balde de seringa.

E a boca dele ficava do tamanho da boca desse copo mais ou menos isso mermo. Só que o caneco tá aqui um poco mais fino, né, mas o baldo pra baxo ele era mais o meno, ele era igual desse mermo jeito aqui. Podia ser de alumín, mas na época num existia de alumín não, acho que se existia num era nem toda pessoa que usava não. Mas era tipo assim, ó, só que aqui

é porque tá mais fino, mas se fosse uma coisa que combinasse aqui... Se ele fosse grosso, se ele batesse igual aqui... Ó aqui ó... Se por acaso esse vaso aqui combinasse a grossura aqui de cima, não tinha diferença, porque ele era feito essa parte aqui desse mermo jeito, ó, aí aqui era... Tá aqui, ó! O balde, aqui a boquinha do balde... O frizo! [A alça poderia ser de envira^o] a gente pode fazer de qualquer coisa que quisesse, podia ser duma riata⁵² de sacola, se tivesse, né, mas o pessoal fazia... De cipó! O pessoal fazia de cipó. Cipó titica que é o cipó mais forte que tem, né? E aguentava muito! Meu pai fazia uns mermo que passava um monte de tempo usando! Qualquer um tipo assim, porque eles conhecia as envira^o mais resistente, mais forte. Aí eles procuravo aquelas sempre mais forte que eles tinha medo de colocar uma faca e quebrar e derramar o leite de dentro do balde. Porque assim, o leite, se o balde chegasse a cair ou se a gente chegasse a cair, eles num derramava o leite todo por conta dele ter a boquinha pequena, né, boca mais o meno desse tamanho aqui mermo, ó. Só que eles derramava uma grande parte, se a pessoa não fosse bem rápido assim pra pegar e levantar ele derramava muito, né, era desse jeito. Era mais o meno isso aqui. Agora aqui, ó, que nem esse aqui, aí ficava tipo a emaietaçãoⁿ que eles chamavo, emaietar, né, aí ficava uma berinha assim que eles amarrava a primêra envira^o aqui, que era exatamente, eles num dexava subir...

[Tinha uma envira ao redor que servia de alça. Uma ao redor do balde e uma que servia para a alça] Porque a que vinha pra cá, ele tinha um beicho que eles dobravo assim no balde mermo, aí a envira^o que era amarrada bem acochada aí que era pra num deixar sacar pra cima, né. Aí daqui que eles puxava já a envira daqui, as veia pra um lado e pro ôto. Aí tinha a tigelinha. O meu pai fazia... Ele pegava.... Na época o óleo de cozinha só vinha em lata, o litro, era litro, mas era lata flande^q, entendeu? Era uma latinha... [O] flande^q, isso. Hoje em dia o leite em pó já vem em lata também de flande^q, né, ainda vem ainda; tá vindo muito empacotado, mas ainda vem muito

⁵² Nome usado para substituir a alça (ex. riata da mochila, riata do caçua, riata do sacotelo).

ainda em lata. Aí eles pegavo lata de conserva nessa época, eles pegavo lata de conserva e eles usavo pra embutir lá na seringa pra aparar leite. Aí eles fazio, pegava o litro de óleo e fazia uma quantidade de... A minha mãe ia secando as lata de leite, que nessa época quem comia leite mais era as criança, papai comprava mais pras crianças. A lata de leite, o litro de óleo num jogava nenhum fora, aí meu pai, quando tinha uma quantia boa aí meu pai pegava e cortava com uma tesôra véa e fazia as tigela. Ele marretava, dava o nome de marretar, ele usava uma marreta assim, um neçoço assim, aí batia pra achatar o fundo pra ficar o fundo normal. Ah, ele fez muito, esses caneco de leite, leite moça que hoje em dia também ainda vem, né? Usava tudo isso pra colher o leite da seringa.

A tigela

Pra ficar fixo na madeira e não cair, eles pegava, ele cortava, tirava o traço, como a gente chama, descia o risco, abaixo do risco eles cortava um golpezin assim... O risco, só que aqui assim, ó: o risco aqui, o risco aqui no caso... Vamos dizer que isso aqui é a seringa, né? Aí o risco vinha só daqui do traço, eles puxava só um riscozin, aí aqui embaixo eles fazio isso aqui, ó. Vamo dizer que aqui é a ponta do risco, né, aí eles fazio tipo assim, ó... Aí aqui eles embutia a tigela. Razinho mermo, que aí, aí o que fosse a lata ou que fosse a tigela, como a gente chamava, aí eles pegava assim achatava um poquin assim que ficava tipo um bicozin pra dá certin aí. Aí eles pegava aqui e molgava⁵³ um poquin assim até ela entrar na seringa e segurava, na casca. Tinha que ser no beicho! Aí ela ficava lá; ali ela ficava. Porque fazia aquela forcinha pra entrar na casca da seringa, né, aquele golpezin que fazia, aí ela ficava ali o tempo todo. Aí dali só tirava na hora de colher o leite.

53 Movimentava.

O mutá^s

Iriki, filho de Francisco José (Preto) sentado num mutá, também chamado de burro. Usado para subir na seringueira.

Eles começavo, vamos dizer aqui, uma certa altura, mais o meno, eles gostavo de começar um metro e mêi de altura mais o meno, assim que desse a altura deles na... Vamos sipor, na cabeça deles, até acima um poco. Aí eles começava de lá e cortando, cortando, até chegar no troncozin perto do barro, da terra, aí dali pra cima eles colocava o chamado, que nós chama mutá^s, chamavo, que era pra poder alcançar mais em cima. Aí dali eles io cortando, cortando e quando num alcançava mais o mutá^s que aquele tava pequeno, tava curto, eles tiravo um pau maior e fazio oto com mais dregau, que eles chamavo, né, pra alcançar mais em cima. Tinha deles que... O meu pai fazia com doze (12) golpezin desse daí, dente que eles chamavo, né... Não era degrau, nesse tempo eles chamavo dente. Eles fazio com doze (12) golpe desse daí, pra alcançar lá na parte de cima mermo, até onde eles

querio. Quando a seringa era boa de leite... Quando a seringa era boa de leite eles io buscar até quando eles vio que dava pra suspender uma haste de madêra pra colocar lá em cima; aí quando eles num conseguiu mais, aí eles começavo já do ôto lado, da onde num tinha sido cortado. Quando terminava aquela parte do ôto lado, aonde eles tinha cortado a primêra vez já tava bom de cortar, dar ôtos traços já por cima do ôto, já tava tudo sarado.

[Faziam o mutá^s] no terçado, usavo o facão, o terçado grande. Depende [da árvore dá para fazer] né... Que seja numa grussura que a pessoa consiga atrepar, né, suspender pra colocar lá na haste da seringa. Porque conto... Aí o meu pai, as vez era de três (03), quato (04) homi pra colocar um mutá^s pra suspender! Furava um buraquin assim no chão pra colocar o toco da árvore lá que ia suspender, pra aguentar, pra num escapolir, pra num deslizar, né? Aí fazia força, três (03), quato (04) lutava até colocar lá em cima... Pra subir, pra ir cortar lá em cima. Buscar o leite... E eu, na época que eu comecei a ajudar o meu pai, eu ia buscar as tigela de leite lá em cima pra ele, aí discia, subia, pegava a lá e discia, ficava com duas (02) na mão, as vez quando era três (03). Tinha delas, seringa grossa, que eles cortavo três (03) lá em cima. Aí eu ia, passava da cabeça dum pau pro oto agarrado na seringa, aí discia quais três (03) tigela: botava, pegava duas (02) butava assim, ó, prendia assim, com o dedo assim, pegava uma, butava no dente e discia. Descia com uma numa mão, outra na outra e outra no dente. E quando eu chegava assim naquelas altura assim que meu pai alcançava do chão, aí eu ficava só lá no dente mutá^s lá, que nem eles chamavo, né, aí ficava esperando que ele recebesse, aí ele recebia uma e colhia aquele leite, aí recebia a ôta, colhia, aí eu discia com a derradeira e ficava esperando embaixo. Ele pegava, colhia e seguia a viagem pra ota seringa, todo tempo.

A faca do seringueiro

A faca [do seringueiro] era um negoço assim, a pessoa fazia uns ferro, aí a

faca é um pedaço de ferro dobrado que fica tipo uma voltazinha assim que é pra poder dá aquele risco que chamo. [não é como uma faca de cozinha] é muito diferente. É um ferro fino assim, uma lâmina. Aí o meu pai... Eles chamavo toco de faca, toco, dava o nome toco de faca. Ele... E ali quando... Uns chamavo faca mermo, ôtos chamavo lâmina, quer dizer, a lâmina era só a peçazinha mermo que dava o risco, né, só que ali naquele cabo que eles colocavo, era um ferros e eles colocavo uns cabo pra pegar, aí dali, quando a lâmina... Tinha vez que a lâmina quebrava, dependendo da seringa, a seringa da casca dura. É a curvadinha, que ela é feita uma voltazinha assim que é pra poder dar o risco, tipo que nem tá meu dedo aqui, ó. Agora desse lado aqui que é aonde corta, ela é bem amoladinha, tipo uma lâmina de gilete, só que ela é mais grossa, tem que ser de ferro, né? Ferro não grossa demais, mas um ferro... O pessoal fazia muito era de serrote de cortar madêra! Eles fazio muito disso aí, ó, eles pegavo... Tinha cara profissional pra fazer, fazia pra vender aqui mermo dentro do Liberdade. Eles pegavo o serrote, cortavo as ripa, um dedo, um dedo assim de largura, dessa largura aqui mais o meno desse quadrozin. Aí daí eles pegavo, colocavo no fogo pro ferro ficar mole, que era pra poder fazer a dobra, a volta que a gente chamava, aí dai eles temperavo de novo! Dava um ponto lá que ela ficava dura, resistente. Aí tinha cara que fazia pra eles mermo usar e ainda vendia. Eu conheci o pai da M., a M. ali do véi ali, ele fazia pra ele e vendia quando os cara precisava, seu A. C.

A poronga

A poronga era... Era feita... Eles fazio de lata também. Eles rolavo um litro de óleo, tirava uma rolinha assim do tamanho desse caneco, mais baixo um pouco, desse canequin aí... Sim, e eles fazio a merma coisa. Butava uma marretava lá, como que dava o nome, fazia um buraco e aí fazia um negoçozin de flande⁹ também. Enrolava, ficava finim assim, que era pra botar um pano; chamavo pavio, aí colocavo o querosene dentro, aí dali ia puxando, subindo e acendia em cima e... Até secar, enchia o canecozinho

lá, enquanto num secava tava acesso. Quando secava, é como quando a gente vai andando o motor, ele para de seco que faltou a gasolina, é a merma coisa, aí é só colocava aquela quantia de novo e tocava pra frente. Botava [na cabeça], fazio um negoço assim que dava certin na cabeça! Tipo um... Um negoço imitando assim tipo uma coroa que a pessoa veste, né? Uma peruca, um negoço. Só que num lugar que segurasse a poronga aqui em cima, que ela ficava...

Ficava em cima da cabeça a poronga, que era pra ele quando tivesse cortano aqui ficasse dano o claro igual com a... Ôtos usava um cabo assim, amarrava um cabo de... Lascava um pau, botava dessa forma que eu tô fazendo aqui, que ela tinha um aro desse mermo jeito do caneco. Aí aqui amarava bem amarrado, pau comprido assim, que era pra quando tiver cortano prendia, colocava aqui no dente, aí ficava aqui agarrado no dente aqui e ela ficava clariando aqui do lado e ele cortando a seringa de noite.

[Então a seringa ela tinha uma espécie de alça, e tinha gente que colocava amarrava uma varinha assim que desse de suportar bem a alça, e segurava a poronga no dente]. Era muitos mei que fazio antigamente, era muita coisa que eles fazio pra sobreviver. Porque Deus dexô um jeito pra tudo, né, na época num era que nem hoje, aí o pessoal tinha que fazer o que sabio, pra sobreviver.

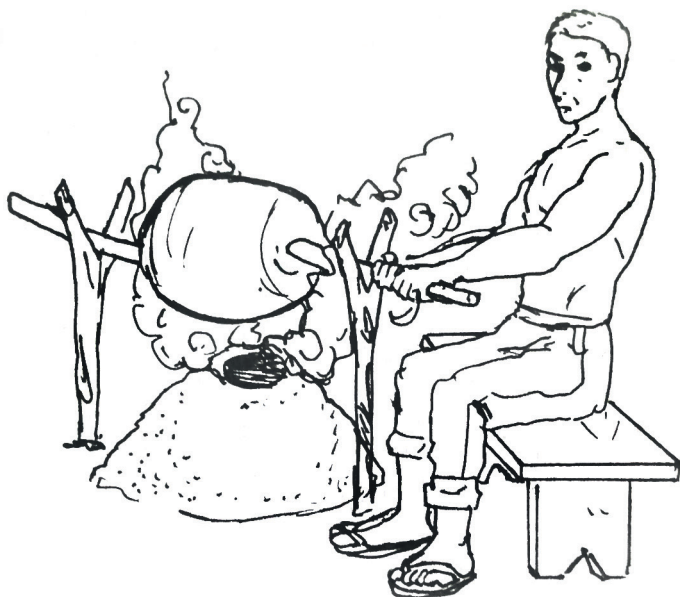
O sarugo, principero ou principe'

O sarugo [era uma] coisa desse tamanho de pau, aí era, aí era furado uns buraco assim, pra sair do outro lado, aí quando acabar tinha um pau que enfiava ali dentro, aí que era pra colocar... A ponta dele era pra colocar assim, por exemplo como que aqui... assim! E aqui! Aí ele colocava a ponta lá e a outra cá, e aí o leite caia em cima da bacia, aí ele tirava o... A fornalha ficava assim né, aí ele tirava o leite que tinha dentro da bacia e despejava em cima. Aí já levava pra rodar lá nos dois pau que tinha... Assim... Que

era duas (02) ponta, dois (02) coisa... Aí rodava ele e já pegava em cima da fornalha. Aí a fornalha... O fogo fazia a fumaça né... Aí ele ia virando, virando todo tempo assim, aí quando dava fé já tava coalhada. Até que ele terminava...

Aí quando acabar eles riscavam, aí eles tiravam aquelas bandinha, eles cortava uma banda, aí enrolava num pau, quando acabar tava bem grande assim, aí é que eles iam difumar pra colocar o leite em cima, no mermo canto que tô dizendo: daqui pra cá. Aí já levava o leite já em cima daquela coisa que tava enrolada, aquele leite coalhado naquele pau, aí já levava pra fornalha... Aí todo dia ele fazia isso, todo dia! Aí ele ia, pegava, até ficar grandão, ficava grande as borrachona!

O principero ou sarugo permitia criar o início da borracha, a miniatura da borracha, ou seja, dar o pontapé inicial da borracha. Então, o principero era isso, o instrumento que dar início pra você criar a borracha. ... Ou seja, era um pau furado no meio por outro com o que nós chamávamos de escavador, esse escavador você rolava em cima da grelha defumando, depois cortava a borracha que tinha sido defumada nesse pau, aí rolava só a borracha noutra pau, que daí que começava a borracha. Por isso a expressão principero, era o princípio.



Seringueiro defumando borracha.

O sernambi

Muita gente se alumiaava, até o meu pai ainda, quando faltava o querosene que chamavo nessa época, eles usavo o sernambi pra se alumiar, a borracha que chamavo sernambi, só que tinha o sernambi mermo, que... E dava de fazer tipo a lamparina também, e fazia acho que em coité. Pegava uma coité, enchia de barro, a minha mãe ainda fez isso... Enchia de barro, quando acabar acendia um pedaço de sernambi, que era a borracha, né, que chamavo sernambi na época, essa parte aí que eles juntavo pra fazer fogo; aí acendia e enfiava na areia, no barro, aí ali ia queimando os pouco. Quando tava entrando no barro eles pegavo um negocinho assim e dava um suspendidazinha, aí queimava até o derradêro, quando chegava no finalzin ficava queimando ali, queimando ali até se acabar mermo no barro. [Como uma vela mesmo], num dava explosão, num dava nada, normal. Aqui em casa agora na época, antes de nós ter energia, eu tinha uma energia solar

que eu comprei, queimou a placa, aí nós usava vela, quando faltava vela corria prum canto, corria pro oto, num tinha onde comprar; aí eu pegava, a Paizinha pegava aqui, coloca o óleo de cozinha, molha um cordão aí dento, no fundo de uma lata, aí a gente janta tranquilo, pode acender duas candeazinha de fogo aí. Nós ainda fizemo isso aqui em casa, e num faz muito tempo não.

O processo de produção da borracha

Quando chegava fazia o fogo da fornaia. Aí fazia o fogo na fornaia, comia e ia difumar. O difumadorzinho feito de... coberto de paia e tinha uma... Uma... Tipo um fornozinho feito de barro, que era o difum... Pa difumar a madeira, a borracha. Aí colocava aquele leite numa... Numa gamela, aí cortava a caxinguba^h e jogava o leite dentro, o caucho, que era pa coalhar rápido, aí quando coalhava a gente ia lá e tirava daquele... daquela forma e impressava uma prensazinha que era para escorrer toda aquela salmoura que tinha de água, essas coisas. Aí só difumava ela e ficava no ponto de vender.

Colocava o leite dento da bacia, aí ia colocar uma coité espirrando em cima da borracha, que era pá... Aí corrava assim, de um pau po ôto, um pau era cumprido e a borracha era assim... Aí colocava assim em cima, colocava o leite em cima da borrachinha e colocava assim na boca da fornaia pa pegar aquela fumaça, aí o leite cualhava⁵⁴... Aí colocava de novo pa bacia, despejava o leite, aí ia de novo, era todo tempo assim, até ela ficar grandona. Aí ele já tirava... aí ele tinha um sarugo deste tamanho assim, primeiramente era um sarugo deste tamanho assim, que era pá ficar o jeito dele cortar. Quando ele difumava ele cortava assim, tirava aquela bandinha da borracha, do leite cualhado, aí enrolava nôto pau, sabe, aí fazia aquele

54 Processo de coagulação, quando o leite da seringa começa a passar de líquido para sólido.

principi assim, dessa grussura. Quando acabava chegava a coiteira^k de leite e ia só despejando...

A venda da borracha

Quando era a borracha, a solução era a borracha, a farinha era só pa alimentação, num existia venda de farinha. Algum patrão que as vez colocava alguns siringuêro, aí precisava de uma farinha as vez tinha algum siringuêro ali que tinha uma quantidade de roça maior aí fazia um... E aí num existia essa... O recurso aqui dentro era completamente da borracha, algum que vendia uma saca de arroz, uma saca de milho; muito difícil, e aí a borracha foi fracassando e fracassando até que acabô de vez por toda, porque quando essa borracha dexô de ser beneficiada lá em Manaus aí muitos patrão financiava o banco, pegava o dinheiro no banco pa comprar mercadoria, justamente pra pagar com essa borracha.

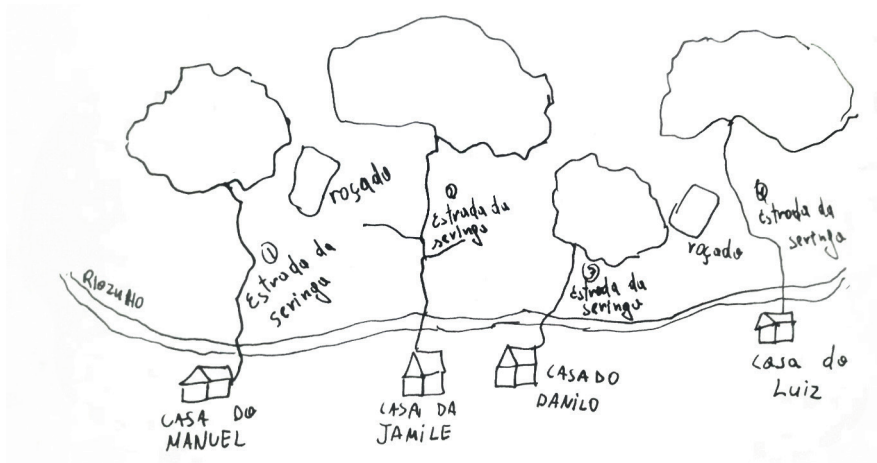
Baliera⁵⁵, né, que os marreteiro^r vinho de barco aí. Eles vinho porque eles sabio que naquela época era uma data boa pra eles assim; porque eles vendio muito, né!? E na época o dinheiro era seringa mermo, era a borra-cha. E aí nessa época aí, o pessoal tava, como que se diz o ditado: “Tavo tudo forrado!”, né, tudo montado no dinheiro. Ia lá, o patrão, os que divio descontava a conta e o patrão passava o resto do dinheiro, as vez até adiantava mais, como hoje.

Então, depois, aí traduzindo... Os objeto era vendido através do quilo de borracha. Uma (01) lata de leite você chegava é... Fabricar quais dez (10) quilo de borracha pra pagar uma (01) lata de leite, num era como antigamente. Aí foi dificultando, dificultando a vida do siringuêro, ninguém pagava conta, então ia sobrevivendo da onde? De acordo com a situação da gente mermo, e... Então, e aí era um sacrifício muito grande, porque

⁵⁵ Embarcação feita de madeira, com capacidade de carga maior que de uma canoa e equipada com motor de popa e leme na proa. As canoas, quando motorizadas, têm apenas o motor de popa, com timão (REZENDE, 2010).

quando o cara liquidava a borracha lá, mas ele trazia o seu saldo, ele trazia o valor que você ficava devendo. Por exemplo, se você tirava saldo, a gente ricibia porque eles trazia contadin, conta corrente, tudo que você... Aí quando foi na época de trocar o objeto pelo quilo de borracha aí foi diferente, você não sabia o quê que fazia, você não sabia em que trabalhar.

A produção da seringa, a gente, é... Rendava várias estrada, os seringueiro rendava o aparelho de estrada, limpava, roçava e chamava roçava, rapava aquele pedacin assim que justamente era pa trabalhar o mês. Chegava no oto mês já ia rapar de novo que era pa... Aí a pessoa ia cortar, aí saía de manhã, as vez de madrugada. Eu cortei muito de madrugada, arriscar a vida, né, pa poder sobreviver cum a família. Aí... Saía cortano, chegava num fecho, demorava um poquim, aí já ia colhendo o leite, aí trazia, butava num balde, butava num saco, trazia pra casa, chegava e ia difumar aquela borracha.



Exemplo de colocação, a disposição das casas dosmoradores, as estradas de seringa e seus roçados.

As vez fazia uma borracha de quarenta (40) quilo, cinquenta (50) quilo, e assim aquela borracha já era pa pagar o que tinha comprado cum o patrão e no final... Uns que morava na bêra do rii fazia quinzena, levava, entregava po patrão, aí comprava mais alguma coisa po ôto mês e quem morava no centro só tirava no final do ano. E quando dava água aí eles trazio e tirava a borracha e entregava po patrão no barracão e aqui mermo o patrão liquidava, nessa época que eu alcancei. Nessa época que eles levava pra Manaus era... Hoje eu conto porque foi história assim, né, que eu ouvi contar. Aí na minha época era assim, entregava pro patrão liquidava lá mermo.

A gente pagava uma renda po patrão. No caso era sessenta e seis (66) quilo de borracha, porque cada aparelho de estrada... Cada estrada eles cobrava trinta e três (33) quilo de renda pra eles, a gente tinha que dá pra eles. A gente cortava pa sustentar eles, aguentar eles na coisa e ainda tinha que pagar porque, no caso, hoje que a gente pensa essas estrada que a gente pagava renda era da gente, mas na conduta deles não. A estrada era deles, eles arrendava pra nós e nós ainda tinha que pagar essa renda pra eles, dá de graça né, pra eles.

Hoje se a gente for, num é diferente, se a gente for um bom freguês, eu pelo menos aqui na ponte do Liberdade. Eu chego ali, eu pego dinheiro adiantado, o meu patrão me adianta dinheiro, por causa que eu vendo farinha pra ele, né. Num é diferente, só que é a merma coisa, hoje tem aquele, agora no período que nós tamo vivendo da farinha, que hoje o negócio é farinha! Aí tem aqueles que vão falar dinheiro e eles num adianta, porque desconfia, né, que a pessoa as vez quer passar a perna neles e aí desconfio. Aí num é diferente, também na época do patrão, na época da seringa, tinha aquelas pessoas que o patrão num adiantava dinheiro porque tinha preguiça de cortar. As vez cortava a borracha e aí disviava, vendia pra ota pessoa fora do patrão, aí é a merma coisa de hoje.

Adiantavo! Adiantavo pros freguês bom, pro seringuêro bom eles adiantavo. E aí, quando a gente trabalhô na siringa tinha uma dificuldade muito grande porque dificilmente o seringueiro pagava a conta, porque na época que foi aberto a siringa pra cá o... Tinha um pessoal em Manaus que foi quem arrendô^d essa parte, esse... Esse Juruá, né, Liberdade... Aí daqui os seringuêro fazia sua borracha e o patrão tinha consciência de levar pra Manaus, lá pra liquidar, a gente recebia as conta corrente de lá, que eles... O que você fizesse aqui, você recibia. Aí foi... Uma melhora assim, porque se você ia pagando o que devia.

Aí veio uma fábrica de borracha aí pa Cruzeiro do Sul, aí a borracha era toda beneficiada daí, era usada pa mandar já... A empresa que comprava, né. O pobre do seringuêro vendia pro patrão, o regatão^{2a}; o regatão ganhava pra lá, ganhava mais um pôco e os seringuêro sempre ganhavo menos né, que nem hoje a farinha. Aí uma época, a usina começo a falir porque aí o que é que fazia os patrão e os seringuêro? Pegavo e butavo muita impureza na borracha e chegava lá, quando era pra ir, uma parte muitos comprava e embarcava lá, uma empresa lá em Manaus que limpava, porque aí se tivesse por lá era delas.

Quando eu comecei num tinha diferença de borracha. É diferente assim, tinha a borracha difumada e tinha o sernambi cualhado e tinha o sernambi que a gente ajuntava do toco da madêra. Quando a gente tirava a tigela ficava escorrendo, né, e quando dava fé um dia criava uma sapata, que a gente chamava sapata, debaixo da tigela, né, quando você tirava a tigela ficava pingando. E aí a gente ia, quando ia rapar culhia todo aquele sernambi, butava de môi e cuns dia batia ele todim, tirava toda aquela impureza aí fazia o sernambi, justamente era o sernambi, uns fazia de... Coisava numa lata e enfeitava cum leite cualhado, um leitim pa grudar, né, e otos enrolava na capa da bacia aqueles bolãozin^f assim e aí a gente vendia po patrão, mas cum sernambi. Tinha a borracha difumada, o leite cualhado e o sernambi.

Leite cualhado era aquele que a gente cualhava no... Por exemplo, a gente trazia no balde ou no saco e chegava aquele leite com uma parte cualhada e ôtos... Endurecia aquele leite, muitos... Aí no começo ninguém pegava na borracha, na minha época, né, e já foi do mêi po fim aí eles pegava na borracha, mas aí quando... Porque quando os patrão levava lá pra fora que trazia eles, trazio certo, a borracha fina e o sernambi. O sernambi cualhado, agora o ôto sernambi que era da sapata já era sernambi mermo, aí tinha aquela diferença.

E quando era aqui não, aí separavam, tinha gente que enrolava rolo de patoá^v, tirava, furava um buraco e já fazia uma borracha e difumava em cima... Era interessante. Olho de paiera^t, ôtos era cipó ambéⁱ, tinha todo um processo. E o patrão: “Faz borracha, faz borracha que é pra...” Butavo barro, pegava aquelas sapata que nem eu falei daquele dia lá da mata, nem lavavo, chegavo, melavo no leite, pregavo em cima da borracha, quando chegava lá que ia olhar a borracha aparecia muito pôco borracha, o resto tudo era impureza. E aí com isso a borracha foi perdendo o valor, perdendo o valor até que acabô, acabô completamente.

A vida do seringueiro

Aaah, no tempo da minha infância eu... Eu fui assim um pouco sofrido, né. Porque... Naquela época, da minha infância num tinha assim a lei que ampara que nem hoje, né!? Que hoje um menino de menor, se for pro trabalho e se tiver uma denúncia, o pai é punido, qualquer pessoa que colocar a pessoa pra trabalhar. Mas naquela época num tinha isso não. O pai levava o filho pro trabaio, dependendo o tamãⁱ que ele quisesse levar num tinha esse negoço de ter punição que nem tem hoje, né? Até tinha, mas pra cá num existia. Mas assim mermo eu me sinto feliz, grato. Porque se o meu pai num tivesse me ensinado o que ele aprendeu, eu talvez hoje num subesse nem trabalhar assim no pesado, né? Porque eu num tive oportunidade de

estudar. A cortar mermo eu comecei eu acho que, com uns doze (12) ano, a cortar. Porque na época que eu comecei a andar mais ele, eu era... Eu tinha mais o meno uns nove (09) ano, só que eu andava, eu ia mermo só pra ir mais ele, mas eu num cortava não.

Eu ajudava assim: eu pegava a tigela de leite e... Pegava e ia tirando lá que, chamavo nessa época, imbutida, era imbutida na madêra, quer dizer, colocada assim, enfiada o beijo da tigela, enfiado na madêra. E vinha do traço, vinha fazia um risco descendo, aí o leite, a gente enfiava ela ali na casca da seringa que aí ficava aparando o leite. Aí quando era na hora de colher era só pegando, disimbutindo e entregando pra ele e ele culhendo o leite; porque nessa época eu num colhia e nem cortava ainda, mas eu já ajudava ele nessa parte ainda.

Até no caso do meu avó, por parte de pai. O meu avô ele num aguento mais cortar seringa, assim no cento, ele saiu pra beira do rio, aí ele foi ficô plantando roça e cortando umas estradinha de seringa bem poquinha madêra, seringa, só fazer a borrachinha dele, né? Pra fazer o saco dele de carregar leite, pra fazer o sapato de seringa, ele fazia isso, e plantar roça pra mandar farinha pros filho lá no cento pra eles num se impaiar com ôta coisa. Aí eles cortavo seringa e mantinha o véi comendo carne de caça na beira do rio, né, porque aí quando eles matavo uma caça lá já vinho deixar pro véi, direto.

Quando dava cinco (05) hora, muitas vez eu me levantava quato (04) hora e de noite eu num gostava de ir não, as vez ia de madrugada mas já era quato (04) hora da madrugada, as vez dia claro, era assim. Aí cedo eu ia dormir pensando naquela hora, aí quando o dia vinha clareando já tinha que levantar, eu arrumava as coisinha aí se mandava, pegava a faca da seringa e a espingarda aí ia cortar. Muitas vez tinha estrada que fechava em casa, ôtas fechava na mata e quando fechava na mata já levava o rancho⁵⁶ e

⁵⁶ Sinônimo de alimento.

lá mermo quando fechava o corte, comia e lá mermo já pegava o balde e ia colher; e quando era em casa você comia em casa e quando fazia aquelas hora você fazia a merma coisa.

Cortava com a faca de seringa, aí tinha a raspadeira^z, raspava para poder cortar. Aí embutia a tigela, aí quando terminava de cortar que rodava a estrada todinha, aí vinha pra casa, aí quando via que já tava o leite todo escorrido na tigela, aí voltava pra trás de novo colhendo aquele leite todo.



Seringueiro cortando seringa com a tigela embutida. Leva a poronga na cabeça para iluminar o caminho e a espingarda nas costas esperando o momento de trazer o rancho.

Num tinha horário, eu trabalhava sozinho em uma colocação, quando dava vontade de cortar na boca da noite eu acendia a poronga e ia me embora, que nesse tempo era a poronga, nem lanterna não existia pra ninguém. Num tinha lanterna, era poronga. Me mandava na mata, cortava, as vez fechava o corte de noite, aí comia alguma coisa, entrava, difumava, quando era... As vez no dia que eu num tava com essa disposição eu saía de manhã. De manhã eu levantava, metia os pés fora da rede, eu num bebia café não, nesse tempo eu num bebia café não; eu ia, me levantava, fazia um mexido dum leite lá, sabe? Com farinha, com água, aquela jacuba. De manhã... Aí eu tirava, né, quando eu chegava botava fogo na fornaia aí tomava uma jacuba mermo com sal, né, aí ia difumar. Acabava de difumar, aí eu ia cortar a carne que naquela época num faltava mermo

O patrão e a seringa

“Depois que acabô-se o negócio da seringa acabô-se patrão. Uns foram embora, outros morreram, outros matarram e aí acabô-se.”
(Francisco Marques)

O negócio da seringa que se acabô-se... Porque o pessoal queria fazer mais borracha que os ôto e o patrão queria crescer os zói também, aí mandou botar tudo no mundo: cipó, barro, areia na seringa. Tinha gente que tinha profissão somente de tombar paiera^t e fazer o buraco pra cobrir o príncipe^y né, com borracha, pra dizer que fazia muita borracha. Aí desse tempo a borracha deu baxa e se acabô-se, foi por causa disso.

Mas num fosse isso, só difumadinha como nós fazia... difumadinha ou se não feita a pranchinha^w, que nós fazia né?! Não tinha se acabado não, se acabô-se por causa disso. Toda a imundície, couro de porco, couro de veado, tudo o pessoal botava, cipó!

[Isso por quê] o seringueiro era hostilizado quando ele não conse-

guia fazer uma produção que agradasse, que atendesse os interesses do seu patrão. Ele era hostilizado pelo patrão com palavras hostis mesmo e, às vezes, até pelos seus colegas de trabalho, pessoas que viviam na mesma situação. Na época a relação era tão cruel, a relação de seringueiro-patrão, patrão-seringueiro era tão cruel, que os filhos do patrão saíam daqui pra estudar em Cruzeiro do Sul, em Manaus, muitas vezes em Fortaleza na capital do Ceará, enquanto isso o filho do seringueiro ele era recrutado a começar a cortar seringa a partir de seis (06), sete (07) anos de idade e não se falava em escola. Ou seja, a gente já nascia numa família pobre, numa situação condenada a uma vida difícil e o patrão nada facilitava. Ou seja, não se preocupava em acionar o poder público pra trazer uma escola para o filho do seringueiro, mas sim, educar o filho do seringueiro pra cortar seringa desde os sete (07), oito (08) anos de idade.

A farinha no tempo da seringa

Uma ou duas famílias, três famílias, já produziam farinha para vender para o patrão, para os patrão vender para os demais fregueses, ou seja, o patrão comprava do produtor, botava lá no seu depósito, para nas quinzenas vender para os fregueses que não plantavam. E outros faziam para subsistência. Eles colocavam a roda para puxar a sua farinha onde ele morava, ele produzia lá mesmo, mas era só para subsistência, nada de venda.

Antigamente, era bastante difícil [de produzir], porque... É não existia motor pa puxar a mandioca e forno pa torrar também era muito difícil, era raro uma pessoa que tinha. Então se... Aquelas latas que vinha de querosene, a gente partia aquelas lata e fazia um fornozinho daquela lata pa torrar farinha com a paietazinha^u pequena. Era como era o... O jeito de fazer a farinha pra sobreviver.

A gente, a gente tirava palha de açaí! Aí do tamanho que era o

chiquerinho⁵⁷ aí cortava aqueles pauzinho, era um chiquerinho quadrado, aí aqui a gente cortava um monte de pedaço de palha de açaí, aí amarrava com as envira^o assim que desse de tampar mermo, pra massa num varar. Aí colocava aqui, chamavo pano, chamava os pano, eles pegavo aqui e colocavo um daqui, ôto daqui dento daquele quadrado, ôto aqui e ôto aqui. Aí aqueles pano eles já forravo o fundo, colocava as ponta e dobrava. Daí eles tinha uma medida: colocavo massa, colocavo massa, aí colocava uma ponta de palha aqui por cima, pra poder colocar mais massa em cima e no ôto dia, quando io tirar lá da prensa, eles io puxando naquelas palha e aquela massa ia soltando e eles io tirano no vaso e levando pra peneira e depois pro forno.

[O chiqueirinho⁵⁸ é tipo quadradinho e a palha ela ia forrando assim dos lados e já forava o fundo...] Nas ponta, sempre eles aproveitavo as ponta da palha, eles colocavo assim mermo, só que eles dexavo uma certa parte assim pra fora, que era pra quando fosse tirar pegasse na ponta assim, pra massa ir soltano, né, pra afroxar a massa, que ela ficava toda pilada ali dento daquela prensa. Aí... Quando num era usava uma palheta, um pedaço de tauba pra fazer, que eles mexio, chamava palheta de mexer a massa, pra escaldar, aí fofava ali, cutucava ali até soltar a massa pra poder tirar pra levar pra peneira. Nessa época ninguém usava... Cavar em motor não; passar a massa na bola pra ficar soltinha, né, no ponto de jogar no forno. Tinha que ir pra peneira e da peneira pro forno! E isso era... Na minha época, num era todo mundo que torava no forno não, tinha gente que morava no cento, que torava era numa bacia, fazia farinha era numa bacia, pra comer.

Pra torar, pra fazer a farinha que nem nós faz no forno, só que era assim, ferro mermo, só que nessa época só a chapa de ferro que nem usa, nós usa a chapa hoje e nós coloca as madêra, né, dos lado e na época ele era todo de ferro mermo, tinha uns que era redondo, tipo uma bacia, só que era grandão, redondo, todo de ferro.. Ia fazendo os poquinho, né, que num

57 Como um pequeno curral de madeira.

58 Um pequeno curral de madeira.

dava pra colocar muito, mas fazia. O que num torava numa bacia, que num tinha, num era todo mundo que pissuia uma bacia não, nessa época, mas quem tinha bacia torava na bacia, quem num tinha fazia aí que nem ele contô. Partia as lata e fazia os forno pra torrar a farinha. Só que essa parte aí de torar assim, fazer o forno assim, eu tenho uma lembrancinha muito pouca, só que eu ainda vi ainda, até um tio meu fazendo.

Pra cevar era na roda. Roda é uma assim... Uma roda assim ó! Uma roda mermo! Feito uma roda assim, furado no mêi um buraco, aí botava um varão no buraco. Aí vai rodando dois, um do lado e ôto do ôto, pra cevar a mandioca, pra fazer farinha, porque se num tivesse era no ralo... ó aqui ó! Furava uma lata de óleo e fazia um ralo como fosse pra relar milho, aí fazia. Nós fizemo muito eu mais a mulher, fizemo muito farinha desse jeito ó... Porque num tinha motor, aí ajeitemo uma roda véa de pau, uma sacupemba^{2b}, fizemo um mêi e aí fazia.

A peneira era feita de cipó. Antigamente o pessoal fazia desse... Tinha um negócio aí na mata que é tipo um cipó também, só que chamo de canela de jacamim^g, que faz também peneira. Lá na minha casa de farinha, o meu ti fez foi de canela de jacamim^g; é boa também, aguenta muito. Mas era só assim o material que... O pessoal fazio só de coisa da mata mermo, extraído da mata, que num tinha onde comprar nada.



Dona Alcirema começando a tecer um paneiro de cipó-titica.

Os véio⁵⁹ que tinha o negócio da roda e essas coisa assim, aí os ôto tinha que fazer a rodinha também pra puxar a farinha, fazer farinha pra comer, porque num tinha ôto recurso não, ou então colocava de môio... Dentro do garapé, dentro do vaso, aí torrava e fazia só peneirar, nem... Num tinha roda pra puxar, não tinha nada... Fazia farinha d'água, farinha puba. Pro baxo Amazonas é o que tem mais é farinha puba, pra lá o pessoal só usa farinha puba. Puba, farinha puba que chama farinha d'água. Porque você coloca a mandioca de môi e ela fica bem molinha aí... Agora como tem motor, tem bola, tem tudo aí coloca lá no cevador, ceva, imprensa e faz a farinha d'água. Faz bolo, faz farinha d'água, faz mingau, tudo no mundo... Ah, eu fazia muita farinha d'água assim de primeiro! Mas é porque num tinha com que puxar, motor num existia, aí depois que a seringa acabô aí o pessoal começou a comprar o motor.

A CRIAÇÃO DA RESEX

Antes o siringuêro, ele era sobre terras dos patrão nesse caso, você... Porque esse seringal aqui foi explorado por gente que vieram de lá pra cá... Nosso pessoal aqui, aqui dentro desse rii tudo é arigó^b, que vieram de lá pra cá. Aí vinha subindo de lá pra cá e vinha trazendo gente. Aí o siringuêro não tinha... Arrendava aparelho de estrada, brocava, aí ia rapar e metia a faca e cortava. Então, era só... E ainda tinha que pagar uma renda, então em... Foi bem em oitenta (80) já, oitenta (80) e tal.

A gente vivia aqui isoladamente, muitas pessoa aqui fôru conhecer Cruzeiro do Sul já agora, depois do asfalto nessa BR. Nascia aqui, se casava, se batizava aqui mermo por causa da dificuldade, né. Aí depois que criaro a BR que asfaltaram, aí não, mudou completamente.

E aí a gente vivia aqui, nós num tinha é... Trabalho em propriedade particular, que nos seringal os dono né, eles... Num tinha como a gente receber benefício do governo, qualquer governo, seja de presidente da república, seja do estado, municipal. Municipal era aquela ajudinha de assim mermo uma vez... uma viagem aqui pra atender uma saúde. Era o básico.

Na época dos patrão chegou, criaram o sindicato, Sindicato do Trabalhador Rural que chamo. Aí o sindicato começou a arengar^a com os patrão, arengar^a com os patrão... Aí a maioria dos siringuêro, aqueles que tinha os patrão bom que nem o dono daqui e ele cuidava bem (...) E faziam aquelas reunião do sindicato e foro brigando com o patrão pra tomar o seringal do patrão po siringuêro, né, que era o dono, segundo eles diziam, que era os dono da terra¹³ e da seringa [era] dos siringuêro, o sindicato queria assim, né. [Eles diziam] “M. num tem seringal, é dos siringuêro que trabalha lá”. Só que aí ele... A turma dele resolvia bem, ele brigava com o sindicato e... Aí foro tirano uns, que nem esse L. que tá aí, ele vai lhe contar bem, ele foi delegado do sindicato só que ele... Nós ainda brigemos eu mais ele, por causa de borracha...

Porque na época justamente nós arrendemo^d o Limão, arrendemo^d o Bom Futuro, nós tava lá no Esperança, aí eu fui gerenciar o São Sebastião justamente... Aí arrendemo^d o São Sebastião e o Limão, aí eu fui trabalhar no Limão. Aí, essa borracha já era financiada pelo banco desses seringal; aí o que era pra ser feito? Eu tinha que botar meu nome lá na minha parte que me pertencia pra diferenciar a borracha do próprio P. B., que era meu cunhado, com a minha, porque lá tinha freguês meu e tinha freguês do P., pra num haver mistura de borracha, sabe?!

Aí eles brigavo com a gente porque a gente tava marcando o borracha dos siringuêro, mas os siringuêro tinha feito aquela borracha com a mercadoria que tinha comprado da gente. E aí tinha que fazer a quinzena, que justamente era pa levar, todo mês fazia a relação do produto que tinha, justamente pa levar po banco, que era pra... Os patrão ia trabalhando assim né; levava aquela quantidade, já tem uma boa parte da conta ou já pagou tudo, mais dinheiro pos patrão e justamente era isso que a gente fazia...

Bom, aí eu fui lá, fiz a quinzena e marquei a borracha; aí eu tô almoçando, lá quando deu fé o cara vinha com a borracha nas costa e essa bor-

racha já tava na relação justamente, aí ia passando e aí eu tomei a borracha dele. “Não, essa borracha...”, “Não é porque...”, “Não, você fez, mas foi com mercadoria daqui”. Não pode se comprar uma mercadoria com uma pessoa aí pegar a borracha e vender pra ôta, e a tua conta, né? Aí ele era o delegado, hoje graças a Deus nós somos muito amigo, graças a Deus.

Aí lá vem ele tudo armado, aquele negócio, porque eles andava... Tudo armado aquele negócio, lá e... Rapaz, eu digo: “Não, a borracha num é dele não, foi ele que fez mas a mercadoria era minha. E essa mercadoria eu comprei do... E eu tenho que devolver”. Eu sei que foi uma confusão danada e ele foi pra Cruzeiro do Sul buscar o sindicato dele, eu mandei ele tirar a borracha todinha lá do depósito, se quiser levar leva lá do depósito, tá até mais fácil... Aí ele num foi mais não, por lá o P. C. que na época era o presidente, deu uma esculhambação nele danada e aí pronto.

Pois, aí... Era pra tirar o poder do patrão pros seringueiro. Aí, foi e num foi, no final o M. que era o dono daqui, de maior parte daqui, morre; aí ficô na mão dos herdêro, fico na mão do irmão dele, da mulher dele e aí foi se acabando aos pôco, aí passaram pra mão do genro e aí acabô com tudo logo, que aí justamente vêi o problema da queda da borracha.

Aí, bom... Aí rapaz eles lá ficaro olhando, vendo que... Pensando na unidade de conservação, justamente a reserva, que justamente a gente tinha... Era uma coisa quase que era como se fosse da gente e a gente tinha direito de receber benefício do Governo Federal, do Governo do Estado, que justamente isso aqui foi criado pelo Governo Federal, né, que é a reserva extrativista. Aí foro brigar por essa reserva e foi uma coisa que até deu certo, porque hoje ninguém se tem... Hoje o Liberdade, depois que foi criado a reserva, o Liberdade mudou completamente, se tiver um cidadão que disser... O Liberdade de um modo geral, a população do Liberdade. Parece que eu falei que antigamente aqui todo mundo era no remo, no varejão^{2d}, ia pa ponte... Teve deles que foi daqui pa Cruzeiro do Sul no

remo e escapou! Saía daí da ponte, que hoje em dia atravessa aí a BR, era ponte, pras cabeceira desse rii de remo, de varejão^{2d} porque num existia motor, hoje todo mundo tem motor, que nem a senhora vê aí, o cabra pra atravessar o rii...

Então, ah sim, bem. Aí vamo criar a reserva. Esse L., se não fosse por esse L., inda hoje aqui num era criada a reserva, eu lhe digo com certeza, porque nenhum outro desses que ta aí, que já passaro por aí tem esse... Porque na época ele andava fazendo, ele fez, como foi citado aí nos dez anos de criação de Reserva, foi dito aí que se num fosse por ele aqui num existia uma reserva. Só que ele era misturado com esse povo aí, foi veno uma... Num sei se foi dos Estados Unidos, se era Noruega, por aqueles mêi... Ele é mais virado do que cigarro em boca de bebo! E ele mudou muito e foi um cara muito notado... Mas num tem um cidadão aqui que tenha conseguido beneficio aqui pra esse Liberdade, nem um quarto que o L. já conseguiu, basta dizer que essa Reserva foi criada através do L. e foi dito isso aí e tem prova; ele tem um livro... Pois sim, e o L. vendo esse lado que nós num tinha, nós era preso, aí justamente foi que saiu esse negócio da criação da reserva, aí eu lhe digo com certeza pra senhora, se tiver um cara que lhe diga que a reserva... Ele tá doido!

A primeira pessoa que ele cadastrô⁶⁰ aqui dento da reserva foi eu, ele me chamava lá pro pessoal... Pois sim, fazia reunião, porque tinha a ata, né, fazia a reunião reunindo presença da população; eu sei que aí ele criou essa coisa e mandou pra lá... Pro destino, porque quando recebemo o decreto da reserva, eu tenho até lá em casa.

E aí, justamente aquele L., que quando ele começô o cadastro na época... Aí era escondido por causa dos proprietário, o C. G. pegou processo parece... Sim, quando começou a fazer o cadastramento dos moradores,

⁶⁰ Cadastro realizado no levantamento socioeconômico da área para criação da RESEX Riozinho da Liberdade.

justamente pra criar essa ata, esse pedido dessa unidade⁶¹, dessa reserva, era assim abafada, o L. vinha com o pessoal, mas era assim mêi... Ainda foi citado aí no dia da reunião, por causa dos proprietário, dos patrão, né.

Foi meio que nas escondida por conta do receio com o dono das terra ^m. Era com os dono das terra. Só que aí ele fez assim mermo, ôto num teve essa coragi de fazer. Eu sei que aí terminaro aí, o L. ainda andou mêi brigando lá com as dona, a mulher, nessa época o marido já tinha morrido, o dono mesmo legítimo, mais ele conseguiu, mandou pra lá e lá vem a notícia. Só que passou... Passou uns tempo né, porque o governo tem que fazer toda aquela avaliação através do decreto pra poder criar a unidade e assinar, né?

Ela foi criada em dois mil e cinco (2005), só que quando chegou aqui pra nós foi no dia dezessete (17)... Eu esqueci. Aí foi através desse pedido que chegou mais rápido aqui, bom... Aí quando criô essa reserva melhorou completamente a situação do Liberdade, da população do Liberdade... Aí que ele criô a reserva ainda existia isso, aí ele vai... Esses morador eles preciso de ter apoio, aí vai criaro o crédito habitação, né, através do INCRA. Aí binificiou muita gente aqui com uma casa, uma moradia. Aí foi, cada vez foi melhorando mais um pôco. Aí criaro as associação, que é uma coisa que tem que procura recurso pros morador, né. Criemo essa associação... Se eu num tô enganado, dois mil e seis (2006).

E a sorte que nós tivemos que a reserva extrativista ela... A gente produz e extrai, né. Aí então melhorou, só que aí então a gente fica à mercê de... povo lá, né. Dependendo muito de recurso pra vir, porque aqui num pode... Aqui, aí depois que caiu a borracha, aí vamos à farinha, né. A farinha cum... A senhora sabe, num sei se a senhora já tinha visto alguém por aí, é... Dá pa gente ir levando, mas não que dê pra algum... Muita coisa.

61 Unidade de conservação – Reserva Extrativista, conceito jurídico descrito na Lei do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) nº 9985/2000.

E é isso o que eu tenho contado, a história do Liberdade é essa. Que a vista do que nós vivia lá pa trás, hoje é uma bença que Deus deu pa gente. A gente viver em uma unidade de conservação e sendo assistida, né, não por uma maioria, mas eu acredito que, é... Principalmente na educação. A educação que era... Num existia educação. Hoje você tem um... Nasce um filho com cinco (05), seis (06) ano ele já na sala de aula, né, e... Vai estudando. Enquanto eu, no meu caso eu nasci e num tive a oportunidade de estudar, por isso que eu... O pessoal me considera analfabeto por isso, que eu não tenho uma escolaridade, que eu num tive oportunidade de alcançar esse tempo, né. Existia mais era muito difícil, você sair daqui pra ir pra cidade estudar era muito difícil, muito difícil e ninguém ia, né, ninguém podia ir, por causa do custo de vida lá. E é isso, dona... eu tenho minha cabeça muito assim embaraçada.

A criação das comunidades

A organização [nas comunidades] e... Era assim, familiar mermo, vizinho mermo, num existia essas organização que existe hoje através de associação, de sindicato, essas coisa, né. [Não tinham essas comunidades grandes na beira do rio ou não], isso virô comunidade depois que acabô a siringa e foi criado as associação, as unidade de conservação e antes era seringal. Cada seringal tinha aquela quantidade de morador, né. No caso que aqui, eu num intendo como é que é aqui, se é [seringal] São Pedro, porque São Pedro é alí em cima e pega o nome de Piriquito. Por exemplo: São Pedro, aí morava um bucado de siringuêro; lá no Forquia, ôto; Guaraní, ôto; Esperança, e assim por diante... A moradia era aquelas casinha cuberta de paia mermo, madêra roliça lá da mata, paxiúba^x... E assim, uns cobrio até com paia de carnaubinha⁶² e a maioria era com jací. Jaci e paxiúba^x, tauba num existia. Num tinha como tirar uma tauba pa... Aí alguns que já tinha

⁶² Palmeira da espécie *Cheliocarpus ulei*.

muito tempo...Os patrão, né, eles fazio os barração e mandava serrar na serra manual e construía a casinha de madêra, que nem a gente tem hoje, né, madêra serrada. Mas os siriguêro era casinha de paxiúba^x, às vez até aberta, não tinha como fechar, né, só assoalhava e assim vivio.

A criação da comunidade do Periquito



Entardecer na comunidade Periquito.

Nem todos que moram aqui nasceram aqui. Nasceram uns para lá, uns pro Baixo... Porque quando se fala do Liberdade, fala-se muito do Liberdade para cima né, não se fala da nossa relação com Ipixuna. Pois que o Liberdade se estende até um seringal chamado Porto Mappes, que é aonde é a Foz do Liberdade, que fica bem pertinho de Ipixuna. É por isso que é essa relação.

[Esse movimento se deu] por causa da seringa, né. Aí a principal fonte

de renda passou a ser a farinha. Aí não faz sentido eles produzirem farinha nas cabeceiras do Igarapé São Pedro, do Igarapé Periquito, do Igarapé Jurupari e não vai ter como se tirar o sustento desse produto, porque o igarapé não oferece condição de trafegabilidade e nem condição de trazer por terra, então ele foi obrigado a fazer parte desse fluxo, migraram dos centos como era chamado, dos igarapés, pra beira do rio.

[As casas] era mais para dentro, pros Igarapés no período da seringa. E quando houve essa mudança, na época, da fonte de renda, então eles obrigatoriamente tiveram que buscar um lugar para oferecer as condições de produção para eles. Por isso que aconteceu esse fluxo de gente saindo dos igarapés pra beira do rio no processo de formação das comunidades, porque antes existiam pequenas comunidades, mas eram só barracão onde tinha um patrão ou sub patrão como era chamado na época. Esse processo, foi um processo natural que aconteceu com todo mundo.

O Periquito foi criado em função da escola. Ocorreu esse fluxo dos igarapés pra beira do rio, mas eles não se organizaram formando uma comunidade, as famílias ficaram dispersas umas das outras, quem criou esse aglomerado foi esse conceito de educação, já foi um trabalho de articulação.

O surgimento das escolas



Escola Estadual Rural Joaquim Nogueira localizada na comunidade Periquito.

Na época [da seringa] não existiam escolas no Liberdade. Por exemplo, às vez tinha aquelas pessoa que sabia, né, as vez alguns patrão pegava aquela pessoa e as vez até que contratava e a gente pagava um ordenadozin⁶³ pa ensinar pa meninada, né... As criança. Mas não em escola, era assim numa casa, uma coisa assim. Na minha época quando eu comecei a... Quando vêi escola pra cá eu já era quase velho já. Eu construí a primeira escola que vêi do Estado aqui pa esse Liberdade, foi eu que construí. Lá no Esperança, vêi duas escola, aí vêi pelo município, pela prefeitura. Aí nós fizemo um projeto, eu e o meu cunhado, um projeto e consegui essa escola pelo município. Aí quando eu terminei de fazer que entreguei pra ele aí começô a funcionar, aí o município passô po estado, aí vêi duas escola, a ôta que vêi

num foi feita, por causa de... A pessoa que as vez recebe as coisas né, porque naquela época o patrão era o representante da comunidade e conseguia aquilo e as vez num tinha uma boa... Ainda tinha a produção da borracha e o patrão. Me parece que foi no final de setenta (70) por aí assim, foi no final de 70, foi quando fizeram essa escola. Aí nós tinha um rapaz que trabalhava com nós, chamava Z. B. e ele tinha estudado cuns padre, um cara sabido que era uma coisa medonha. Aí vêi pra ir pro siringal trabalhar cum nós, aí o Pedro vai e contrata ele, eu sei que ele ficou por aí quando deu fé ele arranhou um contrato lá pela cidade.

O professor que entrou aqui dentro foi o finado S., que nesse tempo eu acho que a senhora ainda sabe até desse finado S. que morou... foi quem deu aula pra esse Albecir, foi quem deu aula... Ele vêi de fora, era Soldado da Borracha, no tempo da guerra. Vêi simbora que era professor aqui. Ele era policial ainda mais, né. Era do Nordeste, aí vêi fugido pra cá, era sabido aí começou dar aula pro pessoal, aí foi o primeiro que deu aula aqui dentro foi ele. S, foi quem deu aula pra esse Albecir. O Albecir aprendeu com ele, esse Albecir aí, estudou com ele, aí hoje o Albecir fez a faculdade e tudim, mas aprendeu um pouco com ele, o S. Nesse tempo que tinha patrão aqui quem deu aula aqui foi o finado S., deu no Jurupari⁶⁴ aqui. Aonde tinha uma escola, somente aqui no Jurupari com o finado S., mais em canto nenhum aqui. Nesse tempo...

Aí depois que o patrão se acabô-se, aí tem escola pra todo canto. Aí foi tempo que o Albecir deu aula lá no Tristeza, aí vêi pra aí, passou num sei quantos ano lá dando aula lá no Tristeza, aí vêi simbora pra cá. Depois que o Albecir formô-se aí começou a dar aula. Eu nesse tempo num estudei, não sei nem fazer meu nome, não sei assinar meu nome, num tinha professor, não tinha nada... Aí depois de papagai vêi num vai aprender nada!

64 Igarapé que deságua no rio Liberdade. Localizado acima da comunidade Periquito, a montante fica do lado direito do rio Liberdade.

A chegada da BR-364



BR-364 localizada na Vila Maurício Mappes, sobre a ponte do rio Liberdade. À esquerda, pode ser observado um prédio azul, posto de saúde municipal.

Na época quando começou a melhorar, né. Porque na época era o sétimo BEC (Batalhão de Engenharia de Construção) que trabalhava, aí eles fazia aquela limpeza no verão. De inverno ninguém conseguia ir por ela, a num ser de barco pelo rio, mas demorava muito, de quatro (04) a cinco (05) dia pra você chegar na cidade. E por a estrada, quando no inverno não tinha tráfego, então é... Aí foi vindo, o BEC passou muito tempo trabalhando nessa BR. Aí então começou a botar asfalto nessa estrada. A população vivia aqui isolada, sofrendo, quase que morrendo à mingua porque era muito difícil.

Aí a coisa mudou cem por cento. Hoje, hoje nós tamo pode se dizer que nós tamo no centro de Cruzeiro do Sul. Como a senhora tá vendo, a

gente sai daqui chega lá na hora do almoço. Sai de lá, toma o café lá, vem almoçar em casa, né, mermo essa distância grande, mas com essa BR aí e uma ajuda que o Governo Federal deu, depois foi criada a reserva, aí melhorou outro tanto, né. E aí, a vista do que nós vivia antes nós tamo... É uma bença que Deus mandou pra gente.

Eu tenho pouco conhecimento mas foi... Peraí, deixa eu ver... Foi de oitenta (80) pra cá. Em oitenta e dois (82) eu cheguei no Guaraní e era dessa forma. Bom, aí a situação era essa. A gente vivia aqui isoladamente, muitas pessoa aqui fôru conhecer Cruzeiro do Sul já agora, depois do asfalto nessa BR. Nascia aqui, se casava, se batizava aqui mermo por causa da dificuldade, né. Aí depois que criaro a BR que asfaltaram, aí não, mudou completamente.

ENTRE O TEMPO DA SERINGA E A FARINHA

Hoje tá mais melhor, porque você, na época da seringa, as vez você não podia perder horário. As vez se você... vamos dizer, cê tinha costume de sair cinco hora (05) da manhã, aí se você fosse sair seis (06) horas você já achava que tava tarde e hoje não. Com o roçado não tem horário, você pode ir qualquer hora, só que mais cedo é mais melhor, mas também se perder, vamo dizer que não pode ir seis (06) hora... Comparação: você sai sete (07) hora pro roçado, que é o comum de você sair na agricultura, mas se por acaso não for sete hora (07) e for oito (08) hora ainda dá também, a merma coisa.. Aí eu tô achando que na agricultura tá melhor do que na época da seringa. Até assim no dia a dia da gente de se acordar mais tarde e tal, a preocupação ficou mais pouco um pouco.

Hoje é bom também e tem mais facilidade. No tempo da seringa o dinheiro era difícil e hoje o dinheiro é mais fácil, porque tu vê que antigamente um pai de família pra pegar um dinheiro pra dar um passeio na cidade era preciso ele ser muito econômico nera?! Hoje até um menino deste tamanho ele planta uma praia, ao redor ali de roça e tudo e faz três (03), quatro (04), cinco (05) saca de farinha e lá vai o menino com o bolso chei

de dinheiro! Antigamente quem é que via dinheiro assim, né?! Via não...

E a tecnologia tá avançada, porque a melhoria pa todo mundo, porque todo mundo tem seu motor, tem seu forno, tem sua bola⁶⁵. A massa era impressada, quando pra impressar era na palha de carnaubinha⁶⁶, impressava a massa e não era que nem hoje no macaco⁶⁷. Aí o arame que... O arame não, o cabo que a gente fazia, pra acochar⁶⁸ a prensa era de envira^o, envira de malva⁶⁹, aí fazia aquele trocircol⁷⁰ da envira e impressava aquela massa.

A farinha bom mermo não é não, a gente trabalha porque não tem outro meio mais maneiro, o jeito que tem é trabalhar, só que pesado é. A luta da farinha não é fácil não, é tanto porque assim se você fosse analisar desde que você começa o roçado pro preço dela, você nem prantava, porque não dá nada. A gente faz porque não vai pensar isso aí, mas bom mermo não é não, é uma luta doida e principalmente assim só no peso. Porque hoje eu acho que o pessoal tão mais esculhambado assim da coluna é de tanto peso; porque joga uma saca de mandioca nas costa, uma saca de farinha, que nem hoje tem pessoas novo que é tudo se queixando da coluna, eu acho que só pode ser devido isso. No tempo da seringa ninguém se queixava assim não, porque não carregava esses peso assim, tudo era mais maneiro. Aí hoje a farinha é que nem eu tava falando, né? O ganho é mais melhor do que na época da seringa, só que por esse lado tem esse problema de prejudicar a saúde também.

A borracha acabô completamente, aqui num tem uma pessoa mais que corte um pé de seringa, mais nada, só na farinha. Porque aí eles tem uma visão muito pôca, porque se fizesse um poquinho de farinha, um pôco de

65 Bola ou caititu é um cilindro com dentes afiados movido por um motor estacionário que tritura a mandioca.

66 Palmeira da espécie *Cheliocarpus ulei*.

67 Macaco hidráulico.

68 Apertar.

69 Não foi possível encontrar uma definição para este termo.

70 Retorcida.

arroz, um pôco de feijão... Tem o açúcar gramixó que é uma coisa que... Eu já lutei com meu menino mas ele num... Porque o gramixó hoje à vista da farinha, meu Deus do céu, é um ouro, um garimpo! Só que nem tem deles aqui, pouca gente que faz gramixó aqui, é o N. ali no garapé, um rapaz ali abaixo da ponte e parece que só, lá prá baixo tem algum que faz. Mas que nem eu tô dizendo, se misturasse de cada um um poquim aí dava... Porque tem uns que é mais valorizado, no caso do açúcar gramixó, né. O açúcar é além da farinha, só que aí não produzem; aí você faz uma saca de farinha, pra uma farinha chegar dento da saca, aqueles cinquenta (50) quilo.

Se a farinha se acabar? Aí isso aí ninguém sabe o que vai acontecer pra gente sobreviver só disso aí. Tem o bolsa família⁷¹ hoje, quem não é aposentado mas ganha o bolsa família, mas tem deles que ganha pouco e também não dá pra sobreviver, aí isso aí ninguém tem essa ideia de como vai ser pra frente, porque se a farinha chegar a se acabar, porque o povo fala: “vai findar se acabando, vai findar se acabando”... Ninguém sabe. Aí outra ideia assim por hora ninguém tem não.

71 O Programa *Bolsa Família* atende às famílias que vivem em situação de pobreza e de extrema pobreza.

A produção de farinha



Casa de farinha na Comunidade Guarani.



Raspando mandioca no roçado.



Cevar mandioca e prensar massa.



Torrando farinha.

Chega a época do roçado novo, a gente planta, aí dá a primeira limpa, aí a gente tem um intervalozin assim de limpa, mas aí já vem o de roça madura

que a gente vai fazer que nem agora. Nós tamo desmanchando um roçado que tá a roça madura e já tem roça nova esperando limpar uma parte, ôta esperando daqui uns dia a gente já começar a fazer. É assim a rotina do trabalhador, do agricultor, é desse jeito! A gente tudo é a pausa, né. A gente tem sempre, nem toda vez a gente planta a roça tudo duma época.

É um processo grande porque começa a brocar um matim baxo, um mato piqueno, depois vai lá pega... Hoje já é motor serra, antes era no machado: “Pá, pá...”. Era uma eternidade pa brocar um roçado, hoje os roçado não são tão grande porque existe uma regra aí que... mas tem deles que ainda faz um roçadin, tomba de repente com o motor serra. E aí, você tomba aquele... Espera que seque, toca fogo, vai encoivarar; tem deles que num encoivara⁷² não, mas é um processo danado, é aquele que quer aproveitar aquilo, mais é uma vez.

Com um tempo nasce [tudo de novo], só que não tem como encoivarar pa tirar toda aquela pausada de dentro; e o fogo, por isso que a gente usa o fogo aqui. Eu, até quando eu participava de encontro por aí quando começou a reserva já tinha esses negócio das questão ambiental, negócio do fogo, desmate, eu concordo. Só que nós não podia usar a terra pa tirar a subsistência se num usasse o fogo e tombar a mata, né. Então, aí na hora que queima, aí queima aquele foial⁷³, aquela garrancheira⁷⁴ dura, queima quase tudo, aí o que fica o que atrapalha pa limpar aí vai, corta tudin e joga no aceiro, ou então faz aquelas coivara¹, aqueles monte e toca fogo, é o encoivaramento que a gente chama.

Sempre a gente costuma plantar o arrancador^e, né. O arrancador^e já é ôta etapa mais... Que as vez chega primeiro que o roçado novo, aí é desse jeito. Eu plantei a primêra vez, aí a terra, vamo supor: eu broquei um roçado na mata virgem, aí eu plantei na primêra vez, aí a segunda vez que eu tirar aquela roça de lá e colocar ôta, aí já é no arrancador. Quer dizer, o arrancador porque eu já arranquei uma vez lá. Pode usar essa palavra arrancador, porque o cara que tá arrancando, ele também pode passar por

essa palavra: arrancador. Num tá arrancando, né? Só que assim, a palavra que nós usa de arrancador é assim: porque nós tira a roça da primêra vez aí planta de novo! Aí já é no arrancador, aí ôta vez que plantar, arrancador de novo. Tirando a roça e plantando no mermo lugar logo. Agora se nós deixar, vamos supor: broquei o roçado na mata virgem, aí plantei, tirei a roça e deixei a capoêra⁷⁵ crescer, aí já num é arrancador, que eu num tirei a roça e plantei de novo. Aí é a capoêra. Aí eu broquei uma capoêra e plantei, aí e desse jeito a palavra.

Já é capoêra. Eu broquei a capoêra e plantei, mas só que eu considero, a palavra continua capoêra. Eu plantei uma copoêra, eu tenho uma capoêra cheia de roça, é desse jeito. Aí a pessoa pode pensar, “mas rapaz a roça dele tá na capoêra, na mata”, vamo sipor, né, a palavra, mas num é, é porque eu plantei era capoêra já, eu broquei⁷⁶ e plantei.

Depois, a mata cresce dentro do legume aí você tem que limpar duas (02), três (03) vez pra poder colher e tudo isso aí vai levando tempo, aí quando a roça tá madura, aí vamo fazer a farinha. Dois (02) arranca... Vamo dizer, bom, dois (02) dia; tem mais duas (02) ou três (03) raspadêra⁷⁷ pa raspar, né, naquele dia que você arranca aí você faz isso, vamos dizer, quatro (04) pessoa já dá quatro (04) dia; porque raspar já num vai o dia todin, pros arrancador vai, porque aí depois que traz a mandioca pra casa de farinha, que ceva, ainda tem a lenha, aquele negócio, aí sai já bem de tardezinha; as raspadêra não, terminou meio dia, duas (02) hora aí já tá liberada. Então, aí sendo uma roça boa de se arrancar... Em roçado novo

num tem como você arrancar muito rápido não, em capoêra você arranca porque não tem tanta raiz, você arranca bastante; você arrancando pra oito

75 Tipos diversos de vegetação secundária. A caracterização dessa vegetação varia com a região.

76 Corte da vegetação.

77 Mulheres que ficam responsáveis por *raspar*, descascar a mandioca.

(08) saca de mandioca rapada⁷⁸ dá quatro (04) saca de farinha, lá na nossa roça é assim: oito (08) saca de mandioca pra dá quatro (04) de farinha.

Vai fazer a farinha, vai arrancar, vai lá po roçado rapar⁷⁹, vai e traz, puxa; hoje, graças a Deus tem motor, a gente pode comprar um litro de gasolina, tá muito cara, mas... Num tá dando mais nem da gente comprar, eu acho que daqui uns dia tem que voltar pa roda... Aí, daí você vai secar aquela farinha, aquela massa, quando termina, ôto dia vai e ensaca pa poder tá no ponto da senhora vender. Aí, quanto já num gastô pa dar aquele cinquenta (50) quilo de farinha pronto pa poder ser vendido pra comprar a sua alimentação?

Aí vamos dizer que lá foi... Aí no ôto dia vamo torrar⁸⁰, dois (02) torrador vamos dizer, lá vai mais dois (02) dias, lá vai quatro (04), né, só dos hõmi; as mulher já não, àquela hora pra torrar as mulher só se for pa penerar, uma coisa assim; mas aí pra oito saca de farinha, vamo dizer que... Incluindo as duas (02) raspadêra, vamos dizer que coloca um (01) dia delas, aí quatro (04) dos hõmi, já são cinco (05) dia pra fazer, vamo dizer assim num ambiente bem legal, oito (08) saca⁸¹ de farinha. Farinha mais o meno né, que aqui o pessoal diz que num faz farinha boa, que eu vejo... Os menino fizeram uma farinha lá em casa que faz até pena a gente comer que o cara diz... A farinha é de primeira, muito boa a farinha. Vamos dizer, cinco (05) dia pra fazer quatro (04) saca de farinha, sendo assim: dois (02) arrancador e duas (02) raspadêras^z; se botar mais lá vai mais o recurso, né.

O QUE MUDOU DA VIDA DE ANTIGAMENTE?

Eu acho que antigamente era até melhor porque as pessoas eram mais inocente, né?! No sentido assim de muitas coisa que acontece hoje em dia, o pessoal sabe de muita coisa e se dedica a fazer as coisa que não devia. Antigamente o pessoal era muito inocente, as criança tudo inocente, tinha até as pessoas que se casava e ainda era inocente. Do meu tempo de criança não existia essas coisa, nem rádio existia. Porque antigamente o trabalho era pouco, né?! Até na zona rural era pouco de trabalho, só com a agricultura e com a seringa; hoje em dia tem vários tipos de trabalho, né.

As roupas antigamente era diferente de hoje, né. Não tinha esse negócio de moda, essas coisas toda. É... As roupa das mulher eram maizi longa, as saia longa, saia rodada, cá maizi em cima, não é hoje que nem certas pessoa se veste.

Antigamente as casa era... Era simples. Era feita de... Era de paxiúba^x, o assoalho feito de paxiúba^x, as paredes. Era coberta de paia... Era assim as casa e hoje é... É tudo é feito de tauba, quando não é de tauba é de alvenaria, é coberta de brasilit ou que seje de alumínio. Era esse ritmo... O ritmo que é hoje é diferente do ritmo que era as casa de antigamente.

Pra gente fazer alguma viagem tinha que ir de varejão^{2d}, é no remo, é um tipo de remo que tinha que a gente chamava voga, era esse o mei de transporte que a gente tinha pra andar no rio. E sobre... Dos motor, também não existia. Porque no passado, as pessoas quando querio fazer uma viaje, tinha que ir o de... Embarcação daqueles patrão, de primêro, que eu via meu vô falar muito, eu não cheguei a ver, mas via meu vô falar muito. E hoje, em relação... O presente, muitas pessoa tem seu barco pra andar, tem algumas moto pra sair... Porque de primêro só era pela uma trilha, se não fosse embarcação do patrão, né. E hoje todo mundo tem sua canoinha, tem seu barco mais maior, ôtos tem suas canoazinha

Era pra gente fazer farinha tinha que puxar na roda... A roda de pau pra puxar e fazer a farinha. Era assim, era muito difícil nessa época. E...A polia da roda era feito de couro de viado: cortava, colocava ele pra curtir, trucia e colocava na roda. Então, era muito difícil. Antes as pessoa ralavo muito pra chegar o ponto de fazer uma saca de farinha, era muito difícil. O cara puxava naquela roda que existia, que o meu vô puxava muito mais meu tio, e ôtos.

As tarrafa⁸² antigamente eram feita de linho de tucum, é tipo uma paiera¹ que tem na mata. Tombava ela, tirava aquelas... Aquelas paia dela do ôi, aí chegava em casa e tirava o linho dela todinho, colocava pra secar, aí... Urdia⁸³ ele num fuso que tinha a mão, urdia ele todinho pra fazer a tarrafa e era muito mais forte de que a linha que vem hoje em dia pra tarrafa e manga⁸⁴.

82 Tipo de rede utilizada para pesca.

83 Entrelaçar, tecer.

84 Tipo de rede utilizada para pesca.



Seu Peruano mariscando de tarrafa no igarapé da comunidade Morro da Pedra

Sobre o passado e agora o presente: a abertura dos ramais, energia em suas casas, as coisa tudo mudaro agora no presente. É... As pessoas vem, pega o carro, vai pra cidade, volta, chega no mermo dia, cada um pega a sua moto, vem na sua casa e enfim, as coisas ficaro cada vez mais fácil, né, sobre agora o presente.

A infância foi um pouco sofrido, né. Porque... Naquela época, da minha infância num tinha assim a lei que ampara que nem hoje, né? Que hoje um menino de menor, se for pro trabalho e se tiver uma denúncia, o pai é punido, qualquer pessoa que colocar a pessoa pra trabalhar. Mas naquela época num tinha isso não. O pai levava o filho pro trabaio, dependendo o tamã que ele quisesse levar num tinha esse negoço de ter punição que nem tem hoje, né? Até tinha, mas pra cá num existia. Mas assim mermo eu me sinto feliz, grato. Porque se o meu pai num tivesse me ensinado o que ele aprendeu, eu talvez hoje num subesse nem trabalhar assim no pesado, né? Porque eu num tive oportunidade de estudar.

Hoje em dia pra a gente conseguir o objetivo que a gente quer, a gente tem que lutar, tem que sofrer mesmo, porque é... Estudar e trabalhar ao mesmo tempo não é pra qualquer um não, porque muitos desiste que nem na minha turma quando eu estudava. Teve muitos que desistiu, porque não conseguiu é... Estudar e trabalhar ao mesmo tempo. Porque a gente trabalhava... Ia cedo, trabalhava até dez (10) e meia, onze (11) hora, já as

carreiras que era pra hora do barqueiro passar uma (01) hora, a gente já tava à disposição para pegar o barco para ir pra escola, porque trabalhava de manhã e estudava à tarde.



Transporte escolar fluvial.



Transporte escolar fluvial da comunidade Morro da Pedra e do igarapé Monteiro.



Caminho para escola, comunidade Guarani.

As festas

Relato coletivo 1

As festas acontecia mais era as pessoas tocando no violão, acompanhando num pandeiro, um cheque feito de caroço de milho numa lata. Era nesse ritmo a festa e... E na música... E na música clássica era diferente assim de hoje, porque tinha vários ritmos de música, era negócio de xote, forró, valsa e hoje não existe mais, é só negócio do forrozão mesmo. [Dançavamos] muito! Tudo no mundo que tocasse... Era valsa, era xote, era samba, era marcha... Sim! Ah! E muito... Sabe pisar no chão mermo! Tá véia aí desse jeito mas pega no braço dela pra tu ver! Brinca!

Relato 2

Não, não tinha diversão nenhuma. A diversão era quando você tirava e... “Hoje eu vou ver meu companheiro lá na outra colocação”. Aí você ia lá, chegava lá conversava e tudo. Se bebesse cachaça, já tinha uma garrafa de cachaça lhe esperando. Que já sabia o dia que você ia, né?! Aí tomava uma cachacinha e voltava pra trás de novo, era isso.

Não tinha confusão de nada, confusão hoje tem! De primeiro você andava o mês todin na casa do seu amigo, na casa de outro, você ia pra festa passava a noite bebendo, dançando. Dançava homem com homem, que a dama as vez era duas (02), três (03) dama, dançava homem com homem, outro botava um pano na cabeça e dizia: “Eu vou ser dama também!”. Aí rodava e a cachaça rodava, bebia todo mundo ninguém brigava, ninguém tinha raiva um do outro, nem isso aí, tudo no outro dia tava tudo camarada.

Relato 3

Hoje tem a Igreja e as festas de aniversário... A Igreja é um ponto de encontro. Na realidade existem duas igrejas na comunidade que são verdadeiros pontos de encontro nos dias de culto. Cada uma tem uma escala semanal, em cada uma das congregações tem escala semanal. E naquele dia determinado da escala vai ter o ponto de encontro, os fiéis vão à igreja, e uma outra coisa que é rotineira também é a questão de festa de aniversário, mas pra um grupo familiar. E quando a escola tá funcionando, eles tem um ponto de encontro sagrado: todos os dias na escola.

Mas assim, as festas... O forró... Tem algumas pessoas que até gostam, tá, dum forrózinho. Mas, como predominantemente as pessoas aqui são mais evangélica, essas pessoas evidentemente que não gostam, né. Então, o forró ele já traz uma certa rejeição da comunidade em função dessas pessoas evangélica, pessoas que não gostam de forró e quando acontece... Hoje raramente acontece o forró, então quando acontece ele já traz um

certo desprazer, um certo desconforto pras pessoas que não gostam.

Tem aquelas pessoas que não gosta é devido a bebida, né. Essa situação maior do forró é devido a bebida.



Casal dançando forró.

Relato 4

Nós dançava três (03) dia com três (03) noite no toque de violão. Eu tinha um tii que tocava bem, minha mãe tocava bem, nós dançava a noite todinha! Era violão... E um instrumento que chamavam berimbau. Fazia um arco, colocava uma corda, um fio, um negócio assim... Uma cordinha. Aí pegava uma talinha e colocava aqui e saía cantando e batendo assim, ó! Dançava a noite todinha!

O futebol

O futebol... Mudou, totalmente mudou. Porque antigamente é... As bola que a gente jogava, que eu vi várias pessoa jogando era feita de... De seringa, do leite da seringa. Cortava a seringa, tirava aquele leite, aí pegava um vrido, aí difumava aquele vrido com aquele leite, aí quando secava tirava o vidro da... Do leite que tava seco, aí assoprava, aí enchia, aí saía, passava o leite em cima de uma tauba e saía tirando aquelas capa e enrolando na bola, fazendo a bola pra jogar. E outros fazia de palha de bananeira, umas bolinhas que jogavam é... de mão. Então era assim. Hoje não, hoje a bola é bola oficial que vem daí de fora. Hoje a melhoria tá grande.



Torneio de futebol da turma do curso de formação inicial e continuada de agente de projetos sociais na Comunidade Periquito.



Jogo de futebol no final da tarde na Comunidade Guarani.

O namoro

Negócio do namoro era diferente, era pesado, sabe? Era pesado. Você chegava, por exemplo, dos outros eu não sei mas a minha parada foi assim: eu chegava conversava a menina, né, chegava falava pra ela assim baxin, meio longe dos pai porque não podia ser assim... O negócio era cruel, aí se ela dissesse que queria tudo bem, a gente tinha aquela conversinha “E aí eu posso ir lá?”. Agora aí já mudava, o negócio se alterava, meu pai... A primeira noiva minha eu falei pra ela, ela disse “Tá certo”. Passemos a noite numa festa conversando bem, quando ia dançar a gente conversa. Umas hora o véi foi e disse “Olha eu vou passar... Eu não sou o dono da festa não, mas já falei com dono da festa. Vou passar uma lei aqui dentro dessa sala, daqui pro dia amanhecer ninguém conversa! O que for conversar com a sua dama no meio do salão sai fora!”. Quer dizer, eu já peguei pra mim,

né?! Eu disse “Rapaz o negócio tá cruel, isso tudo é por mim.”

O avião

Quando eu era menino ainda, apareceu avião quase eu morria na mata. Deus me livre! [Eu me escondia na mata]. Até no tempo deu rapaz ó, se eu ouvisse o ronco do avião eu alarmava mermo na mata, eu arrojava mermo que... eu tinha medo mermo, num existia... Eu tinha medo, eu tinha mermo mermo que... Tá mermo que o causo do menino ali em cima, um causo do cara ali em cima. Apareceu um avião, o avô da A. Ele morava no Alto Furquia, aqui pra dentro! Lá num andava ninguém, só eles mermo. Ficavam lá dentro jogado mermo, não andava ninguém lá não. Aí... Sair pra ir pra cidade, eles nunca tinha andado! O véi nunca andou na cidade, nunca! Foi criado tudo lá pra dentro mermo. Aí passô... Eu não sei como que foi descoberto, eu sei que saiu... Eu sei que veio um avião, um helicópi, veio o helicópi aí desceu lá. Acho que foi gente que indicô! Desceu lá na casa dele. Levou de tudo, lá deixou de tudo, o rancho⁸⁵, deixou de tudo pra ele lá. Quando eles viram esse helicópi que vinha descendo lá, disse que esse véio papocô-se na parede da casa, que derrubô tudo e ganhou a mata! Aí correrio tudo, num ficô ninguém em casa não; foi verdade mermo, papocar⁸⁶ na mata... “O cão que vem descendo aqui!”, aí desabaram e correrio na mata. Aí o pessoal descero e deram um bucado de coisa pra eles lá, comida, deixaro muita coisa boa.

Aí suspendeu, viero embora. Aí depois que suspendeu foi que sumiu a zoadá, aí foro chegando devagarzi, devargarzin...Chegaro, tava um bucado de coisa que eles deixaro, comida, diz que muita coisa que deixaro lá pra eles... Aí diz que o véio nem comer num queria comer, porque tinha sido o cão que tinha deixado lá. Vai saber se não ia matar ele, né? Envenenado.

85 Sinônimo de comida

86 Foram para a mata.

Eu sei que a véia por lá ajeitou e comeram, mas diz que isso foi um arregaço mermo, foi um arregaço mermo! Diz que ele apartou-se na parede assim e desabô pro rumo da mata! Foi tudo, aí desabaram tudo lá pra dentro mermo! Ai de lá pra cá aí começo a viajar, saía... Devagarzin, devagarzin, até que aposentaro ele, aí começô ir pra cidade ó.

Ele morreu morando aqui mermo. Pois sim, mas ele tirava lá do Furquia, da onde ele morava pra balsa no varejão^{2d}, ele baxava e subia no varejão^{2d}, motor eles num tinha também e num faz muito tempo ainda não, num tá com muitos ano não. Ele descia aí mais a mulher e as vez um neto, e tinha um fia que era até muda a menina, eles io pra cidade e no varejão^{2d} direto. Chegava e gostava de dormir na casa da Alcirema que mora aí do odo lado, ele morreu até aí.

A mão dele chega era inchada de varejar. E hoje em dia quem é que vareja? Até pra atravessar um rio pro ôto lado se num tiver um motor ninguém num vai, né?! Por que é que as coisas num melhorou mais depois que a seringa acabô, né? Daqui pra atravessar o rio se não for no motor não tem quem atravesse o rii não. Não tem quem vá acolá em baixo no varejão^{2d}, não querem ir de jeito nenhum se num for no motor ninguém num vai não... Depois que a seringa acabô-se melhorou muita coisa, muita coisa melhorou, muito, muito mermo.



*Pai e filho mariçcando. À esquerda, o rapaz tem nas mãos o varejão.
À direita, o pai tem nas mãos a tarrafa.*

As igrejas

A igreja, falando em igreja tem... Hoje o pessoal tão usando mais a igreja evangélica, a igreja católica que eu fui nascido e crescido convivendo com a igreja católica, esse negócio de igreja evangélica que o pessoal chamo crente né, era mais muito difícil. Aí foi vindo uns padre lá de fora, vinha padre da Alemanha, vinha padre num sei da onde, aí... Falavo [português], tinha deles que a gente intendia bem mermo, tinha uns que falavo mêi ruim, mas porque pra eles ir eles tinha que estudar, chegava aqui tinha deles que falava mêi embaraçado, mas a gente intendia bem. Aí foi surgino o... Que na queda da borracha aí fracassou muita, muita coisa. Porque aí o padre ele vinha fazer o serviço dele, só que segundo eles, eles precisava de ganhar um poquin pra poder manter o... É no caso dos batizado, o casamento, era pago, a gente pagava, com aquilo segundo eles, era que eles fazio a manutenção da viagem, comprava combustível, aquelas coisas...

E aí na queda da borracha, aí a coisa foi fracassando e os padre ficaro mais acomodado. Aí hoje você nem vê mais padre aqui dentro, porque quando era na época da borracha, que subia, que era época de padre, esse rii aqui ficava lotado de regatão^{2a}, as vez de 30 regatão saía acompanhando o padre aqui nesse rii, só que nesse tempo tinha água, hoje num tem mais, tá só a pausada e a pedra, né.

[Os padres] vinha em baliera grande, só que era no inverno, num era essa época que nós tamo. Era a partir de novembro, dezembro por aí assim que vinha, aí tem água no rii, né, mas hoje até nessa época pra baliera grande vir é difícil, porque tem época que a água baxa de uma vez, mas vinha todo esse pessoal e todos ele fazia alguma coisa com seu dinheiro, comprava a sua borracha, e eu sei que... Aí bom... Aí o padre foi fracassando, aí foi criando essas igreja evangélica que chamo, tem uma aí, tem ôta aqui.

Aí os padre fôro afastando né, porque eles chegavo nas comunidade que nem era previsto e nem eles era acostumado fazer, aí ia bem pôquina gente e eles acharo que não tava dando muito... Aí fôro... Aí acabô-se, hoje num existe mais padre aqui dentro, aí o trabalho é só essas igreja mesmo evangélica que chamo, a igreja dos crente, né. Eu num sei qual é a diferença de igreja, porque parece que varia de religião, eu num me entendo bem, porque na minha ideia existe só um salvador que olha por nós, mas aí tem muitas diferença aí e eu num entendo muito bem a coisa.

A alimentação

A caça

Antigamente era muito bom, porque a caça era muito mais próxima, porque não era que nem agora, porque é... Era fácil. Muita gente só bastava sair de casa, mal escondia as costa e já escutava os tiro já chegava com as caças.

Caça da mata, nesse tempo tinha mais caça dentro da mata mermo. Tinha mais caça, nesse tempo tinha mais caça. Agora num tem não, porque o negócio do cachorro que acabô, mas nesse tempo que nós morava aqui tinha muita caça.

[O cachorro] corria atrás [da caça] até acuar pra botar no rio, né, o veado já vem direto no rio. Aí os cabra ia matava, pegava, acuava no seco e atirava... E o porco acuava no buraco⁸⁷. Aí o cachorro chamava, [com o porco] acuado no buraco, aí o cara fazia a cercazinha assim, aí os pauzin tudin assim na boca do buraco, aí pegava uma tauba e metia. Aí o porco vinha de lá pra cá e o cara vinha e atirava, aí o cara tirava um bocado de



Rapazes indo pastorar, caçar, após a aula.

pau, né, o cachorro tava no buraco latindo com o porco, aí o cara tirava um bocado de pau e fazia a cerca, né, mermo na boca do buraco, assim ó... Aí fazia a cerca assim, aí tirava uma tala e aí empurrava pra dentro, aí o porquinho de lá pra cá e batia nos pau, aí o cara metia a tala e o porco vinha de lá pra cá vivo, aí eu chegava e atirava com a espingarda. É, o cara tinha de fazer a cerca se não quando metesse a tala ele espirrava de uma vez e ia embora.

A gente caça muito, aqui também, acho que em muitos lugar várias pessoa aqui do Liberdade também caça muito, e... Só que a caça, a gente mata um poco da caça, mas antes era melhor do que agora. As pessoa utiliza a caça pro consumo só da sobrevivência dele e da família, né, e enfim, porque pra vender também eles também num vende, só pra consumo do dia a dia. Quando o cara vai com sorte de ver, a gente encontra muito animal, os animal da mata, tipo: porco, viado... E enfim...



Pastorando um veado.

Divagações sobre a caça

Antes, de primeiro era mais fácil... Pelo menos o rancho⁸⁸ era mais fácil aqui pra nós, né, pra tirar da mata, do rio... Muito mais fácil... Agora com um monte de gente desse, quando num traz da cidade, fica mais difícil tirar da mata. A causa da maior parte foi [por causa da caça com cachorro].

O povo vieram tudo pro beirão do rio, né? E juntou muita gente aqui, né? E as caça foi entrando, entrando pra mata! Porque antigamente a maioria do pessoal morava em cento, né! Era difícil, era duas (02), três (03) pessoas que morava aqui né? Aí era melhor de caça... Era pouca gente, nera, agora é muita... tanto passava de dia quanto passava de noite, né! É muita gente, minha fia!



Francisca Marques (Chiquinha) tratando carne de porco do mato.

É muita gente, sempre eles vão, sempre eles vão! Mas lá pro final tem muita caça! Mas só que o pessoal daqui não vão lá, onde tem muita caça, porque é longe!

Aumentou a procura, ou seja, em alguns lugares acho que quadruplicou a procura, exemplo daqui, né. Esse povo daqui tava distribuído em vários lugares mais distantes, mais longe um do outro, se aglomeraram aqui, aumentou a procura aqui ao redor, evidentemente vai reduzir a quantidade de animais e alguns animais vão se afastar. Mas faz total sentido, porque eu percebo que algumas espécies a quantidade aumentou, aumentou e muito!

Por exemplo, se nós olharmos a questão da anta, há dez anos atrás raramente se via falar que se viu rastro de anta aqui por essa região. Aí hoje, você sai aqui, uma hora distante da comunidade, você tá vendo aí a pegada das anta. Pra esse lado aqui, que eu nem sequer tinha ouvido falar em anta, tem anta pra esse lado. Então, a gente ver que a população de anta aumentou muito pra esse lado, pra essa área, muito, muito!

Essa mudança, aconteceu o fluxo das pessoas saírem das colocações dos igarapé, se aglomeraram na beira do rio, e lá ficou deserto e então elas vão logo se expandindo, vai procriando e se expandindo.

Difícilmente as pessoas saem de casa pra procurar anta, né? E às vez quando vai não mata! E elas estão por lá! Mas é difícil! Porque quando nós morava no Repartimento, por aqui tudo era bom de caça ainda, se você durmisse na casa de uma pessoa, você jantava uma carne de caça de veado ou de porco, mas por quê? Porque era pouca gente! E dentro do Igarapé grande era cheio de gente até o final do Igarapé! Aí hoje, o pessoal que morava pra lá, tudo mora aqui na beira do rio e pra lá num mora ninguém! Agora vá pra lá hoje em dia pra ver como tem muita caça! Aí é por isso!

Né todo mundo que consegue [caçar] não! Aí uns consegue um pouco, aí a gente vai sobrevivendo né: come um pouco de carne, um pouco de peixe, vai comendo uma fruta, vai comendo um feijão... Aqui inziste a panema sabe por quê? Porque tem pouca caça.

No período de verão, a procura de alguns animais de algumas espécies fica muito mais difícil, ou seja, mais difícil andar no mato e usar as técnicas que usa para pegar os animais.

Pra capturar os animais, ou seja, você precisa andar e produzir o mínimo de barulho possível pra poder se aproximar dos animais pra poder pegar e, no período de seca, isso é impossível! Você andar no meio do mato sem fazer barulho, tá!? Nessa época, a folha é macia, tá molhadinha, você consegue sair de mansinho e se aproximar dos animais... Então esse é um ponto! Existe algumas espécies que são muito mais procuradas no período de seca do que no período de chuva, exemplo: a paca... A paca aqui no período de seca ela é muito procurada, ou seja, as pessoas, um tanto de pessoas que andam a noite caçando... Às vez sai aqui cinco (05), seis (06), oito (08), dez (10) pessoas pasturar os rastro pra matar as paca. E a maneira que eles usa, que nós usamos, para poder capturar elas... E aí

em função dessa dificuldade eles prefere pastorar paca à noite, trabalhar de dia nos seus afazeres e à noite pastorar uma paca... ou então de dia quando ele tem um momento livre, vai pescar... Em função da redução da água no período de verão, fica mais difícil pra ele pegar peixe.

No verão, no período de seca, eles até topa os vestígios dos animais, mas não sabe pra onde eles estão. Não dá pra seguir a pegada. E nesse período de chuvada, de inverno que nós chamamos aqui, eles consegue fazer isso, ver a pegada do animal e sair pra onde ele tá, pode até acompanhar as pegada, rastejar como nós chamamos aqui...

Na realidade, não falta caça. Às vezes há uma certa escassez, mas não falta. E o caçador ele segue aquele dito popular: um dia é da caça, o ôto é do caçador. Eu fui hoje e não matei, eu vou amanhã, amanhã eu vou matar. Então, dificilmente isso vai acontecer: procurar duas (02) ou três (03) vez e não trazer!

Ainda existe esse ato de solidariedade, de amor, que nós chamamos de vizinhança. As pessoas conseguem pegar o animal e dividir com seus vizinhos. Esse é um ato que eu considero nobre.

Tem bastante [peixe]... Por mais que seja grande a procura aqui nessa comunidade, por exemplo, no período de seca, às vez tem tardinha que você encontra três (03), quatro (04), cinco (05) pescador, cada um com tarrafa pescando, aí todo mundo pesca que dar pra jantar em casa... Então, eu acho que é bom de peixe, porque é muita a procura e todos pegam. E, se pescar nos lugares onde é desabitado, é peixe em grande fartura. Se for no Alto Liberdade ou esses igarapés, como do Tristeza, do Forquilha, um trecho onde não tem ninguém, você vai vendo o peixe, a água tá transparente e aí você ver os peixe... Muito peixe! Tem muito peixe no Liberdade!

A pesca

José Juvan (Bamba) segurando o peixe bodó.

Antigamente era mais fácil de encontrar [peixe], porque era um rio muito... Muito bom de peixe. Era só pelos portos mermo de casa conseguia pegar janta, almoço, maizi hoje tá totalmente diferente porque... É negócio da poluição, dos lixos, desmatamento na beira do rio, tudo vai afastando o peixe. Então hoje tá muito mais difícil de a gente conseguir pegar um peixe mais fácil.

O cocão^j

[No tempo da seringa] só tinha folga só de domingo pra carregar, pra ir atrás dos cocos pra botar na fornaia pra difumar. [Usava a casca] pra fazer de carvão e o [coco] era pra tirar óleo pra comer.

Relava o cocão, descascava o cocão... Aí relava, aí botava a massa de molho, aí derramava nove água. Quando derramava as nove água, a gente espremia que nem espremia a massa na mão, aí peneirava numa peneirinha de cipó. Aí tirava o bago do coco, aí tirava o leite para botar naquele pão

do cocão, da massa do cocão, pra gente comer com carne que não existia farinha de primeiro.



Cocão partido no meio.

[Faz uns] nove (09) meses que [furaram o poço e instalaram água encanada na comunidade do Periquito]. A água foi muito bom mesmo! Até ajudou numa questão de saúde, porque a água do rio... A gente sabe que ela não é própria para o consumo pra beber. Precisa passar por um processo de decantação, de tratamento pra poder tá pronta pra beber. E sem contar que eliminou o risco de um animal pegar uma pessoa, de uma aranha esporar uma pessoa lá no rio, né? Porque ele tem água em casa pra todo mundo, o quê que ele vai fazer no rio?

As malária também... Então foi muito bom pra questão da saúde... A questão de diarreia. Diarreia principalmente em criança!

[Mas mudou alguma coisa assim, na forma como as pessoas veem o rio, depois que as pessoas passaram a tomar o banho em casa?] Olha... Inicialmente, eles.... Alguém rejeitou o processo de adaptação pra água do poço: “Não gostava”, que era uma água salobra, que era salgada, que era não sei o quê e tal!... Nesse período, já não há mais essa reclamação!

As pessoas já se adaptaram! Então, nesse processo de adaptação, eles ficaram alternando, algumas coisas com a água do poço, algumas coisas com a água do rio, algumas coisas com a água do poço, com a água do rio... Hoje, já tá quase todo mundo cem por cento com a água do poço... Na realidade, o caminho do porto cerrou! Só vai no porto agora quando for mermo pra olhar a canoa. Só pra fazer algum trabalho lá no rio, ou viajar ou limpar a canoa, ver como é que tá a canoa na oscilação da água do rio, se tá indo ou baixando... Só pra isso. Lava a roupa já em casa, toma banho em casa, tudo em casa... Se continuar assim, eles vão ficar só com a água do poço, né?!

A vizinhança

A vizinhança é uma ação que eu considero nobre, você matar um animal e dividir com as pessoas que tão mais próximas de você, ou seja, dar um pedaço da paca, um quarto, uma banda... Maneira que ele quiser levar alimentação pro seu vizinho, aquela pessoa que tá mais próxima.

Na realidade, as pessoas aqui mais compartilham é carne de caça, mas compartilham outras coisas também. Isso é um gesto nobre também com outras coisas, por exemplo, nessa comunidade aqui eu percebo que as pessoas por mais que não seja algo de caça pra vizinhança, quando ele consegue uma grande quantidade, ele jamais deixa estragar e leva pras pessoas, por exemplo se pegar bastante peixe, que tá sobrando da despesa da casa dele, ele dá pra fulano, pra fulano, pra fulano... Ele vai lá e doa.

A economia da RESEX

[De primeiro] tinha gente plantava mais tabaco, arroz e feijão, e plantava pouca roça que nem nós. Isso foi uma cultura que acabou né? A cultura do arroz, do feijão, do tabaco acabou. Nós planta feijão aqui para vender não, mas pro consumo mesmo. O arroz não, o arroz é pra vender e o tabaco.

Eu não sei [o porquê]. Lembro que no início de noventa e seis (96), quando cheguei aqui, umas das comunidades que era tida como a maior produtora de arroz era o Periquito. E esse lugar aqui era só arroz, milho, feijão e hoje raramente tem um morador aqui no periquito que planta arroz. Quando tem, é um (01) ou dois (02) produtor. E os demais preferem comprar o arroz vindo lá do Mato Grosso do que produzir aqui.

Levando do ponto de vista econômico, não só o arroz é mais rentável como outros produtos, como o milho também que você pode tirar a safra. É muito mais rentável e muito menos doloroso do que fazer farinha, mas a farinha virou aqui uma questão cultural mesmo. Sem contar que as culturas de feijão, arroz e tabaco, o ciclo deles é mais rápido, a colheita deles é mais rápida e eles preferem a farinha que fica lá um (01) ano, dois (02) anos, exigindo todo um processo de desmate, de limpeza. Mas mesmo assim eles preferem a farinha, sem contar com o processo árduo de produção: o processo de produção da área já não é bom, mas o processo de produção é que é um massacre.



Plantio de melancia e jerimum na praia.

O grande problema tem sido, no meu entendimento, é a falta de planejamento. Ver qual aquela cultura cuja produção seja menos trabalhosa e mais rentável do ponto de vista financeiro. Acho que falta esse planejamento para o produtor, ele não consegue! Como ele se apega a um produto, ele não consegue se planejar diante de outras culturas. Eu tenho um exemplo disso: acho que uns quinze (15) anos atrás, já tinha alguns anos que a produção da borracha tinha se acabado como fonte de renda, eu fui lá no Alto do Rio Liberdade e lá tinha um senhor de setenta e nove (79) anos, cheguei lá ele tava de cócoras na ponta da casa dele, chamava-se R..

Eu digo: “Boa tarde seu R.!” , ele dizia: “Boa tarde! ” com a voz um pouco trêmula, aí eu olhei assim na parede da casa dele, um monte de utensílio de seringa: faca, tigela, vários sacos com tigela, com balde, a espingarda dele lá encostada, eu disse: “Seu R., o senhor tá guardando isso como uma relíquia, né, como uma lembrança de quando foi a produção da seringa, né.” Ele disse: “É não meu fi, eu tô pedindo a Deus que a borracha volte.” Aí eu disse: “Mas seu R. e se a borracha voltar, o senhor dizendo

que tá pedindo a Deus, o senhor ainda vai cortar seringa?” Então ele disse: “Vou mermo!”, com a maior dificuldade de se locomover dez (10), quinze (15) metros. Imagina uma pessoa dessa na floresta... A mentalidade, a cabeça dele ainda tava na produção de borracha. Então acho isso: a grande questão, é a pessoa se apegar a uma cultura e não usar a capacidade de se planejar para cultivar as outras culturas.

Se alguém produzisse o arroz aqui, ainda que eu como produtor não produzisse o arroz, produzisse a farinha de mandioca, eu não iria precisar comprar arroz vindo lá do Mato Grosso, eu poderia comprar do produtor que tem aqui do meu lado. E assim aconteceria com outras culturas, pois não necessariamente teria que comprar fumo em Cruzeiro do Sul, não teria que comprar farinha de tapioca em Cruzeiro do Sul ou qualquer outro produto em Cruzeiro do Sul se fosse produzido aqui dentro, ou seja, vendia internamente, o comércio seria feito internamente. As outras culturas tem a capacidade de olhar o mercado interno, no caso da farinha não, as outras culturas seria para o mercado interno, ou seja para sua própria vizinhança

[Quando eu planto a mandioca] penso em vender para ganhar um dinheirinho para pagar a conta, comprar alguma coisa, o pensamento é esse. Tem dia que compensa, tem dia que não dá nem isso oh... Não dá para saber não. Só ajuda né um pouco, mas compensar não.

Na época da seringa, eles comiam o feijão de praia que produziam. Nem vinha feijão de fora. Porque era o período que não tinha BR, as famílias passavam de quatro (04), cinco (05), seis (06), oito (08), dez (10) anos, outros chegavam a cinquenta (50), sessenta (60) anos sem conhecer Cruzeiro do Sul. Então, essa época, quem produzia feijão aqui era aquele mesmo produtor de farinha que produzia farinha para vender pro patrão, ele produzia algum feijão para sua subsistência e também pra vender as vezes para o patrão e as vezes para outro parceiro seringueiro.

Para gastar vinte (20), vinte e cinco (25) dias, um (01) mês para ir

lá em Cruzeiro e voltar, demandava toda uma despesa, todo um planejamento, toda uma preparação para ir lá. Eu me lembro, na época que eu era criança, quando eu tinha dez (10) ou onze (11) anos, quando o avô do Chico foi para Cruzeiro pela primeira vez, acho que já com os seus setenta (70) e poucos anos, quando ele chegou falando de Cruzeiro do Sul era algo encantador. Ele trouxe até, na época era uma escassez muito grande desse motorzinho, conhecido na época como Clinton. Era um motozin de três (03) e mei, tá, e eu me lembro disso.

O “ANTIGAMENTE” E O “HOJE EM DIA” NO TRATAMENTO DAS DOENÇAS



Espaço na Comunidade Periquito em 2018 onde estavam plantadas hortaliças e mais de 30 espécies de plantas medicinais.

De primeiro num existia negócio de médico, né?! Num tinha de jeito nenhum. Se fosse preciso o cabra morria de precisão, por quê como era que ia pra cidade, né? [Curavam as doenças] com remédio da mata!

Fazia chá, xaropada e bebia. Misturava casca com casca e deixava ferver, bem fervido. Raiz de pau a gente arrancava, cortava assim e botava no fogo, misturava com aquela casca, com aquelas foia, aí bebia. Deus consentia que a gente ficava boa. Agora, depois que apareceu hospital pra gente se curar, apareceu doutor que de primeiro não existia...

Se tu adoecia lá no cento, que nem eu alcancei, nós se juntava um boçado de gente, “rapaz bora buscar pro barracão!”. Eu fiz mais muitas vez mais os companheiro! O cara com uma malária medonha sem poder andar, nós jogava ele dentro de uma rede com seis (06) hora de viagem e trazia pro barracão e aí se medicava, né, quando não dava tirava pra Tarauacá que era o mais perto.

Quando a pessoa adoecia aqui, pra ir buscar uma alternativa pra um... Um tratamento era muito difícil, muito difícil mermo, por isso morria muitas pessoa, muita gente assim quase que amigo, né, porque não existia recurso, não existia socorro pra gente, né. E... Pra data que nós tamo hoje eu sei que nós conseguimos uma grande conquista aqui. Lembro que foi construída essa BR aí, né, e ela passou muito tempo ainda muito complicada pra gente sair daqui pra ir por ela pra cidade. Você levava uma pessoa doente, por exemplo, de hepatite, segundo os médicos chegava lá quase não tinha mais jeito, por causa da demora e o sofrimento da pessoa em casa.

Num existia médico, só lá na cidade, era muito difícil. Quando nós trabalhava ali na Besta, justamente com essa escola, aí meu cunhado era patrão lá da Besta. Ele tinha uma propriedade lá, um seringalzin, né. Aí o que é que ele fazia? Ele ia lá na cidade, contratava médico, o dotor Corrêa e os irmão dele e otos médico e chamava. Avisava a friguísia dele e muita gente aqui do rii: “Tal dia o médico tá lá na Esperança consultano”.

Foi esse o começo da história. O cumpade... Nós fizemo um abaixo assinado porque cuns oto num vinha médico, porque também eles num

procuravo, né. Aí o cumpade pediu pra mim fazer um abaixo assinado, aí eu fui e fiz um abaixo assinado até mais o próprio Z. B.. Aí mandou uma equipe lá po Limão, era o sirungal que eles usava. Aí foi muito remédio, era cesta básica, era leite, tudo eles trouxeram pa distribuir pa população que era muito carente, né.

Tinha médico não, minha irmã. Na época da seringa o médico era os patrão, né, falando assim, né, porque sempre os patrão eles tinha... Aqueles que tinha cuidado com sua friguísia, né, tinha deles que tinha, mas tinha deles que tinha sempre um cuidado de cuidar também dos siringueros deles, da friguísia, né. Eles compravo medicamento lá e hoje, segundo o Ministério da Saúde, num é muito viável a pessoa ter medicamento assim, num sei porquê, porque a gente na época da seringa como eu tô falano, nós tinha um... Tinha duas farmácia lá em Cruzeiro que abastecia nós no sirungal aí com medicamento, a gente comprava, trazia e ali saía curano.

A gente... Tinha umas pessoa experiente né, com medicamento conhecido, a pessoa conhecia pra que servia e lá na cidade, eles além de vender o medicamento, eles orientavo muito a pessoa, como é que servia, pra que servia o medicamento, né. E aquilo ali a gente se baseava em cima daquilo e médico só na cidade mermo, pra cá pro sirungal num existia médico, num existia enfermêro, num existia agente de saúde, que hoje tem, né, esse pessoal aí trabalhando, antigamente num tinha.

Aí os patrão se encarregava de cuidar da friguísia assim... E por exemplo, se fosse um caso de doença que fosse preciso ir pra cidade, muitos patrão levava o freguês pa tratar lá na cidade com o médico, chegava até pagar as vez hospital. Ali naquela maternidade antigamente tinha a área de atender a população, e tinha otos que era pago, uns apartamento pago, só por uma visita po médico ir lá, cada vez que o médico ia pagava, né. Eu mermo me hospitalizei lá, passei três (03) dia, mas era pagando. Esse era o tratamento, era mais... E aí... Como os patrão tinha deles que precisava de

ter os seu siringuero bom que era pa trabalhar na borracha e aí fazia esses tipo de coisa.

Lá onde nós trabalhava a gente pagava assim o remédio, né, agora o que a gente fazia não, não pagava. Ia pa conta, né, todo tratamento que fazia lá; quando era pago né, tinha deles que num precisava pagar. Mas... E aí cum isso a gente ia levano, no meu caso eu tenho aprendido fazer muita coisa assim na prática sobre, por exemplo, negócio de costurar golpe e sarjar tumor porque... Aí quando foi melhorando a coisa, depois da saída dessa BR aí, como eu falei pra senhora. Comecei... Que eu ainda deixei umas coisa lá pa trás, mas eu acho que os oto fala.

Aí, ali no nosso seringal sempre, sempre, as vez de dois (02) em dois (02) mês, as vez até de mês a gente trazia médico pra li, porque tinha muito remédio, aí o médico vinha consultar as pessoa, só que aí o patrão era... O remédio era vendido né, só que num era muito... Aí tinha toda qualidade de remédio e o tratamento era feito ali, quando num precisava ir pa cidade né. E aí, daí pra cá, aí começou os governo, o pessoal que... Aí fôro vendo esse lado do interior também, tinha uma família de político aí que ele trabalha muito na zona rural né, aí foi abrino caminho assim, condições pra que um médico uma vez... Criô um programa que chama uma.... Equipe fluvial que é saúde, aí entrava aqui dento desse rii, de dois (02) em dois (02) mês, as vez passava mais...

Tinha aquele pessoal rezador e as vez ajudava, pelo meno essa parte de criança, aí você as vez levava um corte e num tinha um... Aí dava uma tal vermea que o pessoal chama né, eu num sei o nome científico, as vez aquilo ficava e inchava, ficava bem vermeio e a pessoa sofria, as vez tinha febre e era aquele negócio. “Ah, é vermea, vamos...”, aí o benzedor ia lá e até que dava certo né, aí era nessa situação que a gente conduzia as coisas.

A gente usava muito chá, usava compressa, era essas coisa assim. A pessoa tava com uma dor no... A minha mãe chamava dor de cólica, aí bu-

tava uma compressa morna dependendo assim...

A gente usava mermo um pano quente quando não tinha aquelas bolsa de compressa que era de borracha, né. Existia, só que as vez tinha gente que num tinha, aquilo mais quem tinha era os curador, as vez tinha deles que tinha, aí botava aquela água morna ali em cima e aí resolvia, era no caso da parteira também, a parteira usava muito essas coisa natural assim pa trabalhar. Tinha [parteira], só não era assim legalmente documentada né, mas muitas pessoas que pegava neném.

Agora tem, mas só que é difícil, que trabalho desde o começo da gravidez até a hora de ganhar, tudo é pa cidade né, que tem aqueles procedimento, justamente pra esses beneficio né, social, no caso bolsa família, essas coisa tem que ter todo aquele acompanhamento da saúde, ministério da saúde, se não a pessoa num entra no regulamento pa ganhar os beneficios, mas se tocar de sorte ainda tem algumas por aí, só que mais difícil.

O mal do ar

O derrame, como é que chama hoje, o AVC. De primeiro o pessoal chamava era derrame. É, mas tinha um nome antes do derrame. O derrame era um termo, vamos dizer, intermediário. Ele era conhecido como mal do ar. Isso, mal do ar e derrame também. Era os dois que o pessoal sempre chamava, chamado pela cultura local e aí apareceu o nome científico e as pessoas foram tomando conhecimento.

Malária

Há uns quarenta (40), cinquenta (50) anos atrás era conhecida aqui como impaludismo: “Impaludismo... Impaludismo... Impaludismo!”. Ia-se na casa do patrão comprar, se não me falhe a memória, o nome das pílulas

era alarem.

Tomava esse alarem para curar o impaludismo e, quando não, usava remédio natural como o chá do kina do mato. Esse é um nome mais científico, aqui na nossa região ele é conhecido como kina-kina. Raramente se ouve falar que alguém curou malária com kina-kina, chá de carapanaúba, a copaíba... Quando tá com febre né, ele vai lá na mata e tira o kina-kina e faz o chá. Mas também não fura o dedo também para saber se é malária ou não é.

Hoje, com a evolução da ciência que começou a classificar o impaludismo como malária, os vários tipos e subtipos da malária, aí passou a ser curado com remédio artificial mesmo.

O dôtor e o Causo do ferrão da arraia

Eu passei seis (06) mês arrastando a bunda no chão que não tinha como eu ir pra cidade, hoje em dia eu ainda vivo doente aqui dessa perna, repara.... Uma surucucu. Foi curado assim mermo. Tomei o remédio que fizeram pra mim. Não sei... Sei que o remédio véi... Que tinha um cara que curava, né, mordida de cobra. Passei seis (06) mês arrastando a bunda pro chão, enrolava o pano aqui, se eu tivesse lá na sala, ou tivesse aqui na cozinha quem tava lá na sala não aguentava o pichezão que eu tinha, eu entrava pra dentro dum quarto, pôdi... Fiquei o tempo todin, todin, tomano remédio, um remediozin até ficar bom, aguentar... Vinha coisa da mata, vinha lá da cidade que o cara comprava as vez um remédio... Nesse tempo cortava seringa, né, o patrão trazia. Eu passei seis (06) mês andando com a bunda arrastando no chão... Se eu tivesse lá na cozinha, aqui na sala ninguém suportava o piché de pôdi. Foi do mesmo jeitin da arraia aqui ó!

[Esse] foi uma arraia que me esporou, caiu esse pedaço aqui todin, os dedo ficô todo seco, ó aí! Aqui é dormente. Esse aqui sinto não, esse dedo aqui é esquecido. Sinto assim... Porque rolou o nervo aí fui lá, que apodre-

ceu, a senhora me acredita que era desse tamanho assim, pôdi, pôdi, pôdi escorrendo só aquela salmoura, eu ia pro porto aí com a tesoura, puxava e ia cortando assim, os pedaço assim. Doía. Aí tava preto, preto, preto, aí os menino “Rapaizi...”... de noite aquele pichezão, pra mim dormir precisava a Moisa⁸⁹ botar um pano, eu botava a perna assim escorrendo aquela salmoura, pôdi, pôdi, se eu tivesse lá na cozinha quem tava na sala não suportava, até que vai pra cidade. Fumo lá pra cidade isso aqui meu já tava tudo... O buraco era deste tamanho assim!

Aí foi lá, cheguei lá no hospital aí o dôtor tava achando que ia cortar meu pé, porque tava ficando preto demais, eu digo: “Ah não, se for pra cortar meu pé eu não consinto, vou já me embora!”, ficar alegado... A minha menina também tava lá e disse: “Não, se for pra cortar o pé do pai eu num consinto não.” Ele disse: “Tá muito feio demais, tá preto, preto, tá dando é o mal”. Eu passei três (03) dias ou foi quatro (04) dia lá no hospital aí vim me embora. Graças a Deus que sarô!

As rezas

Eu num aprendi nada muito não, meu pai sabia fazer... Rezar muito, muita coisa, mas eu num aprendia não que o camarada quando é novo assim num quer saber dessas coisa. [Meu pai aprendeu] com meu avô, o meu avô sabia.

Ah, meu avô sabia! Ela também sabia, mas meu vô sabia. Foi assim, vou te dizer como era... Foi um tempo, quem contava era meu pai, ele disse que foi ver se era verdade que ele num gostava de mentira não, gostava não, ele num mentia. Ele era curador, aí nessas coisas assim tem muita gente que é assim mêi gaiato, né... O nome dele era Antônio Marques, o nome do meu avô. Aí diz que: “Eu vou ver se o seu Antôin sabe rezar pra dor de dente mermo”, que ele tinha um gabo que ele era chamado assim, o

89 Esposa do narrador.

pessoal com dor de dente mandava chamar e ele curava mermo e dizia que ele arrancava o dente.

Eu curei também, ainda hoje curo, né?! Agora só que hoje existe uma coisa... Uma história pelo meio, um... Uma coisa relevada que ninguém acredita mais em reza, né?!

Ninguém acredita mais em reza, mas até o mês trasado... Foi até o mês trasado eu curei dois (02) menino lá em casa, né?! E se fosse o médico morria! Porque o médico não cura essa coisa, mal do ar, essas coisa assim... E meter no soro ela morre na hora, né, mas hoje a gente parou né, os curador pelo menos parou; eu conheci um bocado deles que curava, parou também.

[A cultura do rezadô] acabou-se. Eu tinha [fé] porque eu ficava boa, né?! Aí agora ninguém existe mais reza, se num for lá no Hospital do Juruá ninguém fica bom. Vive pelos posto de saúde e os médicos, ninguém fica boa! Porque não acreditam mais em reza, não acreditam mais em xaropada assim de chá da mata, remédio da mata, não tão acreditando mais. E tem deles que bebe aqueles remédios da farmácia, mas não fica bom, finda morrendo sempre. Aí quando a gente tomava o remédio da mata nós custava morrer mais um pouco, custava a morrer porque Deus olhava porque não tinha de onde tirasse, pra ir pra canto nenhum.

O vento caído

Vento caído é medo que faz à criança. Aí dá um susto numa criança, aí o bichin começa a provocar, fica molezin, cai o vento, fica só dormindo. Criança como essa bichinha aí, você faz um medo a ela, um susto medonho, a bichinha aí fica logo com o buchín fofo, aí dá logo a disenteria, aí fica ruim, só dormindo, dormindo, aí é vento caído. Você pode ver que a criança tem um calonguin assim, ó, um vergãoznm e tendo vento caído

num tem não, fica liso, liso, liso.

O quebrante

O quebrante é você achar uma criança muito bonita, se admirar demais aí... Aí que é o quebrante, escangota a criança. A bichinha fica toda mole, provocando mermo, fica toda um mingau, aí é o quebrante... Aí tem o quebrante pra gordura, tem quebrante da boniteza, da feiura que é perigoso! Você achar a criança muito feia, você bota um quebrante pra feiura, aí que é o pior.

Você ver uma criança gordinha, gordinha, a bichinha todo gordinha, bonitinha né, aí você se admira muito ali, tem vez que você sai, dá as costas a bichinha vai desmaiando. Não, não é porque o camarada queira. Se você tiver com muita vontade de comer, corpo quente, ali pode botar um quebrante em qualquer uma criança. Se você tiver com muita vontade de comer, as vez tá com o corpo quente, você pega a brincar com uma criança assim, você bota um quebrante sem querer né. Num é porque o camarada bota um quebrante na criança num é porque queira não.

Às vez eu ainda bato com os beijo, mas num é muita coisa não. [Aprendi] com meu pai. [Rezo para] quebrante, um vento caído, uma vermea...

Vermea

Vermea você pega um golpe ou uma furada, aí dá aquele vermeão assim em cima, latejando que só no canto, fica vermei, fica quente, fica vermeão assim latejando direto, você num pode derribar nem o pé que fica latejando. É vermea. Você começa a rezar ou então amarra uma fôia assim e vai acabando, as vez quando é muito forte descasca. Eu já peguei uma vermea mermo aqui ó, sem nada, do jeito que eu tô aqui.

Eu cortava seringa, do jeito que eu tô aqui, nada, nada... Aí quando eu sai, vim da estrada, começô a doer mermo assim! Doendo e doendo, doendo, eu já cheguei em casa mermo doendo aqui e aquela roda vermeia aqui ó. Era uma vermeia preta, fazia assim. Era uma vermeia ... “Muié , o jeito que tem é tu rezar aqui...” Aí ela começô a rezar, com três (03) vez acabô-se. Do jeito que era ficou aquela rodona vermeia aqui, a pea arrancou todinha, descasca tudo.

Cobreiro

Vamo dizer, o cara tava cum... o menino tava com um quebrante, você reza pro quebrante. Se tá com vento caído e quebrante, você reza pros dois. Uma reza específica tirada dum livro... Agora eu não sei quem foi que soltou esse livro no mundo, mas foi tirado dum livro. Eu digo até a reza pra você, eu digo como é: “Nossa Senhora andava passeando em seus belo campo. Senhora com que eu curo?”, isso aqui já é pra cobreiro, com que é que eu curo o cobreiro... Dá-se o nome de cobreiro, mas a doença não é cobreiro.

“Zigue-zague, cobreiro e fogo selvagem, com que é que eu curo? Zigue-zague, cobreiro e fogo selvagem”. Que esse cobreiro ele traz isso tudo junto, se você não rezar pra isso tudo junto você não mata ele não. “Com água da fonte, espada do monte”. Aí você na hora que é pra dizer “água da fonte e espada do monte” aí você mete o ramo na água e...

Engasgo

[O engasgo] com osso na guela, uma espinha, se engolisse e engasgasse, ficasse e aí num saía de jeito nenhum, só bastava chamar pelo nome dele [Antônio]. Bastava chamar pelo nome dele, ó... Já saía tudo. Ele era ruim...

Ele era ruim o meu avô. Ele amarrava tudo no mundo! Se ele quisesse que tu passasse o dia todinho lá no porto acolá, tu passava o dia todinho lá no porto e num saía de lá. Saía não! Qualquer pessoa! Qualquer um! Um bicho da mata, uma pessoa, se ele quisesse que passasse o dia lá no porto ele num saía, nem travessa pro lado de lá, nem ficava pro lado de cá, se levantava do canto, rodava mas ficava no mermo canto...

O caso da dor de dente

Escuta lá! Aí um dia, diz que o véi tava em casa né, o papai disse que ele tava em casa, aí vinha esse cara se fazendo que tava com dor de dente, as mão no queixo, as mão no queixo, gemendo, cuspia... O camarada tá com dor de dente ele é conhecido, você vai cuspir e é só aquela baba assim, ele cuspiu só aquela babinha assim... “Tchuco”. Aí o véi já era mêi experiente né... Aí disse: “Seu Antôin eu vim aqui porque diz que o senhor reza muito bem pra dor de dente, arranca, eu queria arrancar que eu tô com num sei quantos dia que eu não durmo”. E ele: “Rapaz eu num sei rezar não”. “Não, o senhor sabe que eu vejo dizer que o senhor reza bem, arranca mermo quando o dente que tá doendo”. Ele disse: “É, como você quer que eu reze, então eu vou rezar”.

Diz que ele tinha um punhal desse tamanho! Que esse véi antigo sempre tinha uns punhalzão assim de cabo de metal, aí disse: “Menino, vai ali dentro e peque meu punhal”. Aí quando falou em punhal o cabra já ficou mêi cismado né, aí o menino trouxe o punhal do véi enferrujado... Aí nesses tempo as casa num era de tauba, tudo de paxiúba^x, de ripa de paxiúba^x ou então a paxiúba^x batida... Aí ele disse: “Sente aí”. Aí ele sentou. Do jeito que tá essas brecha aqui, ele disse: “Sente aqui”. Ele sentou aqui e diz que esse véi pegou o punhal assim e deu mermo na brecha, no meio da brecha assim que encostou no cabo assim, mas na paxiúba^x né, na brecha. Diz que quando esse punhal bateu ainda voou nos braço do véi assim ó! Diz que aí

doeu, diz que aí doeu mermo.

Aí o véi butô... Nos ôto ele colocava assim, ó! Em cima do dente, ele butava o dedo aqui e disse: “Bote em cima do dente que tá doendo”. Aí o camarada pegava o dedo botava em cima do dente, né. Aí ele disse que ele foi e pegou assim, o papai disse que ele pegou mermo assim ó, no cara, pegou e foi rezando, rezando e diz que foi puxando aquele punhal da brecha, rezando, rezando, rezando, rezando, até que arrancou. Aí quando ele arrancou ele disse assim: “Agora cuspa aqui na minha mão”. Que ele abriu a boca aqui ficou pelado, pelado ó! Diz que caiu tudin, tudin, tudin, aonde o dedo dele pegou assim diz que ficou só a gengiva. Aí ele foi e disse assim: “Seu Antôin, eu mandei o senhor arrancar só um o senhor arrancou foi tudim ó”. Aí diz que o véi caiu em cima dele, aí deu uma esculhambação nele bonitinho mermo, ó! Disse: “Você num tava com dor de dente não, rapaz! Você tava me experimentando, você vêi só pra me experimentar se eu sabia rezar mermo pra arrancar o dente, num acontece mais ota dessa não! ”. Diz que ele só foi pegar o caminzin e foi-se! Ele arrancava enquanto encostasse, se fizesse pouco dele mermo ele arrancava... Papai disse que ele encheu a mão, quando abriu a boca assim encheu a mão, caiu tudim. Donde o dedo dele pegou assim caiu tudo os dente dele, diz que isso foi verdade mermo. Meu vô rezava! Ele sabia de coisa!

Eu rezo assim mais num sei fazer nada não... É, as vez tá com uma vermea assim no dente, no queixo, eu rezo... mas o meu avô rezava... Meu pai. Com uma rezinha assim, que ele ensinava pra nós. O meu avô sabia de coisa. Pra engasgo, o papai dizia que pra engasgo, só bastava... O camarada tivesse engasgado lá no Bastião Rola, lá! Se ele tivesse aqui, podia gritar.

Com osso na guela, uma espinha, se engolisse e engasgasse, ficasse e aí num saía de jeito nenhum, só bastava chamar pelo nome dele. Bastava chamar pelo nome dele, ó... Já saía tudo. Ele era ruim... Ele era ruim o meu

avô. Ele amarrava tudo no mundo! Se ele quisesse que tu passasse o dia todinho lá no porto acolá, tu passava o dia todinho lá no porto e num saía de lá. Saía não! Qualquer pessoa! Qualquer um! Um bicho da mata, uma pessoa, se ele quisesse que passasse o dia lá no porto ele num saía, nem travessa pro lado de lá, nem ficava pro lado de cá, se levantava do canto, rodava mas ficava no mermo canto... Diz que ele sabia! O meu pai disse que uma vez eles foro pra uma festa, diz ele que tudo solteiro... Aí foro pra uma festa, aí nesse tempo os véio era dos paletó, era uns palitozão, aí tinha um cara chamado C., parece que era C... Diz que valente que era uma cobra!

Aí num sei o que foi que fizeram, umas horas ele tava lá com uma faca na mão, tava chamando o véi pra brigar com ele, né. “Vai te aquietar!”, parece que era C.. “Vai te aquietar C.! Se eu descer aí em baixo eu te pego.” Como é? “Eu te pego”... Parece que “Eu te pego pelo meio!”, uma coisa assim que o véi disse com ele, né. Aí arrastou a faca que era isso, aí o véi disse: “Rapaz, tu fura um homi mermo?”. Aí disse: “Pode vir!”. Aí disse que ele desceu, aí quando desceu botou o paletó assim e disse que desceu e disse: “Tá aí, pode furar!”. Diz ele que fez só assim, deu um estalo assim, como se fosse uma junta estalada assim, diz ele que ficou com a mão mermo assim... Travou, disse que os grito, os grito, os grito! Falando tudo no mundo, falando de Deus, de todo pessoal que tava lá que ajudasse que ia quebrar o braço dele. Aí o véi se esfregava nele dizia: “Fura, fura, tu disse que furava um homi, num sei mais o que...”. Aí o véi subiu, diz que o véi gostava de festa, de dançar. Aí o véi foi dançar, dançô, por lá uma parte terminô e ele lá os grito no mêi do terreiro. No seringal, aqui pra banda do Môa mermo, aí pra frente, num sei pra onde é não, sei que é pra aí. Aí diz que ele terminô de dançar, aí foi desceu, chegou lá onde ele tava e ele os grito se valendo dele já, ó. Ele chegou lá foi e bateu assim: “Abaixa esse braço, bicho besta, nem brigar tu num sabe brigar!”. Diz que abaixou o braço e caiu no chão, diz que foi. O papai disse que ele fazia qualquer um... Se o camarada fizesse uma coisa com ele mermo, podia aguentar! Ele fazia

tudo no mundo, ó! Mas eu num sei não ó, eu num vi ele não, quando eu nasci ele já tinha morrido. Agora o papai contava muita coisa dele, muita coisa dele ele contava. Ele fazia muita coisa...

GLOSSÁRIO

- a Arengar Brigar, discutir.
- b Arigó Migrantes nordestinos recém-chegados no Estado do Acre para cortar seringa. No Vale do Juruá, Acre, também podem ser chamados de brabos, pois chegavam sem conhecimento e/ou experiência no trabalho dos seringais.
- c Arrancador Homem responsável por arrancar, retirar a mandioca da terra. Também se chama “arrancador” a roça que foi plantada em seguida da primeira colheita do primeiro plantio.
- d Arrendô/
Arrendemo Arrendar. Os seringueiros arrendavam as estradas de seringa e pagavam renda para os patrões. Por vezes acontecia de um patrão colocar um seringueiro na posição de gerente. No caso relatado pelo narrador, ele e o cunhado P. B. arrendam alguns seringais de propriedade de M.M. Os dois atuam não como seringueiros, mas como patrões-gerentes ou sub patrões. Estes, compram a crédito mercadoria do patrão, revendem a crédito aos seringueiros e esperam destes o pagamento com a

borracha produzida para também pagarem aos seus patrões. Ou seja, o narrador era credor dos seringueiros, mas também devedor do patrão “acima” dele. “Os negociantes ingleses adiantavam as mercadorias para os negociantes de Belém, que as repassavam para os de Manaus, que as forneciam aos "patrões" dos rios caucheiros, que abasteciam seus sub patrões, que por sua vez as transferiam aos seus próprios sub patrões, concluindo-se o conjunto com adiantamentos em mercadorias feitos aos seringueiros. Esta cadeia toda estava fundada sobre o aviamento, o crédito e a dívida; salvo nas extremidades (isto é, os peixes pequenos das cabeceiras e os grandes de Belém e de Liverpool), cada qual era credor a montante e devedor a jusante” (CUNHA, 1998, p. 10).

- e Batelão Segundo a definição local, batelão é uma embarcação como uma grande canoa de madeira com capacidade de carregar mais pessoas e carga que as canoas menores.

- f Bolãozin Pequenas bolas de sernambi.

- g Canela de jacamim Canela-de-jacamim (*Pariana* ssp.) é uma planta da família Poaceae.

- h Caxinguba Caxinguba ou gameleira é a árvore da qual se extraía o leite que era acrescentado ao leite da seringa para o processo de coagulação, coalhar. O leite da caxinguba era utilizado para fazer pranchas de seringa.
- i Cipó ambé Planta conhecida como cipó-ambé (*Philodendron* ssp.), pertence à família Araceae. Fonte de fibras, o cipó-ambé pode ser utilizado em artesanatos.
- j Cocão Cocão (*Attalea tessmannii*), espécie de palmeira endêmica do Acre.
- k Coiteira Uma cuia de coité cheia de látex de seringa.
- l Coivara Técnica tradicional de plantio rotacional, cujo calendário é baseado nos ciclos regionais de chuva. A técnica consiste no ciclo corte-derrubada-fogo-plantio de área de mata selecionada. O plantio é realizado por meio do consórcio de várias culturas agrícolas intercaladas.
- m Donos da terra São considerados “donos da terra” os patrões de seringais.

- n Emaiação Entrelaçar a envira - processo de fazer a alça do balde da seringa, por exemplo
- o Envira Cordas feitas de fibras vegetais ou cipós.
- p Expressão: “ela foi pega por dente de cachorro” Francisco Marques está falando dos raptos e correrias realizadas contra os indígenas habitantes do Vale do Juruá. Segundo Martini (2005, 122p): “A correria foi uma prática difundida pelos caucheiros e aprimorada pelos seringalistas (...) As correrias de caboclo envolviam a todos: cariús, arigós, empregados, mateiros, patrões e índios. Crianças, velhos, homens e mulheres. Para tomar posse de futuros seringais atacavam-se as malocas sem aviso, matando homens adultos, velhos e velhas. Pegavam para amansar rapazes para o trabalho, mulheres para casar e crianças para criar, além de aprisionarem raparigas em idade de casamento.”
- q Flande Flandres é um material muito utilizado na fabricação de latas para alimentos em conserva e/ou enlatados. Chapa de aço revestida com uma fina camada de estanho. Existem diversas formas de se falar esta palavra: frande, flande ou mesmo flande.

- r Marreteiro Marreteiros são comerciantes que navegam em balieiras pelos rios, comprando a produção e vendendo mercadorias aos ribeirinhos.
- s Mutá Mutá ou burro é uma estrutura feita com o tronco de uma árvore razoavelmente grossa o suficiente para suportar o peso de um homem adulto. Neste tronco são feitos degraus, “dentes”, para que o seringueiro possa subir e cortar a seringa numa altura mais elevada.
- t Paiera Palheira, refere-se às palmeiras da família Arecaceae.
- u Paietazinha Estrutura artesanal de madeira feita em formato de faca utilizado para mexer farinha no processo de escaldar e torrar.
- v Patoá Patoá, também conhecido como patauá (*Oenocarpus bataua*) é uma palmeira da Amazônia da família Arecaceae. Dos seus frutos se extrai vinho e óleo.
- x Paxiúba Paxiúba (*Socratea exorrhiza*) é uma palmeira da família Arecaceae utilizada principalmente para construção de casas.

- w Pranchinha A borracha produzida poderia ser em pélas ou prancha. Péla, segundo Souza (2010, p. 115), é “uma espécie de bola, de forma mais cilíndrica que redonda, formada pelo látex coagulado pelo processo da defumação, de cor escura, com uma marca deixada pelo cavador, sobre o qual vai sendo formada pelo sistema de rotação, pesando em média de 50 a 60 quilos”. Prancha, ainda segundo a autora (p. 121), é “a borracha que foi coagulada em uma caixa de plástico ou de madeira, de forma retangular (...) Esse tipo de borracha não passa pelo processo da defumação, porém possui uma coloração bastante escura. A denominação desse tipo de borracha se dá metaforicamente conforme o sentido comum da palavra, pois assemelha-se a uma tábua daquele formato.”
- y Príncipe Segundo Souza (2010, p. 122): Príncipe refere-se às “primeiras lavagens de látex (...) para fazer o começo da péla de borracha. (...) Pedaco de madeira (...) de forma cilíndrica, que serve para defumar as primeiras lavagens do látex e formar o príncipe para então formar a péla” de borracha. Sinônimo de sarugo, tarugo e principero.

- z Raspadeira Lâmina de ferro curvada presente na faca de cortar seringa. A raspadeira é usada para raspar a casca da seringueira. Também pode ser o nome dado a mulher que raspa/ descasca mandioca.
- 2a Regatão Comerciante que navega pelo rio comprando a produção dos seringueiros e/ou agricultores e vendendo mercadorias.
- 2b Sacupemba Sapopema ou sacupemba, grandes raízes tabulares de árvores como a Sumaúma, por exemplo.
- 2c Trapichoão Segundo Rezende (2010, p. 112): “Trapicho é um tablado suspenso de madeira, geralmente localizado em frente à entrada das casas dos seringais.” No sentido colocado por Nem Soares, pode ser entendido como uma grande passarela de madeira.
- 2d Varejão “É a vara com a qual se impulsiona uma canoa, uma espécie de remo amazônico, digamos. Muito usada quando as águas estão baixas.” Varejar: “Navegar em canoa impulsionando-a com uma vara, que não se chama vara, mas varejão.” (RANZI, 2017, p. 103).

BIBLIOGRAFIA

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2º edição. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BALÉE, William. Enciclopédia da Floresta: o Alto Juruá: práticas e conhecimentos das populações. **Mana**, São Paulo, vol. 10, no. 2, p. 419–423, 2004. DOI 10.1590. Available at: <https://doi.org/10.1590/S0104-93132004000200009>.

BRANCO, Lucia Castello. A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português. **Belo Horizonte: Fale/UFMG**, 2008. .

CUNHA, Manuela Carneiro da. Pontos de vista sobre a floresta amazônica: xamanismo e tradução. **Mana**, vol. 4, no. 1, p. 7–22, 1998. .

DE SOUSA SANTOS, Boaventura. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. 1º edição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 44º edição. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25º edição. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MARTINI, Andrea. A margem do limite: Fronteira e narrativa na Foz do Breu, Acre, Brasil. 2005.

NARRADORES de Javé. Direção de Eliane Caffé. São Paulo: Bananeira Filmes e Laterit Productions, 2003. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Trm-CyihYs8>>. Acessado no dia 03 de maio de 2021.


RANZI, P. Vamos falar o acreanês. **Rio Branco: Edufac**, 2017. 115 p.

REZENDE, Roberto Sanches. Das colocações à vila: processos de urbanização no Alto Rio Tejo, Acre. Campinas, , p. 181, 2010.

SOUZA, Antonieta Buriti de. Análise semântica do vocabulário do seringueiro do Vale do Rio Acre. 2010. .

THOMPSON, P. **The voice of the past: Oral history**. 4º edição. New York: Oxford University Press, USA, 2017.

FIM



“Meu marido ia cortar e eu ficava em casa... de madrugada. É pá ser assim, que era assim mermo, né. Aí quando era de manhã, aí ele chega... cortava a estrada, aí chegava, aí meu menino ia mar ele cuiê, aí eu ficava também... Dó. Aí ele quando chegava fazia o fogo da fornaia. Aí fazia o fogo na fornaia, comia e ia difumar.”

Alcirema Maciel Cordeiro

“[...] Pra gente fazer alguma viagem tinha que ir de varejão, é no remo, é um tipo de remo que tinha que a gente chamava voga, era esse o mei de transporte que a gente tinha pra andar no rio. E sobre... Dos motor, também não existia. Era pra gente fazer farinha tinha que puxar na roda... A roda de pau pra puxar e fazer a farinha. Era assim, era muito difícil nessa época. E... A polia da roda era feito de couro de viado: cortava, colocava ele pra curtir, trucia e colocava na roda. Então, era muito difícil.”

Raimundo Nonato Costa

“[...] a seringa na nossa época foi uma coisa que, até muita gente chamava a mãe do seriguêro, né, a nossa mãe! Dizia “A nossa mãe!”, porque dali era que o pai de família tirava o sustento da... Tirava a munição que nós chama hoje, a pólvora, tudo, tudo! Pra matar a caça pro filho comer, comprava leite pra criar o filho, comprava roupa, o calçado, tudo tirado ali da seringa! E tanto que muita gente usava essa palavra, “Nossa mãe”, chamava “Nossa mãe”, a seringa.”

Francisco José Silva Nascimento

“[...] De primeiro você andava o mês todin na casa do seu amigo, na casa de outro, você ia pra festa passava a noite bebendo, dançando. Dançava homem com homem, que a dama as vez era duas (02), três (03) dama, dançava homem com homem, outro botava um pano na cabeça e dizia: “Eu vou ser dama também!”. Aí rodava e a cachaça rodava, bebia todo mundo ninguém brigava, ninguém tinha raiva um do outro, nem isso aí, tudo no outro dia tava tudo camarada.”

Manoel Soares de Souza

Realização:



Apoio:



ISBN: 978-65-993929-0-0

